

Índice Geral

Folha de Rosto	5
Introdução	6
Prefácio do Livro	7

- **Informação Preliminar**

○ A Base Mental da Civilização Chinesa	13
○ As Consequências Intelectuais e Morais, da Base Mental da Civilização Chinesa.....	18
○ O Caráter Geral da Família Chinesa	21
○ O Caráter Geral da Sociedade Chinesa	24

Idéia Geral da Civilização Chinesa

- **Elementos Modificadores**

○ Filosofia de Lao Tze – 604–550 aC.	29
○ O Budismo	32
○ Teologismo Cristão	33
○ O Colonialismo / Capitalista	33
○ A Doutrina Comunista da Rússia Bolchevista	37
○ Crise do Liberalismo Burguês – Reformas Estruturais – As Migrações do Campo para Cidades o enriquecimento dos proletários da cidade e o empobrecimento dos proletários do campo.- A Globalização – Privatização e o Desemprego; o Início do Caos Capitalista Democrático.....	49

- O Sétimo Elemento Modificador e Definitivo da Civilização Chinesa, que poderia servir de exemplo para o Restante do Mundo; é a sugestão que segue abaixo descrita, de uma REFORMA DA ECONÔMICA POLÍTICA, com base na Doutrina Positivista e no Fetichismo Oriental, para evitar o Desemprego em Massa, da População Chinesa, caso esta não venha a optar pelo caótico regimen predominante no Ocidente. Idéias que devam ser emanadas da China, para o resto do Mundo, na escolha de um Regimén Societocrático, para os dias de hoje, para o Futuro de seu Povo, e demais países, simpatizantes desta evolução, para o Bem da Humanidade, aqui no Planeta Terra.....57

- Teoria Geral do Desenvolvimento
Concreto da Civilização Chinesa.....67

- Desenvolvimento Interior de uma Sociedade Industrial e Pacífica.....68

- Imperador.....69

- A Classe dos Letrados.....72

- A Decomposição do Conjunto da Evolução Chinesa, em Suas Fases Essenciais.....74

- Desde a Antigüidade Remota e a Sociedade Escrava: antes da formação do Estado Chinês. 1.700.000 anos até 2860 a . C. com os Governadores Lendários.....77

- Apreciação Geral da Primeira Fase da Civilização Chinesa (De 2850 anos a.C. até o ano 207 a.C.) , - sendo que a Dinastia Xia (Hsi) a mais antiga, que se iniciou em 2070 a .C.; passando pela Dinastia dos Shang – (1600 a . C. à 1046 a . C.) , passando, também pelas três dinastias dos Zhou (Chou); até o fim da Dinastia Ch'in.(Qin) (Thsin) - no ano 210/207 a.C. , isto é, tendo como o Primeiro Imperador, Thsin-chi-hoang-ti (Yingzheng) : entre os anos 230 a . C. à 222/221 a .C.....79

- Apreciação da Segunda Fase da Civilização Chinesa, do ano 206 a.C. passando por várias dinastias dos Han, dos Thang, dos Soung, dos Youens ou Mongoes, dos Ming, e dos Thai-Thsing ou Mandchús ou Qing (1911) . é neste período de 1644 a 1911, na dinastia

dos Qing, onde inicia-se mais fortemente, a influência dos “ Bárbaros”- Ocidentais, até a Primeira Revolução em 1911 – Período em que encontramos uma retrógrada Nova Era, do anos de 1840, que se estende até 1919 – Conhecida hoje em dia pelos

Chineses, como Época Moderna85

- Apreciação da Terceira Fase da Civilização Chinesa, a revolução, iniciada com o Movimento de 4 de Maio de 1919 – o Movimento Comunista, com Mao Zedong – até 1949 ; Este Período de 1919 à 1949, ficou conhecido, nos dia de hoje, na China, como Revolução da Nova Democracia e o período da Nova República. De 1949 até 1976, com a criação da República Popular da China, com base no Comunismo de Mao. Grande Revolução Cultural.....102

- Apreciação da Quarta Fase da Civilização Chinesa – O Grande Caos Interno – A Evolução com a Globalização – da década de 1970 até hoje – 2004. – Conflito interno entre o Capitalismo e o Comunismo – Desemprego – Concentração de Renda e Maximização de Miseráveis....108

- Apreciação da Quinta Fase da Civilização Chinesa – como República Societocrática Federativa da China, utilizando no Mercado Internacional, as forças do Capitalismo Democrático; e no Mercado Interno, usando as forças do Trabalhismo Societocrático. Minimizando desta forma, internamente na China, o Comunismo e a Democracia.....116

- Apreciação da Sexta Fase da Civilização Chinesa – Como República Societocrática Federativa – com uma Pronunciadura Republicana – de cunho Trabalhista; emanando para o Mundo, as diretrizes do estado Normal da Humanidade, por meio da Religião da Humanidade – no comando Moral, Espiritual e Prático do Mundo, tendo como base: O Amor por Princípio; a Ordem por Base e o Progresso por Objetivo. Fazendo definitivamente ocorrer a queda do capitalismo democrático e do comunismo de Estado, ambos individualistas, de cunho altamente egoísta; para o Bem Social e Moral da Humanidade.....117

- O Eminente Koung-Fou-Tzeu, isto é, CONFÚCIO, objeto da profunda Veneração dos Habitantes da GRANDE CIVILIZAÇÃO CHINEZA, Apreciação Abstrata de Confúcio e de sua influencia sobre o

conjunto da Civilização Chinesa. Apreciação
Abstrata de Confúcio e de sua influência sobre o
conjunto da Civilização Chinesa, durante o
Período Imperial.

- Considerações Gerais sobre a evolução Intelectual da China, e sobre a situação geral, no meio em que surgiu Confúcio, até 1911.....131
- Apreciação da Obra e da Vida de Confúcio.....135
- Considerações Gerais sobre a Escola de Confúcio ou Escola dos Letrados.....147

○ As Relações do Ocidente com a China Nos Meados do Século XIX

- Considerações Preliminares sobre a situação Geral do Ocidente, em si mesmo, e com o restante do Planeta, no início da Segunda metade do Século XIX (1860 d.C.)....152
- Exame sumário das Relações do Ocidente com a China e do estado destas relações, nos meados do Século XIX. (1860 d.C.).159
- Dos princípios gerais, segundo os quais, deveriam ter sido reguladas as relações do Ocidente com a China, nos meados do Século XIX.(1860 d.C.).....167

○ Os imigrantes chineses que viveram na Cidade de Bananal, onde residio, Estado De São Paulo no Século XIX, onde Deixaram seus descendentes.....179

• Bibliografia.....181

Bananal, 11 de Frederico de 214.
Bananal, 15 de Novembro de 2003.

Á

ACADEMIA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA CHINA

*“Uma convergência especial de influências, sobre tudo sociais, dispôs a Civilização Chinesa a desenvolver o **fetichismo**, além de tudo quanto foi possível alhures. Mais bem sistematizado que em nenhum outro caso, **ele** prevaleceu sobre o teologismo, e preservou um terço da nossa espécie, do regimen das castas, apesar da hereditariedade das profissões. Superou a todos os contatos heterogêneos e conservou seu ascendente nacional, no meio das misturas, mais toleradas do que consagradas, do politeísmo exterior, sem acolher jamais o monoteísmo. O culto aí consiste sobre tudo, na adoração da Terra e do Céu... Segundo o caráter concreto da sociabilidade chinesa, cuja principal imperfeição resulta, da falta do desenvolvimento abstrato, o Espaço, aí se confunde com o conjunto dos corpos celestes, sob o impulso astrolático. Expurgada pela relatividade, esta instituição será facilmente subordinada à Humanidade, em um povo, onde a destinação social prevalece sempre” - Augusto Comte – Síntese Subjetiva ou Tratado de Sociologia, Vol. I. Introdução, pagina 22-23)*

AO POVO E AO GOVERNO da **Zhongua Renmin Gongheguo** **República Popular da China**

UMA SUGESTÃO DE REFORMA DA ECONÔMICA POLÍTICA,
com base na
Doutrina Positivista e no Fetichismo Oriental,
para evitar
O Desemprego em Massa, da População Chinesa.

INTRODUÇÃO.

Neste momento, em que estou escrevendo um Protótipo de uma Constituição Republicana Societocrática Federativa para o Brasil; e sabedor da impossibilidade atual, de sugerir planos econômicos, para a minha Pátria, que venham alterar substancialmente, o sistema econômico ocidental, do Imperialismo Capitalista Democrático, com esta Globalização Liberalista, que nada tem de CONFRATERNIZAÇÃO, proposta pelo Imperialismo Americano, que tem necessidade de promover, o EGOÍSMO HUMANO, o expansionismo e o consumismo, principalmente dos supérfluos, antes de todos terem o necessário para manter sua existência; resolvi me aproximar desta Civilização Milenar Oriental, a CHINA, que já alcançou um grau de homogeneidade cultural e social, sem paralelo, milhares de anos antes do nascimento das culturas Ocidentais; e que depois de grandezas e decadências, de repetidas mortes e ressurreições, exhibe ainda hoje, a mesma vitalidade física e mental, dos seus períodos de maior criação; não há no mundo povo mais vigoroso ou mais trabalhador, com fundamentos altruístas, nem mais adaptável as circunstâncias, nem tão resistentes ao desastre; por isso, tem tudo para demonstrar ao Mundo e a Humanidade, que não é pelo comunismo, pelo fascismo, pelo nazismo e muito menos pela democracia capitalista, que seremos mais felizes aqui no reino da Mãe Terra; e sim pela SOCIOCRACIA TRABALHISTA, Regimen este sugerido, pela percepção de um grande cérebro francês, o Mestre dos Mestres, o Filósofo Científico, Altruísta e de elevado caráter, Augusto Comte; e que simultaneamente seja acompanhada de uma Educação que subordine, o egoísmo ao Altruísmo, os direitos aos Deveres, a análise às Sínteses e o Progresso (Proletário) à Ordem (Patronal); resumindo, subordinando a personalidade ou individualidade à Sociabilidade.

Não temos dúvida, que a China vai produzir muito mais riquezas que os USA, e venha liderar o mundo, não dos supérfluos, mas sim nos necessários.

Nem o capital das armas, nem a tirania do capital financeiro do exterior, podem suprir uma nação tão rica em recursos e vitalidade.

Dentro de 30 a 50 anos, se os governantes chineses não se corromperem, ou se não forem iludidos, mais uma vez, pelas propostas ilusórias e demagógicas, da democracia capitalista dos Ocidentais, a China, civilizará os estrangeiros ao seu modo, e assimilará todas as tecnologias modernas e contemporâneas; meios de comunicação, estradas e meios de transporte, que lhe darão unidade; uma nova modalidade de economia-política, dar-lhe-á o Capital; e um Governo de uma **Pronunciadura Republicana**, com base em uma **Constituição Política da República Societocrática Federativa da CHINA**, que lhe favorecerá e manterá, a Ordem e o Progresso.

Neste regimen socialista pacifista, onde a desordem passa, e equilibra-se com a **Pronunciadura Republicana**; onde os velhos obstáculos são removidos; e

muitas vezes a Revolução, como a morte e a moda, eqüivale a uma remoção de resíduos e a supressão de coisas supérfluas; só sobrevivem, quando há muitas coisas prontas para morrer.

A China no seu longo passado, já morreu muitas vezes; e nunca deixou de renascer, porque seu Povo, se mantém em uma Religião ou Doutrina, com base no MILENAR FETICHISMO ASTROLÁTICO; e jamais absorveu a Teologia e a Metafísica. E neste momento, está absorvendo as ciências e suas respectivas tecnologias; passando direto da fase de Inteligência Fetichista, para a fase de Inteligência Científica ou Positiva, sem passar pelas fases de inteligência teológica e metafísica, que a grande maioria das civilizações Ocidentais, ainda estão vivendo; promovendo grande atraso, no plano Moral e Social de suas civilizações; onde se pretende sempre, com Guerras e Planos Econômicos de elevada competitividade, pensar em resolver crises de ordem Moral.

PREFÁCIO DO LIVRO.

Antes de entrar propriamente dito no assunto, à ser proposto AO POVO E AO GOVERNO CHINÊS - UMA SUGESTÃO DE REFORMA DA ECONOMIA POLÍTICA, com base na Doutrina Positivista e no Fetichismo Chinês, para manter a cultura e tradições do seu povo, sempre à frente, das influencias malignas do exterior ocidental; achei por bem, alertar que os positivistas, de a muito tempo, vem admirando, defendendo e homenageando, esta Civilização Milenar, não só por meio de Augusto Comte, em suas obras; como por Pierre Laffitte – seu discípulo direto, com o livro, [Considerações Gerais sobre o Conjunto da Civilização Chinesa e sobre as Relações do Ocidente com a China](#) – 1859/1860; e com Raimundo Teixeira Mendes, Apóstolo da Humanidade, com o seu “[Apelo Cordial ao Povo Chinês](#) - 1924” onde são citados Tcheng-Tsai e Koung-Fou-Tzeu (Confúcio)

Com as tecnologias modernas de comunicação e transporte, o mais remoto do Extremo Oriente, já não mais longínquo, encontramos o povo de uma civilização, que merece um respeito incomensurável; que se desenvolve de um forma constante e progressiva, cujos contatos com o Ocidente aumentam dia a dia, desde da época das narrativas de Marco Polo; no entanto, foi com os Jesuítas, que devemos finalmente um primeiro conhecimento mais sério da Grandeza da China.

Uma apreciação geral e sistemática da civilização chinesa, só pôde ser realizada depois que Augusto Comte descobriu a Lei Abstrata da Evolução Intelectual – Teoria Geral do Entendimento e Leis Universais do Mundo Terráqueo; antes disso, era impossível pôr-se alguém, em um ponto de vista verdadeiramente relativo, e colocar-se, por conseguinte numa completa independência mental em relação aos estados anteriores da inteligência humana.

Todas as pessoas ditas inteligentes, que tem empreendido o estudo da China, se achavam e se acham, dominadas, ou pela Teologia, ou pela Metafísica ou pela Ciência Pura ou Positiva.

Mas com certeza, nenhuma destas três disposições são convenientes, para uma apreciação definitiva e completa da civilização chinesa, pois elas concebem cada fenômeno, como produzido pela própria vontade do Ser, que o representa; este Ser também tem paixões, sentimentos, disposições morais, que perfeitamente o ligam ao observador correspondente. Por conseguinte, é claro, que a imagem de cada um destes Seres, aparecem com uma ação, uma nitidez, uma intensidade, que não pode ter entre os observadores, para os quais estes corpos são completamente inertes, e nenhuma espécie de relação afetiva, tem com eles. É evidente que esta íntima relação de ódio, de benevolência, de cólera, e etc., entre o Ser observado e o observador, deve necessariamente produzir uma imagem mais nítida e uma representação mais viva.

Esta forma de raciocinar pelo Fetichismo, institui a observação concreta, isto é, a observação dos Seres, com um poder que lhe é próprio, e assim fornece as imagens concretas, que em seguida servem de base, à contemplação abstrata ou observação dos fenômenos :observando como ocorre o fenômeno, e não por que ocorre – Vide, em Teoria Cerebral de Augusto Comte – no livro A Ciência Moral Teórica Positiva, ou Ciência da Construção ou Psicologia Científica, de autoria de Paulo Augusto Lacaz.

Assim, o Fetichismo reuni os materiais de todas as nossas especulações, quaisquer, e representa este papel capital, tanto no desenvolvimento do indivíduo, como no da espécie Homo-sapiens; mas com certeza não das espécies, Homo-economicus e Homus-psicologus, que promovem atualmente, a destruição pela fome, pela miséria, pelas doenças, pelas corrupções e pelas guerras, .

O Fetichismo, reduzido á observação dos Seres, comporta poucas divagações.

Como as divagações da inteligência humana, segundo a Teoria da Abstração, de Augusto Comte, depende, da consideração dos fenômenos independente dos corpos, que os manifestam; resulta daí com efeito, a possibilidade de conceber o fenômeno, em uma infinidade de condições, além daquelas, das que tem lugar na realidade. Assim, se estuda o fenômeno da locomoção, em si mesmo, em vez de não se apreciar, senão, seres reais em movimento; chega-se então a imaginar a locomoção, em uma infinidade de casos, que jamais a observação concreta faz conhecer; chega-se a perceber a locomoção sobre a água, no mar, para todos e quaisquer seres; chega-se a conceber a abstração feita do tempo, isto é, com uma rapidez infinita. Em uma palavra, o estudo abstrato do fenômeno, permite uma infinidade de casos possíveis, nas mentes dos teologistas e metafísicos; enquanto que a observação concreta, não faz conhecer senão, os casos reais nas mentes dos Fetichistas e dos Positivistas ou Cientistas.

A instituição da Abstração devida ao Politeísmo estabelece para a inteligência uma situação ativa, entretanto instável e constantemente exposta as íntimas divagações.

O Fetichismo pelo contrário, reduzido a observação dos seres, não tomando em consideração senão os casos reais, e não os casos possíveis, que a abstração permite imaginar ; oferece um estado mental, sem dúvida, menos ativo, mas de uma grande consistência e de uma perfeita legitimidade.

O Fetichismo é naturalmente sintético, porque nunca considera os fenômenos isoladamente, mas sempre nas suas dependências mútuas; mas não é sistemático: a sistematização supõe sempre a abstração. O estado fetichico, não comporta o desenvolvimento característico, dos diversos aspectos essenciais da nossa natureza. Assim não permite o desenvolvimento da grande ciência, isto é, da ciência abstrata, que tem por finalidade descobrir as leis reais de sucessão ou de semelhança, dos diversos fenômenos.

Pois, só nos fenômeno considerados isoladamente, é que podemos esperar descobrir as leis naturais que os regem. O desenvolvimento científico real, supõe necessariamente o estabelecimento da abstração. Eis um dos grandes aspectos da nossa natureza, cujo desenvolvimento não pode se produzir durante o estado fetichico. Assim o fetichismo é um estado sintético, susceptível de duração, de consistência, mas que não facilita a cultura dos diversos elementos da natureza humana, e que não comporta sua verdadeira sistematização.

O Fetichismo tem sido espontaneamente universal. É o estado mental pelo qual tem estreado todas as inteligências; é o ponto de partida de todos os estados sociais. E de mais a mais, a razão ou inteligência concreta ou prática, permaneceu fetichica, mesmo nas civilizações anteriores ao estado monoteico.

Mesmo aqueles que admitem um Deus único, governando todas as coisas, explicam a vida ordinária, dos diversos fenômenos, pela vontade correspondente, mais ou menos clara, mais ou menos nítida, dos seres que observam.

Esta razão concreta, que permaneceu fetichica, é a razão geral, universal, que domina todas as inteligências.

A parte da inteligência, conhecida como contemplação abstrata, que sistematiza e coordena, não teve até aqui senão, uma ação modificadora. Pode se dizer que as classes populares, em todos os regimens, têm conservado o Fetichismo como base do seu estado mental. – Sendo ainda o Fetichismo em todos os seus estados sociais, verdadeiramente universal, pois é a base da contemplação concreta, e de uma importância capital, ao estabelecer o caráter de estabilidade, que lhe é próprio; e pelo contrário, o caráter de instabilidade inerente ao teologismo, que institui a abstração, sem regulá-la, já um início de livre arbítrio. Assim sendo, esta proposição essencial, nos fará melhor compreender a relação

que deve existir e existirá necessariamente, cada vez mais, entre o Fetichismo, que é Espontaneamente Universal e o Positivismo, que é Sistemáticamente Universal.

Assim, somente o Positivismo, presta uma justiça ao Fetichismo, finalmente, desenvolvendo-o e incorporando-o .

Não há dúvida, que havia utilidade real, em colocar, todo o conjunto do teologismo, na sua verdadeira posição, como uma forma intermediária e transitória, entre os dois estados fundamentais da Inteligência humana : o Fetichismo – [(Teologismo – Metafísismo)]- e o Positivismo.

Desta forma, podemos compreender agora, a importância da civilização Chinesa; civilização essencialmente fetichica, que neste sentido se desenvolveu, com uma estabilidade, uma potencialidade e uma grandeza verdadeiramente admirável.

Espero que este longo trabalho, esclareça, e venha ter uma grande importância Política e Moral; pois as relações do Ocidente com a China, como de resto com todas as partes do Planeta, tem ainda hoje em dia, um caráter imoral, anárquico e perturbador; para isso, vamos desenvolver este trabalho em quatro grandes tópicos:

- 1) Estamos ainda longe, para contar com o positivismo, que mostrará sua aptidão exclusiva, para a direção dos negócios terrestres; mas vamos apreciar primeiramente, uma Idéia Geral da Civilização Chinesa, no que se refere aos seus **Elementos Essenciais Modificadores, e depois o seu Desenvolvimento Concreto.**
- 2) Em seguida, apreciaremos, o tipo mais elevado desta civilização, do ponto de vista intelectual e moral, aquele que se resume, o seu espírito fundamental, o Eminente Kounf-Fou-Tzeu, isto é, CONFÚCIO, objeto da profunda Veneração dos Habitantes da GRANDE CIVILIZAÇÃO CHINEZA
- 3) EM TERCEIRO LUGAR, examinaremos o que tem sido historicamente as relações do Ocidente, com a China.
- 4) Os Imigrantes Chineses, que Viveram na Cidade de Bananal, onde resído, no Estado de São Paulo, no Século XIX, e deixaram aqui seus descendentes.

Vamos expor algumas informações preliminares, e depois abordaremos cada tópico acima descrito:

Informações Preliminares:

- A Base Mental da Civilização Chinesa
- As Consequências Intelectuais e Morais, da Base Mental da Civilização Chinesa
- O Caráter Geral da Família Chinesa.
- O Caráter Geral da Sociedade Chinesa.

para depois, descrevermos :

1) Uma idéia Geral da Civilização Chinesa, no que se refere aos seus:

1.1) Elementos Modificadores: Filosofia de Lao-Tseu - Budismo – Catolicismo – Colonialismo/capitalismo – Revolução Comunista de Mao – Revolução Cultural do Proletariado - Crises do Liberalismo Burguês – Reformas Estruturais – As Migrações do Campo para Cidades, o enriquecimento dos Proletários da cidade e o empobrecimento dos Proletários do campo – A Globalização – Privatização e o Desemprego; o Início do Caos Capitalista Democrático. A REDENÇÃO SOCIETOCRÁTICA.

1.2) A Teoria Geral do Desenvolvimento Concreto da Civilização Chinesa :

- 1.2.1) Primeiro – O Desenvolvimento Interior, de uma sociedade Industrial e Pacífica, sobre a dupla direção : do Poder Monocrático e uma Classe Administrativa (Letrada); recrutada por meio de exames regulares, em todos os Níveis Sociais de sua população até 1905. Isto é, uma Teoria sumária das duas forças que dirigiram o desenvolvimento da Civilização Chinesa: Imperador e Classe dos Letrados.
- 1.2.2) Segundo - A Decomposição do Conjunto da Evolução Chinesa, em suas Sete (7) Fases Essenciais.

1.2.2.0) Desde a Antigüidade Remota e da Sociedade Escrava: antes da formação do Estado Chinês. 1.700.000 anos até 2860 a.C. - Governadores Lendários.

1.2.2.1) Apreciação Geral da Primeira Fase da Civilização Chinesa (De 2850/2 anos a.C. até o ano 207 a.C.), - sendo que a Dinastia Xia (Hsi) a mais antiga, que se iniciou em 2070 a.C.; passando pela Dinastia dos Shang – (1600 a.C. à 1046 a.C.), passando, também pelas três dinastias dos Zhou (Chou); até o fim da Dinastia Ch'in.(Qin) (Thsin) - no ano 210/207 a.C. , isto é, tendo como o Primeiro Imperador, Thsin-chi-hoang-ti (Yingzheng) : entre os anos 230 a.C. à 222/221 a .C.

1.2.2.2) Apreciação da Segunda Fase da Civilização Chinesa, do ano 206 a.C. passando por várias dinastias dos Han, dos Thang, dos Soung, dos Youens ou Mongoes, dos Ming, e dos Thai-Thsing ou Mandchús ou Qing (1911) . é neste período de 1644 a 1911, na dinastia dos Qing, onde inicia-se mais fortemente, a influencia dos “ Bárbaros”- Ocidentais, até a Primeira Revolução em 1911 – Período em que encontramos uma retrógrada Nova Era, do anos de 1840, que se estende até 1919 – Conhecida hoje em dia pelos Chineses, como Época Moderna.

1.2.2.3) Apreciação da Terceira Fase da Civilização Chinesa, a revolução, iniciada com o Movimento de 4 de Maio de 1919 – o Movimento Comunista, com Mao Zedong – até 1949 ; Este Período de 1919 à 1949, ficou conhecido, nos dia de hoje, na China, como Revolução da Nova Democracia e o período da Nova República. De 1949 até 1976, com a criação da República Popular da China, com base no Comunismo de Mao. Grande Revolução Cultural.

1.2.2.4) Apreciação da Quarta Fase da Civilização Chinesa - O Grande Caos Interno – A Evolução com a Globalização – da década de 1970 até hoje – 2004. – Conflito interno entre o Capitalismo e o Comunismo – Desemprego – Concentração de Renda e Maximização de Miseráveis.

1.2.2.5) Apreciação da Quinta Fase da Civilização Chinesa - como República Societocrática Federativa da China, utilizando no Mercado Internacional, as forças do Capitalismo Democrático; e no Mercado Interno, usando as forças do Trabalhismo Societocrático. Minimizando desta forma, internamente na China, o Comunismo e a Democracia.

1.2.2.6) República Societocrática Federativa – com uma Pronunciadura Republicana – de cunho Trabalhista; emanando para o Mundo, as diretrizes do estado Normal da Humanidade, por meio da Religião da Humanidade – no comando Moral, Espiritual e Prático do Mundo, tendo como base: O Amor por Princípio; a Ordem por Base e o Progresso por Objetivo. Fazendo definitivamente ocorrer a queda do capitalismo democrático e do comunismo de Estado, ambos individualistas, de cunho altamente egoísta; para o Bem Social e Moral da Humanidade

2) O Eminentíssimo Kung-Fou-Tzeu, isto é, CONFÚCIO, objeto da profunda Veneração dos Habitantes da GRANDE CIVILIZAÇÃO CHINEZA, Apreciação Abstrata de Confúcio e de sua influência sobre o conjunto da Civilização Chinesa.

2.1) Considerações Gerais sobre a evolução Intelectual da China, e sobre a situação geral no meio em que surgiu Confúcio.

2.2) Apreciação da Obra e da Vida de Confúcio

2.3) Considerações Gerais sobre a Escola de Confúcio ou Escola dos Letrados

3) As relações do Ocidente, com a China.

3.1) Considerações Preliminares sobre a situação Geral do Ocidente, em si mesmo, e com o restante do Planeta, no início da Segunda metade do Século XIX (1860 d.C.)

3.2) Exame sumário das Relações do Ocidente com a China e do estado destas relações, nos meados do Século XIX. (1860 d.C.)

3.3) Dos princípios gerais, segundo os quais, deveriam ter sido reguladas as relações do Ocidente com a China, nos meados do Século XIX.(1860 d.C.)

4) Os Imigrantes Chineses, que Viveram na Cidade de Bananal, Estado de São Paulo, no Século XIX, e deixaram aqui seus descendentes.

Vejamos as Informações Preliminares:

a) A Base Mental da Civilização Chinesa

O Fetichismo primeiramente espontâneo e depois sistematizado pela adoração aos fetiches celestes, período do fetichismo astrolático, é a base mental da civilização chinesa: tal é a proposição fundamental, que é preciso pôr em toda evidência, para fazer compreender, a verdadeira inteligência desta civilização.

Como toda e qualquer sociedade, estréia necessariamente pelo Fetichismo, e a China não fugiu a regra, no entanto, recebeu uma verdadeira sistematização, que lhe imprimiu uma consistência e um imenso desenvolvimento, de modo a tornar-se a base da evolução social, desta grande população; embora em diferentes momentos de sua história, tenha se desintegrado em meios a grandes

conflitos; mas existiu sempre uma continuidade ininterrupta, desde o nascimento, há 5.000 anos, onde podemos ratificar o exposto, nas comprovações científicas da bacia do rio Amarelo – Huangle.

Em outros países, o fetichismo deixou incontestáveis e numerosos traços; na China, conservou-se, persistiu e desenvolveu-se.

Se considerarmos os diversos templos, os numerosos altares, que foram erguidos, neste vasto território, notamos que eles são dedicados aos rios, as montanhas, as florestas, as constelações, aos principais planetas, ao Céu e à Terra. O Culto dos manes, está na China, muito desenvolvido, familiar a todos; é organizado por pessoas que não crêem na vida do além túmulo. Pois o que são manes, senão fetiches resultantes, de nossos despojos mortais, e que segundo um ponto de vista, conservam um modo de atividade, que lhes são próprios.

A morte como é concebida pela teologia e pela metafísica, não existe para o Fetichista; ela não é nada mais, a seus olhos, do que um modo de vitalidade, substituído por outro. Daí este desprezo pela morte, constatado pelos teologistas ocidentais, desconhecido totalmente, o que nós aqui no ocidente chamamos de vida do além túmulo, contradição aparente que a teologia constatou sem poder resolve-la.

Na China, o Fetichismo foi sistematizado, pelo culto do Céu, e esta sistematização remota à própria origem da civilização deste Povo.

O Céu, é efetivamente para os chineses, o fetiche, preponderante; é o SER poderoso, cuja ação, coordena a atividade de todos os outros Seres. Mas esta dominação é preponderante, sem ser absoluta; este é um caráter essencial, que devemos notar. No teologismo, principalmente no monoteico, o poder sobrenatural, tem um **caráter absoluto**, e uma vontade arbitrária; não acontecendo o mesmo no Fetichismo; há nele, em contato, uma **vontade preponderante**, em relação com as outras vontades espontâneas, tendo sua lei, um modo de ser distinto. **No Fetichismo, o Ser preponderante, cuja atividade coordena e domina a todos os outros é o Céu.** E no Positivismo ou Cientificismo uma **demonstração relativista** dos fenômenos, pelas 15 Leis Naturais da Fatalidade Suprema e das Sete Ciências. (Matemática, Astronomia, Física, Química, Biologia, Sociologia Positiva, e Moral Teórica Positiva)

É sobre esta grande noção, que os filósofos e os legisladores da China, se apoiaram para regular a civilização chinesa. Pode-se delinear uma idéia da marcha seguida pelos legisladores chineses, para chegarem, a esta concepção sistemática do Céu.

O Céu é a sede comum, patente e visível dos corpos celestes. Os corpos celestes tem uma atividade interna e incontestável. É certo que o conjunto da vida humana, se acha regulada, pela marcha, do mais poderosos destes corpos que nos circundam, O Sol; a tal ponto que o Sol tornou-se o preponderante fetiche, em

um grande numero de Estados Sociais. Mas se os corpos celestes, tem uma tão grande atividade; é evidente que o Céu - Thian, sua sede, comum, deve ser o maior de todos os Seres.

Normalmente os teologistas, indagam:

(T) _____ Será que os filósofos e a população chinesa, realmente adoram o CÉU visível, que nós Teologistas percebemos?

_____ Mas porque não?

_____ Será que é mais razoável e natural, adorar seres subjetivos, que ninguém nunca viu, e nem, jamais verá?

_____ Não tem este SER, o SOL, um poder extremo sobre nós, por ser a sede dos Seres, que mais influem sobre a nossa existência?

É de espantar que se adore sua atividade como preponderante. Quando a mais imediata observação, nos prova que é verdade.

É a disposição, que nos criou o estado metafísico, apoiado na pretendia inércia da matéria, que torna a inteligência, absolutamente inapta, para compreender o Fetichismo; que está, no fundo, muito mais perto do científico ou positivo, do que a teologia; pois que, o seu único erro, é não suficientemente distinguir a vida propriamente dita, da atividade.

O segundo grande fetiche da China, subordinado ao primeiro, é a Terra. A este segundo elemento sistemático do fetichismo chinês, está ligado a adoração dos rios, das montanhas, como estão ao Céu, à Lua, aos Planetas, às Constelações.

A Terra é um Ser, poderoso e ativo, dominando a atividade dos Seres que estão na sua superfície. Era natural que primitivamente, se adorasse este Ser, no qual no começo, não se havia feito, nem podido fazer, a separação entre a atividade da vida; e no qual era inevitável supor, que a atividade lhe fosse devida, como no homem, a um conjunto de inclinações determinadas.

Encontramos esta adoração na Terra, em todas as civilizações. No que nos resta da teologia grega, notamos traços evidentes, desta adoração: “ Esta Terra Mãe de todos os homens, protetora de todos os seres, esta Mãe comum” .

Ficou na linguagem, uma quantidade muito grande de expressões, que recordam esta adoração primitiva. Há uma disposição moral e muito universal, que é essencialmente fetiche, e que resulta desta consagração da Terra: é o amor ao solo natal, este amor, que faz amar o próprio lugar, e a ele nos vincula profundamente; é claro que é um sentimento fetiche, e que devemos obedecer; pois pode ser de uma alta eficácia moral, e mesmo mental, sob uma conveniente

direção. Estas tendências especiais, que nos ligam a certas porções da terra, as relíquias, etc., etc., que fazem com que lhes prestemos reverências, afeições, são disposições fetichicas; e são a prova do bem evidente, desta profunda tendência a conceber a Terra, não somente como ativa, apesar da alucinação metafísica, mas também como viva, animada de sentimento, de vontade e de relação moral, conosco.

Assim, a adoração da Terra, entre os chineses, se liga a um amor profundo ao solo natal.

As provas desta sistematização na China, do culto fetichico, ao Céu e a Terra, são de tal sorte numerosas, que tornam-se embaraços nas suas escolhas para podermos citar neste trabalho. Em Pequim por exemplo, entre 9 grandes – Altares – , encontramos seguindo a ordem de preeminência: Altar do Céu. O Altar do Céu é parte do Templo do mesmo nome, o “Tian Tan”, construído durante a dinastia Ming. Está situado na parte antiga da cidade, no Parque Tian Tan. A arquitetura do século XV, com seus muros vermelhos e ornamentação dourada, é típica da dinastia Ming; depois temos o Altar das Preces, para se obter os frutos da Terra em abundância; Altar do Sol Novo, Altar da Lua Noturna, etc., etc..

Em todas as partes da China, encontramos altares consagrados ao Céu e à Terra; é esta base do Culto do Povo, o culto oficial do Estado; os outros cultos são tolerados; esse é o culto oficialmente instituído. Há outros altares consagrados, aos Planetas, às Constelações, aos diversos modos de atividade da Terra, aos rios etc., etc; que deveria ter sido mantido até hoje, com vista manter a Unidade Chinesa.

O culto fetichico, é o culto oficial, regularmente organizado pelo Estado. Em certas épocas, organizado pelos ritos, sobretudo na época dos solstícios e dos equinócios – os mandarins – funcionários públicos, por treinamento confuciano, exerciam os atos oficiais do culto ao Céu, à Terra, e etc.. Os dois pontos em que a eclíptica corta o equador celeste, se chamam nodos ou equinócios. A metade do caminho entre os equinócios, produz os solstícios, do verão e do inverno.

Além dos templos especiais, próprios a cada localidade, as capitais de cada província, departamento e cantão, eles devem ter sempre os seguintes templos: Altar à Terra, Altar dedicado aos ventos, às nuvens, ao trovão, à chuva, às montanhas e às ribeiras; um altar dedicado ao primeiro agricultor; um templo dedicado a literatura; um templo dedicado à série de imperadores, que tenham governado a China; um templo à Constelação de Ursa-Maior; um templo dedicado aos fossos, que rodeiam e guardam a cidade; um templo ao demônio, que produz as moléstias; um templo honorífico dedicado aos célebres ministros de Estado, pelos serviços que prestaram à China e ao seu Estado; um templo honorífico dedicado aos sábios das aldeias; um templo honorífico, dedicado aos homens, que foram modelos de felicidade, de sinceridade, de retidão e de piedade filial; um templo honorífico, as moças que se distinguiram, pela sua eminente castidade; as mulheres casadas, que se distinguiram pelas suas virtudes e pelo seu pudor.—

Eis o culto oficial. Fora os templos consagrados, existe na China, um grande numero de monastérios e de edifícios religiosos pertencentes aos Tao-ensses e aos Budistas.

Fica bem claro que a civilização chinesa tem por base mental o Fetichismo Sistemático, pela adoração do Céu e da Terra.

Mesmo sabedor destas adorações ao Céu e à Terra, devemos acrescentar a este respeito, algumas considerações indiretas.

O Amor ao Solo Natal, sentimento essencialmente fetichico, é muito desenvolvido no povo chinês; mas existe ainda entre eles, uma tendência característica a esse respeito; é o amor profundo à natureza – esta disposição que é contraditória e antipática a todo espírito teológico, principalmente no monoteísmo, existe eminentemente desenvolvida entre os chineses; e isto, está perfeitamente relacionado com a preponderância fundamental do fetichismo, conservado no povo chinês.

“ Entre nós os ocidentais, amamos as flores, devido a sua beleza visual; entre os chineses, eles se apaixonam por elas. O que nos agrada em um jardim, é a variedade de cores, a beleza pelas variedades das espécies; no entanto para os chineses, cada planta, é objeto de verdadeiro culto, uma espécie de amor místico, que inspira por si só uma grande parte de suas poesias; dos romances, da história, e até nos hábitos de sua vida privada; acham-se exemplos desse amor verdadeiro e apaixonado. Importantes Magistrados convidam-se mutuamente a virem admirar suas peonias e os seus malmequeres.

Fala-se nos monumentos de literatura chinesa, de uma espécie de êxtase, que os sentidos dos ocidentais, não foram educados para perceber e compreender; e que consiste em ficar entorpecido, com as imagens das plantas, procurando surpreender, por uma atenção contínua, os progressos de seus desenvolvimentos”
Sr. Hervey-Saint-Denys

É incontestável, o que disse o Sr. Hervey-Saint-Denys,

Um interessante romance de costumes, lu-Kiao-Li ou as Duas Primas; este amor de flores da natureza, com habito intimo, da nossa vida privada, se mostra do modo mais delicado, afetuoso e ingênuo. São destas informações que o sentimento de felicidade e de carinhosidade, pelas suas conservações, que afetam a inteligência fetichica, tende a desenvolver por “feed-back”, em nossa formação sentimental; aguçando o altruísmo e comprimindo o egoísmo. Não há dúvida, que este sentimento de apego, pelo mundo exterior, como pelas flores, etc., uma espécie de adoçamento dos costumes chineses; esta disposição moral positiva, renasce no ocidente, cada vez mais que o teologismo declina; a inteligência teológica lhe havia posto entraves, sem destrui-la.

Enfim, esta preponderância do Fetichismo Sistematizado, pelo culto do Céu e da Terra, mostra-se ainda nos hábitos da vida chinesa, pela teoria Familiar, dos dias felizes e desgraçados; teoria fetichica, da qual existem ainda numerosos traços entre nós, do Ocidente.

Assim podemos garantir que “ a civilização chinesa tem por base mental, o Fetichismo Sistematizado, pela adoração do Céu, cuja vontade preponderante, é regular e governar todos os outros Seres existentes.”

b) As Conseqüências Intelectuais e Morais, da Base Mental da Civilização Chinesa

Vamos nos deter agora na análise das conseqüências intelectuais e morais da base fundamental da Civilização Chinesa.

Resulta da preponderância do fetichismo, um grande desenvolvimento da contemplação concreta. Daí uma extrema sagacidade, uma precisão, que podemos mesmo dizer, uma verdadeira minúcia, na observação dos Seres. Estes caracteres se mostram em todas as suas produções científicas; produções que consistem essencialmente, em descrições e não em teorias abstratas análogas as dos países do Ocidente. No entanto este espirito de observação, se mostra nas suas pinturas, de plantas e flores, tão notáveis, pelo seu extremo cunho de realidade.

Um segundo caracter, conseqüência geral dessa civilização, é a ausência de fábulas, entre os pensadores chineses. Em todas as populações teológicas encontramos legisladores, e até filósofos, recorrerem mais ou menos a intervenções sobrenaturais, e isto espontaneamente, sob a influencia preponderante, do meio social que os domina.

Nada disso, entre os chineses, ocorre; e é este um caráter, que tem impressionado, os observadores judiciosos, que estudam uma civilização, sem que se tenham remontado à origem deste fenômeno.

Nem Confúcio, nem Meng-tseu ou Mencio, nem seus sucessores, recorreram a essas influencias sobrenaturais entre as populações teológicas. Eles eliminam estas influencias arbitrarias dos deuses e dos gênios, observam os Seres, verificam as condições de sua evolução e os explicam pela influencia dos Seres visíveis e reais.

Mas há necessidade de notar, que este estado mental, em que a abstração, não foi sistematicamente instituída, tem produzido, nesta civilização uma dupla lacuna; nem a arte elevada e nem a ciência propriamente dita, puderam ai desenvolver-se, como ocorreu na Europa

A ciência é necessariamente abstrata. A ciência consiste, com efeito, em descobrir as leis dos diversos fenômenos distintos, geométricos, físicos, químicos, biológicos, considerados em si mesmo e independente dos corpos, que os manifestam; a ciência real, a única que comporta a descoberta de leis verdadeiras, supõe necessariamente a abstração.

O mesmo com relação a arte. A grande arte era desconhecida da civilização chinesa, pois a arte eminente e elevada, repousa na idealização. Ora, toda idealização supõe a abstração, segundo a qual, eliminam-se certas circunstâncias, e pode-se exagerar ou amesquinhar as propriedades consideradas isoladamente dos Seres.

A idealização, isto é, a criatividade, não pode nunca resultar da contemplação concreta ou pura observação dos Seres; contemplação que não ultrapasse jamais, os estreitos limites da realidade. É pela abstração, mas abstração real, que se podem conceber tipos verdadeiramente ideais e todavia possíveis.

Por consequência, nem as grandes criações das ciências positivas, nem as grandes criações estéticas puderam emanar desta civilização.

Um tal fenômeno impressionou a muitos observadores, sem que pudessem remontar, por falta de uma teoria geral, a origem deste fato. Assim na China, as obras literárias, impressionam muito, por um grande caráter de realidade. Encontram-se romances de costumes, peças de teatro; quadros recomendáveis por uma pintura singela e verdadeira da vida real. Mas as grandes obras, idealizadas à maneira de Homero e de Dante, sempre lhes tem faltado.

O seu desenvolvimento científico, foi sempre muito elementar; o que os chineses tinham de ciência, veio-lhes, principalmente dos Hindus, dos Muçulmanos, dos Cristãos, e até hoje tem vindo de fora, onde eles souberam aproveitar e ainda da fase fetichista entrar na fase científica, do grande desenvolvimento; salvo este esboço que resulta sempre de uma evolução espontânea da inteligência positiva.

A profunda imperfeição, que resultou da base mental da civilização chinesa, gerando a impossibilidade de um grandes desenvolvimentos científicos e estéticos.

A persistência do fetichismo, desenvolveu na China, no ponto de vista Moral, o sentimento de fatalidade e da ordem, ao mesmo tempo que uma disposição à disciplina, não absoluta mas relativa, com um caráter que a aproxima da verdadeira subordinação científica, em função dos cumprimento dos Deveres.

A observação dos seres, sobretudo, quando se chega, do que se refere aos corpos celestes, a verificar a sua marcha regular, desenvolve necessariamente os sentimentos de subordinação e da ordem; a abstração teológica ao contrário,

institui a noção de progresso; mas de um progresso primitivamente anárquico; submete-se à ordem exterior, representada, pelas vontades regulares dos fetiches preponderantes; mas esta subordinação, base de toda moral, não tem um caráter absoluto, visto como os seres correspondentes não tem senão um poder limitado. Isto se compreenderá ainda melhor, comparando sob esta relação : o fetichismo com o teologismo.

Na China, nem chefe, nem súditos, experimentaram a influência desmoralizadora do tipo do arbitrário divino.

Qual é com efeito, o tipo divino ?

É o do arbitrário; um Ser onipotente não pode ter se não, caprichos.

O verdadeiro devotamento, como a verdadeira sabedoria, supõe sempre uma certa submissão, ou melhor, uma certa humildade.

Um Ser onipotente, pode impor obrigações, mas tais obrigações, não são de sua parte, senão simples fantasias, que a sua única vontade engendra. Um tal tipo deverá com o andar do tempo, exercer uma influencia, mais ou mesmo desmoralizadora, sobre os chefes e sobre os súditos. Sobre os chefes, levando-os a imitar este tipo arbitrário.

Consistindo o supremo poder, em não conhecer limites, às suas vontades, não serão pois a suprema felicidade do homem, em conhecer nenhum limite às suas fantasias ?

Os atentos observadores, não têm constado, o egoísmo profundo que desenvolve a onipotência, nos consagrados chefes, pela inteligência teocrática?

Mas esta influencia também manifesta-se nos súditos, agindo do mesmo modo, impelindo-os a aproximarem, como tipo de felicidade, não de uma submissão ativa e regulada, mas de uma situação que permite, a mais completa evolução, de nossas fantasias. Do outro lado, o teologismo tende a desenvolver, nos súditos a subordinação, com um caráter mais ou menos acentuado de baixeza, de humilhação, porque ele é absoluto, e consiste em submeter-se, a todos os caprichos, pelo único fato, de que eles emanam de um ser superior. O que de outro lado, dá um caráter profundamente anárquico à independência; que se apresenta então como uma revolta.

Foi a sabedoria dos diversos cleros teológicos, que consertou tanto quanto possível, estes inconvenientes inerentes às suas doutrinas.

A China evitou os inconvenientes morais, de um tipo semelhante, precisamente porque, os seres que constituem a base de seu culto, não são deuses, mas fetiches; isto é, seres reais, tendo um poder, mais ou menos grande,

mas não absoluto; poder alias regulado, como o vemos na marcha habitual dos corpos celestes.

Podemos constatar os efeitos felizes, desta persistência do fetichismo.

Entre os chineses, a submissão real positiva, não impele nem a bajulação nem ao desregramento teológico. É talvez uma das influencias, mais importantes e menos percebidas, no domínio do fetichismo na civilização chinesa.

O maior número de observadores, em determinadas épocas, considerou os chineses, como um povo submetido a um domínio arbitrário; assimilando, sob este aspecto, o seu regimen ao governo islâmico em decadência. Isto é, um grande erro. Uma profunda submissão, se combina entre eles, com um sentimento muito real de independência.

Muitos filósofos Chineses, tem sempre estabelecido, que os imperadores, governavam em virtude de um mandato do Céu; mandato que poderia ser retirado; o que se constata pela persistência prolongada, que um péssimo governo; e a história da China, por todos os tempos, a sucessão de suas numerosas dinastias, prova suficientemente, que esta teoria, não constitui uma mera formalidade.

O espírito revolucionário do Ocidente, muito freqüentemente confunde, a submissão voluntária, emanada de uma real veneração, com uma submissão absoluta. O tipo da dignidade humana, não consiste como estes doutores, em não se submeter, senão a força.

Os chineses aproximam, podemos dizer, espontaneamente, do tipo normal, da verdadeira sabedoria; porque sentem e compreendem, que toda a sabedoria, ativa, especulativa ou moral tem por base, a submissão, como condição preliminar, não de inércia, mas de uma atividade convenientemente regulada.

Comparar sob este aspecto os resultados da evolução científica, que não tem por objetivo senão a realidade, à ela se subordinando, como uma pueril metafísica, que quer construí-la á priori.

Por isso, muitos são os efeitos morais imperceptíveis, que a persistência fetichista tem produzido nesta grande população chinesa.

c) O Caráter geral da Família Chinesa.

Depois de termos apreciado, a influencia sobre a inteligência e o sentimento, da base mental da civilização chinesa, vamos nos estender sua ação sobre a Família, e finalmente sobre a Sociedade, mantendo-nos sempre, no ponto de vista mais geral.

Sendo a Família, a instituição elementar e essencial de toda sociedade, que se estabelece e se consolida, na idade fetichica; cabendo assim, se verificar que

ação a sistematização e a persistência do Fetichismo na China, tem tido sobre a construção da Família, e que o caráter excepcional, ela tem lhes imprimido.

Sabemos que devemos ao fetichismo, a instituição do túmulo, privilégio admirável da natureza humana, segundo a bela observação de Giambattista Vico –1668-1774 – em sua obra a “ Ciência Nova” ,o ciclo da barbaridade - aplica a filosofia científica, aos estudos dos fenômeno sociais; apresenta as condições estáticas e dinâmicas da sociedade humana; que caracteriza pelo culto aos mortos, e pelo predomínio sucessivos dos deuses, dos heróis, e dos homens, o conceito que pode assimilar-se à evolução teológica, a metafísica e a científica, da intelectualidade absoluta. Apresenta também a incorporação do Fetichismo, aos conceitos concretos; e na instituição do culto dos manes e do culto dos antepassados.

Este culto dos antepassados, tão profundamente desenvolvido entre os letrados, que não crêem absolutamente na vida futura, foi para os jesuítas, objeto de espanto, uma espécie de fenômeno paradoxal, cuja solução não lhes foi possível encontrar.

É necessário por alguns estantes, sobre esta importante noção, tão pouco compreendida, devido a persistência imperceptível da inteligência teológica-metafísica, mesmo nos mais inteligentes.

O Fetichismo institui espontaneamente os amuletos; noção capital, que persistiu, sobre o domínio do neologismo, sobretudo no politeico, e que a sabedoria social da civilização romana, soube dignamente conservar.

Para o Fetichista todos os corpos, são espontaneamente ativos, mas ainda dotados de vontade, de paixão, de sentimentos; desde então a morte não é para ele, como é para o teologista, a passagem para um estado inerte; é a passagem de um para outro modo de vitalidade. O cadáver daqueles que nós amamos, não é como para o teologista, um objeto de horror ou mesmo de repulsão; é um ser vivo, mas vivo de um outro modo; tendo ainda inclinações sentimentos, interessando ser ainda pelos negócios terrestres. Concebe-se então que o respeito pelos restos mortais do corpo humano, resulta inevitavelmente do estado fetichico. Este cadáver ainda é aquele que amamos e que veneramos, que não perdeu a vida, segundo a concepção teológica, mas tomando uma outra forma de vitalidade; por isso, devemos ainda ter por ele, os mesmos sentimentos de afeição, que lhe testemunhamos durante a primeira forma de sua existência .

Se a Terra é recebida pelo Fetichista, apesar de sua aparente imobilidade, como susceptível de ser amada e adorada, com maioria de razão; não aconteceria o mesmo, com este corpo, que vistes agindo vivo, na mesma vida?

Assim, após a instituição do túmulo, o estabelecimento do culto dos amuletos, resultam necessariamente o estado fetichico da inteligência humana.

Vamos também analisar, como decorre desta teoria primitiva, a descrença da vida futura. Para o fetichista, não há outro mundo, além deste em que vivemos. Somente sobre esta Terra, somos susceptíveis de dois modos de existência: com ou sem locomoção. Nos dois casos, existem afeição, sentimento; nos dois casos nos interessamos, pelos negócios reais. No segundo caso, temos o modo de existência vital, próprio, aos corpos inorgânicos, que nos cercam; somente devemos ter então, uma afeição mais especial, por aqueles que já amamos. O Culto dos amuletos, está pois em correlação natural, com a descrença na futura vida. O que parecia paradoxal aos de inteligência teológica, é pelo contrário, uma coisa muito natural, para os fetichistas e para os cientistas ou positivistas.

De resto, pode-se constatar no Ocidente, que à medida que a crença na vida do futuro, isto é, do além túmulo, cresce o culto do túmulo; quanto mais um país é dominado pela inteligência teológica, mais o culto do túmulo é negligenciado; mais a repulsa, que inspira o desejo mortal é considerável.

Quando estive em Paris, e fui visitar e render homenagem à este Grande Vulto da Humanidade, junto ao **Túmulo (38) de Augusto Comte**, acompanhado de minha esposa **Alfonsa Ana Orlando, no Cemitério de Père-Lachaise**; deparei com um grande numero de estudantes, visitando os túmulos, dos Grandes Vultos de França. Interessados por saber onde ficava, e ao mesmo tempo conhecer o que eles fizeram pela França e pela Humanidade. Esta capital da emancipação cultural, conhecida como a **Cidade Luz**, é a Cidade do Ocidente, onde o culto ao túmulo se acha mais desenvolvida. **Luz, significa esclarecimento científico; o estado supremo do desenvolvimento das artes do belo e do bom**

Assim, o culto dos amuletos, das estátuas e aos túmulos tornou-se um elemento capital e essencial da Família Chinesa. O culto dos antepassados é seu grande caráter. Em cada residência quando está completa, se encontra um lugar consagrado, ao registro dos antepassados. Toda casa chinesa, verdadeiramente normal, tem o seu templo doméstico; consagrada, em que se visita periodicamente, para lembrar os vultos familiares, que fizeram o bem daqueles familiares, agradecendo a educação recebida; lembrando os atos importantes, que realizam no seio da Família, lembrando os óbitos, os casamentos, os momentos felizes, etc. .

Em seguida, como consequência desta grande e admirável instituição, o respeito a idade, a obediência e a veneração dos filhos para com os pais, receberam na China um imenso desenvolvimento.

Este culto dos antepassados, este respeito aos túmulos, aos fetiches, profundamente encaixados nos costumes, se caracteriza, pela preocupação extraordinária do túmulo.

Um homem se ocupa da construção do seu túmulo, como uma das coisas mais essenciais de sua existência. Como desta concepção dos manes, pode-se considerar o horror dos chineses, pela mutilação propriamente dita; cortar a

cabeça é um modo de execução temido, porque mutila. Os seus romances de costumes, nos dão traços curiosos destas medo.

Assim, o culto aos antepassados, o respeito a idade, a obediência, a hierarquia e a Veneração, que os filhos tem pelos pais, pelos líderes fetichistas e pelos governantes; formam os caracteres gerais, que é base mental da civilização chinesa, que foi desenvolvida na Família, de maneira a merecer da parte de nós Ocidentais, antes uma respeitosa admiração, do que um ridículo desprezo, como ocorreu em muitas épocas, mas que hoje em dia já são respeitados, pelo grande esforço que têm realizado, para o desenvolvimento de sua Nação, devido a este tipo de educação dos sentimentos, muito valiosa para o progresso do Ser humano.

d) O Caráter Geral da Sociedade Chinesa.

O Fetichismo, teve uma influencia muito grande, sobre o ponto de vista social.

O caráter geral da Sociedade Chinesa, é a ausência, não só do regimen de castas, como também do espírito deste regimen.

Não há na China, castas análogas as da Índia, como também não há aristocracia hereditária. A família Imperial não constituía, uma verdadeira casta real; posto que esta única excepção, justificada por importantes considerações sociais, fundamentalmente alterasse a generalidade da nossa proposição.

Para os imperadores, a função era hereditária, mas não de uma maneira absoluta. O Imperador escolhe em sua família, o membro mais digno de suceder-lhe e não é na maioria das vezes o mais velho, que ele escolhe; o que é contraditório com o espírito da casta.

De sorte que a hereditariedade de função suprema, fica reduzida, a sua mais simples expressão; e esta hereditariedade, de nenhuma sorte resulta do espírito da casta.

O imperador era concebido, como governando, em virtude de um mando do Céu, o que o tornava responsável, não somente pelas perturbações sociais, mas até pelas perturbações cosmológicas; e a persistência contínua, de um estado de desordem, que é concebido, como o sinal decisivo, da necessidade de transmitir, a uma outra família, a função suprema.

Pode-se dizer que nunca uma população, foi mais estranha ao regimen e ao espírito de casta, do que a população chinesa. É com certeza, que o fetichismo não era próprio para constituir o regimen das castas.

O fetichismo adorando seres reais, não pode fornecer esta consagração absoluta, que emana naturalmente de seres sobrenaturais. O teologismo pelo contrário, institui espontaneamente as castas, sancionando de um modo absoluto, a hereditariedade natural das funções. Durante a época política, o regimen das

castas, nascem devido aos indivíduos das classes superiores, virem a ser considerados, como descendentes dos próprios deuses. Homero, fornece-nos um quadro singelo, de uma tal situação mental.

O monoteísmo dá a esta consagração, um carácter mais absoluto, e concentra cada vez mais, segundo sua inteligência mais sistematizada; fazendo surgir os tipos de chefes irresponsáveis, a não ser diante de Deus, agindo porque é esta sua vontade ou seu bel-prazer. O Carácter que o monoteísmo provocou dar ao Ocidente, foi a tirania real; tendência felizmente combatida; de um lado pela formação militar e do outro pela evolução gradual de um regimen industrial e científico, dos fetichistas.

O regimen das castas atinge a sua plena organização, onde o sacerdócio teológico, atinge e conserva, uma plena supremacia social, o que mostra claramente a aptidão natural do espírito teológico, para constitui-lo.

Podemos assim, dar conta da razão, porque a grande civilização chinesa, permaneceu estranha ao regimens das castas. A este respeito, podemos estabelecer desse modo, uma relação entre a China e o Ocidente, na situação em que este tende a colocar-se.

Temos visto que o ocidente tem cada vez mais se desligado do regimen das castas, sobre a dupla impulsão, preponderante, da inteligência científica e da atividade industrial; e mesmo assim, com grande esforço pelo espírito revolucionário, que por consequência, fortaleceu um carácter muito absoluto, que tem o tornado anárquico.

Sendo assim, a casta consiste em uma consagração absoluta, da tendência natural, das funções sociais, privadas ou públicas, à hereditariedade. Recebendo esta tendência uma consagração absoluta e não relativa, resulta daí que, teoricamente e como faz necessário, *o merecimento não possa ser repartido*. Mas como a civilização ocidental tem eliminado cada vez mais, esta consagração absoluta, ou este espírito de casta, nem por isso, se deve chegar a menosprezar, a disposição real e capital que lhe serve de base.

Só o espírito positivo, pode substituir esta consagração relativa, por esta consagração absoluta, tomando em legítima consideração uma tendência natural. Temos notado que a evolução ocidental para a eliminação gradual do espírito de casta, nos aproximou no século XIX, espontaneamente, da civilização chinesa, onde o espírito de casta não surgiu.

Entre os chineses, emanava e emana um grande sentimento de independência, e por consequência de atividade pessoal e de iniciativa; daí esta população ter uma atividade industrial intensa e extraordinária; isto é, nunca vista em outro canto do Planeta Terra; a tal ponto que Augusto Comte pode considerá-la como a raça ativa por excelência; a mais trabalhadeira. Não há necessidade de pedir ordem à Deus, ele faz, porque que fazer.

Assim, no povo chinês, a propriedade privada, é perfeitamente respeitada, e constitui uma das bases desta civilização. A concepção teórica a qual a terra pertence à autoridade suprema, não pode aí ter curso. Os seus filósofos sentiam profundamente que a **propriedade privada, é a base capital da moralização.**

“ É porque um príncipe esclarecido constituindo como convém a propriedade privada do povo, obtém como resultado necessário, em primeiro lugar, que os filhos, tenham com que servir seu pai e sua mãe; em segundo lugar, que os pais tenham, com que sustentar suas mulheres e seus filhos... Em tais extremos, o povo só pensa em evitar a morte, temendo que lhe falte o necessário; não tendo tempo de ocupar-se, com doutrinas morais, que lhe ensina-se a conduzir-se, segundo o princípio da igualdade de oportunidade e de liberdade com responsabilidade ?” (Meng – Tseu) – da terceira metade do século IV a . C., sucessor de Confúcio, subordinou a Justiça à Moral Social.

Sem dúvida existiu na China, como em todo organismo social, inevitáveis perturbações; mas pode-se todavia dizer, que a propriedade individual, a liberdade de transmissão, são respeitadas no período antes da Revolução Comunista; e é esta, conseqüentemente inevitável ausência, do regimen de castas, e da independência natural, de inteligências acostumadas a não se submeter, a poderes absolutamente indiscutíveis.

Vamos estudar agora, qual o tipo governamental desta sociedade, antes de sofrer influencias, as quais veremos no tópico seguinte.

Como sabemos, o governo, condição absolutamente necessária de toda sociedade, e que inevitavelmente, por toda parte surgiu, recebe um caráter especial da teoria que o consagra; posto aqui nenhuma teoria, qualquer que tenha sido, por inevitável insuficiência, venha representar todos os elementos, que entram na constituição dos poderes diretores, que tem surgido nas diversas sociedades humanas.

Na China, o tipo governamental, quando da época plena do fetichismo, é tomado como empréstimo a Família. Não só a Família é a base essencial desta sociedade, como de todas as outras, como também o governo é constituído pelo tipo da Família. Não se pensa que seja isto coisa própria de toda civilização. Só as populações fetichistas, é dado tomar como no estado patriarcal, por tipo do governo, uma generalização do tipo organizacional da Família.

O que é com efeito um Imperador, segundo os pensadores chineses ?

É o pai e a mãe de todos os súditos.

O seu caráter essencial, é o caráter paternal.

O tipo governamental das sociedades teológicas, não é tirado por empréstimo da Família, mas sim da Divindade.

O tipo chinês tem uma superioridade moral incontestável, sobre o tipo teológico.

Segundo a concepção teológica, o governo tem uma autoridade de muitos assuntos, indiscutíveis; esta autoridade é concebida em sua essência, como mais ou menos arbitrária e caprichosa.

A Divindade pode bem sujeitá-la à condições particulares de exercício; tais condições, porém aparecem sempre, no fundo como caprichos. Na realidade, este caráter absoluto, se acha necessariamente limitado, pelo meio sociológico correspondente; posto que podemos lembrar dos reis de França, indicarem por sua alta recreação, como origem extrema de suas decisões. Sabemos evidentemente, que na realidade, havia limites que eles não teriam impunemente ultrapassado; que não teriam mesmo sonhado infringir.

Todavia concebido com um caráter absoluto, o poder é impelido a divagações, a atos arbitrários, nos quais jamais pensa ter tido como pai, de uma grande família social; para com o qual, deve mostrar as mesmas disposições, com o pai com os filhos. Esta noção influi profundamente e de um modo feliz, na evolução da civilização chinesa.

Encontramos em um grande número de imperadores, tipos tocantes, admiráveis e de devotamento, bem como de firmeza paternal.

Assim, resulta desta concepção uma disposição geral felicíssima, a disposição do governo, deste período plenamente fetichista, qualquer que seja a sua origem; fosse mesmo militar, que fornecia impulsão ao desenvolvimento industrial, tendência inteiramente conforme de resto, com o espírito desta civilização, mas que aqui a ação governamental, consolida em vez de conflitar. É uma consequência de um caráter paternal de semelhante governo; daí também a tendência do governo chinês, para estender as disposições pacíficas e industriais de sua população.

Em resumo, o resultado desta difícil apreciação abstrata, que é a civilização chinesa, tendo por base mental o Fetichismo Sistematizado, pelo culto do Céu, de onde resulta, como elemento essencial da sociedade, a Família; constituída pelo espírito filial; pelo poder paterno e pelo culto aos antepassados; donde enfim a tendência fundamental, era para um regimen puramente pacífico, de uma população sem casta, que concebia o poder governamental, segundo o tipo da autoridade paterna; isto era, a Pura China Fetichista, do período que era conhecida por : Tien-hua ou Sz-hai - Sob o Céu; depois, Chung-kuo – Dentre os Quatro Mares; Chung-Kwa-Kuo – Florido Reino Médio; Chuin-Kwa-min-Kuo – Povos do Florido Reino Médio.

Depois de termos apreciado o espírito geral da civilização chinesa e deduzido as suas consequências mais essenciais, vamos abordar de modo sumário, os seus elementos modificadores.

A sociedade chinesa desenvolveu-se em contato com outras civilizações, mais ou menos militares e mais ou menos teológicas. Não há dúvida que estas influências procuraram fatores modificadores. Os chineses nunca tiveram esta pretendida disposição odiosa, para com os estrangeiros, que normalmente a eles são comumente atribuídos.

Sempre se conservaram em guarda contra os Ocidentais, e com muita razão, e não há dúvida que devemos aprovar esta atitude e tendência, de nos considerar como bárbaros, pois nos consideram, que nós só temos em mira, acumular ouro e lucros, por todos os meios possíveis.

Mas os chineses estiveram em contato com populações que valiam mais para eles, do que os Ocidentais; desses contatos resultaram os dois elementos modificadores, mais importantes desta civilização: a Filosofia de Lao-Tseu / Confucionismo e o Budismo.

No entanto os ocidentais introduziram secundariamente, pelo catolicismo e essencialmente pela grande missão dos jesuítas, um terceiro elemento modificador, com todo o respeito, o mais importante dos três, em uma primeira fase.

Em regra geral, nesta primeira fase, esta influência de elementos modificadores, emanados de meios teológicos, foi e tem sido, mais perniciosa do que útil; teve resultado dela, com certeza, alguma utilidade secundária, pela introdução de noções científicas, devida ao Budismo e ao Catolicismo; no entanto estas noções, muito pouco modificaram, o espírito fundamental da civilização chinesa; entretanto veio acompanhada, de grandes estragos intelectuais e morais, devidos a devassidão do espírito teológico, que teria sido realmente útil, como disse um filósofo chinês – “caso a China não tivesse sido infestada desta peste, para me servir da energia...”

Depois outras influências, bárbaras, de fundo imoral, ocorreram no campo material, O Período Branco – O conflito entre a Europa e a Ásia; os portugueses, os espanhóis, os franceses, os holandeses – Os Boxes – Indenização; - A lavagem cerebral dos jovens Chineses e etc. .

Uma doutrina não humanitária, o povo chinês teve que abraçar, indo buscar na Rússia, para procurar uma saída mais honrosa para o seu País, com o Comunismo, que é uma Doutrina Metafísica, – infelizmente esta doutrina, como disse Comte, “ não tem o valor fundamental, senão em virtude do sentimento, que a inspira; sem que se possa jamais admitir, sua solução ilusória e subversiva” – “ **O Comunismo prepara-o sem o saber, o ascendente prático do positivismo, pondo com irreversível energia, um problema que a nova filosofia (positivismo), pode resolver, sem ilusão e sem perturbação**” ; e concluiu, entre outras máximas, envolvendo o comunismo : “ o Comunismo é o último estado verdadeiramente

honroso e perigoso do conjunto dos instintos revolucionários”– Política Positiva, Volume IV, pagina 475 .

Assim, do Fetichismo de Confúcio, fez com que, os chineses neste momento, passem em algumas áreas científicas e tecnológicas, pelo Positivismo de Comte; mas nas ciências Sociologia Positiva e na Moral Positiva, ainda estão no Fetichismo de Confúcio, na Metafísica Democrática Capitalista e Comunista, com algumas fortes pinceladas de Teologia do Budismo, Metafísica de Lao-Tze e do Cristianismo.

Mas, espero que com este trabalho que estou aqui apresentando, possa o positivismo, se tornar simpático à alguns líderes chineses, para que analisem as proposições científicas do Regimen **Societocrático Trabalhista**, de fundo científico ou positivo, em vez de embarcarem no caótico regimen democrático capitalista, de fundo metafísico, com base em fundamentos de ordem retrógrada e de progresso anárquico; já de à muito, reprovado por Aristóteles, como sendo, a democracia, o pior dos regimens. A Política .

1) Uma idéia Geral da Civilização Chinesa, no que se refere aos seus:

1.1) Elementos Modificadores: Filosofia de Lao-Tseu - Budismo – Catolicismo – Colonialismo/capitalista – Revolução Comunista de Mao – Revolução Cultural do Proletariado - Crises do Liberalismo Burguês – Reformas Estruturais – As Migrações do Campo para Cidades o enriquecimento dos proletários da cidade e o empobrecimento dos proletários do campo – A Globalização – Privatização e o Desemprego; o Início do Caos Capitalista Democrático. A REDENÇÃO SOCIETOCRÁTICA.

1.1.1) Filosofia de Lao-Tze – 604-550 a C.

O Primeiro elemento modificador da Civilização Chinesa, foi a Filosofia de Lao-Tze, cujos sectários, espalhados pela China, tomaram o nome de Tao-esse ou sectários da Razão.

Lao-Tze nasceu no ano de 604 a C, 54 anos antes de Confúcio, no reino de Tsou, províncias de Houpe e de Hou-nan junto ao rio Azul.

Foi entre o rio Azul e o rio Amarelo, e ao norte do rio Amarelo, que se formou o grande núcleo da civilização chinesa.

A filosofia de Lao-Tze consiste em um sistema metafísico, tendo por objetivo deduzir tudo de um princípio supremo, a Razão, e tudo explicar, por meio de propriedades abstratas, de modo a apresentar finalmente, como toda metafísica, simples combinações verbais, por verdadeiras explicações científicas. Tais noções não tem mais valor real, do que as dos platônicos, por exemplo; não

é pois senão, sob o ponto de vista histórico, mostrando o seu espírito geral. Doutrina de cunho individual e quietista.

“ Antes do caos que precedeu o nascimento do Céu e da Terra, um único ser existia, imenso e silencioso, diz Lao-Tseu; imaterial e agindo sempre, sem nunca se alterar. Pode-se considerá-lo como a Mãe do Universo. Ignoro o seu nome, mas designo pela palavra Razão. A Razão é a essência íntima de todas as coisas; ela não tem começo nem fim. O universo tem um fim, mas esta Razão não o tem. Invariável antes do nascimento do universo, ela era sem nome e sempre existente. Razão é o único nome que lhe pode dar o Santo; ele chama-se também Espírito, porque não há lugar, onde não esteja; Verdade, porque nada tem de falso em si; Princípio, em oposição do que é produzido ou secundário. Este Ser é verdadeiramente único. Sustenta o Céu e a Terra, e não tem por si mesmo uma qualidade sensível. Dizem-no puro, quanto a sua substância; Razão, quanto a ordem que estabeleceu; Natureza com relação a força, que deu ao homem e que existe no homem; Espírito quanto ao seu modo de ação, sem termo e sem fim, etc. , etc. .” - Abel Rémusat – Miscelâneas Póstumas de História e Literatura Orientais

Este é um verdadeiro estado metafísico, isto é, de uma explicação geral, por meio de abstrações indeterminadas e arbitrárias. A metafísica propriamente dita, consiste sempre em partir do tipo teológico, tornando-o gradualmente, cada vez mais abstrato, de modo a não conservar por base, de toda explicação, senão uma noção geral de força, una e indeterminada. Estado verdadeiramente doentio da razão humana, e que constitui o abuso da abstração, quando esta abstração, se desprende de toda base científica. É um estado mental que não tem mais utilidade social, do que utilidade intelectual.

Um primeiro carácter desta filosofia de Lao-Tze, é o desprezo pelo passado, pelos antecedentes; carácter profundamente contrário ao próprio espírito da civilização chinesa. Ao inverso de Confúcio, Lao-Tze, jamais citou os antigos.

Por uma análise de [Pierre Laffitte](#), discípulo direto de Augusto Comte, indica que o segundo carácter desta filosofia é uma filosofia metafísica e abstrata que contraria o espírito concreto da civilização chinesa.

De onde Lao-Tze trouxe estas idéias? Provavelmente de uma origem estrangeira; é provável que a sua filosofia, seja uma importação Hindu, embora falte-nos documentos diretos, para demonstrar rigorosamente , tal filiação.

É inteiramente impossível que a inteligência estreie por tais abstrações metafísicas, por isso, ela inicia queira ou não queiram os chineses, pelo Fetichismo, e jamais pela metafísica; por isso tal filosofia de Lao-Tseu, jamais foi a base primitiva, isto é, o ponto de partida da civilização chinesa; que me perdoem os chineses.

Depois que tivemos conhecimento das 15 Leis Universais, da Filosofia Primeira, ou Leis da Fatalidade Suprema; donde retiramos as 6 Leis Elementares do Trabalho Intelectual – onde podemos grupá-las em Leis Estáticas do Entendimento (4 à 6) e Leis Dinâmicas do Entendimento (7 à 9) – percebidas por Augusto Comte, como discriminadas, a seguir: 4ª - Lei da Construção Subjetiva – Subordinar as construções Subjetivas aos materiais Objetivos. 5ª - Leis das

Imagens Interiores – As imagens interiores são sempre menos vivas e menos nítidas do que as impressões exteriores. 6ª - Lei da Imagem Normal.- As Imagens Normais devem predominar sobre as Imagens que a agitação cerebral faz simultaneamente surgir. 7ª - Lei da Evolução Intelectual ou Lei dos Três Estados Mentais – Cada entendimento apresenta a sucessão dos três estados – Fictício, Abstrato e Positivo – relativamente a quaisquer concepções, com velocidade proporcional à generalidade dos fenômenos correspondentes. – 8ª - Lei da Evolução Ativa ou Lei dos Três Estados Práticos. – A atividade é primeiro Militar Conquistadora, depois Militar Defensiva e finalmente Pacífica e Industrial – 9ª - Lei da Evolução Afetiva ou Lei dos Três Estados Afetivos – A sociabilidade é primeiro Doméstica, depois Cívica, e Finalmente Universal, de acordo com a Natureza de cada um dos três instintos Simpáticos ou Altruístas (Apego, Veneração e Bondade); podemos concluir também, por outro lado, que esta filosofia de Lao-Tseu é no fundo, tão pouco chinesa, que desconhece principalmente os dois grandes caracteres desta civilização; respeito ao passado, pelos antecedentes e preponderância pelo espírito concreto. Esta doutrina de Lao-Tze, estava tão pouco afinada com a situação correspondente, da vida chinesa, que os seus sectários, não tardaram em degenerar-se completamente, de modo a tornarem-se simples politiqueiros, mágicos, vendendo o elixir da imoralidade, etc. .

No fundo Lao-Tze, sob a influencia do contato Hindu, fez uma tentativa honrosa em si mesmo, de introduzir a abstração e teorias abstratas na China. Esta tentativa não surtiu efeito, devido ser de caráter eminentemente metafísico, sem um correspondente ponto de apoio científico, fizeram com que estas abstrações, rapidamente degenerassem em arbitrarias divagações, análogas a que vemos no vergonhoso espetáculo mental que nos oferecem os alexandrinos. Os discípulos de Lao-Tseu, prosseguindo nestas divagações abstratas, em meio em que lhes era contrário, não tardaram em se degenerar em uma seita de mágicos, e de politiqueiros, que em nome de uma teologia, que não tem maior valor social, do que valor mental, se adapta aos lados ínfimos de nossa natureza. De sorte que os sectários da Razão, os Tao-sse, são numerosos, muitas vezes consultados e todavia desprezados.

Este espetáculo, que nos oferece muitas vezes o Ocidente, em que vemos indignos charlatões, seduzirem momentaneamente a opinião pública, explorando o temor da morte.

Os Tao-esse acham-se muito espalhados na China, um pouco, menos que os Budistas (hoje +/- 8%), mas ainda assim, possuindo muitos mosteiros.

É interessante deixar registrado que esta doutrina foi protegida, pelo revolucionário Thsin-chi-hoang-ti.

Este primeiro elemento modificador da civilização Chinesa, que introduziu elementos teológicos de forma metafísica, subalternos, nesta população profundamente Fetichista.

1.1.2) Segundo Elemento Modificador da Civilização Chinesa :

O BUDISMO

O segundo elemento modificador da civilização chinesa é o Budismo, ele vale muito mais que a doutrina dos sectários de Lao-Tze, mas exerceu uma profunda ação perturbadora, até hoje em dia (2004).

O Budismo foi introduzido na China, sob a dinastia dos Han, 65/67 anos depois de Cristo; está muito espalhado pela China. Foi protegido por um grande numero de imperadores. Tem uma certa ação sobre quase todos os chineses, mas ação puramente modificadora, e no fundo secundária. O Budismo é em geral desprezado pela classe dos letrados, que representam as verdadeiras tendências da civilização chinesa. Os mosteiros budistas são em grande número. Os Budistas organizam um culto inteiramente análogo ao culto Católico. A analogia da doutrina, produziu a analogia do efeito, pois certamente não houve comunicação recíproca. Eles tem uma vida monástica perfeitamente organizada: liturgias, relíquias, etc., etc. .

O Budismo trouxe à China grandes inconvenientes, introduzindo o espírito teológico com todas as divagações, que lhe são peculiares; divagações tanto mais intensas, não oferece a coordenação interior hierárquica do catolicismo; coordenação que remediou tantos inconvenientes próprios a doutrina teológica.

Mas, este elemento perturbador, não produziu tão graves desvios como se poderia crer à priori; o Fetichismo tinha sido tão perfeitamente coordenado na sociedade chinesa, e a população, tão ligada ao culto dos antepassados, ao culto do Céu e da Terra, quando da aparição do Budismo, que este não pôde modificar, esta larga fundação, base da civilização chinesa; deste modo um mandarim qualquer, mesmo sendo budista, efetua contudo os ritos do culto oficial; de nenhuma sorte se dispensará do culto da Família. Assim o ilustre imperador Khan-hi, tão justamente louvado, pelos jesuítas, era Budista, o que não o dispensava do culto oficial.

O Budismo deixou muita preocupação, em alguns letrados. Podemos citar o Imperador Wo-tsou, da dinastia dos Tang (618-905 d. C.), morto no ano 846 d.C. escreveu a propósito da necessidade de restringir o desenvolvimento do Budismo, o seguinte texto abaixo, segundo o Padre Católico Grosier, Tomo 5, pagina 51)

“Sob as nossas três famosas dinastias (quais ?), (Hsi –2205-1766 a C; Shang e Yin – 1766-1123 a C.; Chou – 1122 –1255 a C.; Chin 255-206 a C.) nunca se ouviu falar de FO (Buda); foi depois da dinastia dos Han (206 a C.-211 d.C.) e dos Wei (X ?), que esta seita introduziu as estátuas e começou a se espalhar pela China; nas duas cortes, em todas as cidades, nas montanhas, só se via bonzos obreiros (sacerdote budista), dos dois sexos, somente ocupados e preocupados em fazer estátuas. Nossos antepassados, tinham para si, que se houvesse homem que não louvasse, e mulher que não fiasse seda, alguém se dedicaria ao Estado. Porque será que hoje, um numero infinito de bonzos,

homens e mulheres, vivem e se vestem ao custo do suor alheio, ocupando uma infinidade de obreiros, em construir por toda parte, e ornar por preços fabulosos, soberbos edifícios?”

Se sente neste trecho acima, que o imperador, estava formando uma idéia, para emitir um decreto, tendo por fim, suprimir um grande numero de conventos budistas.

Por outro lado o Budismo introduziu na China alguns conhecimentos astronômicos e matemáticos, introduzindo a abstração científica; o que não fizeram os sectários de Lao-Tseu.

Esta pequena vantagem, é mais que compensada pelo imenso inconveniente de um espirito teológico arbitrário, divagador, impelindo a uma vida monástica, completamente ociosa.

1.1.3) O Terceiro Elemento Modificador da Civilização Chinesa: (Teologismo Cristão)

O Cristianismo - O CATOLICISMO – O Protestantismo.

Quanto a Doutrina do Catolicismo, o terceiro elemento modificador da civilização chinesa. Ele não teve na China, senão uma influência muito secundária. No entanto introduziu, na época da grande missão dos jesuítas, algumas noções científicas, que lhe foram úteis; mas com todo respeito, esta influência foi mínima, e inteiramente secundária; mesmo hoje por influencia do livre arbítrio dos protestantes, poucos adeptos tem surgido, mesmo com gastos vultosos em pastores protestantes, oriundos principalmente dos USA.

1.1.4) O Quarto Elemento Modificador da Civilização Chinesa: O COLONIALISMO / CAPITALISTA.

O Altruísmo Chinês, sufocado pelo egoísmo Europeu.

Quanto a Doutrina Capitalista-Colonialista, o quarto elemento, na série cronológica, de ações externas, de influência conturbadora, na Civilização Chinesa, teve origem, com maior freqüência, com a Revolução Comercial, que se intensificou com a era de Colombo, ao consolidar as rotas marítimas; que preparou assim, o caminho para a Revolução Industrial. Os ditos descobridores ou invasores começaram a conhecer as outras civilizações, abriram-se novos portos e trouxeram as antigas culturas, os produtos e as idéias da Europa.

Bem cedo no século XVI, os portugueses depois de se estabelecerem na Índia, ocuparam Malaca, rodearam a península Malaia e apareceram em Cantão, com suas pitorescas naus e terríveis canhões (1517) – “ Truculentos e sem respeito por nenhuma lei, olhando todos os povos do oriente como legítimas prezas, poucos mais eram do que piratas” os chineses o trataram como tais. Seus emissários eram aprisionados; e o pedido que fizeram de liberdade de comércio foi recusado e a cadeia em que foram encurralados, era periodicamente varrida

pelos furiosos chineses, com toda razão. No entanto, a partir do século XV, com as rotas marítimas, abertas pelos portugueses; e em 1557, os chineses por recompensa, devido ao auxílio recebido dos piratas portugueses, contra outros piratas, deixaram que eles se instalassem em Macau, e governá-la como se fosse sua cidade. Eles iniciaram a introdução do ópio, e construíram muitas fábricas deste tóxico.

Os espanhóis também, por lá estiveram, via Filipinas – 1571; se estabeleceram na ilha de Formosa; depois vieram os holandeses; e finalmente em 1637, cinco naus inglesas, subiram o rio em direção a Cantão. Os chineses não fumavam, os portugueses os ensinaram, e no começo do século XVIII, passaram a incrementar tal uso nos chineses – O Perigo Branco – em 1795, ano que o governo proibiu a importação do ópio; esta proibição foi reiterada em 1800. O ópio aniquila enfraquecendo a vitalidade, e provoca inicialmente uma sensação de prazer e euforia. Contudo, quanto mais vezes for utilizado, maiores serão as quantidades que o organismo exige para alcançar a mesma sensação de “bem-estar”. A interrupção do uso causa muitos distúrbios, o que faz com que os dependentes mantenham seu aumento de consumo para evitar os efeitos adversos. Tornando o ser humano um alucinado, descontrolado, desvairado, oscilando entre a loucura e a idiotia, tornando-se improdutivo. Por isso os chineses se mostravam ansiosos em comprar e os europeus ávidos por faturar; mesmo sabendo da atrocidade que estavam cometendo.

Mesmo que o governo proibisse, o suborno dos funcionários públicos chineses, daquela época, aplainavam o caminho.

Com esta atitude comercial, os europeus perceberam que com a munção de ópio, era possível dominar uma nação, e ganhar muito dinheiro, com recebimento em prata.

A Primeira Guerra do Ópio, 1839 – 1842, os ingleses foram parar em Hong-Kong, e bombardearam todas as cidades que estavam aos seus alcances, próximo do litoral, pelo domínio do Grande Canal, que dá acesso à Cantão. Pelo tratado de Nanquim, que evitava qualquer menção ao ópio, cedeu aos ingleses a ilha de Hong – Kong, abriu o comércio estrangeiro aos portos, Cantão, Amoy, Foochow, Ningpo e Xangai; baixou as tarifas; e impôs indenização, que cobrisse as despesas de guerra e os prejuízos do ópio destruído, bem como estipulou que o cidadão inglês na China, só pudesse ser julgado por tribunais ingleses; outras nações inclusive os USA e França conseguiram obter este direito, para os seus nacionalistas.

É neste ponto que se inicia a trama, maior, contra a civilização chinesa, com vista a sua desintegração moral, desestruturando a formação da harmonia mental, no cérebro de muitos chineses.

Nesta época, em 1843, surgiu um entusiasta de nome Hung Hsiu-ch'uan, que por breves contatos com teologistas protestantes, com apoio dos Ocidentais,

se dizia demagogicamente ter visões, de que fora eleito por Deus, para converter a China ao Cristianismo; criando uma nova dinastia – Grande Paz – os T'ai P'ing, só cometeram atrocidades; e não tiveram apoio da grande massa fetichista, que se uniu de 1856 à 1860, na Segunda Grande Guerra do Ópio, quando a Inglaterra apoiada pela França e os USA, pediu a legalização do tráfico do ópio, que nunca cessara, apesar das proibições e das desordens; e também pediu acesso a mais cidades, e a honrosa admissão de representantes ingleses, na corte de Pequim. Diante da recusa, os ingleses e franceses capturaram Cantão, enviaram o seu vice-rei para a Índia, tomaram vários pontos estratégicos, destruíram o Palácio do Verão, como represaria dos emissários que foram a Pequim, hoje Beijing.

Finalmente os vitoriosos, forçaram os vencidos a subscrever um tratado, que abria 10 novos portos ao comércio estrangeiro, assegurava a recepção aos ministros europeus e americanos, em pé de igualdade, com o governo chinês, obtinha garantia para os missionários e comerciantes em qualquer ponto do país, e tirava-os da jurisdição chinesa; cedia aos ingleses uma facha de terra, no continente, em frente a Ilha de Hong-Kong; legalizava a importação do ópio e impunha a clássica indenização ocidental.

Animados destas fáceis vitórias, as nações européias começaram a se servir de pedaços da China. A Rússia, em 1858, tomou território ao norte do Amur e a leste do rio Ussuri; os franceses se apropriando da Indo-China, em 1860; o Japão, depois de um ano, em 1894, se apoderando de Formosa, separou a Coreia para uma futura absorção(1910); a Alemanha tomou a península de Kiaochoo(1898); e neste mesmo ano de 1898, os USA ficaram com a Filipinas, visando a posse do comércio chinês.

Nesta mesma época, outro ato do drama chinês, se desenrolava em Pequim, hoje Beijing, quando os aliados europeus invadiram em triunfo a capital, durante a Segunda Guerra do Ópio, o jovem imperador Hsien Feng fugiu para Jehol; vindo falecer um ano depois, deixando o trono ao seu filho, uma criança de cinco anos; mas a mãe do menino, Tz'u Hsi, conhecida no ocidente, como Rainha Viuva, e na corte como o Velho Buda, tomou as rédeas do Império, e impiedosamente governou a China, durante uma geração, com a ajuda de um grande estadista Li Hung-chang, conseguindo mantendo a paz interna e o respeito, pelas potências predadoras. O seu filho herdeiro Kuang Hsu, as escondidas, lançou uma série de decretos prodigiosos; caso tivessem sido aceitos pelo povo e executados, provavelmente teriam promovido a rápida ocidentalização da China, e evitado o colapso da dinastia e do império. Este jovem imperador, ordenou um novo sistema de escolas, que além da educação confucionista, também ensinassem as ciências ocidentais, a literatura mundial e a tecnologia; lançou as bases da construção das estradas de ferro, reforma do exército e da marinha, afim de defende-los da crise, que surgia de todos os lados, por “ poderosos vizinhos que procuram tirar vantagens” . A Imperatriz Viuva, aprisionou o filho, em um palácio, e enfurecida anulou as medidas e voltou a governar a China.

Um movimento reacionário contra todas as idéias ocidentais, liderada pela astuta Viuva, canalizou os chineses, para os seus propósitos. Surgiu em contra partida, outra organização, conhecida como I Ho Ch'uan – “ Grêmio dos Pulsos Justiceiros” ou historicamente os “ Boxers” , com objetivo de derrubar a imperatriz e a dinastia.

No entanto esta inteligente rainha, fez com que os líderes deste movimento, se voltassem contra os estrangeiros, em vez de lutarem para derrubá-la. Aceitando a missão, os Boxers, começaram a chacinar qualquer estrangeiro.

Forças européias, marcharam sobre Pequim (BEIJING), a imperatriz fugiu, para Hsianfu, e as tropas da Inglaterra, França, Rússia, Alemanha, Japão e dos USA, saquearam a cidade, chacinaram muitos chineses; roubaram e arruinaram várias valiosas propriedades.

Naquela época, estes aliados do Ocidente, impuseram uma indenização de \$US 300.000.000, a ser coletadas pelos estrangeiros na alfândega e tirada diretamente do monopólio do sal. Grande parte desta indenização foi mais tarde instituída à China, pelos USA, Inglaterra, Rússia e Japão, com objetivo de que fosse gasto em bolsas de estudo, para os jovens estudantes chineses, poderem ser mantidos nas universidades destes países; com objetivo de alimentá-los, pela fantasia da democracia capitalista; dito como gesto de generosidade, que nada de generosidade existiu; e sim de investimento macabro, para distorcer as mentes dos jovens chineses, conhecidos como “estudantes da indenização”, bem como milhares de outros, que foram explorar a civilização dos seus conquistadores. Muitos foram para Inglaterra, Alemanha, USA e Japão. Só nas universidades dos USA, graduavam centenas por ano. Iam com idade de alto grau de imaturidade, para não aprenderem o valor da cultura nacional chinesa.

Embriagavam-se da admiração diante da ciência ocidental, métodos e idéias; espantavam-se com o conforto e da vigorosa vida de luxúria, em torno de si; da liberdade ou melhor da liberalidade do indivíduo e da emancipação. Estudaram a filosofia ocidental; perderam a fé na religião nativa, no Fetichismo; e ficaram na posição de respeitáveis radicais, impelidos pelos seus professores, teologistas, metafísicos e científicos, para serem os futuros guardiões e promotores da “remodelação” da Pátria distante.

Milhares destes moços retornaram à China, convictos do atraso do seu país, lançando por todos os cantos a semente da revolta.

Uma série de circunstâncias os favorecia.

Por duas gerações os traficantes de ópio e missionários europeus e americanos, agiam como centro de infecção ocidental; estes estrangeiros, mantinham-se num padrão de vida , que excitava os jovens chineses, a adotar a promissora civilização ocidental; minavam a fé chinesa, alicerce do velho código moral; destruíam a adoração dos antepassados, pondo uma geração contra a

outra; embora prega-se um Jesus de bondade; no entanto nas emergências, protegidos por poderosos armamentos pesados. Como sempre os teologistas, de formação absolutista, amantes da guerra, como solução para os seus problemas, já esquecidos, que na suas origens, foram um levante de oprimidos, provocam novamente entre os chineses convertidos, um fermento de revolução.

Em 1911, o Dr. Sun-Yat-sen (1886 – 1925), fundador da República da China, depois de correr o mundo, atrás de dinheiro para fazer uma revolução, pois se sentia humilhado em ver o seu povo ser explorado, pelos estrangeiros, principalmente pela humilhação, dos estrangeiros, que tomavam conta das alfândegas; foi prezo na Inglaterra e deportado, salvo por amigos; fizeram os ingleses, mudarem de opinião; e depois, ainda no exterior, tomou conhecimento, que as forças revolucionárias, tinham vencido e o haviam escolhido, para ser Presidente, chegando aclamado em Hong-Kong. Mas foi logo substituído por um revolucionário da velha escola, Yuan Shi-kai, e seguiu para Cantão para ensinar e inspirar os moços na arte de governar, falecendo em 1925; deixando todas as províncias, sem uma mesma direção, já não estavam instituindo mais o hábito da obediência aos costumes e as leis; fraca em patriotismo nacional e forte em provincial; a China caiu na guerra entre o norte e sul, numa seção contra a outra; do que não tem, contra o que tem; do moço contra o velho.

Os aventureiros organizavam exércitos, como tuchuns, as províncias isoladas, cobravam impostos, produziam ópio, e saíam em incursões, para anexar aos seus domínio, novas vítimas. A indústria e comércio, taxada por um general, e por ora por outro, caíram na desordem e no desespero; bandidos impunham tributos, roubavam e matavam, sem que nenhuma força pudessem combater-lhes. Os homens se tornavam soldados ou bandidos, para não morrerem de fome; e destruíam os campos de outros homens, que para não morrerem de fome, também viraram soldados ou bandidos.

Reservas de uma vida inteira ou a modesta loja de uma família industrial, eram apropriadas por um general, ou saqueada por um grupo de ladrões.

Na província de Honan, em 1931 havia 400.000 bandidos. Mais alguns poucos anos o Brasil, se os Governantes brasileiros não educarem Positivamente os seus cidadãos, vai chegar com facilidade nestas cifras.

No meio de tamanho caos, mergulhada em uma guerra civil, na qual os chefes militares locais, apoiados por potências estrangeiras, disputavam fragmentos do país.

1.1.5) O Quinto Elemento Modificador da Civilização Chinesa: A DOUTRINA COMUNISTA da Rússia Bolchevista– O COMUNISMO

Para melhor entendimento, da Doutrina Comunista, por uma análise positivista ou científica; aconselho aos leitores, procurarem o Artigo Comte e Marx, de minha autoria, em ARTIGOS; no site www.geocities.com/doutrinapositivista,

onde encontrarão a demonstração da completa inanidade lógica, do método dialético de raciocinar, que intoxica o encéfalo dos seus praticantes, do letal veneno deste perigoso espírito de contradição, que os compele a só enxergar, por toda parte, lutas e antagonismos. O Mundo é para os Puros Comunistas Bolchevistas (Marx/Hegel - Lenine), um eterno campo de batalha. Pois vivem com o encéfalo atulhado de petardos de dinamite, com o sistema nervoso mergulhado, num verdadeiro campo magnético de conflitos imaginários; metafísicos e científicos. Mas, ele trouxe por outro lado, de forma positiva, por ter favorecido a criação das condições subjetivas, para o desenvolvimento do Estado de Abstração, na formação da parte científica e tecnológica, da Civilização Chinesa, grandes vantagens de desenvolvimento científico. Como o fetichismo, está altamente enraizado; a dialética de Hegel, para os chineses, entrou para colaborar, nos Órgãos da Inteligência humana, com vista a ativar mais, a operacionalidade do Órgão - Contemplação Abstrata; como uma ferramenta para aguçar o subjetivismo, durante a Operação Cerebral de Abstração; que estava/está muito enfraquecida, devido a Educação Religiosa, ter como base a Religião ou Doutrina Fetichista; onde quem está maximizadamente aguçado, é o Órgão da Contemplação Concreta. Vide Teorema Cerebral, de Augusto Comte – que explica o comportamento da “Alma”, cientificamente: “ Alma” = Sentimentos/Inteligência/Caráter ; pela Teoria da Abstração. Explicação desta Teoria pode ser encontrado no Livro – *Manobre Você Mesmo o seu Destino*- encontrado na site www.geocities.com/doutrinapositivista

Continuando, dentro do item 1.1.5 -:

Este movimento que se inicia em 1919, e se propaga até 1949; conhecido na China de hoje, como “ A Revolução da Nova Democracia” ; movimento de 14 de maio de 1949, considerado como o manancial ideológico, que provocou o surgimento da História da “ China Moderna” . No entanto, o fator mais importante, foram os movimentos provocados, pelos tratados desiguais, impostos à China, depois da Primeira Guerra Mundial. Um vigoroso patriotismo deu lugar a este protesto, com a tomada de iniciativa pelos estudantes. Graças a este movimento, foi possível entrar na China várias doutrinas, dentre as quais se destacou a Doutrina Comunista.

Foi neste momento de caos, que 12 pessoas de diferentes partes da China, se reuniram em uma casinha, no setor francês, de Xangai, em 1921, para realizar o Primeiro Congresso Nacional do Partido Comunista da China (PCCh). E sobre a direção do PCCh, o povo apoiou, a Revolução Comunista Chinesa, que hoje recebe conturbadamente, na China, o nome de “ Revolução da Nova Democracia”. **Este termo democracia aqui empregado é impróprio e confuso – Democracia, não tem nada haver com comunismo, são dois regimens antagônicos. A democracia, é uma quimera; “ é um termo que deve ser eliminado, como vago, impróprio e subversivo”- Augusto Comte – Vide meu artigo Escravidão Moderna – em Artigos, no site www.geocities.com/doutrinapositivista ; e por outro lado já dizia Aristóteles, com plena razão, que o pior dos Regimens era o democrático; pois faz subir ao poder, o pobre e o inculto. A**

Política. **E quanto ao comunismo**, “além de se colocar em condições antagônicas passageiras com outras doutrinas viciosas; ele não tem valor fundamental, senão em virtude, do sentimento que inspira, sem que se possa jamais admitir, sua solução ilusória e subversiva”. A . Comte – Apelo aos Conservadores pag. 94. **Assim**, “o comunismo é o último estado verdadeiramente honroso e perigoso, dos instintos revolucionários” – Augusto . Comte - Política Positiva – Volume IV – pag. 475. Vide meu Artigo Comte e Marx, no site www.geocities.com/doutrinapositivista

O Novo Partido deu prioridade à organização dos trabalhadores e teve considerável sucesso. Em 1922 a Rússia mandou dois de seus hábeis diplomatas ,Karakhan e Joffe, com ordem de arrastar a China à Revolução. Karakhan preparou o caminho, com a desistência por parte da Rússia, do direito de extraterritorialidade, pela assinatura de um tratado, que reconhecia o governo revolucionário. O sutil Joffe não encontrou dificuldade, em convencer Sun Yat-sen, das vantagens do comunismo, sobretudo porque Sun, fora repellido por todas as outras potências. Em um espaço relativamente curto, um novo exército nacionalista fora armado e treinado, sob o comando de Chiang Kai-shek, antigo secretário de Sun, mas guiado por um conselheiro russo, Michael Borodin, esse exército marchou de Cantão, para o norte, conquistou todas as cidades, e finalmente se firmou em Pequim, hoje Beijing , que na época da Revolução; passou a chamar Peiping – o Norte Pacificado; o Governo Nacionalista , para ficar mais perto dos seus recursos financeiros em Xangai, fixou-se em Nanquim, “ a Capital do Sul “ .

O General Chiang Kai-shek, com seu partido nacionalista Kuomintang – KMT, com vista a enfrentar os chefes militares, acordou uma união com o PCCh, mas no momento da vitória, atacou o movimento comunista e estabeleceu uma ditadura retrógrada militar, realisticamente à serviço, dos grupos financeiros e comerciais. Com este triunfo do KMT, em 1927/28, rendeu seu aliado, massacrando 40.000 sindicalistas comunistas; por pertencerem a sindicatos.

Esta China, no período da KTM no poder, onde o caos espiritual era reinante, devido ao conflito entra a religião de moral Fetichista, e a de Imoral metafísica, do Imperialismo Capitalista, de visão maior financeira individualista, nos grandes centros industriais; com o início, dos movimentos metafísicos da religião ou doutrina Comunista, nos campos. Fez com que o poder do KTM, tornasse o ambiente hostil e propício para mudanças, de forma violenta.

No entanto este governo liderado pelo KTM, depararam com três grandes problemas:

- a) O KMT só tinha sobre o seu comando cinco províncias.
- b) Revolução interna dos Comunistas , com Mao, nos campos. (1930)

c) A agressão japonesa à região de Dongbei Pingyuan (Manchúria) , no norte da China.

O Sentimento Altruísta, predominante nos chineses fetichistas, no seu amável hábito, devido a Veneração aos familiares, aos mais velhos, conturbou a formação da mão de obra, por competitividade, isto é, a disputa; e infelizmente, sem levar em consideração o Mérito dos Familiares – (Mérito = Competência, Capacidade, Altruísmo e a Situação), escolhiam os proletários e os patronais, sem levar em conta o Mérito de cada um; transformando assim, cada escritório ou fábrica, moldadas pelas organizações semi-capitalistas, em ninhos de incompetência e nepotismo; onde o valor individual subordina o valor social. Não separavam as atividades do Estado, das Espirituais ou Sacerdotais.

O comércio se vê embaraçado pelas tarifas internas e alfandegárias, e pelas abusivas e imorais gorjetas; no entanto caminha mais rapidamente que as indústrias; as novas indústrias destruíram as Corporações, e levaram ao caos, as relações entre patronais e proletários. As Corporações que regulavam o salário e o preço dos produtos, que não tinham competição nos mercados locais, entre os patronais e proletários; mas com a facilidade do transporte e do comércio, as mercadorias longe de mais que chegavam, eram impossíveis de serem controladas seus preços e salários, sem submissão ao capital e aos fornecedores estrangeiros. Desta forma, as Corporações se desintegraram; e surgiu os Sindicatos dos Proletários de um lado, e as Câmaras de Comércio de outro. As Câmaras discutiam ordem, lealdade e liberdade; e as Federações de Proletários discutiam a FOME.

Greves e boicotes se tornaram constante, no entanto conseguiram elevar o salário dos trabalhadores. Mas com o passar dos tempos, desde 1919, com as primeiras reuniões das Uniões, isto é, dos Sindicatos, com um crescente poder e número, até que nos dias de Borodin, se propuseram tomar a direção da China; mas foram severamente reprimidos por Chiang Kai-shek; mas os operários continuaram em suas lutas, multiplicando o seu único refúgio, contra os imperialistas capitalistas, da ditadura retrógrada do General. O centro de trabalho, predominava a dolorosa miséria dos proletários, com 12 horas de trabalho por dia, e os salários mal davam para a subsistência, mostra-se pior que a antiga simples e humilde pobreza tradicional, sem luxúria, repartida em família; em que o pobre não via o rico, e aceitava sua sorte, como fatalidade natural e inevitável.

Pobre e Rico, sempre irão existir; o que não pode ocorrer; é miserável e milionário.

É possível que o mandarinato, embora não houvesse perdido a vitalidade, e não estivesse desonrado pela corrupção, poderia ter detido o ímpeto industrial, até que a China ficasse em condições de recebe-lo sem caos e escravidão. Podendo ter criado uma nova classe, depositária do poder público deslocados da aristocracia rural, como ocorreu na Inglaterra com os manufatureiros.

Este poder comandado por Chiang Kai-shek, sem um bom exército, sem chefia com experiência e sem recursos; com KMT, ou Partido do Povo, que foi fundado para libertar a Nação, preferiu-se manter-se de lado, e deixar que o capital de dentro e de fora, agisse a vontade; concebido de forma democrática e batizado com sangue dos comunistas, tornou-se dependente dos banqueiros de Xangai, passando da caótica democracia, para uma ditadura retrógrada, que procurou destruir as Uniões (Sindicatos).

Só cometeu tristes erros, para o povo da China, e não resolveu os problemas sociais e nem morais: Pelo campo material alargou a área legalizada da China, com planos de conquista, de elevado cunho imoral; reduziu o banditismo, tão nefasto a vida econômica; mas este banditismo surgiu, devido as mazelas provocadas pelo próprio regimen governamental, que comandava.

A falta de unidade, devido a perda da substancia moral fetichica, nesta época, reflete a divisão de grande parte da alma patriótica chinesa. **O sentimento mais forte, da massa, era animado pelo nacionalismo – o ódio ao estrangeiro; era infelizmente o processo em vigor; era a imitação do luxo estrangeiro; não somente no campo material, isto é, na prática; mas também no moral, isto é, no espiritual (*); fugindo das suas educações espirituais tradicionais, gerando mais conflito e menos construção para o bem público; por consequência ao bem familiar e ao bem pessoal. (*) Em 1997 à 2003, estamos iniciando ver este filme pela terceira vez; pois a massa chinesa, em nada vai mudar, com este capitalismo do século XXI; vai piorar o problema interno, principalmente devido ao desemprego, já em 1998, 30.000.000 de trabalhadores das 400.000 fabricas para - estatais, já estavam desempregados.**

A China sabia que, por fatores históricos, que o Ocidente não merecia semelhante tratamento carinhoso, mas se vê forçada a adotar, as mesmas armas, pois o dilema é industrialismo ou vassalagem de escravidão.

Assim, lá na década de 1930, os chineses das cidades do leste, passaram do campo para as fábricas; das cabaias às calças; das melodias do passado, para sinfonias de saxofone; abandonam o fino gosto, próprio do vestuário, na mobília e na arte; para enfeitar as suas paredes com pinturas européias; e montar escritório de estilo americanizado.

Suas mulheres deixam de comprimir os pés; seus filósofos, abandonam o Altruístico raciocínio de Confúcio; e propagam com entusiasmo, o sentimento egoísta dos Ocidentais; com as disputas, as discussões, do conflitar, do impor por direito, e não por cumprir suas ações, com base nos DEVERES; ditados pela Religião Fetichista, propagada por Confúcio e outros. Começaram a se esquecer de subordinar os direitos aos Deveres. Técnica psicológica propagada pelos psicólogos ocidentais (filósofos do conflito), formadores da lavagem cerebral, nos divãs dos consultórios dos seguidores de Psicanalistas Freudianos ou de outros Metafísicos Psicanalistas, com técnicas de alto grau egoística; para contemporizar

as necessidades dos planos dos democratas -capitalistas - Imperialistas; de propagar que a personalidade, ou melhor, o individualismo, deve estar acima da sociabilidade.

Este início do destronar o Confucionismo já revela uma desestruturação de uma Religião Milenar, que deveria ser o esteio moral, do espírito do povo chinês; por algum tempo este Novo Estado, liderado ainda pelo Partido do Povo, da KTM de Chiang Kai-shek, achavam derrubar o Aristóteles Chinês e manter a rejeição aos teologistas - do pensamento Budista. Por algum tempo, este governo perseguiu o Budismo e as suas Ordens Monásticas; os rebeldes revolucionários eram “livres-pensadores”, abertamente hostis à velha religião; no entanto iam procurar a Razão, nos metafisismos de Lao-Tze .

A Revolução desta época, abolia a teologia budista, pois acreditava que a pobreza podia ser destruída; por isso não necessitava que surgisse os necessários deuses, a onde houvesse pobreza.

O confucionismo tomava a agricultura e a família, como organismos sociais de grande importância, e formulava uma ética, disposta a manter o equilíbrio entre as atividades familiares e da agropecuária

A pretensa Revolução Capitalista Colonialista, vinculada à Indústria, exigiu uma formação política imoral, adaptada as condições urbanas; que contrariavam a noção social de moral fetichista, dos chineses desta época; visando a destruição do velho sistema familiar e sua substituição, pelo individualismo, que deixa cada criatura humana livre e sozinha, diante do mundo. Isto é, maximizar o egoísmo e minimizar o Altruísmo. Criando uma moral metafísica – que não leva, a uma construção pacífica ; isto é, ao Progresso, com Ordem.

A Educação pelo Confucionismo, fez com que, o concurso público e ocupações culturais de governo, exigiam o seu conhecimento e aceitação; mas quando o sistema de exame desapareceu; a filosofia científica, tomou o lugar da filosofia fetichista, invertendo a subordinação da política á moral, nos ensinamentos escolares; o homem já não é moldado para o governo, e sim para a indústria e para o comércio.

“ O Confucionismo, conservado nos seus princípios, controlava os ímpetos da mocidade, com as cautelas da velhice; a Revolução feita de juventude, não aceita controles; sorri, do velho conselho.”

“ Aquele que considerando inúteis as velhas barragens, as destruindo, sofrerá das desolações, que as enchentes trazem” (Latourette, ii , 174)

O fato mais valioso, do período de Chiang Kai-shek, como indicado neste dois últimos parágrafos acima, foi quando ocorreu pelo movimento Vida Nova, que ele tentou, com algum sucesso, a restauração do confucionismo.

Esta Revolução da Vida Nova, procurou por fim, a Religião Fetichista, procurando fazer com que a população, evita-se fazer suas referendas ao Céu, aos astros.

Quanto a veneração aos antepassados, foi tolerada, mas visivelmente foi decaindo; mais e mais os homens tendem a entrega-la às mulheres, que outrora eram tidas como impróprias para officiar estes ritos.

Metade destes Chefes Revolucionários Nacionalistas foram educados em colégios cristãos; mas a Revolução não favorece nenhuma fé ao sobrenatural, e dá aos seus livros didáticos o tom científico. (Latourette, ii , 176) ; interpretado por muitos, como ateuista.

Mas este nacionalismo, reinante nos grandes centros, sem base doutrinária adequada, não satisfaz a todos; muitos proletários procuram os videntes, e os charlatões das seitas de Lao, que também não convencem, para fazer frente a um refúgio contra os problemas diários.

Os povos das aldeias, ainda encontram consolação e refúgio espiritual, na quietude das suas meditações fetichicas, nos velhos altares e templos, dos ensinamentos do Fetichismo espontâneo e sistemático.

A lealdade à Família, sobre a qual a velha ordem se sustentava, foi sendo pouco a pouco, substituída pela lealdade ao Estado; e como a nova lealdade, não havia passado ainda da teoria à prática; a nova sociedade, estava sem base moral, para poder dar continuidade ao seu desenvolvimento.

A agropecuária favorecia a Família, porque antes do advento da máquina, era a terra trabalhada economicamente pela Família, ligada pelo Altruísmo, comandado pelas Mães e pela autoridade paterna. Mas a industrialização capitalista, rompe, com este grupo, porque oferece emprego a indivíduos, e não a grupos de Famílias; e não oferece o emprego ou colocação com garantia de constância; e não reconhece a obrigação do forte ajudar o fraco; o espontâneo comunismo da família, não encontra apoio, na amarga competição da indústria e do comércio.

A gerações mais jovens, sempre irritadas com a autoridade dos mais velhos, devido a propaganda do egoísmo sobre o altruísmo, aceitam de bom grado, o anonimato da cidade e o individualismo do emprego; na guerra da competição.

A vida cultural chinesa estava abalada; o velho casamento desapareceu, com a autoridade da família; nas cidades já predomina o casamento feito pela escolha dos próprios nubentes. A poligamia diminui, porque a mulher moderna objeta contra a concubina. O divorcio é nesta época muito raro.

Os dois sexos nas universidades, estão em paridade. A população chinesa, tem decrescido a sua taxa crescimento; mesmo assim, 50.000 chineses, permaneciam nascendo por dia. (Park, 114) – Tudo era novidade; o talhe da roupa, o corte de cabelo – na ocupação, nos hábitos, nas maneiras de se comportarem, na religião e na filosofia. O rabicho , lá se foi, bem como as belas maneiras, dos bons tempos; os egoísmos, de forma de ódio, de disputa, trazidos pela revolução embruteceram a alma dos chineses, das grande cidades; os radicais acham difícil serem corteses, com os conservadores. (Close, Upton, Revolt of Asia, 245)

A tranqüilidade da antiga raça, transformou-se, no corre-corre do capitalismo industrial, algo mais expressivo, no entanto mais volátil; o Amor a Paz que havia se desenvolvido na China, depois de séculos de guerra, foi na época abalado pelo extraordinário caos do desmembramento nacional – as escolas fazem de cada estudante um soldado – e os generais voltam a ser os heróis.

O mundo da educação, para poucos, que não deviam ter desprezado Confúcio, o fizeram; lançando-o ao esquecimento, e se abraçando as aplicações científicas. Pois não era necessária a rejeição ao Mestre, pois as bases dos sentimentos altruístas fetichistas, que deveriam ter sido acomodados, com o espírito da inteligência científica, foram realmente desprezadas; fazendo com as suas aplicações, tivessem sido mais para o bem do que para o mal; mas a conquista do egoísmo, empregado pelos psicólogos, foi e é, uma trama e uma conspiração, da maldade para com a bondade, para que o sistema capitalista pudesse e possa se configurar; nas suas metas, de disputa, de lucro, visando não o social, mas sim o individualismo. – pois o resultado é a concentração de renda.

A matemática e a mecânica eram populares, porque são delas que saem as máquinas; das máquinas saem os canhões; e os canhões podem preservar as liberdades.

A educação médica, estava em grande progresso, com a benemerência da Fundação Rockefeller

Uma escrita de 1000 caracteres, Pei-Hua (1920) - em lugar da de 40.000, foi facilmente aprendido pelo povo – muitos jornais adotaram esta escrita, pela linguagem “ mandarim” , ensinada por Hu Shih, realizando assim uma união, para melhor entendimento em todo o País.

Mas com isto tudo, a China estava se tornando cada vez mais pobre no seu todo, em benefício de poucos, que habitavam os grandes centros,. Não estava havendo também uma assimilação, da civilização ocidental, de modo a “ torná-la o prolongamento orgânico da civilização criada pelos próprios chineses” (Hu Shih, 8) -

Quando nesta época encontramos os campos abandonados e destruídos pelas secas e inundações; os estragos nas matas, o estuporamento dos

camponeses; a alta mortalidade de crianças; o inervante trabalho nas fábricas; os cortiços devastados pelas doenças; a pratica da corrupção; a indústria dominada pelos estrangeiros; e a fraqueza do governo e tantas outras mazelas; demonstravam que não era isto, que o povo chinês, desejava para o seu futuro.

Por essas e outras razões, que no início da década de 1930, surge um líder do PCCh, Mao Zedong (Mao Tsetung), que resolveu lutar para mobilizar o camponês chinês e transforma-lo em força revolucionária, e se deslocou para as zonas rurais, com os seus líderes políticos, onde organizaram politicamente o partido e criaram um exército de origem camponesa.

A Revolução, o povo faz em um dia, mas a construção de um governo é obra lenta.

Foi em 1934, que os comunistas ao serem sitiados por exércitos do KTM, seus líderes e servidores, empreenderam uma retirada; e esta jornada ficou conhecida como a Grande Marcha, que durou mais de um ano, onde morreram 92.000 pessoas; durante a qual sofreram muitos ataques, doenças, mas conseguiram resistir e se agruparam, entorno de 8.000 sobreviventes.

Em 1937, a invasão japonesa fez com que PCCh e o KTM, deixassem de lado suas discordâncias e formassem uma Segunda frente, para lutar contra o inimigo comum. Durante esta guerra, os comunistas conseguiram aumentar sua influencia, entre os trabalhadores nas regiões controladas pelo KTM e seu comandante, Chiang Kai-shec, que se preocupava em lutar mais contra os comunistas; e por várias vezes, violou os pactos; e em uma dessas violações, os seus próprios generais o prenderam, obrigando-o a negociar com o PCCh, e a resistir aos japoneses.

Já em 1938, os japoneses já dominavam grande parte do nordeste da China, o interior do Vale Yangtzé; até Hangzhou; e a zona ao redor de Cantão, na costa do sudeste.

Com o início da II Guerra Mundial (1939-1945), o governo liderado pela KTM, sofreu um importante enfraquecimento militar e financeiro; pois seus aliados estavam envolvidos, com a guerra mundial. Aproveitando este enfraquecimento os comunistas chineses, consolidaram a ocupação de grande parte do norte da China; e se infiltraram em muitas regiões rurais. Grande número de camponeses se organizaram e se filiaram no Partido Comunista e no Exército Vermelho – Exército da Libertação Popular.

Derrotados os japoneses, na II Guerra Mundial, em 1945, a aliança entre os da KTM e os Comunistas se rompeu, abrindo caminho para a guerra civil, a corrupção e o autoritarismo próprio dos KTM., que o impediram de enfrentar em pé de igualdade os exércitos comunistas e seus simpatizantes; que lutaram pelo controle da Manchúria.

Com a criação do Exército da Libertação Popular, em 1947, os comunistas derrotaram o Exército Nacionalista (KTM), na Manchúria.

Em 1949, os partidários e o próprio Chiang Kai-shek, se refugiaram em Taiwan, antiga Formosa. Com apoio dos USA traçou planos de reconquistar a China Continental.

Em setembro de 1949, os comunistas se reuniram na Conferência Consultiva Popular da Política Chinesa – que definiu as diretrizes, e princípios políticos; e uma lei orgânica para governar o país.

Mao Tsetung, foi eleito e nomeado Presidente do Governo Popular Central, deste Organismo.

Em 1º de Outubro de 1949, mais de 300.000 pessoas se reuniram Tain'anmen, em Pequim, hoje Beijing, a majestosa cerimônia de inauguração da Nova República, tendo como Presidente do Governo Popular Central, o Sr. Mao Zedong, que proclamou solenemente a fundação da República Popular da China.

A indústria privada passou gradualmente ao controle da propriedade Mista - Estatal, a URSS colaborou muito nesta época.

Nacionalizaram todas as propriedades estrangeiras, e colocaram em prática, amplos programas de saúde e de educação.

Quanto a política exterior, em 1950, a China e a Rússia, assinam um tratado de amizade e aliança; e também com outros vizinhos. Neste mesmo ano a China iniciou a conquista de seus territórios, mais antigos, o Tibete e Taiwan.

O Plano Quinquenal de Desenvolvimento (1953 –1957), utilizou muitos elementos do modelo da URSS; onde priorizou o investimento industrial, sobre o consumo; e a indústria pesada sobre a leve; de acordo com um planejamento econômico centralizado. A Renda Nacional aumentou na base de 8,0%; se construiu uma base industrial inexistente; até aquela época imprescindível, para a industrialização do País; incluindo a fabricação de aviões e de automóveis, máquinas pesadas e de precisão – equipamentos de energia elétrica, siderurgia, instalações de mineração, aço de boa qualidade e fundição de ligas metálicas não ferrosos.

No poder, os comunistas instauraram uma profunda reforma agrária; uma continuação do que já haviam iniciado, nas zonas liberadas, antes desta sua vitória. Em 1953 se consolidava, o controle do regimen comunista.

Em 1954, o Congresso Nacional Popular aprovou a minuta da Constituição, que foi enviado ao Comitê Central do Partido Comunista Chinês. A política básica

do regimen comunista, era transformar a China em uma sociedade Socialista, para tanto se utilizou dos princípios do marxismo-leninismo.

A construção de uma forte base industrial somente poderia ser utilizada, extraindo um grande excedente das áreas rurais, mas entorno de 1957, a produção estava estagnada.

Na procura de soluções para os problemas do país, e em nome do debate aberto foi lançado uma campanha para que “ brotasse 100 flores e competissem 100 escolas de pensamento” , que convidava o povo a criar um sistema e propor alternativas. Como a maioria jamais tem e teve razão, para propor algo para o seu próprio bem, somente por acaso acertam; em vez de propostas, o próprio povo começou a reclamar da falta de liberdade democrática, isto é, desejo de liberalidade; pondo em dúvida o Partido do Governo; foi quando surgiu uma campanha “anti-direitista”, que reprimiu aqueles que tinham manifestado a sua opinião contra as metas do Partido.

Em 1958, Mao Zedong (Mao Tsetung) lançou o chamado “**Grande Salto para Frente**” , cujo objetivo era de cultivar o campo e a industrializar a região urbana. A iniciativa econômica social e política da China no final da década de 1950. Representou o primeiro grande marco no processo de afastamento de Mao-Tsetung do modelo socialista soviético. A comuna independente e rural tornou-se o princípio básico da vida social. Aumentou a superfície cultivada e a produção agrícola graças a uma rígida disciplina e a enorme esforço da população. Este plano autoritário, dogmático e inflexível, levou toda a China ao desastre; e as regiões rurais a fome generalizada. Dado oficiais registraram que 20 milhões mortos entre 1959 e 1961, no que foi uma das piores tragédias do século e uma das menos divulgadas. Neste mesmo período, iniciava a Guerra do Vietnã – 1959 – que terminou em 1975.

De 1957 a 1966 a construção socialista em grande escala; o ativo fixo industrial, de todo o País aumentou três vezes, sobre o valor original; e a Renda Nacional, se incrementou em 58%, segundo os preços cotejados; a fabricação dos principais produtos industrializados, aumentou várias vezes; se efetuaram a nível nacional, construções de infra-estrutura, e transformações tecnológicas na agricultura.

Em 1962 Mao Tsetung fez uma auto crítica de seus erros, na direção da economia e foi substituído, por Liu Shao-chi (Liu Shaoqi) , no entanto continuou a dirigir o Partido e a contar com o importante apoio do Exército Popular de Libertação.

Nesta época, as relações com a URSS se deterioraram, devido as diferenças ideológicas, enfatizadas pelo líder soviético Nikita Khruchev, em um discurso pronunciado em 1956. A separação só se deu em 1963, e os técnicos soviéticos se retiraram da China, levando os planos e projetos originais.

Em 1966, o Exército e os jovens estudantes da Guarda Vermelha, empunhando o Livro de Citações de Mao, iniciaram em toda a China, uma campanha na qual acusavam funcionários públicos e professores universitários, de reacionários e seguidores do capitalismo.

Foi neste ponto, que iniciou-se a “ **Grande Revolução Cultural**” do Proletariado. Atingindo todas as áreas de atividade. (Maio de 1966 à outubro de 1976)

Este foi o maior movimento de massas da história da República Popular da China, ocorrido nas décadas de 1960 e 1970.

Após o fracasso do **Grande Salto**, Mao Tsé-tung iniciou em 1966, a **Revolução Cultural Proletária**, que se materializou em uma campanha anti-revisionista, denominada Revolução Cultural; durante a qual o Povo e o Governo Chinês, sofreram os mais sérios contratempos e perdas, desde a fundação da República Popular. Foi o triunfo do setor ideológico mais radical do Partido, que afastou do poder os elementos moderados, influenciou os velhos costumes, os hábitos, a cultura e a maneira de pensar da população. Mao acreditava que o principal obstáculo para o socialismo era a perda do espírito revolucionário na China, principalmente entre os quadros do Partido Comunista. Apesar da paralisação cultural e tecnológica ocorrida durante a **Revolução Cultural**, a China detonou, em 1967, sua primeira bomba de hidrogênio e, em 1970, pôs em órbita seu primeiro satélite artificial.

O movimento teve início em Xangai, estendendo-se até Pequim, hoje Beijing. As primeiras manifestações dos guardas vermelhos, na Praça de Tian'anmen (Pequim), surpreenderam os veteranos dos quadros do Partido, que não se opunham a Mao, uma vez que a sua legitimação e a do regime dependiam dele. Em outubro de 1966, surgiu o **Livro Vermelho**, que expunha o pensamento de Mao. Os guardas vermelhos combateram padres e professores, numa sociedade em que a sabedoria e a consideração pelos mais velhos eram valores extremamente respeitados. A organização do Partido Comunista Chinês foi desintegrada e criaram-se os Comitês Revolucionários.

Em janeiro de 1967, o movimento explodiu em outras áreas urbanas. A oposição a Mao formou seus próprios grupos de guardas vermelhos, provocando violentos confrontos nas ruas. Em 1968, Mao reconheceu que a desordem havia ido longe demais.

Durante estes anos que os confrontos alcançaram dimensões de guerra civil, morreram muitas pessoas, é dito milhões, entre elas Liu Shao-chi, o principal opositor de Mao.

Foi nesta época, que a China teve uma significativa intervenção na criação do Movimento dos Países Não Alinhados; embora não tivesse formalmente integrado, enviou técnicos e trabalhadores, para apoiar os programas de

desenvolvimento do Terceiro Mundo; dentre estes programas o mais importante foi a estrada de ferro africana, que une Zâmbia ao Oceano Índico, cruzando a Tanzânia; visando os não ferrosos, principalmente o cobre.

A movimentação revolucionária de muitos países, se inspiraram na China, e adotaram as estratégias de guerra camponesa, elaboradas por Mao Zedong e Lin Biao.

1.1.6) O Sexto Elemento Modificador da Civilização Chinesa – Crise do Liberalismo Burguês – Reformas Estruturais – As Migrações do Campo para Cidades o enriquecimento dos proletários da cidade e o empobrecimento dos proletários do campo.- A Globalização – Privatização e o Desemprego; o Início do Caos Capitalista Democrático

No começo da década de 70, o Primeiro Ministro **Chu En-lai**, iniciou conversações com os USA, enquanto **Deng Xiaoping**, homem de confiança de **Liu Shaoqi**, retornava ao poder.

Em 1971, o governo da China, conseguiu o apoio necessário, para substituir Taiwan, como representante da China na Organização das Nações Unidas (ONU). Os USA deixaram de vedar a decisão, pois deslumbraram as vantagens de melhorar suas relações com a China. Pois lá estava um grande potencial consumidor de suas sobras produtivas, ou de expansão industrial; para o qual o consumismo do supérfluo, e da luxúria poderia se tornar um dos sustentáculos do capitalismo, nas suas necessidades de expansão e consumismo; de joint-venture na China e de exportação, para a China.

Nenhum capitalista quer ver o bem do outro. Os USA querem o mercado em potencial da China, e não o bem do povo Chinês. E nem do seu próprio povo. Mau sabem os capitalistas, que com esta atitude, provocam a competição no seu próprio mercado interno, com os produtos e serviços importados de qualquer parte do mundo, à preços tão baixos, que irão criar crises elevadas de desemprego; incrementando a usura e a classe dos burgueses – jogadores da bolsa de valores, tornando os próprios ocidentais vulneráveis aos conflitos sociais, as guerras civis, e a desgraça. O Capitalismo é Cíclico, não só no prazer, como na desgraça.

Mas o povo Chinês, devido sua formação religiosa fetichista astrolática, tem boas intenções, desde de que o estrangeiro não deseje alterar a sua substancia básica; até para com os outros países, se não sofrerem mudanças radicais em seu modo de sentir, pensar e agir; é mais Altruísta, por isso, vejamos o que diz a Constituição Chinesa, quanto as relações internacionais, no Preambulo de sua Constituição:

... “ Os êxitos da China na revolução e na construção, seriam impossíveis sem o apoio dos povos do Mundo. O Futuro da China, está intimamente ligado, ao resto do Mundo. A China adota uma política externa independente;

proclama os cinco princípios do respeito mútuo, pela soberania e pela integridade territorial, de não agressão mútua, de não ingerência nos assuntos internos, de igualdade e de reciprocidade de vantagens, e de coexistência pacífica, como princípio das relações diplomáticas, e das trocas econômicas e culturais, com outros países; opõem-se firmemente ao imperialismo, ao hegemonismo e ao colonialismo; batalha com vista ao esforço de unidade, com os povos dos outros países; dá todo apoio as nações oprimidas e aos países em desenvolvimento, na justa luta, para alcançar e preservar, a independência nacional e desenvolver suas economias; e esforçar-se por salvaguardar a paz mundial e promover a causa do progresso humano” ... 4/12/1982

Ao explodir o conflito ao norte, na fronteira com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), em plena Guerra do Vietnã, a China sentiu-se ameaçada por enfrentar os Estados Unidos e a URSS, as duas superpotências mundiais, em duas frentes de combate. Sofreria também o isolamento internacional e as consequências do caos interno.

Em 1975/1976 Morreram sucessivamente Chu (Zhou), Zhu De – veterano revolucionário e Mao – Surgiu uma disputa interna entre facções rivais. Prevaleceram os pragmáticos e reformistas, que tiraram vantagem do apoio que tinham dos funcionários públicos.

O Partido Comunista Chinês e o Exército iniciaram o restabelecimento da ordem e o apogeu revolucionário começou seu declínio. A morte de Mao permitiu o encarceramento, em 1976, da camarilha contra-revolucionária do chamado Grupo dos Quatro, entre os quais estava a última mulher de Mao, Jiang Qing; e Zhang Chunqiao, Yao Wenyuan, Wang Hongwen – e indicados como responsáveis pelo insucesso da Revolução Cultural. Em 1981 foram submetidos a julgamento público; sendo condenados e mortos, para servirem como exemplo de atos imorais, antipatrióticos e não republicano; para que a população, toma-se conhecimento das penalidades para condutas desta ordem.

No plano internacional, a China se opôs a todos os aliados da URSS; desta forma apoiou o movimento a União Nacional pela Independência Total de Angola e o Congresso Pan Africano na África do Sul; e começou a ter relações piores com o Vietnã, depois que este país derrotou os USA em 1975.

Em dezembro de 1978, na Terceira Plenária da Décima Primeira Reunião do Comitê Central do Partido, o Sr. Deng Xiaoping foi totalmente reabilitado e foram anunciadas mudanças radicais na economia.

Com **Deng Xiaoping**, a China iniciou um novo capítulo, em sua história, por ele ter sido reabilitado, pela nova direção do Partido, e teve a sua autoridade reconhecida. Este senhor fora anteriormente Secretário Geral do Comitê Central do Partido Comunista da China. Sobre a sua direção, esta nova liderança, em 1979, anunciou uma política de reforma ambicioso programa de desenvolvimento

econômico, que previa significativos avanços na agricultura, indústria, defesa, ciência e tecnologia. Com as reformas das estruturas econômicas e políticas, se desenvolveu de forma gradual o caminho do desenvolvimento, para a modernização socialista, com as peculiaridades chinesas. Com a aplicação desta política, a China tem experimentado profundas alterações, em sua fisionomia, a economia tem avançado em grande velocidade; e as condições de vida do Povo, tem melhorado enormemente. Este foi até agora, o período de maior desenvolvimento, desde da fundação da República Popular da China; mas isto pode ser ilusório, pois está tendendo ao Capitalismo Democrático.

Em 1979 a China invade o Vietnã, para lhe dar uma lição por ter invadido o Camboja, e derrubar o regimen do Khmer Vermelho; e ao mesmo tempo internamente desde de 1978 a 1979, foi aceito uma maior liberdade de expressão e crítica, pela certeza de elas seriam dirigidas contra a Revolução Cultural e seus responsáveis; aparecendo o movimento da Primavera de Pequim, que estava centrada no “**muro da democracia**”, na sua maioria sem responsabilidade; onde os cidadãos podiam exhibir cartazes, expressando as suas opiniões. O muro também servia para que os dissidentes pudessem distribuir revistas clandestinas.

É evidente que quando as criticas se voltaram contra o regimen, sem proposições adequadas as mudanças, que viessem somar ao bem da rés – pública chinesa; o tal muro da democracia foi fechado.

No campo, as comunas populares foram dissolvidas, e a terra foi redistribuídas em unidades familiares e arrendadas ao Estado. Foram introduzidas impostos em substituição às cotas de produção; e os camponeses foram autorizados a trocar seus excedentes, por dinheiro, nas vilas e cidades.

A China também anunciou que abriria suas portas ao comércio, aos investimentos e empréstimos do exterior. Com vista a atrair as empresas do exterior ; foram criadas zonas livres ou econômicas especiais., como Hong Kong e Macau, que ofereceram incentivos, como isenção de tributos, mão de obra e terra baratas; semelhante a zonas francas de outros países.

Muitas tomada de decisão foram passadas dos Ministérios para os gerentes de fabricas ; que passaram a planejar a produção e a distribuição, e a escolher as fontes fornecedoras de matéria prima. Aos jovens trabalhadores foi oferecido um sistema de emprego, por contrato, em vez de nomeá-los de forma vitalícia, para uma unidade de produção.

Foi permitido a criação de pequenas empresas, copiando algo errado do sistema egoísta do capitalismo, que é uma ilusão, de “ pequenas empresas grandes negócios” uma falsa ilusão - pois na verdade são “ pequenas empresas, com grandes problemas”. São poucas pequenas empresas, que sobrevivem para produzir na sua maioria produtos supérfluos. Que competem entre si, para maximizar o ganho do patrão e minimizar o ganho do proletário. Concentrar renda; e não distribuir renda.

Produzir não para o bem da massa (povo); e sim para explorar o povo, para o bem de muitos poucos: os capitalistas.

É neste momento que aparece o Regimen Societocrático, em lugar da democracia capitalista individual e do comunismo capitalista de Estado; onde não se prega o conflito entre o patronal e o proletariado. Para melhor entendimento desta Utopia, que não é quimera, o Capital será gerenciado, não pelo Estado; e sim pelo Patronal, que não será dono do Capital, no Sistema Industrial Societocrático (onde houver sociedade); e sim gerenciador do Capital. No entanto a propriedade individual, ou de cada um, seja ele patronal ou proletário; não é coletivo, sim social no nível de Família ou de Indivíduo, onde aplicável. O Gerenciador do Capital – Patrão Socialista, tem um ganho, isto é, uma renda, maior que o do proletário, que só deve se preocupar com o trabalho, interno do sistema industrial, a que pertence; pois a responsabilidade do Gerente do Capital – o Patronal, é maior que a do Proletário – principalmente no que se refere aos contratos de comercialização, para manter a unidade fabril em funcionamento constante. O Mérito (capacidade, competência, altruísmo e a situação) do Patrão Socialista, é medido, pelo proletário e pelo resultado da Lucratividade Social da Unidade Industrial. Um Socialista Patronal pode perder sua função, para um Proletário, que tenha mais Mérito; se tornando um proletário, pela incompetência gerencial; por possuir mais mérito na função de Proletário. E vice-versa. O Lucro tem sua aplicação, no re-investimento dos planos de expansão ou modernização, nos dividendos e bonificações dos Patronais e dos Proletários. Os impostos são calculados sobre lucros, para colaborar nos planos de governo. Levando em conta os Salários de Manutenção e os de Produtividade. Sendo que o Salário de Manutenção independe do Trabalho – Controlado pelo Governo – Ver detalhe em outra exposição. E o de Produtividade, dependendo, do custo industrial, visando, não a competição, mas ao menor preço, para atender, a causa pública, rés – pública, de todas as necessidades sociais, planejadas. A passagem do cargo será de forma de Eleição Societocrática. (Chefe do setor, indica o futuro chefe, para substituí-lo, de acordo com a concordância de seu superior, e coloca o nome do novo chefe, para ser referendado, pelos seus subalternos, até o segundo escalão – se houver mais de 85% de concordância, o candidato, indicado assume a função do novo chefe).

O ideal seriam Grandes Empresas, com pequenos problemas; mas não para competir, mas sim para fazer a felicidade do povo; isto é, para se eliminar os miseráveis, da classe dos pobres e os milionários da classe dos ricos com a luxúria .

O Governo de Deng Xiaoping, deu início a programas de retirada progressiva dos subsídios aos preços dos bens de consumo, para permitir que o mercado determinasse os preços de alguns produtos básicos, como os relacionados com a alimentação e o vestuário, para estimular o crescimento

promovendo o consumo,{ *Isto não foi uma atitude correta, sob o ponto de vista socialista, pois as aplicações tecnológicas da econômica de mercado do sistema capitalista é metafísico, não é baseada em ciências naturais, como a Sociologia e a Moral Positiva e sim num erro egoísticos e metafísico, pois seus fenômenos não são baseados nos 7 atributos simultâneos - real, certo, útil, preciso, orgânico, relativo e social, para representar leis científicas, por isso levam o caos no céu da sociedade, por não podermos controlar suas ações , pois não seguem nenhuma lei natural – de como ocorrem estes fenômenos, visando o Amor entre os Homens; isto é a Paz entre os homens.*}. A diversificação em produtos se elevou e durante vários anos os salários aumentaram. As restrições dentro e fora da China, foram sendo paulatinamente reduzidas; bem como a diversidade de expressão artística começou a ser tolerada. Mas cabe notar que estas mudanças que provocaram alguns empregos, provocaram a geração da inflação, principalmente nos preços de alimentos e vestuários, e no final da década de 80, o poder aquisitivo, diminuiu. Nas zonas rurais, os camponeses que tinham fácil acesso aos centros urbanos, eram beneficiados, com a possibilidade de abastecer grandes mercados, porém, os que viviam em áreas longínquas, foram ficando para trás. Aumentou a utilização de pesticidas e fertilizantes químicos, o que inicialmente fez crescer a produção; mas o nível produtivo começou a cair, obrigando os produtores a utilizar grande quantidade de produtos químicos; esse uso obrigava a utilizar níveis perigosos, enquanto os preços dos pesticidas continuavam aumentando. A previdência social dos trabalhadores deteriorou-se e os novos sistemas de emprego começaram gerar insegurança; embora fosse dado aos gerentes, o poder de contratar e despedir trabalhadores; e de fixar metas de produção, não se dava aos sindicatos, uma liberdade de ação de acordo com as mudanças. Nesta época, já havia um debate sobre o ritmo e o alcance das mudanças econômicas; e sobre uma separação mais clara, entre o Partido e o Estado.

Em 1986, houve uma manifestação estudantil em Xangai, reivindicando liberdade de imprensa e mudanças políticas. O Secretário Geral do Partido, **Hu Yaobang**, relativamente jovem foi obrigado a renunciar o seu cargo; e a linha conservadora, começou uma campanha contra o liberalismo burguês, para erradicar, o que chamavam de idéias ocidentais, fundamentalmente o pluralismo político – ainda que também fossem mencionados o comunismo e a corrupção. Muitos consideraram, que se tratava de um ataque às políticas econômicas criadas, ou melhor, reformadas por Deng Xiaoping, pois Hu Yaobang, era um dos seus correligionários.

Em 1989, **Jiang Zemin**, assumiu o cargo de Secretário Central do Comitê do Partido Comunista da China, e nesta época a tendência para o caos caminhava a passos largos, e foi neste ano, que o Governo teve que restringir a liberdade, para reduzir a ordem que estava retrógrada, com um progresso que estava anárquico. Ocorreram mudanças importantes, e **Li Peng**, assumiu o cargo de Primeiro Ministro.

Como só vale as leis ditas de direitos humanos, para os outros, que não estão no Grupo dos 8; porque estes que comandam este grupo, podem cometer

barbaridades, em nome de seu regimen, e nada acontece; a reação internacional a repressão, adiou as intenções da China, em vir, conseguir um maior intercâmbio econômico com o exterior.

Em 1991, a Grã – Bretanha, assinou em Pequim (Beijing) um acordo para construção de um novo aeroporto em Hong Kong, como parte das negociações, para que a colônia britânica, voltasse a soberania da China em 1997.

Neste mesmo ano de 1991, um terço das empresas estavam em déficit, e um orçamento Estatal cada dia mais desequilibrado, provocou a necessidade de reformas estruturais inevitáveis. O Partido Comunista, encaminhou-se então, para retomar o processo de liberação econômica, indicado por Deng Xiaoping; que permitiu manter uma estabilidade na situação política, um incessante desenvolvimento na economia, e na diplomacia cada vez mais ativa. O acordo de Paris sobre o Camboja e a dissolução da URSS aceleraram a aproximação da China com o Vietnã. Nesta mesma época os USA romperam o gelo diplomático, que perdurava desde de 1989; fazendo com que Beijing respeita-se o acordo internacional que limitava a exportação de mísseis. Um alto funcionário de Beijing visitou Seul, na Coréia do Sul, para participar da III Conferencia Anual da Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico (APEC) – Houve a liberação dos presos políticos.

Em 1992, a China aderiu ao tratado de não proliferação nuclear. O Governo Bush – pai – deu prioridade as suas relações comerciais, com a China. Grandes mudanças políticas ocorreram, bem como nos altos comandos do Exército Popular.

Na Sessão anual do Congresso Nacional do Povo, o Secretário Geral do Partido, **Jiang Zemin**, foi indicado **Presidente da República**, tornando-se a primeira pessoa, desde da morte de Mao, a acumular as funções de Chefe de Estado, e do **Partido e de Comandante das Forças Armadas**; e ficando o Primeiro Ministro Li Peng, foi confirmado no cargo. A independência do Tibete, foi reprimida implacavelmente.

Na esfera econômica, deu-se início um plano de austeridade, no aparato estatal, e os impostos dos camponeses foram elevados; e devido a protesto, o governo recuou, e retirou os novos impostos sobre o campesinato – 800.000.000 pessoas.

O Produto Interno Bruto cresceu 12,5%, em 1992, no entanto este crescimento teve seus primeiros efeitos indesejáveis em 1993, quando neste mesmo ano, **o Sr. Jiang Zemin, acumula o cargo de Presidente da República Popular da China**, quando a inflação do primeiro semestre atingiu 20%, apesar disto o crescimento foi de 13,5 % ; mas Li Peng propôs limitar a expansão econômica a 9%, para reduzir a inflação, apesar dos protestos das províncias costeiras como Guandong, uma das principais beneficiadas do boom econômico Chinês.

As desigualdades sociais, trazidas pelo capitalismo, nos grandes centros das cidades, entre os novos-ricos capitalistas (Patronais Capitalistas Industriais) e a maioria dos Proletários Industriais, acrescidos dos Proletários Camponeses; continuaram crescendo, e com estas desigualdades, surge em paralelo, a migração de milhões de pessoas do campo para a cidade; criando mais crise social e moral. Isto levou o Governo a demonstrar prudência no fechamento e / ou privatização de empresas estatais, consideradas pelo sistema capitalista, como não rentáveis; pois um forte aumento de desemprego, tornaria ainda mais tensa, a já precária situação social. Entre na pagina www.geocities.com/doutrinapositivista – em Artigos Diversos – em Agropecuária – e analisem o Artigo de minha autoria - “ A Pátria e a Reforma Agrária ” ; como ponto de partida para uma Reforma Agrária Societocrática.

Um outro projeto que visava limitar os efeitos sociais das reformas econômicas foi adiado. O projeto introduzia uma indenização pelo desemprego dos proletários das empresas, que falissem ou fechassem suas portas; no entanto devido a inexistência de um sistema de seguridade social estatal, incluindo um seguro desemprego, levou o governo a retroceder, para não se lançar em reformas demasiado arrojadas.

Em 1995, Jiang Zemin consolidou mais ainda o seu poder, o que o deixou em condições insuperáveis de continuar na liderança do país após a era de Deng Xiaoping. As autoridades continuaram preocupadas com os problemas sociais das reformas; e por isso, mantiveram os importantes subsídios as Empresas Estatais. A inflação se limitou a 13 % e o plano quinquenal para 1996-2000, previu um crescimento econômico de “ somente ” - 8 – 9 %.

Mas em 1996, havia uma corrente ocidental que torcia para que ocorresse uma tendência separatistas, devido a uma explosão social. Uma forma disciplinar fez com que os chineses, tomassem providencia, para abafar um movimento religiosos, que estava provocando anarquia no Estado Chinês, ao propagar na região do Tibete, com a exibição em público, do retrato de Dalai Lama; o movimento Budista, as disciplinas traçadas pelo Estado, desautorizado em locais públicos e interferindo com decisões Sacerdotais, nas políticas do Governo Temporal Chinês; provocaram desordem pública.

O crescimento do produto interno bruto PBI, ficou entorno de 10%, enquanto a inflação caiu para 6%. A Eficiência Industrial e os Investimentos Estrangeiros, considerados o motor do crescimento econômico, e não do desenvolvimento econômico, cresceram algo entorno de 20%.

Ocorreu, que as empresas estrangeiras que se instalaram na China, foram favorecidas à ficarem autorizadas a converter a moeda local em dólares ou yenes.

Como todo Governo, tem dificuldade de saber o preço real do produto à ser exportado, muitas das vezes, o preço unitário é posto, a um valor muito

baixo, muitas vezes abaixo do custo, para pagar pouco imposto de exportação; e quando atinge o destino, pagará também, pouco imposto de importação nos USA (nos USA – possuem um maior controle) – Mas a subsidiária ou sócia da empresa chinesa importadora, nos USA, repassa para o preço real de venda interna, nos USA, à valores de mercado interno, elevadíssimo; e todo o lucro, fica por lá. E nada fica para o bem social, deste grande lucro, concentrado na mão de poucos, lá fora; nada ou quase nada, é transferido para a origem; muitas das vezes se transfere extra oficialmente para a origem, com objetivo, de sanar as dificuldades financeiras do parque industrial exportador, para que ele se mantenha em funcionamento, demonstrando prejuízos, para não pagamento de IR, na origem. Ai ocorre a luta dentro da China, entre os exportadores e o Governo Socialista Comunista Chinês, surgindo a corrupção; e principalmente o desemprego, pois a eficiência da competição, para baratear a mesma, faz com que a mecanização substitua o homem. É uma ilusão esta exportação sob o ponto de vista da globalização capitalista; principalmente para um país da magnitude dos problemas sociais – a população - da China. Para os Importadores Americanos ou para os Chineses lá do exterior , é Magnífico. Mas Moralmente para o Povo Chinês, é lamentável; pois se para alguns é lucrativo; para a maioria, nada traz de benefício; pois nem o Governo, recebe nada representativo, para investir nas obras de infra estrutura, oriundas de impostos, destas transações comerciais internacionais; na mão deste capital volúvel, do entra e sai das bolsas de valores.

A morte de Deng Xiaoping, em fevereiro de 1997, após longa patologia, gerou inquietações entre diplomatas e investidores, no entanto, altas autoridades do governo, garantiram na época, que os rumos das reformas econômicas, não estavam em jogo

O XV Congresso do Partido Político, em outubro de 1997, confirmou Jiang Zemin, no primeiro posto do Governo, consolidou a política de reformas, em particular sua aplicação às empresas estatais, e retificou seu tradicional sistema político.

Em março de 1998, o Congresso Nacional do Povo, ratificou as mudanças definidas pelo PCCh, no ano anterior, incluindo a reeleição de Jiang Zemin como Chefe de Estado e das Forças Armadas , com 98% dos votos. E o Hu Jintao mencionado como possível sucessor de Zemin, foi nomeado vice-presidente, enquanto Li Peng assumiu a Presidência do Congresso ou Parlamento.

Zhu Rongji, Ex-vice-primeiro-ministro, encarregado da economia, foi eleito primeiro ministro; com um novo gabinete integrado, em sua maioria por especialistas em economia, tendo por meta proceder a adaptação de 370 mil empresas estatais às regras de livre comércio; processo este que já levou mais de 30 Milhões de desempregados.

Dando as reformas econômicas empreendidas em 1978 por Deng Xiaoping, os planos de Zhu Rongji, voltaram-se ainda assim, para a reestruturação do sistema capitalista financeiro.

Em junho de 1998, o presidente Bill Clinton, fez uma viagem de 9 dias a China.

Em abril de 1999, foi a vez do Primeiro Ministro da China Zhu Rongji, visitar os USA. O assunto em questão foi sempre a entrada da China na Organização Mundial do Comércio (OMC). Ocorreu em nov. 1999 a Primeira Navegação Espacial Tripulada.

Em 2000, Durante o X Plano Quinquenal, (2001 à 2005) o setor espacial chinês vai ser intensificado

Em 2001 – Em dezembro de 2001 a China se converteu oficialmente em membro da organização Mundial de Comércio

Em, outubro de 2002, Jiang Zemin se entrevistou com G.W. Bush, nos USA; e em novembro de 2002, na Primeira Seção Plenária do XVI Comitê do Partido Comunista da China, o **Sr. Hu Jintao** foi eleito Secretário Geral do CC do PCCh.

E em março de 2003, na Primeira Seção da Assembléia Popular Nacional, foi eleito o Novo Presidente da República Popular da China, o Sr. **Hu Jintao**, que se entrevistou com o Presidente da Rússia, Putin, na China. E muitos outros contatos de Política Exterior; foram realizados neste ano de 2003.

1.1.7) O Sétimo Elemento Modificador e Definitivo da Civilização Chinesa, que poderia servir de exemplo para o Restante do Mundo; é a sugestão que segue abaixo descrita, de uma REFORMA DA ECONÔMICA POLÍTICA, com base na Doutrina Positivista e no Fetichismo Oriental, para evitar o Desemprego em Massa, da População Chinesa, caso esta não venha a optar pelo caótico regimen predominante no Ocidente. Idéias que devam ser emanadas da China, para o resto do Mundo, na escolha de um Regimen Societocrático, para os dias de hoje, para o Futuro de seu Povo, e demais países, simpatizantes desta evolução, para o Bem da Humanidade, aqui no Planeta Terra.

A
RENDENÇÃO
SOCIETOCRÁTICA.

Peço primeiramente licença, ao Povo e ao Governo Chinês, como habitante humano, deste Planeta Terra, e estudioso, da Obras de Augusto Comte, no original, para apresentar uma sugestão, de uma Organização de Estado, que por

estar a maioria da população chinesa, na fase de inteligência FETICHISTA, razão esta, de ser mais fácil de passar para a fase de inteligência CIENTÍFICA, sem passar pelas aberrações das fases intermediárias: teológicas e metafísicas, que são retrógradas e anárquicas; nas quais os Países do Ocidente vivem até hoje, para achar o caminho, da harmonia humana, do Bem Estar Social e Moral, de suas populações; onde mais facilmente os Chineses serão privilegiados, se não forem, mais uma vez, iludidos e ludibriados pelos teologistas e metafísicos, isto é: os religiosos, os políticos, os economistas e os psicólogos do Ocidente. Os Chineses, não devem se encantar plenamente, com o desenvolvimento material, do Ocidente, porque no campo espiritual e moral, deixam muitíssimo a desejar. E como o Tripé de uma Civilização, para o seu equilíbrio, depende da Moral Positiva, do Estado de Riqueza Material e do Estado Intelectual (científico, metafísico, teológico e fetichista) do seu Povo, para poder se manter; os Chineses para não serem destruídos na sua Cultura Milenar, mantendo seus costumes, podem atingir o estado de desenvolvimento dos ocidentais, no que toca ao Campo Material, sem sofrer danos no Campo Moral, dos seus princípios religiosos e absorver as ciências e as respectivas tecnologias do Ocidente, no Campo Intelectual; como já vem fazendo, aos trancos e solavancos, iniciada com a Revolução de 1911, acrescida da Revolução Comunista, liderada por Mao, em 1945; e agora com a globalização capitalista.

Para melhor entendimento sobre o Regimen Societocrático e a Educação de forma Moral Positiva, para atender as necessidades do sistema utópico, mas não quimérico, proposto pelo autor deste trabalho, com base no Regimen Sociocrático, proposto por Augusto Comte; sugiro que entrem na minha pagina www.geocities.com/doutrinapositivista ; e se for do agrado dos Senhores, formemos um grupo de trabalho, na *Academia de Ciências Sociais da China, para discutir as propostas aqui sugeridas e outras que possam surgir, da Doutrina Positivista; e analisar as soluções, já passíveis e possíveis, de serem parcialmente ou totalmente, colocadas em prática, na China ou no Mundo; através da UNESCO, pela ONU.* Quanto a parte financeira internacional, será mantida; mas a nacional, poderá sofrer modificações para atender ; o Viver para Outrém e Viver sem Mentir; com o Amor por Princípio, a Ordem por base e o Progresso por Objetivo. O Problema Humano, será resolvido, pela Educação dos Sentimentos; subordinado o egoísmo ao Altruísmo; o direito aos Deveres; a análise à Síntese; Progresso à Ordem. Tendo Liberdade com responsabilidade. Tendo uma Constituição de Cunho Societocrático, para dirigir e orientar as decisões; para tal, estou escrevendo uma Constituição, para o Brasil, que serviria de base para os Senhores Políticos Chineses, tomarem como referência, para desenvolverem sua unidade protótipa. Também vale conhecer um Artigo de minha autoria, sobre Um Conselho Moral da ONU, onde pode ser encontrado, em detalho, a Descrição dos DEVERES : Individuais, Familiares, Cívicos (Patrióticos), Ocidentais, Orientais e Planetários.

Vamos aproveitar este momento, e fazer uma reflexão para sugerir uma idéia de Reforma Econômica; que pode servir de base para as futuras ações e

discussões; substanciada principalmente nas Ciências Sociologia Positiva e na Ciência Moral Teórica Positiva ou Ciência da Construção ou Psicologia Científica.

Cabe lembrar que no Positivismo, Economia não é Ciência, e sim, uma aplicação tecnológica da Ciência Sociologia. Como a Topografia e a Contabilidade são aplicações tecnológicas da Ciência Matemática. Como a mecânica é uma tecnologia da Ciência Física. Para ser Ciência no Positivismo, há necessidade das Leis Naturais, que regem a Ciência, possuem sete atributos simultâneos (real, útil, certo, preciso, orgânico, relativo e social).

Sempre haverá Rico e Pobre; mas um Pobre digno e um Rico sem luxúria. Eliminaremos os Miseráveis e os Milionários. Só o Mérito os distinguirão. Igualdade só de oportunidade. Mas a faixa de ganho deve ser tal que haja compreensão entre as partes. As propriedades individual e familiar são respeitadas; já a Para – Estatal Industrial – tem a origem do seu Capital, no Social, e sua aplicação no Social.

Nos Regimens Democráticos Capitalistas, que regem os Governos do Ocidente, ao analisarmos o estado de vida dos povos destas Nações, deparamo-nos com o doloroso e perene contraste; provavelmente o mesmo acontece com os regimens comunistas.

Contrastes estes, que de um lado, o pequeno número de gozadores, os que usufruem de todos os prazeres dos sentidos e da inteligência e todas as delícias do coração; e do outro a formidável massa de sofredores, dos que mal dispõem dos meios de satisfazer as mais urgentes necessidades do Corpo ou Soma e da “ALMA” ou Psique.

De um lado os ladrões da riqueza pública, usando e abusando dela; do outro, os necessitados, que se resignam ou se revoltam, e vivem todos acampados na Terra, sem terem muitas das vezes o pão e o abrigo. Aqui, pelo Ocidente, por um lado, o burguês mais ou mesmos rico, que esbanja a fortuna no supérfluo; por outro lado o proletário mais ou menos pobre, a quem falta o necessário.

De um lado a Família opulenta que mora em palácios ou apartamentos de luxo, vestindo vestes de seda e de couro, come iguarias raras, frequenta teatros de alto preço; aos filhos, que enviam para os USA, para se formar nas bases do Capitalismo – com vista a aguçar seus sentimentos egoístas; e vir com as idéias de que somos um bando de besta e que lá se enriquece com facilidade; em contra partida as famílias mais ou menos miseráveis, que moram de aluguel, ou em favelas , ou mesmo por favor, em prédios insalubres, que não tem roupa e come mal, que nunca vai ao teatro, que não se diverte, mal sabe ler e escrever; se o sabe emprega os filhos ainda criança e as filhas moças como criadas ou operários de fabrica ou escritórios. São educados pelos mesquinhos e egoísticos programas de televisão, que os ensinam a ser violentos ou idiotas, pelas novelas financiados pelos fabricantes de produto de consumo de massa.

De um lado o homem e a Mulher de coração embrutecido, mas o corpo esbelto e rosto formoso, inteligência brilhante e culta; por outro lado, o homem e Mulher, de bom coração, mas de corpo deformado pelo trabalho precoce, ou exaustivo, rosto abatido pela miséria, espírito sem fulgor, em plena noite de completa ignorância...

Diante deste horroroso e pungente espetáculo, os pensadores de sentimento Altruísta, questionam a si mesmo, com o coração confrangido, com o espírito perturbado, com o vacilar do caráter, qual a razão deste estado social, donde provem, para onde converge ?

Por que tanta opulência e tanta miséria?

Por que tantos prazeres ao lado de tantas dores?

Por que tantos ricos sem coração e tantos corações sem riqueza?

Não somos todos filhos da Humanidade, não habitamos todos a mesma Terra; não respiramos todos o mesmo Ar?

Por que esta tão grande desigualdade de classes, que faz de uns gozadores e de outros, sofredores; de uns exploradores, e de outros, explorados; de uns verdugos e de outros vítimas ?

A resposta a estas perguntas, implica no estudo e na meditação, já realizada pelos Positivistas.

Primeiramente logo de imediato, afirmamos que será pela Educação dos Sentimentos e depois por uma série de ensinamentos científicos, de Leis Naturais, que devemos educar em todos os níveis de idade, principalmente as Mães; com vista principalmente subordinarmos os 7 sentimentos egoístas, aos 3 sentimentos Altruístas, pelo ensinamento da Ciência Moral Teórica Positiva, onde encontramos, as descrições dos principais Deveres, individuais, familiares, cívicos, ocidentais, orientais e planetários, para que haja, continuidade da construção e evolução da Humanidade, de forma pacífica e evolutiva; e não revolucionária.

Simultaneamente, sem nenhuma reflexão especial, para que grande parte dos males possam ser sanados, e para a maioria dos homens serem felizes – tanto quanto é possível, ser feliz depois de ter nascido – se fosse outro, o Regimen Econômico da Sociedade Moderna.

Não falamos, nem do comunismo capitalista de Estado, nem da democracia capitalista individualista.

Mantendo a propriedade individual pessoal e a nível de família, segundo a formula do direito romano” uti et abuti” ; e com relação a Propriedade Industrial,

onde entram os proletários e os patronais - Social; onde o Capital deve ter em sua origem e destino no Social. Neste caso, a Propriedade Social, tem o Patronal como Gerente ou Administrador do Capital da Empresa Industrial (fabril, comércio, banco, serviço, mineração, agro - pecuária) não como dono do capital da Empresa – não é mais capitalista. A propriedade Industrial, será então social.

Em vez de desigualdade de Classes, haverá harmonia entre as classes; Proletária e Patronal.

Em vez de Capitalismo, teremos o Trabalhismo.

Ao individualismo sucederá o socialismo pacifista econômico – Societocracia, em vez da Democracia.

Mas será esta a solução, verdadeiramente científica do problema ?

Para isto , no que se refere ao Regimen e a Tecnologia Economia, vamos Interrogar a Ciência Sociologia Positiva; pois para nós, os Positivistas, só ela, nos poderá dar uma resposta adequada.

Vamos lá.

Primeiramente a definição :

Sociologia Positiva: É a Ciência que tem por Objeto o Organismo Social e o Seu Desenvolvimento, isto é, o Estudo da Ordem e do Progresso (Normal e {Patológico [Ordem Retrógrada e Progresso Anárquico]}) de uma Sociedade; a Sociologia tem por Fim o estabelecimento das relações Naturais através das quais, sendo conhecidas a formação e a estrutura de uma Sociedade, podemos prever as suas condições presentes e futuras de existência e de seu comportamento; a Sociologia tem por Método, a filiação histórica que é o modo de raciocinar pelo qual induzimos através da contemplação de fenômenos sucessivos .Nota : Devido ao fato de que na investigação sociológica tem-se como fontes de observação dos Vestígios Religiosos(Sentimentos); Científicos (Inteligência) e de Política (Ações- Caráter), não se pode como na Moral conhecer tão profundamente os fatores Afetivos que criaram tais vestígios; isto não significa, que não tenham estado presentes, isto é; participado, pois nada é indiferente perante o Sentimento, apenas a parte afetiva é profundamente analisada na Ciência Moral. Vide no site www.geocities.com/doutrinapositivista, detalhes sobre esta ciência.

Qualquer Ciência Positiva, tem por objetivo, prever os fenômenos cujas leis naturais abstratamente a institui. A Sociologia Positiva não escapa a regra. Apenas as complexidades dos fenômenos sociais permitem que se preveja um acontecimento político, não com a mesma, precisão, isto é, com que se prevê um fenômeno celeste; pode-se prever quando vai ocorrer uma revolução, não na mesma precisão que se prognostica um eclipse. O grau de certeza é o mesmo

nas duas ciências, quando, pela observações dos fatos sociais ou cósmicos, respectivamente, se induz o advento da convulsão social, ou a realização do fenômeno sideral. Com certeza podemos afirmar que a convulsão vai ocorrer ou não.

Nos dois casos citados, o futuro é a projeção do passado, com os ajustes do presente, segundo Leis Naturais, que regulam os fenômenos correspondentes.

No caso em questão, na sociologia, consiste o problema, precisamente em conhecer, quais as leis sociológicas, da atividade material ou tecnologia econômica, para delas se deduzir, o futuro normal, da Propriedade Individual e a Propriedade Coletiva.

Ao observarmos a sociedade humana e as sociedades dos outros animais, no tempo e no espaço, de acordo com os dados da história e da geografia, verificamos, sete princípios do trabalho ou da ação real e útil, da Humanidade sobre a Terra; como abaixo descritas:

O Trabalho é sempre Social: primeiro na Família, depois na Pátria; e por último no Planeta;

O Trabalho acumula-se, formando o Capital; porque

O homem produz mais do que consome; e

Cada produto, pode durar mais tempo do que o necessário para se reproduzir;

O trabalho é produzido; primeiro por todos, para todos; e depois por todos para alguns;

O trabalho tem primeiro apropriação coletiva, e mais tarde apropriação individual;

A apropriação espontaneamente social, converge à apropriação sistematicamente social, mudando a posse individual absoluta, em posse individual relativa, pela transformação do possuidor, em administrador do Capital, no que se refere as Industrias; a propriedade individual e da família, continuam absolutas.

Todas estes princípios, encontram-se explícitos ou implicitamente contidos na grande obra de Augusto Comte – Sistema de Política Positiva ou Tratado de Sociologia.

Não cabe no escopo deste trabalho, demonstrar e justificar a existência destes princípios naturais, pois ficaria muito extenso este trabalho; fica para outra

oportunidade; mas como todos os Princípios Tecnológicos, não fogem a Tecnologia Economia, nestes 7 Princípios Econômicos, que refletem a imagem aproximada da realidade, no tempo, no espaço, na geografia e do nível educacional moral da sociedade em análise; da mesma forma que, em astronomia, onde eclipses aparentemente circulares, se consideram verdadeiros círculos; dependendo do ponto que se encontra o observador. A mesma ocorre na física, quando se calcula o coeficiente da aceleração da gravidade, no nível do mar é um valor, nas altitudes varia, como é demonstrado pela Lei de Isaac Newton ou da Gravitação Universal.

Por estes princípios, reconhecemos Sociologicamente a Socialização do Capital e sua Administração Individual, ou posse pessoal relativa nas empresas industriais; e posse absoluta nas propriedades individuais e familiares; já mais, o capitalismo individualista nas Indústrias, onde o patronal é dono do capital; por isso, por esse caminho, teremos condição de resolver o problema econômico, eliminando a miséria e o luxo; se distribuirmos a cada trabalhador, a necessária proporção do capital, para a manutenção de sua Família – Salário de Manutenção; distribuído pelo Estado; e o Salário de Produtividade, pago pelas Indústrias, onde o Proletário e o Patronal trabalham. Os Funcionários Públicos terão um Salário de Manutenção adequado, proporcional aos anos de serviço público e seu Mérito (Competência, capacidade, Altruísmo e situação) , com uma garantia de emprego; que não ocorre no caso dos Trabalhadores Industriais; visando com os funcionários públicos, favorecer a continuidade evolutiva, dos planos de Progresso e do desenvolvimento da Ordem, e não por uma forma revolucionária de transformação da cultura e da política do Povo Chinês; que favorecerá sempre a instabilidade política.

Ao se distribuir a cada trabalhador, a proporção do capital necessário, para sua manutenção e da Família, só se distingue economicamente, da família do capitalista, quanto ao órgão de representação social; de sorte que o trabalhador, o operário, o proletário, como o capitalista, o patrão, o patrício, tenham ambos domicílio próprio, e sustentem a Família, dando-lhe alimento material, os meios físicos da existência, a educação mental e moral, comum a todos, de sorte que uns e outros, isentem para sempre do trabalho, na atividade industrial, – A Mulher; durante a menor idade – os filhos varões e na velhice – os adultos; de sorte que todos participem, sem sacrifício econômico, das festas e diversões e satisfaçam plenamente as necessidades egoístas, indispensáveis ao surto do Altruísmo.

Assim para se conseguir esse desejo – desideratum, em toda a sua plenitude, é necessário uma transformação integral das opiniões e dos costumes, mediante a unanime conversão de homens e povos, a uma única Doutrina, que seja para a sociedade e para o indivíduo, o que é a astronomia para a navegação.

Mas, para que se realize esta metamorfose, já é possível, irmos praticando a solução econômica preconizada pela Ciência Sociologia Positiva.

O Socialismo comunista ou coletivista, liberal ou autoritário, que ainda se sustenta em certos países, com na própria China, já se acha debilitado, pelas razões, que podem ser vista no meu artigo Comte e Marx, no site www.geocities.com/doutrinapositivista, bem como o capitalismo democrático, como sendo caótico e anárquico, como pode ser visto em outro artigo de minha autoria “ A Escravidão Moderna ”, no mesmo site, acima indicado.

É, não há dúvida, que em todas as burguezocracias aristocráticas ou democráticas, e em todas chamadas monarquias, ou repúblicas que de Rés - pública, nada possuem, os Estadistas Altruístas, já se vão convencendo, de que a socialização do capital, é imperioso dever da presente hora. A China tem condições de dar o Exemplo, primeiramente no interior de sua Pátria.

Infelizmente os defensores oficiais do socialismo, membros do poder temporal, nos Estados burgueses só o são, pela força das circunstancias e não pelas sinceras convicções.

Na sua maioria são como certos indivíduos, que vivem no luxo e na opulência, ocupando todas as posições caducas da velha sociedade em decadência; explorando esta sociedade, e espalham que são revolucionários exaltados; dizem-se anarquistas.

São estes que representam o socialismo em diversos países, e que servem para adular as aspirações dos proletários ou melhor dizendo das aspirações populares ; e com isto, retardando as transformações radicais, de que a sociedade necessita. São estes que provocam as reações violentas nos Proletariados, justamente indignado, com as meia medidas, só decretadas como meios de consolação, para adiarem “ *sine die* ”, a reforma econômica que o nosso Mundo necessita, com tanta urgência.

Felizmente, o fato incontestável e incontestado, é que dia a dia, aumenta o movimento do proletariado, muitas das vezes ainda guiado pelo comunismo autoritário, que é o bolchevismo; e o maldoso capitalismo democrático, retardando as soluções econômicas, indicadas pela Sociologia Positiva; o que os governos ocidentais e ocidentalizados, venham provocar pela terceira vez, uma grande catástrofe social, para um futuro próximo. É com certeza que o poder ocidental, vai colocar a culpa na China ou nos Árabes ou no Judeus, para justificar a suas tomadas de decisão, que são resolvidas pelas guerras. E depois se unem para reconstrução do que sobrou dos países, perdedores; e cobram destes países o valor do investimento e o serviço da dívida. Neste momento a China mostra felizmente, que tem armamento e condições militares de fazer frente aos demais retrógrados do Ocidente; e pode propor uma saída honrosa para a evolução pacífica da Humanidade.

Para isso, é de bom alvitre, que o Governo Chinês, ponha sua precaução em alerta, e se possível adote medidas internas, que possam assegurar, praticas imediatas de grandes regras, mais avançadas de Economia Política, para o Bem

Estar Social de seu Povo; e depois, poderão sugerir, as mesmas soluções, para os outros Países em desenvolvimento, as tais como, as abaixo listadas:

- 1) Dar a Propriedade Industrial, o caráter social, transformando os administradores, os atuais donos do capital ou capitalista; em Trabalhistas, como os Proletários.
- 2) Manter a Propriedade Individual e Familiar, o caráter pessoal, mantendo-os como donos de suas propriedades particulares.
- 3) Providencias para que cada Família venha possuir o necessário, para a sua manutenção material, mental e moral positiva; desapropriando, E se assim for preciso, que se caracterize esta ocorrência; uma desapropriação como de utilidade pública; no montante tal, que os capitalistas desapropriados, pudessem continuar tendo, como parcela não desapropriada, nenhum dano, para a sua própria manutenção e de sua família, para suportarem tal desapropriação;
- 4) Considerar o Salário, em dois grandes grupos, nesta fase inicial; um Salário de Manutenção, para todos os habitantes da Nação Chinesa, para a manutenção do Proletário e do Patronal, de mesmo valor; que não é considerado remuneração de Trabalho; e um Salário de Produtividade, que entra como custo industrial, este sim, será de remuneração do trabalho, retirado da empresa onde eles trabalham.

Se houver condição de se colocar em prática estes 4 preceitos, os ricos, não perderiam de todo os supérfluos , e os pobres teriam o necessário. Manter-se-ia o direito de propriedade individual material; reconhecida explicitamente a sua socialização ; por aquele direito, o dono usaria livremente a sua propriedade e por esse reconhecimento, teria este direito limitado, com o instinto da desapropriação, em favor dos Proletários.

Até o advento da reforma Doutrinária Positivista, esses princípios impostos pela força material, pelo poder Temporal, pelo Governo, preparariam o meio econômico necessário, ao advento das idéias Morais dos Deveres; e da mentalidade capaz de confraternização – pelo Amor - de todos os corações e de todas as inteligências.

A decretação destas medidas, não constitui atentado à liberdade individual, desde que a liberdade, de cada um , fique limitada pela liberdade de todos. Liberdade com responsabilidade social. Liberdade com responsabilidade Social.

Pois não é um crime contra a liberdade do pobre, não permitir que ele se instrua, que venha gozar das delícias da ciência e da arte, usufrua confortavelmente dos gozos da Família, participe integralmente da vida social, e finalmente privá-lo do capital social, monopolizado pelos ricos ?

Pois não é um abuso da liberdade dos homens do trabalho do comércio e do trabalho financeiro, contra os homens do trabalho industrial, adquirirem da noite para o dia, em uma simples transação de compra e venda, verdadeira jogatina; dezenas, centenas, milhares de dólares, para desperdiçá-los, no supérfluo, ou guardá-los em gozo próprio; e remunerarem apenas com algumas migalhas de poucos dólares, os pobres trabalhadores, sujeitos ao esforço contínuo de 8 a 10 horas de trabalho por dia ?

Contra essa liberdade individual mal compreendida, que redundaria na exploração criminosa do capital social, do capital que é de todos, medidas legais já deveriam ter sido tomadas, para gradativamente ter alterado este quadro, tão tético, da evolução da Humanidade. A apropriação individual não os exclui.

Entre o comunismo sem empecilho do socialismo radical e o individualismo absoluto do capitalismo democrático, com o direito vigente; sugerimos a solução normal do Socialismo Positivo ou Societocracia; que nos dá a Posse Individual e Administração Social; com base nos DEVERES e nas suas respectivas Disciplinas.

Caso, o momento histórico fosse outro, poderia com grande chance ocorrer esta transformação, de forma espontânea, desde que os atuais ricos se sensibilizassem, com medidas que redundassem, na eliminação do pauperismo e do capitalismo. Aos pobres não faltaria o conforto, da plena vida social, sob todos os aspectos; e aos ricos, não sobraria o supérfluo esbanjável, nas demasias do egoísmo.

Mas, “ conciliante de fato, e inflexível nos princípios”, parece-nos comportar a sociedade moderna, ao decretar ao Estado, o Poder Temporal, as quatro regras, capazes de iniciar a transformação econômica do Mundo; desde de que simultaneamente venhamos a construir uma Educação dos Sentimentos, onde o egoísmo ficam subordinados ao Altruísmo; o direito ao Dever; o progresso à ordem; a análise à síntese; com uma Constituição Societocrática.

A propriedade material é para o organismo coletivo ou social, o que é a nutrição, para o organismo individual. E como para Amar é necessário comer , pois “ os instintos mais nobres são subordinados aos mais grosseiros” – é uma das leis da Psicologia Científica – ou da Ciência Moral Teórica Positiva, ou Ciência da Construção – justo é, que o aperfeiçoamento moral da sociedade, seja facilitado, pelas condições materiais da existência.

Eliminada ou reduzida a miséria, gozando a alegria das existências, graças aos meios pecuniários indispensáveis, fica apta a sociedade, que é constituída em sua maioria de Proletários, de pobres de diversas categorias, a melhorar o seu estado moral positivo e mental – inteligência científica ; e aguardar a reforma sintética da vida, a transformação integral das opiniões e dos costumes, pela reforma Doutrinária.

Eu sei que é difícil de pôr em prática tais medidas; por um lado, a burguesia dominante, nos meios governamentais e a burguesia capitalista nos meios industriais, levantariam sobre elas, insuperáveis barreiras, ainda que alguns dos seus membros, rompessem com os preconceitos da classe, as propusessem e as defendessem; e por outro lado, os socialistas mais radicais, os comunistas libertários, com a mesma intransigência e por motivos opostos, não as apoiariam.

Desta forma o panorama, onde o movimento revolucionário se processa, cada vez mais acentuado, e mais perigoso, caracterizado pelo predomínio de um pleno comunismo Estatal, ou anarquista, em disputa com um pleno capitalismo democrático caótico; através de uma Globalização não Fraterna; até a explosão final.

É com certeza, que se não partir de uma Nação, de lastros profundos, como a China Fetichista, a análise e a ação, do proposto neste documento; o processo de transição será amargo e injusto aos humanos; as oscilações entre vitórias e perdas, destas seitas econômicas, que após reconhecerem sua inaplicabilidade destas suas soluções extremas, trará o predomínio da solução mediana, isto é, a **Solução Positiva – A Societocracia Trabalhista**.

É provável, que poderá decorrer anos, décadas, séculos; embora as profecias de base científica, não mentem. Mas com certeza triunfará um dia, a Solução Positiva do Problema Econômico, como já tem triunfado, as soluções positivas ou científicas de muitos outros problemas da existência terrestre.

Desta forma terá desaparecido o espetáculo pungente, oriundo deste doloroso **contraste : pobres sedentos do necessário, e os ricos saciados do supérfluo...**

Caros Chineses, somente através de Vocês, que tiveram a Dádiva da Natureza, em receber do “ **Céu** ”, a iluminação de terem raízes profundas no Fetichismo Espontâneo e principalmente no Astrolático, será possível evoluir, mais rapidamente, por isso; analisem a proposta de Economia Política Societocrática e do Regimen Societocrático, como o único caminho, para harmonizar o Destino das gerações futuras, não só de Vocês, como dos outros povos do Mundo, para o Bem Estar Moral e Social, da Evolução da NOSSA HUMANIDADE !

1.2) A Teoria Geral do Desenvolvimento Concreto da Civilização Chinesa.

Até este ponto da exposição, deste detalhado trabalho, nos ocupamos, não só da Economia Política, como também primeiramente da apreciação Abstrata da Civilização Chinesa, isto é, estabelecemos quais foram os seus caracteres fundamentais, comuns a todas as classes e a todas as idades desta longa evolução

Tomamos conhecimento, que a base mental da civilização chinesa, é o Fetichismo Sistematizado, pelo culto ao Céu; e estabelecemos em seguida, quais eram os elementos modificadores desta civilização; e propusemos as idéias Positivistas, para serem acatadas futuramente por este grande povo de raça Amarela, desde que seja de forma espontânea e gradativa.

Desta base fundamental, deduzimos em seguida, as características gerais da Família e da Sociedade.

Constatamos como a Família, fundada sobre o respeito filial e o culto aos antepassados, ainda é a base desta Sociedade, e que deveria continuar sendo; e também notamos que o próprio Governo, era concebido segundo o tipo da Família e não segundo o tipo Divino; distinção primordial, ao que se ligam os principais caracteres do governo correspondente.

Constatamos a completa ausência dos regimens das castas, em uma tal sociedade, e que na realidade, não tem se quer a casta real, apesar da necessária hereditariedade à função suprema; - daí uma admirável combinação, de independência e de submissão, sendo a obediência filial e o comando paternal, em vez de obediência abstrata e do comando arbitrário, que a concepção teológica faz surgir. Eis o resumo, do resumo, da Apreciação Abstrata, que foi indicada nos parágrafos anteriores deste trabalho; no entanto há necessidade de compreendermos, a Teoria da Evolução Concreta da Civilização Chinesa.

Por que, esta Sociedade, cujas bases essenciais, determinadas abstratamente, desenvolveu-se efetivamente, no meio de um certo número de circunstancias particulares ?

São as fases principais desta evolução concreta, que iremos daqui em diante apresentar, sob o ponto de vista da Doutrina Positivista, isto é, Doutrina esta Científica; e finalmente dela deduziremos, como termino deste trabalho, uma Concepção Sistemática da Situação Atual da China, como uma Potência Moral, Intellectual e Material, desde de que os seus Dirigentes venham espontaneamente abraçar uma Doutrina Científica, e mostre ao Mundo, o resultado feliz desta comunhão, por ser através dela muito mais fácil passar de um estado fetichista à um estado científico; do que as outras civilizações que ainda estão na fase perturbadora e anárquica e retrógrada, da inteligência teológica e metafísica.

1.2.1) Primeiro – O Desenvolvimento Interior, de uma sociedade Industrial e Pacífica, sob a dupla direção : do Poder Monocrático e uma Classe Administrativa (Letrada); recrutada por meio de exames regulares, em todos os Níveis Sociais de sua população até 1905. Isto é, uma Teoria sumária das duas forças que dirigiram o desenvolvimento da Civilização Chinesa: Imperador e Classe dos Letrados.

Antes de expor a Teoria desta Evolução, devemos primeiramente analisar sumariamente, dois fenômenos distintos e elementares, cuja ação e combinação simultâneas, presidiram o desenvolvimento social dos Chineses, até 1911.

Estes dois fenômenos são: Primeiro uma Família Imperial, que era representada por um único indivíduo, que era o seu chefe; em segundo, uma classe particular, que vamos designar pelo nome de Classe dos Letrados, que não atinge sua constituição, senão depois de Confúcio, mas cujos os fundamentos já existiam muito antes.

Tais são estes dois fenômenos, que presidiram o desenvolvimento gradual desta civilização e que se desenvolveram com ela.

1.2.1.1) Estudaremos em primeiro lugar o primeiro elemento elementar, da civilização chinesa, e que constituiu o seu meio de unidade; a saber um indivíduo único, o Imperador, em que se concentrava a direção geral da Sociedade. O Imperador pertencia sempre a uma Família Particular; de modo que a hereditariedade, servia de base, a esta função suprema do organismo social, por uma excepção, no entanto bastante fundamentada, para que não seja fácil aperceber, desde logo, sua razão de ser. Mas esta hereditariedade não tinha o carácter absoluto, da hereditariedade teocrática. O Imperador escolhia o seu sucessor, não somente entre o filho da Imperatriz, propriamente dita, mas entre os filhos da concubina legítimas, que lhe permitia a lei chinesa; de sorte que a sucessão suprema, poderia tocar, em uma Família habitualmente numerosa, verdadeiramente ao mais digno, isto é, aquele em que o Mérito para exercer a função, fosse o mais próximo ao seu; para que houvesse a continuidade.

A hereditariedade teocrática, pelo contrário, tem um carácter absoluto; o primogênito sucede necessariamente o pai; na antiga China, pelo contrário, a hereditariedade, tem um carácter de ordem pública, de modo a combinar tanto quanto possível, em uma tal situação, as vantagens naturais de hereditariedade, com as da escolha.

A existência deste primeiro fenómeno social elementar, em todo curso da história da China, é incontestável; e pode ser visto desde a época das mais antigas tradições, até nos meados do século XIX; um único indivíduo, pertencente a uma Particular Família, governando a China e escolhendo seu sucessor, entre os filhos. Provocando assim uma forma lenta e sólida de evolução e não um abrupto salpicar revolucionário; como ocorre hoje em dia.

Entre os impulsos fundamentais que dominavam todos os Imperadores da China, é preciso considerar dois elementos distintos e correspondentes a duas ordens de funções:

1.2.1.1.1) O Elemento da força armada ou impulsão militar, e o

1.2.1.1.2) Elemento pacífico, industrial, administrativo e paternal, em uma palavra.

Estas duas características, de impulsos íntimos, se encontravam em todos os imperadores chineses, qualquer que fosse sua origem e sua situação.

Quanto ao elemento militar; pois sua existência é inevitável; toda espécie de civilização, que se desenvolve em contato com outras civilizações, tem necessidade de poder se defender; de um lado, a necessidade de reprimir as lutas, as perturbações interiores, em uma palavra, de manter o cumprimento dos Deveres e o estado de direito, por isso, desenvolve este elemento militar. É claro que para este destino, mais que para qualquer outro, a concentração do poder fez-se efetivamente, nas mãos do Imperador. Também o Imperador da China, tinha um grau mais ou menos desenvolvido de caráter militar. Este elemento militar, considerado como essencial a constituição do poder monocrático, que sempre governou a China, na época dos Imperadores.

A este caráter militar, caráter sugerido pela situação, se alinhava sempre uma disposição pacífica, industrial, administrativa, que emanava da própria natureza da civilização correspondente. Como já foi dito que o Governo da época dos Imperadores era tomado por empréstimo à Família e não ao tipo do arbítrio divino. Segue-se daí, que o Imperador foi sempre concebido, segundo a expressão chinesa, como sendo o pai e a mãe do seu povo, como representando, naquela época, todas as aspirações e todos os Deveres dos Chefes de Família, a coragem de um e a ternura do outro; o que é, como já dissemos em resumo, a consequência necessária da persistência da civilização fetichista. Que ainda predomina nos seios das Famílias Chinesas, mesmo com a influencia das ditas modernizações introduzidas pelos fatores externos até os dias de hoje.

Estes dois elementos (1.2.1.1.1 e 1.2.1.1.2) da íntima constituição do poder monocrático, desempenhou um papel mais ou menos elevado e grandioso; ora o elemento militar predominou; ora o elemento pacífico, industrial e administrativo. Todavia a tendência geral da

civilização chinesa, em sua base, consistia em fazer prevalecer, cada vez mais o caráter industrial e pacífico.

Mas cabe saber de onde veio a Família primitiva que forneceu o ponto de partida desta sucessão de famílias imperiais, daquela época?

É evidente que a coordenação das Famílias, em uma sociedade emana sempre de um indivíduo, ou para melhor dizer de uma Família preponderante. As situações estabelecem os problemas sociais, mas sua solução pertence sempre a um órgão individual, digam o que disserem e dizem os vagos pensadores humanitários.

Não há dúvida que foi um único indivíduo que reuniu as cem famílias, das quais pretende descender a população chinesa – “ A população nativa da China, é designada pelos próprios chineses, sob o nome de Pe-sing – as cem famílias – segundo uma tradição que fixava o numero daqueles que haviam formado o primeiro núcleo da Nação” (**Abel de Rémusat, Miscelâneas Asiáticas**) ; onde foram reunidas e formaram assim um primeiro grau de sistematização astrolática no seu fetichismo espontâneo. O indivíduo que instituiu o primeiro grupo desta civilização, que reuniu as cem famílias, devera ter sido o fundador, necessário da primeira família imperial, colocando naturalmente sua família na frente desta civilização; e forneceu desta forma, o primeiro tipo, a este respeito.

Qual foi o fator do poder Imperial, cuja origem e composição íntima acabamos de explicar ?

Em primeiro lugar o poder imperial, foi um elemento, indispensável de unidade, de estabilidade e de ordem. Foi por esta concentração e esta transmissão hereditária, que a união e a ordem, puderam ser mantidas; e que a sociedade pode ser verdadeiramente fundada, pelo curso de todas as aspirações, para um centro único, que os representa e os liga. Em segundo lugar, tendo o poder imperial, um caráter militar, tornou-se ao mesmo tempo, meio de expansão e de defesa, para a correspondente sociedade. Foi neste poder, que criou-se naturalmente a função de repelir os ataques externos, e de congregar por uma mistura de força e de ação civilizadora, as populações circunvizinhas, de modo a dar a civilização chinesa, ao mesmo tempo toda a sua extensão e toda a sua estabilidade.

É necessário acrescentar, que o poder imperial, foi também um elemento de progresso interior. O trabalho preparado pelo trabalho dos predecessores, recebeu sempre a sua sanção e sua consolidação definitiva, vindo dos eminentes imperadores da China,

que com efeito proclamavam os progressos e os incorporavam definitivamente.

Foi assim que na China, o elemento necessário da unidade de consolidação, de expansão e até de progresso da correspondente civilização, foi iniciado na época do poder imperial.

1.2.1.2) Classe dos Letrados - Verifiquemos agora, a Segunda força elementar, que presidiu os destinos desta grande Nação e de sua civilização, a **Classe dos Letrados; na era dos Imperadores**.

A natureza da civilização chinesa repelia o regimen das castas, como já ficou estabelecido e é o ponto essencial. Mas esta civilização, fazia necessariamente surgir, uma classe esclarecida, de conhecimento administrativo, letrada e culturada, e que sempre devia assumir a direção das funções sociais, sob a supremacia Imperial. A acumulação dos capitais tornava inevitável, permitindo uma cultura intelectual direta, e o surgimento de uma classe distinta. E não tendo esta classe se constituído em uma casta, pela ausência na China da inteligência teológica, converteu-se em uma classe esclarecida, tendo necessariamente influencia, e que influenciou naturalmente a administração da China, no período dos Impérios.

Esta classe que surgiu desde a estréia desta civilização, desenvolveu-se em uma população cada vez mais industrial; mas esta classe, não se tornou a classe dos letrados, nem ficou sistematicamente constituída senão pelo impulso de Confúcio e de sua escola – Mas também se percebe no Tchéou-li ou ritos de Tchéu, o quadro completo da organização administrativa da China, entre os Séculos XII e o X , Antes da era Cristã. E este documento, além do que nos ensina, mais direta e mais brevemente o Chou-king, nos dá, a prova decisiva da existência da Classe Diretora, com os seus caracteres gerais que estamos apresentando.

Até o surgimento de Confúcio, temos conhecimento de muitos ministros, administradores, generais, etc., etc. , e não de castas distintas, mas na parte mais culta da população, mas sem regras fixas, e sem uma doutrina coordenada, que servisse de bandeira e de ponto de interface. Foi com Confúcio, que esta classe achou o seu Mestre ou Doutor, o seu organizador.

Por esta razão é que consagraremos, neste trabalho, um capítulo, uma apreciação sistemática da grande escola, da qual este eminente filósofo é o fundador.

Qual é o papel da classe dos letrados, no conjunto da civilização Chinesa ?

Esta classe foi o órgão regulador do Progresso, por séculos, porque podia entregar-se a uma atividade social industrial científica, que o regimen das castas, não tendia a comprimir e a restringir em limites invariáveis; persistindo no meio do desaparecimento, sucessivo das dinastias chinesas, daquela época; ela era ao mesmo tempo o órgão da verdadeira continuidade social. De outro lado, esta classe agiu como meio de reação ao poder imperial daquela época; para limitar espontaneamente este poder e reduzir nele o poder militar, e impeliu ao desenvolvimento o elemento industrial pacífico.

A classe dos letrados desenvolveu nos imperadores, o caráter paternal, construindo neles um estilo altruísta de conduta, e impeliu lentamente, mas de um modo contínuo, à realização deste tipo de conduta . Foi pela sua influência, que gradualmente se realizou, um admirável sistema de administração geral. Enfim, podemos dizer que foi esta classe, que promoveu um órgão regulador da opinião pública, contra os desvarios inevitáveis da função suprema, que assim forneceu uma força modificadora no elemento diretor.

Assim, temos certeza que estas duas forças gerais – Imperador e Classe dos Letrados, foram as que presidiram a evolução da civilização Chinesa.

Desta forma podemos dizer que terminamos a apreciação abstrata das bases desta Civilização; determinando em seguida as suas forças diretoras; e assim possuímos desta arte, o fio da meada, que vai nos dirigir na definição da teoria deste grande fenômeno sociológico, ainda tão mal apreciado no seu conjunto; não obstante numerosos e interessantes trabalhos, cujos detalhes se perdem sem conteúdo científico, nas suas explicações .

Muitíssimo, mais tarde, no século XX, a grande influencia do Comunismo Bolchevista, veio contaminar de forma não perfeita, mas necessária, toda esta grande evolução fetichista; pois o Positivismo, não era conhecido; mas o comunismo, trouxe e tem trazido, grande contribuição científica para o desenvolvimento tecnológico Chinês, de forma revolucionária; mas no campo moral e sociológico, tem deixado muito a desejar; pois a doutrina comunista, como a democrática capitalista são imperfeitas para o Ser humano; como em todas as outras civilizações, tanto oriental como ocidental. Mas pela sugestão científica, pacífica e industrial, em que o positivismo pode colaborar, esperamos com este trabalho poder trazer algo mais preciso, para traçar o rumo pacífico, para o Povo Chinês, que poderá ao analisar e futuramente implantar, se assim for da simpatia do seu Povo e dos seus Governantes, pois estes estão bem mais unidos, pela cultura fetichista; por isso, será muito mais fácil de entender e

compreender, o Regimen Societocrático; e depois propagá-lo para todo o Mundo.

1.2.2) A Decomposição do Conjunto da evolução Chinesa em suas fases essenciais.

É necessário antes de tudo eliminar um erro muito vulgarizado, sobre a pretensa imobilidade da civilização chinesa, nestes séculos antes dos séculos XV ao XIX, quando ocorreram muitas influências Ocidentais.

Segundo uma maneira de ver que a ignorância ocidental ainda de hoje, tornou muito persistente e que a população chinesa, já deveria ter atingindo, desde a mais remota antiguidade, um certo estado, e que no seu todo, jamais ultrapassara.

Esta concepção ainda constitui para a maioria, um verdadeiro mistério, em que se impedia seu esclarecimento, até ter aparecido um recurso, para explicar cientificamente uma extraordinária revelação.

Porque admite sem revelação alguma, o advento espontâneo de uma civilização extensíssima; o que é evidentemente absurdo. Não se saberia, com efeito explicar, devido a que mistério, dois mil anos antes de Cristo, existia um estado social tão desenvolvido; que assim surgiu repentinamente, e logo depois ficasse perfeitamente inerte. Muitos eruditos do passado, de elevado nível intelectual, preocupados a dar a Civilização Chinesa uma data tão remota como possível, apoiaram esta concepção. Tomaram ao pé da letra, o sonho da idade do ouro dos letrados chineses. Os letrados colocados em um ponto de vista absoluto, deveriam ter transportados para o passado o tipo ideal de sua civilização; de tal sorte que para todos eles, que todo novo progresso, foi um retorno a uma espécie de idade do ouro primitiva; processo de inteligência absoluta, para sancionar as necessárias inovações, sem interromper entretanto a continuidade; processo lógico que encontramos por toda parte, e que só a inteligência científica pode substituir em virtude de seu caráter relativo. Este sonho da idade de ouro, colocada no início da civilização Chinesa, tomada muito a sério, pelos honrados eruditos, deu consistência aos absurdos preconceitos da ignorância ocidental. Mas esta opinião é inteiramente irracional; a civilização chinesa estreou como todas as outras, pelo estado mais grosseiro. As tradições primitivas, descrevem as suas primeiras tribos, tendo apenas cabanas, vivendo de ervas, etc. , etc. , enfim, o estado em que encontramos, em sua origem e em todas as outras civilizações. A civilização chinesa, partiu pois, como todas as outras, de um estado inteiramente inferior, e chegou por um longo e gradual desenvolvimento, a uma imensa extensão, tanto social como territorial.

No entanto, há no conjunto desta civilização, um grande caráter que pode dar uma certa aparência, a absurda opinião que acabamos de refutar;

é que a evolução da civilização chinesa, sempre contínua, e que sempre consistiu em desenvolver os embriões de sua organização primitiva; mas este grande caráter que daremos aqui destaque, é um admirável título, ao respeito de todo verdadeiro filósofo, bem longe de ser um sinal de inferioridade, como ainda supõe a anarquia ocidental.

É um belo fenômeno que só o **estado normal** poderá realizar, para todas as sociedades, este prolongado desenvolvimento da civilização; mas sempre, todavia com o mesmo caráter; em vez das mudanças mais ou menos bruscas, e mais ou menos heterogêneas, que nos apresenta as sucessões das fases da civilização ocidental; mas no entanto, entre os séculos XV e XX, a conturbação da ordem e do progresso, foram introduzidas em parte da China, provocando grande conflitos; como hoje em dia temos a influencia dos ocidentais, com a idéias de democracia capitalista – teologísmo, e outros anarquismos. Vemos ainda, com efeito, no Ocidente, a partir do estado Teocrático, uma sucessão de estados sociais heterogêneos, interligados entre si, que constituíram, as evoluções gregas, romana, católica-feudal, e que nenhuma das quais soube fazer conveniente justiça a precedente, e habitualmente até não soube senão maldizê-la. A evolução revolucionária, iniciada no século XIV, muito agravou seus estados mentais. Verificamos suceder uma série de bruscas mudanças, tendo na realidade, entre si, uma verdadeira ligação, quase que imperceptível.

Os letrados ocidentais sistematizaram um tal estado, tomaram o tipo de moléstia, pelo tipo de saúde, subordinaram esta estranha concepção a apreciação de todas as outras civilizações.

A China não apresentava até o século XIX nada de semelhante a esta civilização ocidental. Após ter sofrido mais recentemente a influencia da Doutrina Comunista, continuou sempre a mesma civilização; civilização predominantemente fetichista astrolática, tomando um incremento contínuo, mas conservando sempre o mesmo caráter; civilização em que os contemporâneos bem dizem, os seus antepassados, em vez de fazerem consistir sua grandiosidade em amaldiçoa-los e desconhece-los.

É um espetáculo consolador, que nos oferecia até 1911, a China; podia e ainda pode em algumas áreas do seu território, presenciar este espetáculo, um desenvolvimento verdadeiramente orgânico; em que o progresso incessante não desconhece a continuidade, do caráter supremo de toda a sociabilidade.

Se na China percebemos uma sucessão contínua e em evolução, isto não quer dizer que não haja revoluções, como a que ocorreu mais recentemente com a Revolução Comunista de Mao; e a atual retrógrada capitalista democrática. Se por revolução entendia-se, ser uma mudança

de dinastia, e não uma mudança no próprio caráter da civilização correspondente.

A China nos apresenta com efeito, em sua longa história, numerosas comoções interiores; mas à que eram estas comoções devidas ?

Resultavam da necessidade de mudar, de tempos em tempos, naquela época, na Família Imperial, o elemento diretor, isto é, a força central da sociedade. É claro que a situação preponderante do poder imperial daquela época, apesar dos limites espontâneos, que a opinião e a corporação dos letrados lhe infligiram, e que tendiam a perturbar ao cabo de certo tempo, a inteligência e a moralidade das naturezas muito pouco eminentes, que chegavam algumas vezes á suprema função. As perturbações interiores também vinham destas mudanças de dinastias que se tornavam necessárias. Algumas delas foram graves. Tratava-se com efeito de substituir o órgão fundamental, aquele que mantinha a unidade: a unidade das populações, e que achava por conseqüência ligados a todos os hábitos, na correspondente população. Estas mudanças também são acompanhadas de suas comoções; mas estas comoções, não alteram o fundamental caráter da população. É um órgão que se elimina depois que exerceu sua função no organismo social, segundo um trabalho análogo aquele, que se realiza normalmente, no organismo individual; no entanto, acompanhado de uma perturbação patológica transitória; mas estas revoluções não desconhecem a continuidade social. Entretanto no Ocidente, segundo uma concepção tão absurda, quanto imoral, a santificar este estado de moléstia; em vez de deplorá-lo; a considerar como um estado verdadeiramente normal, um estado sem regras e sem limites; como recentemente temos apreciado nas atitudes de muitos dirigentes do Ocidente. Mas estas tristes disposições patológicas explicam porque o desenvolvimento orgânico e normal de uma grande civilização foi tomado, como um sinal de inferioridade, por inteligências embrutecidas, pelo espírito anárquico, que dominava e domina, mesmo aqueles, que se consideram os mais conservadores, daqui do ocidente, daqui do ocidente. Se considerarmos o conjunto da civilização chinesa, vemos que ele se estende, de modo suficientemente autentico, desde do ano 2.500 antes de Cristo, até a data de hoje; mesmo com toda absorção do Comunismo e do Capitalismo Democrático. É mister não ligar grande importância a este número de 2.500. No entanto as cifras sempre têm uma verdadeira utilidade lógica, sobretudo em sociologia, quando se referem as épocas primitivas, para limitar divagações muito naturais. Mas a sua importância científica, com relação as épocas primordiais, não é tão grande, como em relação às épocas mais recentes, visto a extrema lentidão da evolução social em seus primórdios. É pois, durante um período de mais de 6.000 anos que se desenvolve de um modo contínuo esta grande civilização.

A história evolutiva da civilização chinesa pode ser dividida em sete (7) grandes períodos distintos, por meio de uma análise Positiva ou Científica :

1.2.2.0) Desde a Antigüidade Remota e a Sociedade Escrava: antes da formação do Estado Chinês. 1.700.000 anos até 2860 a . C. com os Governadores Lendários.

1.2.2.1) Apreciação Geral da Primeira Fase da Civilização Chinesa (De 2850 anos a.C. até o ano 207 a.C.) , - sendo que a Dinastia Xia (Hsi) a mais antiga, que se iniciou em 2070 a .C.; passando pela Dinastia dos Shang – (1600 a . .C. à 1046 a . C.) , passando, também pelas três dinastias dos Zhou (Chou); até o fim da Dinastia Ch'in.(Qin) (Thsin) - no ano 210/207 a . C. , isto é, tendo como o Primeiro Imperador, Thsin-chi-hoang-ti (Yingzheng) : entre os anos 230 a . C. à 222/221 a .C.

1.2.2.2) Apreciação da Segunda Fase da Civilização Chinesa, do ano 206 a.C. passando por várias dinastias dos Han, dos Thang, dos Soung, dos Youens ou Mongoes, dos Ming, e dos Thai-Thsing ou Mandchús ou Qing (1911) . é neste período de 1644 a 1911, na dinastia dos Qing, onde inicia-se mais fortemente, a influencia dos “ Bárbaros”- Ocidentais, até a Primeira Revolução em 1911 – Período em que encontramos uma retrógrada Nova Era, do anos de 1840, que se estende até 1919 – Conhecida hoje em dia pelos Chineses, como Época Moderna.

1.2.2.3) Apreciação da Terceira Fase da Civilização Chinesa, a revolução, iniciada com o Movimento de 4 de Maio de 1919 – o Movimento Comunista, com Mao Zedong – até 1949 ; Este Período de 1919 à 1949, ficou conhecido, nos dia de hoje, na China, como Revolução da Nova Democracia e o período da Nova República. De 1949 até 1976, com a criação da República Popular da China, com base no Comunismo de Mao. Grande Revolução Cultural.

1.2.2.4) Apreciação da Quarta Fase da Civilização Chinesa - O Grande Caos Interno – A Evolução com a Globalização – da década de 1970 até hoje – 2004. – Conflito interno entre o Capitalismo e o Comunismo – Desemprego – Concentração de Renda e Maximização de Miseráveis.

1.2.2.5) Apreciação da Quinta Fase da Civilização Chinesa - como República Societocrática Federativa da China, utilizando no Mercado Internacional, as forças do Capitalismo Democrático; e no Mercado Interno, usando as forças do Trabalho Societocrático. Minimizando desta forma, internamente na China, o Comunismo e a Democracia.

1.2.2.6) Apreciação da Sexta Fase da Civilização Chinesa – Como República Societocrática Federativa – com uma Pronunciadura Republicana – de cunho Trabalhista; emanando para o Mundo, as diretrizes do estado Normal da Humanidade, por meio da Religião da Humanidade – no comando Moral, Espiritual e Prático do Mundo, tendo como base: O Amor por Princípio; a Ordem por Base e o Progresso por Objetivo. Fazendo definitivamente ocorrer a queda do capitalismo democrático e do comunismo de Estado, ambos individualistas, de cunho altamente egoísta; para o Bem Social e Moral da Humanidade

Vamos analisar cada um dos tópicos acima citados :

1.2.2.0) Apreciação geral da fase zero, a Antigüidade Remota e a Sociedade Escrava: antes da formação do Estado Chinês. Desde 1.700.000 anos atrás; até 2860 a . C. com os Governadores Lendários ou Imperadores Lendários.

Com os registros históricos de quase cinco milênios de antigüidade, a civilização Chinesa, é uma das mais antigas da Humanidade.

O *Homo-yuanmounensis* fóssil de um homem macaco, descoberto em Yuanmou, Província de Yunnan, sudoeste da China, data de 1.700.000 anos atrás, e é um dos mais primitivos dos Homo, encontrado dentro do território chinês. Temos também o *Homo-pekinesis*, que viveu em Zhoukoudian (Beijing), a aproximadamente 600.000 anos atrás, que já podia caminhar de forma aprumada, fabricar e usar instrumentos simples e empregar o fogo. Em muitos locais da China tem-se encontrado, restos dos neolíticos, de uns 10.000 anos de antigüidade. E nos sítios arqueológicos de Hemudu, na Província de Zhejiang, na costa oriental, e de Banpo, em Xi'na, capital da Província de Shaanxi, no noroeste da China, cuja origem se remota à cerca de 6.000 a 7.000 anos , e se tem descoberto arroz e outros grãos cultivados, assim como instrumentos agrícolas.

Cabe neste período, ilustrar, uma lenda Chinesa, que por séculos e milênios, tiveram historiadores oficiais, que registraram os acontecimentos e inventaram outras passagens; como contam, que P'an-Ku, o primeiro homem, depois de trabalhar 18.000 anos, deixou o mundo em ordem, lá pelo ano 2.229.000 a . C.

Enquanto trabalhava, seu sopro se tornou o vento e as nuvens, sua voz o trovão, suas veias os rios, sua carne a terra, sua cabeça as plantas , seus ossos os metais, seu suor a chuva; e o piolhos de seu corpo tornaram-se a raça humana. Os Reis

ou Governadores primitivos, diz a lenda chinesa, reinaram por 18.000 anos, cada um, e muito lutaram para transformar, em homens civilizados, os piolhos de P'an-Ku. Antes da chegada destes “Imperadores Celestes”, os homens eram como animais bravios, alimentavam-se de carne crua e apenas conheciam as mães, nunca os pais.

1.2.2.1) Apreciação Geral da Primeira Fase da Civilização Chinesa (De 2850/2 anos a.C. até o ano 207 a.C.) , - sendo que a Dinastia Xia (Hsi) (Hsia) a mais antiga, que se iniciou em 2070 a .C.; passando pela Dinastia dos Shang – (1600 a .C. à 1046 a .C.), passando, também pelas três dinastias dos Zhou (Chou) (1046 - 771/476/221 a .C.); até o fim da Dinastia Ch'in.(Qin) (Thsin) - no ano 210/207 a .C. , isto é, tendo como o Primeiro Imperador, Thsin-chi-hoang-ti (Yingzheng): entre os anos 230 a .C. à 222/221 a .C.

Esta Primeira fase geral da civilização chinesa, é considerada a fase da Implementação ou Instalação. Desde sua origem até Confúcio, esta civilização se estabeleceu, com todos os caracteres que acabamos de estudar, nos capítulos anteriores: o fetichismo sistematizado, pelo culto astrolático, ausência de casta; no entanto, tendo uma classe educada administrando e governando, sob a direção de um único chefe - Imperador; enfim, a Família solidamente estabelecida, sobre o culto dos antepassados e o respeito filial.

Foi em 2852 a .C. , que surgiu o Imperador **Fu Hsi**, que ajudado pela sua esclarecida rainha, ensinou ao povo o casamento, a música, a escrita, a pintura, a pescaria com rede, a domesticação dos animais e a criação do bicho da seda. Preste a sua morte, em 2737 a .C., que Fu Hsi nomeou como seu sucessor **Shen Nung** (2737-2697 a .C.), que introduziu a agricultura, inventou o arado de madeira, estabeleceu mercados e comércios, desenvolveu a medicina, com o estudo do valor curativo das plantas. Em seguida aparece, o valente Imperador Soldado **Huang-Ti** (2697-2597 a .C.), que num reinado de um século, deu a **Tien-hua, Sob o Céu** ou **Sz-hai = Dentro dos Quatro Mares** (a China), o magneto e a roda, nomeou historiadores oficiais, construiu as primeiras casas de tijolos, organizou um observatório astronômico, corrigiu o calendário e redistribuiu a terra. Seu sucessor **Yao** (2356-2255 a .C.) também governou um século, o **Chung-Kuo – Reino Médio** ou **Chung-Kwa-Kuo = Florido Reino Médio** (a China) . O velho filósofo Confúcio dizia a 1800 anos mais tarde, ao lamentar a decadência da China de seu tempo, que os chineses daquela época do Imperador Yao, se tornavam virtuosos, só ao admirá-lo; em sua simplicidade, não obstante era o mais rico, o mais sábio, o mais amado, e foi o que viveu mais, de todos os Imperadores de Chung-Kuo. O último destes “Cinco Dirigentes”, foi **Shum**, o filho exemplar, o paciente herói, que combateu as inundações do Rio Amarelo (Hoang-ho), melhorou o

calendário, padronizou pesos e medidas, e tornou-se credor da gratidão da posteridade escolar, reduzindo o tamanho do chicote, com que as crianças chinesas eram educadas. Diz a tradição, que na velhice Shum, fez sentar ao seu lado no trono, o mais hábil dos auxiliares, o grande engenheiro Yu, que desenvolveu sistemas de controle das cheias de nove rios, com abertura de nove lagos, nos seus respectivos vales; “ se não fosse Yu” , dizia o Chinês, “todos nós seríamos peixes” . Conta a lenda que no reinado de Shum, o vinho foi descoberto e apresentado ao rei, mas Yu o repeliu, pré dizendo: “ Dia virá em que esta coisa custará a alguém um reino” O descobridor foi banido e sua descoberta foi proibida; mas a partir de então, e para lição dos reis, o vinho tornou-se a bebida nacional da China. Substituindo o princípio da sucessão hereditária, pelo da nomeação. Yu estabeleceu a Dinastia Hsia (Xia), isto é, civilizada; a mais antiga , que se iniciou em 2070 a . C. (2205 ?) .A Dinastia Xia chegou ao fim , com o caprichoso imperador Chieh Kuei (1818 – 1766 a . C.), que se divertiu com a esposa em afogar três mil chineses, num lago de vinho. Ossos encontrados na província Honan trazem o nome de governantes tradicionalmente postos na Dinastia Shang – (1600 a . C – 1046 A . C.) – foram encontrados alguns vasos de bronze, que se atribui a este período. A seguir veio a Dinastia dos Chou (Zhou) do Oeste (1046 –771 a .C.) , durante as quais se desenvolveu a escravidão, logo veio a Dinastia de Chou (Zhou) do Este (770 476 a . C.), período primavera outono; e finalmente a Zhou do Este , período dos Reinos Combatentes 475 – 221 a . C., Neste período das Dinastias Zhou ou Chou teve lugar um florescimento sem precedentes no campo do pensamento, de onde surgiram grandes filósofos, como Lao Tze, Confúcio -- Confúcio pelo ano de 551 - 479 a . C. elaborou a filosofia, que sistematizou a civilização chinesa, e estabeleceu assim as bases da organização reguladora da Classe dos Letrados; e Mencio. O mestre da arte da Guerra - Sun Wu; e finalmente a Dinastia Qin Shihuang– (259 à 210 a . C.); que se inicia pela enérgica ação militar de **Thsin-chi-hoang-ti (Shih Huang-ti (Qin Shihuang-ti) - 230 a 211 a .C.,** que constituiu enfim o Império Chinês, no ano de 221 a . C.; foi o Primeiro Imperador Chinês. A partir deste momento a civilização chinesa fundada definitivamente se desenvolveu por uma ação gradual, até o final do século XIX, onde lutas sucessivas contra o colonialismo capitalista se fez até a chegada do Comunismo Bolchevista e o parcial Capitalismo democrático, anárquicos e retrógrados.

Neste longo período, os filósofos e historiadores chineses, dominados por um louvável sentimento de continuidade, queriam introduzir na história de sua sociedade, uma unidade que a natureza das coisas não permitia. Imaginaram na mais longínqua antigüidade, toda sua civilização ulterior. São os três sonhos da idade do ouro; mas o que há de verdadeiro, é que os embriões desta civilização, remontam efetivamente a mais remota das antigüidades; mas são apenas embriões, que só uma longa civilização pode desenvolver.

As tradições colocam o berço da civilização chinesa sobre as margens do Hoang-ho ou rio Amarelo, para o lado norte do curso deste rio; isto é, para as províncias de Chen-si e de Chan-si. Foi neste ponto, que se formou o grupo que havia de tornar-se por uma extensão gradual, o Império Chinês.

A civilização chinesa desce este grande rio, se estende sobre suas margens, irradia-se para o norte e para o sul, e acaba enfim por atingir sua imensa atual extensão. As tradições, conforme de resto às próprias leis de toda formação social, nos apresentam o primeiro grupo, como restritíssimo, pois concebe-lo como formado de cem famílias, dos quais toda a população chinesa pretende descender, por ser este núcleo representado como sendo primitivamente, em um estado primitivamente selvagem. Formado e ligado por um culto astrolático, pela adoração sistemática do Céu; com origem da iniciativa familiar; este núcleo, radia-se então, sobre as populações circunvizinhas, de dois diferentes modos, por uma ação conquistadora, e pela ação natural de uma civilização, mais adequada, sobre populações não constituídas, e que não ofereciam por conseqüência, elementos de resistência à uma influencia civilizadora. Percebemos então uma sociedade a adquirir uma constituição mais fixa, estender bastante a sua ação; mas não sendo o seu caráter preponderante, primitivo, o caráter militar, as conquistas, não são senão momentâneas, e em vez de formarem um único império, formavam em redor da população iniciadora, um grande número de grupos ou distintos reinados, submetidos a uma mesma civilização, mas não apresentando uma real subordinação política. Os historiadores chineses que desejaram introduzir, na evolução de sua civilização uma completa unidade, apresentam uma tal situação, como uma espécie de decomposição de um único império. Assim até Confúcio, apreciamos ser produzido o seguinte fenômeno geral: desenvolvimento da civilização astrolática, com os caracteres que já foram indicados anteriormente neste trabalho; formação de um grande número de pequenos Estados dominados pela civilização chinesa.

É por isso que devemos neste momento, verificar qual foi em tal situação o especial papel de Confúcio, sobre o qual voltaremos mais profundamente, abordar; mas que é preciso apreciar sumariamente, para bem indicar as essenciais etapas desta longa evolução.

O papel de Confúcio, foi construir para a classe esclarecida e administrativa, cujo desenvolvimento se havia produzido, de acordo com a inteligência da civilização chinesa, uma doutrina filosófica, que fosse a expressão sistemática, da própria natureza desta civilização.

Este papel desenvolvido por Confúcio, foi imenso, e o ser humano jamais exerceu uma maior ação, mais profunda, e mais regular no desenvolvimento de uma sociedade. Esta doutrina sistemática, construindo o tipo que deveria realizar, forneceu a concepção, em torno da qual

puderam e tiveram condições de grupar-se os teóricos, os administradores e todos aqueles, em resumo que fariam parte, da classe esclarecida. Esta doutrina deu a uma tal classe, uma verdadeira constituição, uma real unidade; fundou finalmente a classe dos letrados: é a partir de Confúcio, que esta classe se consolida. A partir deste momento a civilização chinesa também se desenvolve, com uma intensidade e uma regularidade extrema; porque ela adquiriu em fim uma primeira coordenação, do seu segundo elemento diretor. A primeira força fundamental, o elemento de ordem, de unidade de consolidação, isto é, o poder imperial, devera ter-se estabelecido desde o início; mas o elemento modificador, posto que sugerido desde a origem, da própria natureza desta sociedade, não chega a se coordenar senão a partir de Confúcio. Isto concebe-se. A concentração estava na própria natureza do primeiro elemento, que deveu desde o início, ser mais ou menos sistemático; mas o segundo elemento modificador, dispersivo por natureza, não pode chegar senão mais tarde, a conquistar a doutrina que lhe deu uma coordenação, e permitiu-lhe exercer sua ação mais completa e mais característica.

De Confúcio à Thsin-chi-hoang-ti de 551 á 206 a . C. o que podemos deslumbrar ?

A situação política da China, a situação dispersiva da China permanece a mesma; mas a civilização caminha gradualmente. A classe dos letrados adquire, dia a dia, em cada uma das pequenas dinastias, uma importância crescente. Verificamos que os letrados visitam de reino em reino, ao proporcionar seus conselhos e os seus conhecimentos de negócio. Os filósofos da seita de Confúcio, nascidos em um reino, se tornam Mandarin, e ministro em outro reino. Assim se estabelecem, por meio da classe dos letrados, relações cada vez mais regulares entre reinos politicamente distintos, de modo a preparar o advento da unidade política realizada por Thsin-chi-hoang-ti.

A semelhança dos hábitos, dos costumes, se desenvolve cada vez mais sob a influencia da classe dos letrados, ao mesmo tempo que esta classe impele ativamente ao desenvolvimento industrial e pacífico dessas diversas populações.

Ao chegarmos em Thsin-chi-hoang-ti – 221 a . C., registraremos qual foi o valor deste grande homem, isto é, a importância capital do seu trabalho, apesar dos graves desvios de que foi acompanhado.

Thsin-chi-hoang-ti pertencia a dinastia dos Thsin, cuja a sede era ao norte da China, nas atuais províncias de Chen-si e Chan-si, e era o chefe de uma das oito dinastias que compunham o então povo chinês. Chegou a conquistar todos os reinos; reuniu todos os outros estados, sob um só domínio e verdadeiramente fundo o antigo Império chinês.

O reino de Thsin-chi-hoang-ti em contato com os Tártaros, fez com que as atividades militares fossem desenvolvidas, em melhores condições, em relação aos outros reinos das proximidades da embocadura do rio Amarelo; em que a atividade pacífica, devia Ter mais preponderância; não é para admirar, que depois disso a atividade de conquista tivesse vindo dessa dinastia.

Thsin-chi-hoang-ti, conseguiu unir sob um mesmo domínio, políticos dos reinos ligados entre si, aliás pela mais extrema analogia de civilização. Uma vez verdadeiramente constituído o império chinês, Thsin-chi-hoang-ti, estendeu o seu domínio além do rio Yang-tseu-kiang ou rio Azul, até Tonquin ([Nanquim ?](#)), nesta região que constitui a China Meridional. Assim agregou ao império, populações que não eram realmente chinesas, isto é, nas quais , não se achavam desenvolvidas a civilização; cujos traços fundamentais já descrevemos. Mas estas populações, depois de terem sido conquistadas pelas armas de Thsin-chi-hoang-ti, foram em seguida gradualmente conquistadas, pela civilização chinesa.

Estas duas partes da China, sempre apresentaram lutas, mas o retorno a unidade política, sempre se realizou. Por conseguinte a conquista de Thsin-chi-hoang-ti, foi decisiva para consolidação do Império Chinês. Thsin-chi-hoang-ti repele e contem os Tártaros. Sempre ocorreram lutas entre a civilização chinesa, que se desenvolvia constantemente, que se estendia sem cessar, e os nômades que as circunscreviam pelo norte e pelo oeste.

Thsin-chi-hoang-ti, triunfou e conseguiu conte-los. Cabe a ele o mérito da construção da famosa Muralha, com mais de 5.000 Km, utilizando mais de 300.000 pessoas; destinada a defender a China contra os Tártaros. Mas esta imensa construção, foi antes um monumento de orgulho, do que um meio de defesa. Mas principalmente um meio de arrumar trabalho, para uma população já numerosa. Também mandou edificar o imenso mausoléu, cujos guardiões, os guerreiros de cabelos de trança, com tamanho e presença real, descobertos em 1974 d.C.; com os seus 8.000 guerreiros e carros de bronze, considerados a “ oitava maravilha do mundo”

A China apesar de possuir esta famosa muralha, foi conquistada duas vezes pelos Mongoes e pelos Mandchús. Mas a sua conquista reduziu-se, como justamente observaram a conferir-se-lhes o direito de montar guarda no interior do vasto império.

Thsin-chi-hoang-ti desenvolveu fortemente no governo chinês o elemento militar; daí a extrema oposição dos letrados. No entanto esta ação militar foi muito útil, para realmente construir o império chinês; no entanto a classe dos letrados tinha uma sólida consistência e estava bastante enraizada, nos alicerces desta civilização, para que o movimento operado por Thsin-chi-hoang-ti pudesse ser outra coisa a mais do que uma ditadura

militar, temporariamente necessária, para a estável fundação que foi este grande Império.

Esta magnífica obra realizada por Thsin-chi-hoang-ti, fez o uso da força com extrema violência. Tem-se desejado muitas vezes justificar tais violências, por uma pretensa necessidade; são exagero da inteligência absolutista. Estas violências sempre provem de uma verdadeira inferioridade moral, em naturezas eminentes.

Os letrados dominados pelo sentimento de continuidade, preocupados com o caráter administrativo e paternal, que desejavam fazer prevalecer no governo chinês, desconhecaram completamente, o que tinha de útil e de necessário à política de Thsin-chi-hoang-ti, para realmente fundar o império chinês e dar-lhe uma suficiente base de estabilidade, contra os invasores. Não souberam desligar-se suficientemente, do tipo antigo que fizeram de Thsin-chi-hoang-ti e de seu ministro Li-sse, antagonistas. Esta oposição conduziu Thsin-chi-hoang-ti a uma medida de violência e de uma extrema brutalidade. Ordenou a destruição de todos os livros e proibida quem quer que fosse, sob pena de morte, o conservar um exemplar que fosse, principalmente dos livros antigos que eram venerados pela população; esta ordem de uma barbaridade incrível, foi executada com uma extrema crueldade; mas provocou por parte dos letrados, uma nobre coragem em defender estes livros, onde se condensava toda a sabedoria dos séculos anteriores. Esta foi a medida extrema, injustificável de Thsin-chi-hoang-ti, que sufocou assim com uma violência imperdoável, uma oposição bem natural, e que ela tinha facilidade de vencer, no que ela houvesse de desarrazoada, sem recorrer a tão bárbaros expedientes. Mas convém notar que Thsin-chi-hoang-ti, tão profundamente inimigo da classe dos letrados ou dos sectários de Confúcio, foi pelo contrário, partidário esclarecido dos seguidores de Razão, dos Tao-sse; seita metafísica fundada por Lao-Tze.

Isto se concebe, pois os Tao-sse, como todos os metafísicos, mais ou menos, tinham o desprezo pelo passado; por isso, deveriam tornar-se facilmente simpáticos a um revolucionário como Thsin-chi-hoang-ti.

Em contra partida os seguidores de Confúcio, verdadeiros representantes da civilização chinesa, tinham pela antigüidade o mais profundo respeito. De resto, é preciso notar, que a proteção concebida pelos imperadores chineses aos Tao-sse ou aos Budistas é em geral, um sinal de retrogradação. Isto se concebe, visto o caráter inferior destas doutrinas que propagam, mais ou menos, as indefinidas e infinitas divagações mentais.

Assim, por esta análise sumária, apresentamos a primeira fase da civilização chinesa; que está constituída, quanto suas bases essenciais, fazendo com que o Império Chinês ficasse constituído e estabelecido, até

1911 – quando a China passou a ser denominada por **Chung-Kwa-min-Kuo**, isto é, “ **Povos do Florido Reino Médio**” .

Ele podia experimentar comoções, lutas, esfacelamentos; mas os seus diversos elementos, sempre se aproximaram e se aproximarão, pelos seus hábitos e costumes anteriores; e pela ação da classe dos letrados; estes últimos, hoje substituídos pelo Congresso do Partido Comunista e da Academia de Ciências Sociais da China; cada vez mais sistematicamente organizados.

1.2.2.2) Apreciação da Segunda Fase da Civilização Chinesa, do ano 206 a.C. passando por várias dinastias dos Hans, dos Thang, dos Soung, dos Youens ou Mongoes, dos Ming, e dos Thai-Thsing ou Mandchús ou Qing (1911) . é neste período de 1644 a 1911, na dinastia dos Qing, onde inicia-se mais fortemente, a influencia dos “ Bárbaros”- Ocidentais, até a Primeira Revolução em 1911 – Período em que encontramos uma retrógrada Nova Era, dos anos de 1840, que se estende até 1919 – Conhecida hoje em dia pelos Chineses, como Época Moderna.

A história da China nos apresenta um grande numero de dinastia, algumas das quais reinaram simultaneamente, durante os períodos de anarquia; e das ditaduras militares retrógradas, nos períodos de tentativa de colonização pelos ocidentais; e finalmente com a introdução do regimen comunista bolchevista e atualmente, com a imposição do regimen capitalista democrático, com suas idéias de Globalização; procurando uma saída honrosa para atender os seus costumes milenares de formação fetichista. A China mais uma vez se sacrifica com as idéias egoístas dos ocidentais, para não ficar sendo explorada pelos capitalistas; procura atender no mercado internacional as regras do jogos da OMC, elaboradas pelos capitalistas, para poder absorver as tecnologias de ponta; mas procura maximizar sua suficiência.

Mas como se trata aqui, não de uma história detalhada e concreta da China, mas sim, de rápida exposição sistemática sobre a marcha geral desta civilização, consideremos durante este período, **seis grandes** dinastias – **os Hans, os Thang, os Soung, os Youens ou Mongoes, os Ming, e os Thai-Thsing ou dos Mandchús ou Qing**. Para depois analisarmos estes últimos períodos, fora dos impérios, da história mais recente desta grande civilização .

Estas dinastias estão por períodos de anarquia ou mesmo de decomposição política; mas é importante notar que estes períodos de anarquia vão diminuindo de duração e de intensidade à medida que a civilização correspondente se consolida e se estende. Eis os limites cronológicos desta dinastias fundamentais.

Os **Han** desde 206 a . C à 220 d.C.; { *Três Reinos – Wei, Shu e Wu 220-265 d. C. / a Jin do Oeste 265 a 316 d.C., a Jin Este 317 a 420 d.C. – as Dinastias do Sul e do Norte 420-589 d.C. – do Sui 581-618 d.C. e outras*}* os **Thang**, desde 618 d. C. até 907 d.C.; as *Cinco Dinastias* 907 – 960 d.C.; os **Soung** do Norte e do Sul de 960 d.C. até 1127 d.C./ 1127-1279 d.C.; os Youens ou Mongoes (**Yuan**), desde 1271 d.C. até 1368 d.C.; os **Ming** desde 1368 d.C. até 1644 d.C.; os Mandchús ou dinastia Thai-Thsing ou dos **Qing**, desde 1644 d.C. até 1911 d.C. - Fim do Regimen Imperial -Revolução Chinesa em 1911, dirigida pelo Dr. Sun Yat-Sen . *

Pequenas e instáveis dinastias

Esta indicação sumária fornece grandes marcos numéricos, que nos servirão para classificar, em intervalos de tempo, não arbitrários, os sucessivos progressos da Sociedade Chinesa, no período dos Impérios. Entre os Han e os Thang, presenciamos uma verdadeira decomposição política da China, da mesma forma que entre os Thang e os Youens (Yuan). Todavia o reinado destas simultâneas dinastias, os progressos da civilização chinesa, continuam profundamente; no entanto, muito lentamente a estrutura da unidade registrado fortemente por Thsin-chi-hoang-ti (Yingzheng) ,e a fundamental semelhança de costumes e de crenças, sistematicamente representada pela Classe dos Letrados, conduziam ao fim de um certo tempo, a uma unidade política, para uma civilização cada vez mais homogênea.

É necessário perceber neste longo período duas ordens de progresso: o desenvolvimento interior da unidade chinesa, e de outro lado, a extensão territorial; e em seguida, uma reação cada vez mais eficaz, contra as civilizações circunvizinhas (Tártaros, Tibetanos), que trouxe a subordinação definitiva destas populações, de modo a dar à esta sociedade, toda a suficiente estabilidade, antes de ocorrer os contatos ocidentais.

É este duplo movimento de ação interior e de reação exterior, que vamos estudar, – para se ter uma boa idéia e mais precisa, da sucessão dinástica da China, pode-se consultar uma tabela cronológica, cuja tradução é devida ao Padre Amiot, e que está indicada no final do livro do Sr. Pauthier, intitulado – CHINA.; bem como a tabela da Pagina 20 do Livro China 2003.- Editorial Nova Estrela - 2003.

A invenção do papel e a da tinta, indispensável ao desenvolvimento da Classe dos Letrados, fez desta importante descoberta industrial, que foi iniciada no período de **Thsin-chi-hoang-ti (Yingzheng)**, e aperfeiçoada sob seus sucessores.

A invenção do papel é devido a Moung-tien, principal general de Thsin-chi-hoang-ti; ele ensinou ao mesmo tempo a arte de servi-se dele com tinta e pincéis, em vez de taboinhas de bambu, sobre as quais, se

gravava a escrita. Gravava-se algumas vezes, posto que excepcionalmente sobre as pedras. Não é raro ver-se na China, importantes progressos industriais devidos à militares.

Este modo imperfeito em si mesmo, o de gravar em **taboinhas**, quanto a facilidade e a rapidez, podia convir enquanto a classe teórica e administrativa estava pouco desenvolvida. Mas se esta classe tomasse uma grandeza maior no que tange a sua extensão, dentro da sociedade, cada vez mais desenvolvida, e cada vez mais industrial, era naturalmente levada a aperfeiçoar os meios de impressão.

A invenção do papel e da tinta era pois naturalmente trazida, pela natureza da situação e preparada pelos antecedentes. Uma vez realizado este progresso, concorreu enormemente para o desenvolvimento da classe letrada e administrativa, facilitando a sua propagação e aquisição de conhecimentos; e esta invenção promovia o progresso da correspondente situação, incrementando o numero de pessoas esclarecidas. Esta invenção se consolida entre Thsin-chi-hoang-ti e a dinastia dos Hans; e a fabricação aperfeiçoada do papel tornou-se uma importante indústria na China. A população atingiu mais que 50 milhões de habitantes

O primeiro Imperador e fundador da dinastia Han, no ano 206 a .C. foi Liu Bang, e adotou o nome Imperial de Gaozu .

O segundo imperador da dinastia Han, o Imperador Hoe-ti 194 a 188 a .C. revogou o decreto de Thsin-chi-hoang-ti, contra os antigos livros; ele reagiu assim contra o que havia de violento e opressivo na tentativa deste renovador. A dinastia dos Hans foi a este respeito reparadora, marchou no sentido da civilização chinesa, e a desenvolveu conservando a obra de Thsin-chi-hoang-ti, no que tinha de essencial; a unidade política e uma melhor centralização administrativa. Porem um dos tipos mais eminente desta dinastia foi Wen Ti 179 – 157 a .C. O Imperador Letrado. Ele animou os letrados, concorreu para o desenvolvimento da agricultura, e manteve um governo ao mesmo tempo firme e ativo, com um espírito verdadeiramente paternal; realizou este nobre tipo normal, da função suprema, sistematizado por Confúcio e sua escola.

Assim a propósito de um eclipse, fenômeno que adquiriu na China, uma alta importância, devido a base astrológica do culto – astrolatria; Wen-ti publicou uma declaração verdadeiramente espetacular:

“ Sempre ouvi dizer que o Céu, dá aos povos superiores, que nele crê, os meios de alimentá-los e de governá-los. Quando este povos superiores , dotados de senhores dos outros homens, não são virtuosos e governam mal; o Céu, para fazê-los entrar de novo na orbita do DEVER, lhes envia calamidades e ameaças. Houve nesta décima primeira lua, um eclipse do sol; que advertência não foi ele para min! Em cima, os astros perderam a

luz, embaixo, os povos estão na miséria. Reconheço em tudo isto minha pouca virtude. Logo que esta declaração seja publicada, examine-se em todo o império, e com toda a atenção possível, quais foram as minhas faltas, afim de que eu seja delas advertido. Que se procurem e sejam-me apresentadas para desempenhar esta função, as pessoas que mais luz, mais retidão e firmeza tiverem; por minha parte recomendo a todos aqueles que estão encarregados, de mais se dedicarem, que nunca a bem cumprir, principalmente os seus DEVERES, e a reduzirem em proveito do povo, toda a despesa inútil.”

Desta forma tomamos conhecimento, sob o impulso de Wen-ti, do direito secular de representação ao imperador, o que constitui um importante progresso, neste governo monocrático.

Este direito de representação , abertamente proclamado por Wen-ti, sempre mantido, desde então, desenvolveu-se e coordenou-se mais tarde, pelo Conselho dos Censores, destinado a advertir o Imperador.

Esta função cujo exercício, tem sido muitas vezes perigoso, deu lugar na parte dos letrados, a admiráveis devotamentos; ofereceu um limite ao arbítrio, que tende a produzir, o supremo poder.

Vamos nesta instituição caracterizar um exemplo deste contínuo esforço, da classe dos letrados, para exercer uma ação moderadora, em relação ao poder imperial, por uma criação regular da opinião pública. Porque as observações dos Censores, publicadas na Gazeta Imperial, são reproduzidas pelas gazetas provinciais.

Do mesmo modo, Wen-ti suprimiu, por um decreto, expresso por uma lei de Thsin-chi-hoang-ti, que proibia criticar o governo.

“ Hoje entre as nossas leis, encontro uma que incriminou o falar-se mal do governo; é este o meio, não somente de privar-nos das luzes que podemos receber dos sábios que estão afastados de nós, como também de tapar a boca dos oficiais da nossa corte. Como doravante será, o príncipe avisado, das suas faltas e dos seus defeitos? Esta lei ainda está sujeita a um outro inconveniente : sob o pretexto de que os povos tem feito protestos públicos e solenes de fidelidade, de submissão e respeito, para com o príncipe; se alguém parece desmentir, na menor coisa, o acusam de rebelião. Os mais medíocres discursos, passam para os magistrados, quando lhes agrada, por murmúrios indisciplinados contra o governo. Assim o povo, simples e ignorante, quando menos cuida, será acusado de um crime capital. Não posso consentir nisso; que semelhante lei seja sancionada ou promulgada.”

O Imperador K'ang Hsi (Khang-hi) 1662 – 1722 d.C., da dinastia Manchu ou Qing, externou sua opinião, sobre o texto acima : “ Thsin-chi-hoang-ti, havia feito muitas leis semelhantes. Kaot-tsou (Gaozu) , fundador da dinastia Han, suprimiu grande numero delas, a que se trata aqui, no exemplo, acima, não foi suprimida, senão por Wen-ti. É ter esperado muito” – M.G. Pauthier, De la Chine.

Um dos sucessores de Wen-ti foi Wou-ti (Wudi de Han), (que também foi antes de Imperador chamado de Liu Che), conhecido com Imperador Reformador 140 – 87 a . C., que não somente desenvolveu o interior da China, mas ainda reagiu vigorosamente e felizmente, contra as circunvizinhas populações barbaras; de forma a começar e a estabelecer as bases desta extensão, que termina no século XVII, que devia anexar o grande império oriental, como elemento subordinado, à Tartaria e ao Tibete.

Foi sob o reinado de Wou-ti, que ocorreu de fato o controle do poder central, que se ampliou desde as planícies centrais às regiões ocidentais (atual Xinjiang e Ásia Central), despachou duas vezes como enviado especial, a Zhang Qian, abrindo uma via para o comércio, conhecida como “ Via da Seda” , que partia de Chang'na, atual Xi'an, capital da província de Shaanxi, atravessando Xinjiang e a Azia Central, chegando as vizinhanças do Mediterrâneo Oriental. Desta forma a bela seda chinesa viajou até o Ocidente.

O Szuma Ch'ien (O Herodoto da China), executou sua grande obra, com o nome de Memórias Históricas, nos oferecendo uma verdadeira enciclopédia – vide as notícias que lhe consagrou o Sr. Abel Rémusat, nas suas Novas Miscelâneas Asiáticas, Tomo II – Foi somente nesta dinastia, que o Budismo (65/67 d. C.) foi introduzido oficialmente na China, adquirindo uma importância das mais funestas, posto que sob a atual dinastia, tenha sido um útil instrumento político, com relação as populações da Tartaria e do Tibete, dominadas por esta doutrina. No ano 105 d.C. Cai Lun, funcionário público , sistematizando as experiências populares , inventou o papel, o que fez ocorrer uma modificação radical na forma de se escrever.

Entre as dinastias de Han e a de Thang (220 d .C. a 618 d. C.), ocorreu um logo período de anarquia, e sempre de dispersão política, que sucede a necessária eliminação da dinastia dos Han.

A dinastia dos Thang, que se estendeu de 618 d. C. à 907 d. C. é uma das mais importantes e prósperas Dinastias das fases da História da China. É a dinastia literária. Foi durante este período que surgiu um grande numero de produções literárias, romances e peças de teatro. Sob esta dinastia realizou-se um grande progresso, e foi estabelecido o sistema de exame; que durou até 1905.

Foi este um considerável acontecimento pelo qual a classe dos letrados, tendeu para sua constituição, até 1911 d. C. . A Classe dos Letrados se desenvolveu com grande vigor; fornecendo ministros, administradores, juizes, enfim todos aqueles que eram chamados para dirigir esta grandiosa industrial* população. A necessidade de obter garantias, na escolha dos indivíduos, de modo a regular a ação desta classe, se fez sentir. Foram pois as essenciais necessidades de uma tal situação que conduziram ao estabelecimento do sistema de exames. Uma vez estabelecido, este sistema de exame, a classe dos letrados profundamente se consolidou, dando-lhe mais unidade, e por conseguinte, uma classe mais ou menos vaga, na qual, o Imperador podia ou não escolher. Foi uma classe verdadeiramente coordenada, em que os exames prestados, formaram a escala legal, pela qual o indivíduo se elevava gradualmente as mais altas funções do Estado. Promovendo um Progresso, dando mais consistência a Classe dos Letrados, melhorando sua ação sobre o conjunto da correspondente civilização. Assim podemos verificar a continuação da evolução geral desta grandiosa Sociedade. Sob esta dinastia, as escolas públicas, os colégios, a educação, a instrução e o culto de Confúcio, tomaram uma extensão formidável. (*) Entende-se por industrial, o ato da divisão dos ofícios e as uniões dos esforços.

Um dos vultos mais eminentes, foi o fundador Li Yuan, dos Thang (618 d.C. – 907 d.C.) , bem como o seu filho Li Shimin (626-649 d.C.), que foi conhecido como T'ai Tsung (Taizong de Tang) onde podemos constatar este nobre ideal do Imperador, que pôs em prática uma série inteligente de medidas políticas e promoveu o melhor grau de prosperidade na sociedade de sua época: a agricultura; o artesanato e o comercio, atingiram um elevado grau de desenvolvimento; a manufatura têxtil, a produção de cerâmica, a construção naval; as vias terrestres e fluviais, cruzaram todo o país. Tudo isso, com base na filosofia de Confúcio e desenvolvido pela sua escola; que deixou registrado :

“ Ele ordenou que de agora em diante os imperadores chineses, antes de confirmarem as sentenças de morte, contra os criminosos, ficassem três dias de abstinência.”

A pena de morte era unicamente sancionada pelo imperador, salvo no caso de uma repressão imediatamente necessária. Esta definitiva sanção da pena de morte, fazia-se em uma determinada época do ano; e este ato é de cunho solene, da eliminação necessária, deste membro da sociedade, é cercado de nobre preocupações morais, pelo imperador T'ai Tsung,

Os Governos do Ocidente até hoje, estão muito próximo, como se vê, do puro arbitramento Teocrático, que tão levianamente tem ocorrido em tais governos;

T'ai Tsung, promove o desenvolvimento da bondade filial, base da Família e finalmente da Sociedade. Organiza um vasto sistema de trabalho público, de socorros para os velhos e para os enfermos; o que de resto foi continuado pelos seus sucessores. O estabelecimento de hospícios para os enfeitados, prova desta forma quanto são absurdas as declarações de que se nutre a estupidez ocidental, sobre uma pretendida organização regular do infanticídio, com os caminhos que dão apoio ao aborto, e etc. . Ele compôs um livro sobre a arte de reinar.

“ Depois de ter, diz ele, empregado quotidianamente o tempo necessário, em despachar os negócios do império, é a mim aprazível, consagrar o que me sobra, a passar a vista e os pensamentos, sobre os historiadores do passado; ai examino os costumes de cada dinastia; os bons e os maus exemplos, de todos os príncipes, as revoluções e a suas causas; faço sempre com tanto proveito, e tanto tenho feito, que assim tenho base para falar”

As suas recomendações aos filhos são admiráveis :

“ Meu filho, seja justo, mas seja bom, reina sobre ti mesmo, mantenha absoluto o Império sobre tuas paixões, e reinarás sem esforço, sobre os corações dos teus súditos. O teu bom exemplo, melhor que as ordens mais rigorosas, serão cumpridas, com exatidão, e todos cumprirão seus deveres; pune raramente, e com moderação, mas derrama benefícios abundantemente; não adies nunca para amanhã, as graças que podes conceder hoje mesmo; pelo contrário adies os castigos, até que tenhas certeza, por ti mesmo, que serão justamente merecidos.”

Foi devido a esta dinastia, o estabelecimento da célebre **Academia Chinesa dos Han-lin**, que eram compostos das inteligências mais elevadas e mais cultas, que concorreram para a direção literária, política e moral da China. E que hoje podemos correlacionar com a atual **ACADEMIA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA CHINA**.

Esta poderosa dinastia, estendeu seu poder sobre os Turcos e os Tártaros, até aproximadamente o mar Cáspio. A China nesta época, estabeleceu amplas relações econômicas com o Japão, Coréia, Índia, Pérsia, Países Árabes e muitos outros.

A imprensa teve sua origem em 770 d.C., os mais velhos livros existentes foram produzidos em 868 d.C. ; a impressão dos Clássicos Chineses se deu entre 932 953d.C.; mas foi em 931d.C., que sob a dinastia dos Thang, que tem lugar a invenção, da imprensa chinesa, pelo ministro Foun-ao. Esta imprensa não emprega caracteres móveis, e consiste em gravar sobre a madeira. Grava-se todo o livro sobre as laminas de madeira e imprime-se em seguida; impressão que se faz de resto muito

economicamente. Tal invenção era fortemente solicitada pelas necessidades e pela natureza da civilização; e temos razão por admirar, que ela tivesse tardado tanto, a ser produzida, depois que o papel e a tinta já haviam de a muito sido inventados. A necessidade de multiplicar as cópias, em um País em que crescia extraordinariamente a Classe dos Letrados; deveria ter impellido a descoberta da tipografia, que permitisse produzir mais fácil e rapidamente as cópias das diversas obras. A situação conduzia a uma tal invenção e não é de admirar, que ela se tenha produzido em uma população industrial. Esta imprensa não é a nossa imprensa de caracteres móveis; consistia em laminas de madeira, sobre as quais, gravam-se os caracteres, que formam a obra, que é preciso reproduzir. Os chineses acharam no século XI d.C., a imprensa de caracteres móveis, mas pouco serviam dela, e preferiram a impressão em laminas gravadas; não por espírito de cega rotina, como o supunham os insensatos ou tolos do Ocidente; no entanto os motivos são bastante racionais.

A razão social é que os chineses imprimiam muito os mesmos livros. No ocidente, o movimento revolucionário determinou uma produção abusiva, consistindo na maioria das vezes, em medíocres reproduções degradadas de excelentes originais. A China produz sem dúvida numerosos comentários, todavia o respeito a continuidade social, conduz a reprodução repetida, das mesmas obras; pode-se então, sem inconvenientes, conservar-lhes as laminas gravadas; tanto mais estas laminas de madeira possam ser mais fácil e economicamente retocadas. É preciso com efeito fazer notar a superfície econômica da impressão chinesa, em comparação a impressão ocidental. Eles só imprimiam de um só lado a folha e com uma rapidez extrema. Um operário podia tirar duas mil folhas por dia.

Mas há também uma forte razão para que os chineses preferissem o seu modo de impressão, aos nossos caracteres móveis: é a natureza de sua escrita.

Entre nós, os sons elementares são representados por um limitadíssimo número de caracteres, cujas combinações reproduzem tais palavras. Daí o emprego de caracteres móveis. Na China não acontece o mesmo. A sua escrita não é uma escrita fonética, ou pelo menos, para falar mais exatamente, eles não representam pelos seus caracteres, os diversos sons elementares e necessariamente pouco numerosos, que servem para exprimir, todas e quaisquer palavras. Quando um caracter representar o papel de sinal fonético, exprime uma palavra e não uma articulação distinta; este sinal fonético, jamais é empregado exclusivamente; está sempre ligado a um sinal ideográfico. Daí o grande número dos caracteres, susceptível de uma restante extensão indefinida, com os progressos de sua civilização. Pode-se estender o número destes caracteres, no mínimo a trinta mil. Por isso teríamos que fabricar um imenso número de caracteres. Por isso, os chineses não se esforçaram em procurar espontaneamente imprimir com

caracteres moveis; e depois, mais tarde quando encontraram os meios de usar os caracteres móveis; mesmo assim preferiram a impressão em laminas gravadas, como verdadeiramente mais cômodas e mais econômicas.

No entanto, um hábil sinólogo, o Sr. G. Pauthier resolveu o problema de uma fácil impressão chinesa, por meios de caracteres móveis; baseia-se sobre uma engenhosa decomposição abstrata, de maior numero de caracteres chineses. Achou que estes diversos caracteres resultavam da combinação de um numero relativamente baixo de caracteres chineses. Cada caracter propriamente dito se compõe então de um primeiro, tendo uma significação ideográfica, e de um segundo, tendo uma significação fonética.

Em seguida, a invenção da impressão, criou-se o desenvolvimento da instituição da Gazeta Imperial, e finalmente da Gazeta das Províncias, por meio das quais, se estabeleceu fácil e rapidamente as comunicações entre o governo e a população. Depois, o processo dos cartazes, tão útil para fazer apelo a opinião pública, é utilizado ao mesmo tempo, não somente pelo governo, como também pelo público.

Depois da dinastia Tang, sobreveio um grande período de guerra, entre os diversos reinos - *as Cinco Dinastias 907 – 960 d.C.* Foi quando Zhao Kuangyin, general de Zhou, fundou a dinastia Soung em 960 d.C. .

Sob a dinastia de *Soung* (Song) do Norte (960 -1227 d.C.) e do Sul (1127 – 1279 d. C.) o sistema de exames, já instituído para as funções civis, aplica-se também as funções militares; era uma organização análoga as dos nossos exames de admissão às Escolas do Exército, da Marinha e da Aeronáutica, ou das Universidades e Faculdades, com seus vestibulares. Devemos registrar a este respeito, a contínua tendência para a eliminação do arbítrio no poder monocrático, que preside os destinos deste grande povo. Chega-se assim as funções públicas, não essencialmente por capricho do soberano, e sim, por uma série regular de provas, claramente determinadas; escolhidas pelos seus méritos (capacidade, competência, altruísmo e situação).

Houve nesta época um impulso muito grande, na parte econômica e cultural; a astronomia, as ciências, a tecnologia e a imprensa, marcaram substancial desenvolvimento. Como por exemplo Bin Sheng, inventou a impressão com tipos, o que deu lugar a uma autentica revolução na história da imprensa Chinesa. Assim a “ Impressão com tipos, o Papel, a Bússola e a Pólvora, foram os “ quatro inventos científicos” da Antiga China. Não há duvida que estes inventos chineses colaboraram para a evolução da Humanidade.

A Grande dinastia de Youen ou **Yuan** ou dos Mongoes (1271 d.C. a 1368 d.C.), foi fundada pelo neto de Gengis Khan, Kublai Khan, com sua capital em Dadu (hoje Beijing), depois de estar estabelecida por uma conquista, que os chineses não puderam resistir, devido a anarquia política, que sempre arrastou a necessária eliminação de uma dinastia.

O estabelecimento da dinastia dos Yuan, nos oferece, um importante exemplo do papel que representa a corporação dos letrados, como depositária sistemática dos principais resultados intelectuais e morais desta civilização; e por consequência, da continuidade que ela lhe imprimiu; o que permitiu um desenvolvimento verdadeiramente homogêneo. Foi Kublai que pôs fim, as forças separatistas, que haviam predominado em várias centenas de anos e conseguiu unificar a China, incluindo Xinjiang, Tibete e Yunnan.

Assim Yeliu-thsou-thsai, principal ministro de Ogodai, filho de Tchingkis-khan (Gengis Khan), e que lhe sucedeu em 1229, posto que Tártaro, era um letrado eminente, iniciado ao mesmo tempo em todas as ciências da China; e nos conhecimentos astronômicos, os mais profundos dos muçulmanos. Além de ter introduzido todas as ciências na China, fez compreender ao seu soberano a importância e a necessidade de servir-se dos Letrados como juizes, administradores, e assim, começou com devotamento e habilidade a incorporação, dos conquistadores na civilização chinesa, de modo a assegurar a continuidade e o progresso desta extraordinária civilização:

“ Tártaro de origem e se tornado Chinês, pela cultura de sua inteligência, ele foi o intermediário natural entre a raça dos oprimidos e dos opressores; achou-se colocado junto de Thching-kis e seus sucessores, como uma providencia protetora dos povos vencidos; e sua vida consumiu-se inteiramente em pleitear junto dos bárbaros vencedores, a causa das leis, da boa ordem, da civilização e da Humanidade. Substituiu o jugo da força, pela da razão; o poder do arbítrio, pelo das instituições; a pilhagem pelo sistema regular dos impostos; a brutalidade dos conquistadores tártaros, pela influencia lenta mais irresistível dos letrados da China” (Abel Rémusat , Novas Miscelâneas Asiáticas).

Realmente o fundador da dinastia dos Youens ou Mongoes, foi Khoubilai-khan (Kublai Khan) 1269 - 1295 (em chinês Hou-pi-lie) neto de Gengis Khan, que continuou e desenvolveu, na mais alta escala, uma determinada política e fez-se definitivamente chinês; concorreu ativamente para extensão desta civilização; e esta dinastia de conquistadores, podemos dizer que está entre aquelas que contribuíram para a grandeza da China.

Foi em 1269 d. C. que Marco Polo chegou a China; e foi em 1295 d. C. que Marco Polo volta à Veneza.

Foi Hou-pi-lie que fez, Dadu, que passou a Pequim, a capital do Grande Império, hoje Beijing Capital da República Popular da China. Foi sob o comando de Hou-pi-lie, que por meio dos Mongoes ou Yuan, foi introduzido o Lamaísmo; uma forma particular de Budismo, própria do Tibete, que se caracteriza principalmente, por uma organização clerical. Hou-pi-lie ou Gengis Khan, morreu em 1294 d.C.

Outras ações realizadas por Hou-pi-lie ou Gengis Khan, podemos citar, que ele trouxe novos aperfeiçoamentos à administração chinesa, além de uma indispensável solidez militar. Em resumo, esta dinastia, manteve a grandeza do Império, e contribuiu para o seu desenvolvimento interior. Devido sua crescente incapacidade, tornou-se necessária a sua completa eliminação, os chineses expulsaram-na e enxotaram ao mesmo tempo os Mongoes; e a dinastia dos Youens ou Yuan, foi sucedida pela dinastia nacional dos Ming (1368 d.C.- 1644 d.C.)

Zhu Yuanzhang, fundou a dinastia **Ming**, em Nanjing sendo Imperador com o nome de Tai-tseu ou T'ai-su ou Taizu (1368 d.C. a 1399 d.C.). Ming, quer dizer luz. Seu filho Zhu Di (1360 – 1424 d.C.), que foi ao trono em 1403, com o nome de Imperador Chengzu de Ming; empreendeu uma série de construções de grande monta na cidade, hoje Beijing, onde construiu grandes palácios, e trasladou em 1421 a capital do Império. Por seu comando, o navegador Zheng He, iniciou em 1405, a navegação com uma frota representativa de naus. No total foram 7 campanhas navais, que se prolongaram até 1433. Atingiram vários países da Ásia Sul-oriental, do Oceano Índico, do Golfo Pérsico, o território insular das Maldivas; indo até a Somália e o Quênia, no Continente Africano. Os imperadores chineses tinham por costume dar aos anos de seu reinado, o nome que designa o espírito que eles querem lhe imprimir; o nome dos anos do reinado que os Europeus tomavam habitualmente pelo nome do Imperador. Assim, Khang-hi quer dizer; **paz profunda**, pois fizeram disso o nome do Imperador que havia escolhido esta palavra, para o nome dos anos do seu reinado. O nome dos anos do reinado do fundador da dinastia dos Ming, foi **Houg-Wou** (**Fortuna na Guerra**); e era sob este nome, que ele era habitualmente conhecido na Europa. Nasceu em 1324 em Sse-tcheou, burgo da província de Kiang-nan. Filho de um lavrador, fizeram-no bonzo. Na decadência da dinastia do Mongoes ou Yuan, e nas lutas que então surgiram; deixou seu monastério, e acabou congregando entono de si, um numero considerável de partidários; enfim, definitivamente eliminou os Mongoes ou Yuan, e começou a introduzir algumas das suas tribos tributárias. Apoiado no interior pelos letrados, restabeleceu a ordem; e desenvolveu a prosperidade interior, com o concurso da classe letrada, que havia sabido atrair para si; e desenvolveu os elementos desta grande civilização, enquanto lhe dava uma suficiente estabilidade, pelas suas expedições contra os Tártaros. Seus sucessores imediatos, continuaram a política deste grande homem, Houng-Wou, seguindo os princípios chineses, princípios verdadeiramente sociais;

tornou público o testamento, no qual motivava a escolha que fizera de seu sucessor; ao mesmo tempo, fornecendo os principais conselhos que cortava esta solene manifestação. Esta combinação de uma escolha, livremente feita na Família Imperial, e de uma manifestação pública, desta escolha e das razões que as determinaram; é uma instituição social, que o estado normal das sociedades humanas deve futuramente adotar e generalizar. Houng-Wou, no interior de seu império, aperfeiçoou a administração, desenvolveu os trabalhos públicos, realmente úteis; institui para anciões e enfermos, socorros necessários, incrementando o culto aos antepassados, conhecido dos positivistas, como Veneração - à Confúcio e aos Homens Eminentes; em resumo, desenvolveu com muita atividade, durante sua longa carreira, todos estes caracteres, verdadeiramente sociais, de um verdadeiro Estadista, do Império Chinês.

Esta dinastia dos Ming (1368-1644 d.C.), depois de ter tido o seu esplendor e ter prestado importantes serviços, alterou gradualmente o seu caráter, sob os deslumbramentos da suprema função; no meio dos letrados, que arrastou necessariamente uma tal degeneração.

Desta degeneração surgiu a dinastia dos Mandchús ou **Qing**, que reinaram de **1644 d.C. à 1911 d.C.**; esta conquista realizada no século XVII d.C., se realizou senão depois da mais extrema resistência, tornada ineficaz, pelo estado de anarquia em que se achava a China desta época.

Esta dinastia, a **Qing**, fundada, por um líder dos Mandchús, Nurhachi, aparentemente já tinha se iniciado em **1616** d.C., ela contribuiu de maneira mais eficaz, para o desenvolvimento dos Impérios da China, de um lado dando impulso, com tanta atividade, quanto a sabedoria e a evolução interna; e de outro lado, tornando finalmente tributários, a Tartaria e o Tibete, de modo a dar a esta grande civilização, toda a necessária estabilidade, enquanto não surgissem os perturbadores contatos com os povos “ Bárbaros” do Ocidente.

Na verdade qual foi o elemento perturbador que provocou conturbação na civilização chinesa, no Período Imperial, antes dos seus contatos com o Ocidente ?

Primeiramente foram os Tártaros, isto é, uma população, ou antes grupos de populações nômades ou semi sedentárias; em luta contínua, com esta sociedade chinesa industrial, rica e pacífica. Estas lutas apresentaram várias peripécias. Os Tártaros muitas das vezes repelidos e algumas das vezes conquistados; e, algumas das vezes foram conquistadores. Mesmo quando conquistadores, agregavam-se e incorporavam-se à civilização Chinesa, e depois de uma social oscilação turbilhonar, e com o passar dos tempos, se fundiam ao desenvolvimento chinês. A conversão dos Tártaros ao Budismo, depois de Thing-kis, que evidentemente preparou a submissão definitiva, que realizou a dinastia dos Mandchús. Kiang-hi (K'ang Hsi) ou

(Kangxi)1661 d.C. à 1722 d.C. e Khian-soung (Ch'ien-Lung) 1736-1796; os dois principais representantes desta dinastia, que conseguiram fazer tributários os Tártaros e os Tibetanos, de modo a dar à civilização chinesa, toda uma consolidação.

O mais conhecido dos imperadores da China na Europa, foi Khang-hi (K'ang Hsi) (Kangxi) 1661 d.C. à 1722 d.C.; contemporâneo de Luiz XIV, Rei de França. Ele incorporou Taiwan, à pátria chinesa, mesmo sofrendo a agressão da Rússia Czarina. Ele concedeu a grande missão dos jesuítas, uma proteção sábia e esclarecida; compreendeu com sagacidade, a utilidade de incorporar à civilização chinesa os elementos científicos ocidentais; pôs a frente da secretaria dos astrônomos, um jesuíta, depois de ter percebido pela sua própria experiência, a superioridade da astronomia ocidental, sobre a astronomia chinesa; a experiência que ele imaginou, foi fazer calcular, para um determinado dia, o cumprimento da sombra de um gnômon – ponteiro de um relógio de Sol - de grandeza determinada, o que supõe o conhecimento para este dia, da inclinação do Sol; por meio de uma solução utilizando um triângulo retângulo. As previsões dos jesuítas conformaram-se com a experiência, o que não sucedeu com as previsões dos astrônomos chineses; o que mostrou claramente, o estado de ainda rudimentar da astronomia chinesa.

Depois de ter restabelecido completamente a ordem no interior de seu império, e ter no estrangeiro impedido na Tartaria, por uma sábia combinação de política e guerra, a formação de uma nova potência tártara, comparável a de Tchinkis; Khang-hi consagrou sua longa carreira ao desenvolvimento da prosperidade interior de seu vasto império; ele foi um letrado distinto, e conseguiu levar a superfície territorial da China para 11 milhões de quilômetros quadrados.

Seu neto [Kao-tsoung](#), designado na Europa, pelo nome dos anos de seu reinado, como [Khian-loung](#) (Ch'ien-Lung) 1736-1796 – [Proteção Celeste](#); Submeteu definitivamente a Tartaria, e finalmente assegurou o desmantelamento do Tibete; nesta época quem governava o Tibete era o Dalai-lama, mas só por aparência, pois na verdade, era sobre a direção real dos Mandarins Chineses, que tudo por lá era governado.

Sobre este grande e magnífico imperador, foi possível realizar no interior da China, progressos em conformidade com a importância das expedições estrangeiras; onde ocorreu a primeira proibição do ópio – 1795; não é a guerra. Foi largamente desenvolvido os trabalhos de utilidade pública: é devido a ele, belos trabalhos para impedir a inundação do rio Amarelo.

Vamos repetir algumas palavras do Sr. Abel de Rémusat, que bem caracteriza a nobre natureza deste príncipe; e este sentimento do dever, que faz conceber o supremo poder, como uma função social, sujeita a

imperiosos deveres, segundo o tipo construído pela filosofia de Confúcio e que tantos dignos imperadores, realizaram sob o impulso e com o auxílio da corporação dos letrados.

“ A medida que o imperador envelhecia, tornava-se mais exato no cumprimento das cerimônias, que faziam partes dos Deveres dos Soberanos; e quando as enfermidades que iniciavam a perturbá-lo, obrigando-o a relaxar, por algum tempo, sua exatidão; justificava-se disso, por declarações públicas. Aplicava-se cada vez mais ao negócio do Estado; e na idade de 90 anos levantava-se de madrugada, no inverno, para dar as suas audiências ou trabalhar com os seus ministros. Era dotado de um caráter forte, de um espírito penetrante, de uma rara atividade, de uma grande retidão; amava os seus súditos, como um soberano chinês deve amá-lo, isto é; era solícito em governá-los com serenidade, e a todo custo mantinha a Paz e a Abundância, entre os seus súditos. Seis vezes no decorrer do seu reinado, visitou as províncias, e cada vez que o fez foi para dar ordens úteis; fazer construir diques à beira mar; punir as mal versões dos grandes, para os quais se mostrava flexível.”

Khian-loung, protegeu ativamente o movimento literário e a difusão geral da Educação e Instrução. Ele foi um letrado distinto. Com justa razão, pois puderam os missionários jesuítas, registrar em suas últimas memórias, os seguintes versos, publicados pelo padre francês, Reverendo Amiot, que por lá esteve:

“ Sem tréguas, ocupado, em mais de um mister diverso,
Que oferece um governo admirável, e sério,
O maior potentado havido no Universo,
É o melhor letrado que existe, em seu império” .

Já no século XIX d.C., no seu início, a dinastia Qing, sofre uma acelerada decadência; sendo continuas as interferências dos Ocidentais e de alguns orientais, como os Russos; os Asiáticos, como os Japoneses, e as lutas contra o ópio; a Segunda proibição em 1800. Guerra do ópio – 1839-1842; rebelião T'ai-p'ing 1850 a 1864; Segunda guerra do ópio 1855-1860; a Rússia apossa-se de território ao norte de Amur – 1858 - 1860; A França apossa-se da Indo China 1860, época que em 1860, Pierre Laffitte escreveu o seu livro, [Considerações Gerais sobre o Conjunto da Civilização Chinesa e sobre as Relações do Ocidente com a China](#)” – 1859/1860. Em 1898 ocorre as reformas de Kuang Hsu (1875-1908). Em 1900 Levante dos Boxers. Já infelizmente, em 1905, ocorreu o início de uma grande indisciplina, surge internamente, a abolição do sistema de exames. Gerando a instabilidade na classe dos letrados ou intelectuais.

Até a queda dos Mandchús ou Qing, em 1911, a vida industrial da China permaneceu substancialmente a mesma; como permaneceu a

Europa, desde Paricles até a Revolução Industrial, no Ocidente. Devido aos chineses estarem em um estado psíquico, com inteligência fetichica, acrescidos de uma educação dos sentimentos de veneração, e da influencia dos letrados, que sempre geraram o calmo domínio da tradição, da erudição, da arte fetichica; em vez, do estado sentimental de emoção, excitante, tumultuosa, turbilhonar do sistema organizacional de regimen da plutocracia, altamente egoísta, criados pelos ocidentais; devido ao crescimento do estado mental subjetivo, desenvolvido pela inteligência teológica e metafísica; que levou os “*religiosos*” ocidentais, ao conhecimento das leis naturais das ciências; apesar da contribuição da civilização chinesa, anterior a 1911, ter criado, a bússola, a pólvora, o papel, a seda, a Imprensa, a tinta e a porcelana.

Os Chineses não foram largamente inventivos, antes do século XIX, no campo intelectual da vida científica, como já foi dito, devido ao seu estado intelectual fetichista, que predominava e ainda predomina, na maioria de sua população; no entanto, no campo moral, como disse Voltaire :

“ O que mais, os chineses levaram ao mais alto grau de perfeição, foi a Moralidade” .

Reafirma Confúcio dizendo :

“Construindo a casa sobre sólidos alicerces, o mundo se sentirá seguro” (Voltaire – Works,xii,29) (Confúcio – citado por Wilhelm, em Keyserling, Book of Marriage 137)

No campo material, foram e são os maiores executores do trabalho.

Até 1911, os Chineses ainda se mantinham com seu antigo, mas eficaz sistema econômico, pois deixava os pobres com o necessário; e revelavam um profético desprezo, pelas máquinas redutoras de mão de obra, que fantasticamente aceleravam o trabalho e lançavam ao mesmo tempo, milhões de homens no desemprego, e para que poucos, adquirissem grandes riquezas. É o capitalismo. Sempre detestaram o capitalismo, mas continuam tentando nele ainda hoje, sobreviver, depois de muito tentarem pelo comunismo, para se modernizarem; isto é, ganharem o tempo perdido, no que diz respeito ao conhecimento científico e tecnológico; dominado pelos comunistas bolchevistas e atualmente pelos ocidentais capitalistas democráticos, com a tal Globalização Liberalista.

Podemos ainda destacar alguns Imperadores desta dinastia dos Mandchús ou Qing ;

Li-Hung-chang 1823 a 1901;

A Imperatriz Viuva, que já abordamos no início deste trabalho – T'su Hsi, de 1834 à 1908.

Com a queda da dinastia Qing, no início do século XIX, a China começou a se converter em uma sociedade semicolonial e semifeudal. As Escolas Missionárias tinham forte participação na revolução social e política. Elas se batiam contra a compressão dos pés das moças estudantes; ensinavam matérias do ocidente, inclusive ciência, e de preferencia às velhas matérias das escolas chinesas; mais ainda ensinavam os revolucionários, perturbadores e retrógrados princípios de Cristo; gerando conflitos; pois os próprios pregadores missionários, não tomavam e não tomam ao pé da letra, os ensinamentos de Jesus, os praticavam e praticam apenas até onde seja conveniente à estrutura geral da sociedade. E devido a estas convulsões, culminou com a **Revolução de 1911**, dirigida pelo **Dr. Sun Yat-sen** (1886-1925), que derrubou a dominação da dinastia Qing, pôs término a monarquia, que não era de casta, mas era feudal; e fundou a **República da China**. É possível que a força revolucionária chinesa de 1911, se tenha originado dos graduados das escolas das missões protestantes, que não podiam concorrer aos antigos concursos ou exames administrados pelos letrados, para ocuparem as funções públicas, e que mesmo depois de abolidos, em 1905, não eram ainda suficientemente educados, à maneira chinesa, para ocuparem elevada posição política. Estes jovens recém graduados estavam determinados a construir uma sociedade, na qual eles, e não os homens que eles consideravam velhos fósseis, que deviam estar no poder. Os chineses consideram hoje, o período de 1840 à 1919, que registrou como fato mais importante e grandioso, da história moderna da China; como sendo - A Época Moderna, com a criação da República da China.

Nesta época, anterior ao Comunismo iniciar seu destrutivo trabalho contra o sistema familiar chinês, cabe registrar que não havia necessidade de recair despesas tão onerosas sobre as Instituições Estatais. Não havia orfanatos, não havia previdência privada e nem seguro desemprego. Não havia manicômios. Na verdade havia poucos insanos, porque o sistema familiar provia a segurança individual isenta de desonra – moral – e removia assim uma das principais causas da insanidade; isto é, a instabilidade emocional, criada pela supremacia dos conflitos dos sentimentos egoístas, geradores dos transtornos mentais – conhecidos como depressão; criados pelos sentimentos egoístas, acrescida da forma de raciocinar pela dialética, altamente conturbadora, pregada pelo comunismo; e bem como agora do capitalismo democrático competitivo e turbilhão do consumismo, provocando muito mais, os mesmo casos patológicos sociais e morais (2004). Não havia a necessidade de registro de desemprego, pois neste caso, a família cuidava dos seus membros que estivessem desempregados. Como ocorre ainda no Sul da Itália, com a grandeza da Família, sendo respeitada, pela existência da figura da Mama; que acolhe os filhos em seu lar. Apenas em período de fome geral e de calamidade, teria que haver

auxílio estranho ao ciclo familiar. Na China desta época, o comércio se estabelecera numa grande classe média, por ser desde muitas gerações, exercido por uma mesma família. A família era moralmente respeitada por cada um dos seus membros, e o infortúnio de um deles constituía o infortúnio da família inteira.

Naquele mundo chinês, o professor tinha a responsabilidade não apenas da educação mental do entendimento, como também da moral, pelos ensinamentos dos sentimentos, principalmente sociais ou altruístas. A educação incluía o aprendizado da disciplina, com base nos deveres e do correto comportamento; isto é, o aperfeiçoamento e a prática de como agir, relativamente com outras pessoas, de acordo com as condições delas (capacidade, competência, altruísmo, e situação = mérito) e o grau das relações existentes. O fruto de tal educação era a aquisição da estabilidade interior; e com o respeito com os demais.

Os chineses acreditavam que havia uma idade, para aprender cada mandamento da vida; e que ensinar a uma criança demasiado pequena, era simplesmente esgotar o professor e frustrar a criança. Forçar a natureza, não é bom; está de acordo com o pensamento positivista.

Uma criança aprendia em casa, a se conduzir em relação as diversas gerações; e na escola como se conduzir em relação aos professores e aos amigos, às autoridades, aos vizinhos e aos conhecidos. Assim, ensinando o jovem, jamais se viria em embaraços. As crianças sabiam a onde deveriam sentar, quando entravam em uma sala de aula; jamais tomariam as cadeiras dos mais velhos, enquanto elas não se tornassem mais velhas. Aprendiam a não sentar, enquanto os mais velhos não sentassem; a não comerem antes dos mais velhos iniciarem a comer; a não tomarem os chás enquanto, não fossem erguidas as xícaras. Caso não houvesse cadeiras suficientes, os mais jovens ficariam em pé; e quando uma pessoa mais velha se dirigisse ao mais jovens, mesmo entorno de brincadeira, a resposta do jovem seria correta e sem brincadeira. Desta forma o jovem sabia onde estava, e por isso, sabia também que veria ser mais velho, no futuro. As crianças sabiam os seus limites, além dos quais não podiam passar, e dentro dos quais, não obstante, viviam em segurança.

Caso Sun Yat-Sen e seus partidários, incluindo o governo nacionalista de Chiang Kai-shek, tivessem tido a compreensão da grandeza do sistema familiar, e edificado sobre os seus alicerces, toda a sua estrutura governamental, não há dúvida de que o comunismo bolchevista e nem o capitalismo democrático, teriam se infiltrado na China. Uma prova disso, foi que os comunistas endereçaram o seu mais importante ataque, na direção de destruir o sistema familiar existente. Não havia necessidade de destruí-lo e sim de complementá-lo; ou ajustá-lo.

Sun Yat-sen continuou a lutar, pela unidade política, da Primeira Revolução – 1911, mesmo sofrendo as derrotas, por ser impelido na direção da velha tendência, às guerras entre os generais; os quais se fizeram os reais dirigentes de suas regiões. Eram em geral homens sem educação, e dados tanto aos prazeres da bebida e do sexo, quanto a guerra. Sempre estavam desejosos de grandes somas de dinheiro, para manter os seus exércitos de vagabundos e descontentes; para ter este dinheiro vendiam pedaços do seu próprio país. O Japão adquiriu muitas minas, portos e concessões, destes insaciáveis guerreiros. Os chineses educados detestavam os generais; mas a população, na maioria das vezes, divertia-se com eles, pois eles afugentavam os bandidos e deixavam em paz as outras pessoas. Geralmente fortes e bem humorados, despachados, e jocosos. Os chineses gostam e amam o riso. Estourou a rebelião em Hangzhou, que se estendeu depois a outras províncias, enquanto Sun Yat-sen assumia a liderança da revolta, e foi eleito Presidente em 1912 –era mais que nunca um líder; enviou a Moscou, em 1912 um talentoso soldado para treinamento militar e revolucionário; este homem era Chiang Kai-shek. Os exércitos Mandchús foram reorganizados pelo general Yuan Che Kai, que negociou com os dirigentes rebeldes sua designação como Presidente de um novo governo republicano. Em 1912, uma assembléia revolucionária elegeu Yuan o segundo Presidente da República da China., que durou até 1916.

Como pode ser feliz, se não estiver vivendo com alguém que entenda o que você está falando?

1.2.2.3) Apreciação da Terceira Fase da Civilização Chinesa, a revolução, iniciada com o Movimento de 4 de Maio de 1919 – o Movimento Comunista, com Mao Zedong – até 1949 ; Este Período de 1919 à 1949, ficou conhecido, nos dias de hoje, na China, como Revolução da Nova Democracia e o período da Nova República. De 1949 até 1976, com a criação da República Popular da China, com base no Comunismo de Mao. Grande Revolução Cultural.

O Movimento de 4 de maio de 1919, tem sido considerado, como o manancial ideológico de uma série de importantes acontecimentos que alteraram a história mais recente da China. Este movimento foi diretamente provocado pelos desiguais tratados impostos à China, depois da Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918). Um vigoroso patriotismo deu lugar a este movimento de protesto. Os estudantes tomaram a iniciativa e diversos ciclos sociais participaram ativamente.

Graças a estes movimentos entraram na China, novas ideologias, entre as quais se destaca o marxismo, que se propagou rapidamente.

Foi neste momento de caos, que os comunistas russos, aconselharam os chineses, irem para o nordeste da China, e eles se

esconderam na montanha, em um lugar chamado Chinkangshan, tendo como líderes o Senhor Mao e o General Chu Teh; onde 12 pessoas de diferentes partes da China, se reuniram em uma casinha, no setor francês, de Xangai, em 1921, para realizar o Primeiro Congresso Nacional do Partido Comunista da China (PCCh). E sobre a direção do PCCh, o povo apoiou, a Revolução Comunista Chinesa. Sob a direção do Partido Comunista da China, o povo desenvolveu a revolução e manteve uma luta tenaz e árdua na Guerra da Expedição ao Norte (1924 a 1927). O Partido tratou de se apoiar na classe agrícola, pois como disse Chu: “ **O Povo é o Mar, e nós somos os peixes; e enquanto puder nadar neste mar, poderemos sobreviver**” . Este foi um Bom General, enxergava o bem do povo.

Em 1926, Chiang Kai-shek e Borodin, iniciaram uma triunfante marcha para o Sul, partindo com os revolucionários de Cantão; tendo em torno de si os conselheiros comunistas russos, tanto militares como políticos. Os generais do sul blefaram uma resistência, depois entraram a barganhar e por fim submeteram-se e aderiram a revolução. Foi mais que vitória militar.

Logo que desabava uma região, pelo exército de Chiang Kai-shek, os organizadores comunistas, espalhavam-se pela terra e organizavam os camponeses, contra os proprietários rurais, e os trabalhadores industriais contra os patronais. Nesta época, os comunistas ainda não possuíam a força de hoje. A força diretriz dos chineses, não era a efervescência política, mas uma apaixonada determinação de se livrarem dos estrangeiros, que se haviam enraizado no território chinês. Assim tiveram a Guerra da Revolução Agrária(1927 a 1937). Para alcançar o apoio dos camponeses, os comunistas declaram seus inimigos, os latifundiários, os fiscais de governo, os policiais do campo, os agiotas e os intermediários. Bem como propagavam, que “Os Chineses não combatem os Chineses”.

Nesta época os ocidentais, entre eles os Americanos, não compreendiam porque os Chineses os odiavam; pois, os Americanos pensavam, que já haviam feito tanto por eles; e a reciprocidade não existia. Mas é claro, para os cientificamente esclarecidos sociologicamente e moralmente, que os chineses jamais pediram que ninguém enviasse missionários; e nem pleitearam a intenção de que viessem fazer comércio com eles.

Naquela época, muitas vezes, quando um pastor protestante pregava; os ouvintes chineses solicitavam aos demais que: **__Não abandonem, o templo deste senhor; não ofendam este bom forasteiro; ele está fazendo uma peregrinação em nosso país, afim de adquirir merecimento do “Céu”. Ajudemo-lo a salvar sua alma!**

Chiang Kai-shek, um general de elevado mal caráter e covarde, combatendo os comunistas e deixando os japoneses entrarem no norte do país. Ele nada sabia de governo, exceto de governo militar. Este General estava acostumado a lidar com homens que atendiam quando ele chamava; e que se iam, quando ele mandava. Respeitavam a hierarquia e cumpriam as ordens. Não era um Estadista, ignorava a Ciência e a Arte de Governar uma Nação, por isso não sei se a ignorância a Sã Política, pode ser considerada crime; se fosse assim, muita gente neste mundo, seria culpada, sendo militar ou não. Mas ele se uniu com os ocidentais, e recebia apoio dos Aliados Ocidentais, que estavam envolvidos na Segunda Guerra Mundial, que naquele momento estavam com suas atenções dirigidas para o palco da guerra na Europa.

Este governo de Chiang Kai-shek, não apresentou um líder para ser respeitado. Os chineses não faziam objeção a um ditador, para o bem do povo; desde de que ele fosse forte, para exigir seu respeito. O chefe do governo Chinês seja um Ditador Comunista, um Pronunciador Presidencialista Societocrata, etc., ele tinha que estar como pai do povo, de grande responsabilidade. É ser um Pronunciador Republicano. E deve ser respeitado como o pai o é; ou deveria ser, pelos filhos; deve ser também um bom provedor, de acordo com a tradição, pois: **“Quando o preço do arroz está acima das possibilidades de compra do homem do povo, então o Céu decreta uma mudança de dirigentes”**. Céu aqui, não é onde mora Deus e seus asseclas; é o firmamento, a abobada celeste, com os seus astros.

O processo da queda de Chiang Kai-shek, estava inteiramente de acordo com as leis naturais da sociologia e da moral positiva. A imoralidade pela corrupção material, intelectual e Moral começaram quando se tornou evidente, que Chiang não podia ter o controle Moral do povo, isto é, a Opinião Pública ao seu modo de agir, pensar e sentir, à seu favor. Não somente a corrupção material trouxe a queda dos nacionalistas, que não eram patriotas; se vendiam aos japoneses, aos americanos, e etc. A corrupção material, vem depois da corrupção moral e intelectual; é o resultado do estado podre da ingovernabilidade temporal e da desestruturação religiosa de uma nação; e era o que estava ocorrendo com a China naquele momento; foi a prova de um fim próximo. (1945)*. A Guerra de Resistência contra o Japão – 1937 à 1945; e a Guerra da Liberação Nacional de 1945 a 1949 . Durante a Guerra de Resistência contra o Japão, em 1937, a KTM (Guomindang) e o PCCh combateram ombro a ombro contra os agressores, e juntos obtiveram a vitória, e em 1945, a aliança rompeu-se e abriu caminho para guerra civil; e em 1 de outubro de 1949, os líderes comunistas proclamaram a **República Popular da China**. (*) Esta é a fotografia atual do Brasil, desde 1985 até 2004.

Em 1º de Outubro de 1949, mais de 300.000 pessoas se reuniram na praça Tain'anmen, em Pequim, hoje Beijing, a majestosa cerimônia de inauguração da Nova República, tendo como Presidente do Governo Popular Central, o Sr. Mao Zedong, que proclamou solenemente a fundação da República Popular da China.

A indústria privada passou gradualmente ao controle da propriedade Estatal, a URSS colaborou muito nesta época.

Nacionalizaram todas as propriedades estrangeiras, e colocaram em prática, amplos programas de saúde e de educação

Quanto a política exterior, em 1950, a China e a Rússia, assinam um tratado de amizade e aliança; e também com outros vizinhos. Neste mesmo ano a China iniciou a conquista de seus territórios, mais antigos, o Tibete e Taiwan.

O Plano Quinquenal de Desenvolvimento (1953 –1957), utilizou muitos elementos do modelo da URSS; onde priorizou o investimento industrial, sobre o consumo; e a indústria pesada sobre a leve. De acordo com um planejamento econômico centralizado. A Renda Nacional aumentou na base de 8,0%aa; se construiu em uma base industrial inexistente; até aquela época imprescindível, para a industrialização do País; incluindo a fabricação de aviões e de automóveis, máquinas pesadas e de precisão – equipamentos de energia elétrica, siderurgia, instalações de mineração, aço de boa qualidade e fundição de ligas metálicas não ferrosos.

No poder, os comunistas instauraram uma profunda reforma agrária; uma continuação do que já haviam iniciado, nas zonas liberadas antes desta sua vitória. Em 1953 se consolidava, o controle do regimen comunista.

Em 1954, o Congresso Nacional Popular aprovou a minuta da Constituição, que foi enviado ao Comitê Central do Partido Comunista Chinês. A política básica do regimen comunista era transformar a China em uma sociedade Socialista, para tanto se utilizou dos princípios do marxismo-leninismo.

A construção de uma forte base industrial somente poderia ser utilizada, extraíndo um grande excedente das áreas rurais, mas entorno de 1957, a produção estava estagnada.

Na procura de soluções para os problemas do país, e em nome do debate aberto foi lançado uma campanha para que “ brotasse 100 flores e competissem 100 escolas de pensamento”, que convidava o povo a criar um sistema e propor alternativas. Como a maioria jamais tem e teve razão,

para propor algo para o seu próprio bem, somente por acaso acertam; em vez de propostas, o próprio povo começou a reclamar da falta de liberdade democrática, isto é, desejo de liberalidade; pondo em dúvida o governo do Partido; foi quando surgiu uma campanha “anti-direitista”, que reprimiu aqueles que tinham manifestado a sua opinião contra as metas do Partido.

Em 1958, Mao Zedong (Mao Tsetung) lançou o chamado **“Grande Salto para Frente”**, cujo objetivo era de cultivar o campo e a industrializar a região urbana. A iniciativa econômica, social e política da China no final da década de 1950, representou o primeiro grande marco no processo de afastamento de Mao-Tsetung do modelo socialista soviético. A comuna independente e rural tornou-se o princípio básico da vida social. Aumentou a superfície cultivada e a produção agrícola graças a uma rígida disciplina e a enorme esforço da população. Este plano autoritário dogmático e inflexível levou toda a China ao desastre; e nas regiões rurais a fome generalizada. Dados oficiais registraram que 20 milhões mortos entre 1959 e 1961, no que foi uma das piores tragédias do século e uma das menos divulgadas. Neste mesmo período, iniciava a Guerra do Vietnã – 1959 – que terminou em 1975.

De 1957 a 1966 a construção socialista em grande escala; o ativo fixo industrial, de todo o País, aumentou três vezes, sobre o valor original; e a Renda Nacional, se incrementou em 58%, segundo os preços cotejados; a fabricação dos principais produtos industrializados aumentou várias vezes; se efetuaram a nível nacional, construções de infra-estrutura, e transformações tecnológicas na agricultura.

Em 1962 Mao Tsetung fez uma auto crítica de seus erros, na direção da economia e foi substituído, por Liu Shao-chi (Liu Shaoqi), no entanto continuou a dirigir o Partido e a contar com o importante apoio do Exército Popular de Libertação.

Nesta época, as relações com a URSS se deterioraram, devido as diferenças ideológicas, enfatizadas pelo líder soviético Nikita Khruchev, em um discurso pronunciado em 1956. A separação só se deu em 1963, e os técnicos soviéticos se retiraram da China, levando os planos e projetos originais.

Em 1966, o Exército e os jovens estudantes da Guarda Vermelha, empunhando o Livro de Citações de Mao, iniciaram em toda a China, uma campanha na qual acusavam funcionários públicos e professores universitários, de reacionários e seguidores do capitalismo.

Foi neste ponto, que iniciou-se a **“ Grande Revolução Cultural”** do Proletariado. Atingindo todas as áreas de atividade. (Maio de 1966 à outubro de 1976)

Este foi o maior movimento de massas da história da República Popular da China, ocorrido nas décadas de 1960 e 1970.

Após o fracasso do **Grande Salto**, Mao Tsé-tung iniciou, em 1966, a **Revolução Cultural Proletária**, que se materializou em uma campanha anti-revisionista, denominada Revolução Cultural; durante a qual o Povo e o Governo Chinês, sofreram os mais sérios contratempos e perdas, desde a fundação da República Popular. Foi o triunfo do setor ideológico mais radical do Partido, que afastou do poder os elementos moderados, influenciou os velhos costumes, os hábitos, a cultura e a maneira de pensar da população. Mao acreditava que o principal obstáculo para o socialismo, era a perda do espírito revolucionário na China, principalmente entre os quadros do Partido Comunista. Apesar da paralisação cultural e tecnológica ocorrida durante a **Revolução Cultural**, a China detonou, em 1967, sua primeira bomba de hidrogênio e, em 1970, pôs em órbita seu primeiro satélite artificial.

O movimento teve início em Xangai, estendendo-se até Pequim, hoje Beijing. As primeiras manifestações dos guardas vermelhos, na Praça de Tian'anmen (Pequim), surpreenderam os veteranos dos quadros do Partido, que não se opunham a Mao, uma vez que a sua legitimação e a do regime dependiam dele. Em outubro de 1966, surgiu o **Livro Vermelho** que expunha o pensamento de Mao. Os guardas vermelhos combateram padres e professores, numa sociedade em que a sabedoria e a consideração pelos mais velhos eram valores extremamente respeitados. A organização do Partido Comunista Chinês foi desintegrada e criaram-se os Comitês Revolucionários.

Em janeiro de 1967, o movimento explodiu em outras áreas urbanas. A oposição a Mao formou seus próprios grupos de guardas vermelhos, provocando violentos confrontos nas ruas. Em 1968, Mao reconheceu que a desordem havia ido longe demais.

Durante estes anos que os confrontos alcançaram dimensões de guerra civil, morreram muitas pessoas, é dito milhões, entre elas Liu Shao-chi, o principal opositor de Mao.

Foi nesta época, que a China teve uma significativa intervenção na criação do Movimento dos Países Não Alinhados; embora não tenha formalmente integrado, enviou técnicos e trabalhadores, para apoiar os programas de desenvolvimento do Terceiro Mundo; dentre estes programas o mais importante foi a estrada de ferro africana, que une Zâmbia ao Oceano Índico, cruzando a Tanzânia; visando os não ferrosos, principalmente o cobre.

A movimentação revolucionária de muitos países, se inspiraram na China, e adotaram as estratégias de guerra camponesa, elaboradas por Mao Zedong e Lin Piao.

1.2.2.4) Apreciação da Quarta Fase da Civilização Chinesa – O Grande Caos Interno – A Evolução com a Globalização – da década de 1970 até hoje – 2004. – Conflito interno entre o Capitalismo e o Comunismo – Desemprego – Concentração de Renda e Maximização de Miseráveis. A Ilusão Capitalista Democrática. *A Riqueza de Poucos com a Desgraça de Muitos.*

No começo da década de 70, o Primeiro Ministro **Chu En-lai**, iniciou conversações com os USA, enquanto **Deng Xiaoping**, homem de confiança de **Liu Shaoqi**, retornava ao poder.

Em 1971, o governo da China, conseguiu o apoio necessário, para substituir Taiwan, como representante da China na organização das Nações Unidas (ONU). Os USA deixaram de vedar a decisão, pois deslumbraram as vantagens de melhorar suas relações com a China. Pois lá estava um grande potencial consumidor de suas sobras produtivas, ou de expansão industrial; para o qual o consumismo do supérfluo, da luxúria poderia se tornar um dos sustentáculos do capitalismo, nas suas necessidades de expansão e consumismo; de joint-venture na China e de exportação, para a China.

Nenhum capitalista quer ver o bem do outro. O USA quer o mercado em potencial da China, e não o bem do povo Chinês. E nem do seu próprio povo. Mau sabem os capitalistas, que com esta atitude, provocam a competição no seu próprio mercado interno, com os produtos e serviços importados de qualquer parte do mundo, a preços tão baixos, que irão criar crises elevadas de desemprego; incrementando a usura e a classe dos burgueses – jogadores da bolsa de valores, tornando os próprios ocidentais vulneráveis aos conflitos sociais, as guerras civis, e a desgraça. O Capitalismo é Cíclico, não só no prazer, como na desgraça.

Mas o povo Chinês devido sua formação religiosa fetichista astrolática, tem boas intenções, desde de que o estrangeiro, não deseje alterar a sua substancia básica; até para com os outros países, se não sofrerem mudanças radicais em seu modo de sentir, pensar e agir, é mais Altruísta, por isso, vejamos o que diz a constituição Chinesa, quanto as relações internacionais, no Preambulo de sua Constituição:

... “ Os êxitos da China na revolução e na construção, seriam impossíveis sem o apoio dos povos do Mundo. O Futuro da China, está intimamente ligado, ao resto do Mundo. A China adota uma política externa independente; proclama os cinco princípios do respeito mútuo, pela soberania e pela integridade territorial, de não

agressão mútua, de não ingerência nos assuntos internos, de igualdade e de reciprocidade de vantagens, e de coexistência pacífica, como princípio das relações diplomáticas, e das trocas econômicas e culturais, com outros países; opõem-se firmemente ao imperialismo, ao hegemonismo e ao colonialismo; batalha com vista ao esforço de unidade, com os povos dos outros países; dá todo apoio as nações oprimidas e aos países em desenvolvimento, na justa luta, para alcançar e preservar, a independência nacional e desenvolver suas economias; e esforçar-se por salvaguardar a paz mundial e promover a causa do progresso humano” ... 4/12/1982

Ao explodir o conflito ao norte, na fronteira com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), em plena Guerra do Vietnã, a China sentiu-se ameaçada por enfrentar os Estados Unidos e a URSS, as duas superpotências mundiais, em duas frentes de combate. Sofria, também, o isolamento internacional e as consequências do caos interno.

Em 1975/1976 Morreram sucessivamente Chu (Zhou), Zhu De – veterano revolucionário e Mao – Surgiu uma disputa interna entre facções rivais. Prevaleceram os pragmáticos e reformistas, que tiraram vantagem do apoio que tinham dos funcionários públicos.

O Partido Comunista Chinês e o Exército iniciaram o restabelecimento da ordem e o apogeu revolucionário começou seu declínio. A morte de Mao permitiu o encarceramento, em 1976, da camarilha contra-revolucionária do chamado Grupo dos Quatro, entre os quais estava a última mulher de Mao, Jiang Qing; e Zhang Chunqiao, Yao Wenyan, Wang Hongwen – e indicados como responsáveis pelo insucesso da Revolução Cultural. Em 1981 foram submetidos a julgamento público; sendo condenados e mortos, para servirem como exemplo de atos imorais, antipatrióticos e não republicano; para que a população, toma-se conhecimento das penalidades para condutas desta ordem.

No plano internacional, a China se opôs a todos os aliados da URSS; desta forma apoiou o movimento a União Nacional pela Independência Total de Angola e o Congresso Pan Africano na África do Sul; e começou a ter relações piores com o Vietnã, depois que este país derrotou os USA em 1975.

Em dezembro de 1978, na Terceira Plenária da Décima Primeira Reunião do Comitê Central do Partido, o Sr. Deng Xiaoping foi totalmente reabilitado e foram anunciadas mudanças radicais na economia.

Com **Deng Xiaoping**, a China iniciou um novo capítulo, em sua história, por ele ter sido reabilitado, pela nova direção do Partido, e teve a sua autoridade reconhecida. Este senhor fora anteriormente Secretário Geral do Comitê Central do Partido Comunista da China. Sobre a sua

direção, esta nova liderança, em 1979, anunciou uma política de reforma e um ambicioso programa de desenvolvimento econômico, que previa significativos avanços na agricultura, indústria, defesa, ciência e tecnologia. Com as reformas das estruturas econômicas e políticas, se desenvolveu de forma gradual o caminho do desenvolvimento, para a modernização socialista, com as peculiaridades chinesas. Com a aplicação desta política, a China tem experimentado profundas alterações, em sua fisionomia, a economia tem avançado em grande velocidade; e as condições de vida de 20% do Povo, tem melhorado enormemente. Este foi até agora, o período de maior desenvolvimento, desde da fundação da República Popular da China. *E os 80% na pobreza e na miséria ?! Por onde anda o Socialismo ?*

Em 1979 a China invade o Vietnã, para lhe dar uma lição por ter invadido o Camboja, e derrubar o regimen do Khmer Vermelho; e ao mesmo tempo internamente desde de 1978 a 1979, foi aceito uma maior liberdade de expressão e crítica, pela certeza de que elas seriam dirigidas contra a Revolução Cultural e seus responsáveis; aparecendo o movimento a Primavera de Pequim, que estava centrada no “**muro da democracia**”, na sua maioria sem responsabilidade; onde os cidadãos podiam exibir cartazes, expressando as suas opiniões. O muro também servia para que os dissidentes pudessem distribuir revistas clandestinas.

É evidente que quando as criticas se voltaram contra o regimen, sem proposições adequadas as mudanças, que viessem somar ao bem da rés – pública chinesa; o tal muro da democracia foi fechado.

No campo, as comunas populares foram dissolvidas, e as terras foram redistribuídas em unidades familiares e arrendadas ao Estado. Foram introduzidos impostos em substituição às cotas de produção; e os camponeses foram autorizados a trocar seus excedentes, por dinheiro, nas vilas e cidades.

A China também anunciou que abriria suas portas ao comércio, aos investimentos e empréstimos do exterior. Com vista a atrair as empresas do exterior; foram criadas zonas livres ou econômicas especiais, como Hong Kong e Macau, que ofereceram incentivos, como isenção de tributos, mão de obra e terra baratas; semelhante a zonas francas de outros países.

Muitas tomadas de decisão foram passadas dos Ministérios para os gerentes de fabricas; que passaram a planejar a produção e a distribuição, e a escolher as fontes fornecedoras de matéria prima. Aos jovens trabalhadores foi oferecido um sistema de emprego, por contrato, em vez de nomeá-los de forma vitalícia , para uma unidade de produção.

Foi permitido a criação de pequenas empresas, copiando algo errado do sistema egoísta do capitalismo, que é uma ilusão, de “ pequenas empresas grandes negócios” uma falsa ilusão - pois na verdade são “

pequenas empresas, com grandes problemas”. São poucas pequenas empresas, que sobrevivem, para produzir, na sua maioria produtos supérfluos. Que competem entre si, para maximizar o ganho do patrão e minimizar o ganho do proletário. Concentrar renda; e não distribuir renda.

Produzir não para o bem da massa (povo); e sim para explorar o povo, para o bem de muitos poucos: os capitalistas.

Ai é que entra a Societocracia, em lugar da democracia capitalista individual e do comunismo capitalista de Estado; onde não se prega o conflito entre o patronal e o proletário. Para melhor entendimento desta Utopia, que não é quimera, o Capital será gerenciado, não pelo Estado; e sim pelo Patronal, que não será dono do Capital, no Regimen Industrial Societocrático (onde houver sociedade); e sim gerenciador do Capital. No entanto a propriedade individual, ou de cada um, seja ele patronal ou proletário; não é coletivo, e sim social no nível de Família ou de Indivíduo, onde aplicável. O Gerenciador do Capital – Patronal tem um ganho, uma renda, maior que o do proletário, que só deve se preocupar com o trabalho, interno do sistema industrial, a que pertence; pois a responsabilidade do Gerente do Capital – o Patronal, é maior que a do Proletário – principalmente no que se refere aos contratos de comercialização, para manter a unidade fabril em funcionamento constante. O Mérito (capacidade, competência, altruísmo e a situação) do Patronal, é medido, pelo proletário e pelo resultado da Lucratividade Social e Financeira da Unidade Industrial. Um Patronal pode perder sua função, para um Proletário, que tenha mais Mérito; se tornando um proletário, pela incompetência gerencial; por possuir mais mérito na função de Proletário. E vice-versa. O Lucro tem sua aplicação, no re-investimento dos planos de expansão ou modernização, nos dividendos e bonificações dos Patronais e dos Proletários. Os impostos são calculados sobre lucros, para colaborar nos planos de governo. Levando em conta os Salários de Manutenção e os de Produtividade. Sendo que o Salário de Manutenção independe do Trabalho – Controlado pelo Governo – Ver detalhe em outra exposição. E o de Produtividade, dependendo, do custo industrial, visando, não a competição, mas ao menor preço, para atender, a causa pública, rés – pública, de todas as necessidades sociais, planejadas. A passagem do cargo será de forma de Eleição Societocrática. (Chefe do setor, indica o futuro chefe, para substituí-lo, de acordo com a concordância de seu superior, e coloca o nome do novo chefe, para ser referendado, pelos seus subalternos – se houver mais de 85% de concordância, o novo chefe assume a função).

O ideal seriam Grandes Empresas, com pequenos problemas; e abundância de pequenas Indústrias Familiares. Os sócios destas grandes

Companhias Comerciais seriam os proprietários destas pequenas indústrias familiares.

O **Governo de Deng Xiaoping**, deu início a programas de retirada progressiva dos subsídios aos preços dos bens de consumo, para permitir que o mercado determinasse os preços de alguns produtos básicos, como os relacionados com a alimentação e o vestuário, para estimular o crescimento, promovendo o consumo. A diversificação em produtos se elevou e durante vários anos os salários aumentaram. As restrições dentro e fora da China, foram sendo paulatinamente reduzidas; bem como a diversidade de expressão artística começou a ser tolerada. Mas cabe notar que estas mudanças que provocaram alguns empregos, provocaram a geração da inflação, principalmente nos preços de alimentos e vestuários, e no final da década de 80, o poder aquisitivo, diminuiu e em 2004 é crítico. Nas zonas rurais, os camponeses que tinham fácil acesso aos centros urbanos, eram beneficiados, com a possibilidade de abastecer grandes mercados, porém os que viviam em áreas longínquas, foram ficando para trás. Aumentou a utilização de pesticidas e fertilizantes químicos, o que inicialmente fez crescer a produção; mas o nível produtivo começou a cair, obrigando os produtores a utilizar grande quantidade de produtos químicos; esse uso obrigava a utilizar níveis perigosos, enquanto os preços dos pesticidas continuavam aumentando. A previdência social dos trabalhadores deteriorou-se e os novos sistemas de emprego começaram gerar insegurança; embora fosse dado aos gerentes, o poder de contratar e despedir trabalhadores; e de fixar metas de produção, não se dava aos sindicatos, uma liberdade de ação de acordo, com as mudanças. Nesta época, já havia um debate sobre o ritmo e o alcance das mudanças econômicas; e sobre uma separação mais clara, entre o Partido e o Estado.

Em 1986, houve uma manifestação estudantil e Xangai, reivindicando liberdade de imprensa e mudanças políticas. O Secretário Geral do Partido, **Hu Yaoband**, relativamente jovem foi obrigado a renunciar o seu cargo; e a linha conservadora, começou uma campanha contra o liberalismo burguês, para erradicar, o que chamavam de idéias ocidentais, fundamentalmente o pluralismo político – ainda que também fossem mencionados o comunismo e a corrupção. Muitos consideraram, que se tratava de um ataque às políticas econômicas criadas, ou melhor, reformadas por Deng, pois Hu Yaoband, era um dos seus correligionários.

Em 1989, **Jiang Zemin**, assumiu o cargo de Secretário Central do Comitê do Partido Comunista da China, e nesta época a tendência para o caos caminhava a passos largos, e foi neste ano, que o Governo teve que restringir a liberdade, para reduzir a ordem que estava retrógrada, com um progresso que estava anárquico. Ocorreram mudanças importantes, e **Li Peng**, assumiu o cargo de Primeiro Ministro.

Como só vale as leis ditas de direitos humanos, para os outros, que não estão no Grupo dos 8; porque estes que comandam este grupo, podem cometer barbaridades, em nome de seu regimen, e nada acontece; a reação internacional a repressão, adiou as intenções da China, em vir, conseguir um maior intercâmbio econômico com o exterior.

Em 1991, a Grã – Bretanha, assinou em Pequim (Beijing) um acordo para construção de um novo aeroporto em Hong Kong, como parte das negociações, para que a colônia britânica, voltasse a soberania da China em 1997.

Neste mesmo ano de 1991, um terço das empresas estavam em déficit, e um orçamento Estatal cada dia mais desequilibrado, provocou a necessidade de reformas estruturais inevitáveis. O Partido Comunista, encaminhou-se então, para retomar o processo de liberação econômica, indicado por Deng Xiaoping; que permitiu manter uma estabilidade na situação política, um incessante desenvolvimento na economia, e na diplomacia cada vez mais ativa. O acordo de Paris sobre o Camboja e a dissolução da URSS aceleraram a aproximação da China com o Vietnã. Nesta mesma época os USA romperam o gelo diplomático, que perdurava desde de 1989; fazendo com que Beijing respeita-se o acordo internacional que limitava a exportação de mísseis. Um alto funcionário de Beijing visitou Seul, na Coréia do Sul, para participar da III Conferencia Anual da Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico (APEC) – Houve a liberação dos presos políticos.

Em 1992, a China aderiu ao tratado de não proliferação nuclear. O Governo Bush – pai – deu prioridade as suas relações comerciais, com a China. Grandes mudanças políticas ocorreram, bem como nos altos comandos do Exército Popular.

Na Sessão anual do Congresso Nacional do Povo, o Secretário Geral do Partido, **Jiang Zemin**, foi indicado **Presidente da República**, tornando-se a primeira pessoa, desde da morte de Mao, a acumular as funções de Chefe de Estado, e do **Partido e de Comandante das Forças Armadas**; e ficando o Primeiro Ministro Li Peng, foi confirmado no cargo. A independência do Tibete, foi reprimida implacavelmente.

Na esfera econômica, deu-se início um plano de austeridade, no aparato estatal, e os impostos dos camponeses foram elevados; e devido a protesto, o governo recuou, e retirou os novos impostos sobre o campesinato – 800.000.000 pessoas.

O Produto Interno Bruto cresceu 12,5%, em 1992, no entanto este crescimento teve seus primeiros efeitos indesejáveis em 1993, quando neste mesmo ano, **o Sr. Jiang Zemin, acumula o cargo de Presidente da República Popular da China**, quando a inflação do primeiro semestre atingiu

20%, apesar disto o crescimento foi de 13,5 % ; mas Li Peng propôs limitar a expansão econômica a 9%, para reduzir a inflação, apesar dos protestos das províncias costeiras como Guandong, uma das principais beneficiadas do boom econômico Chinês.

As desigualdades sociais, trazidas pelo capitalismo, nos grandes centros das cidades, entre os novos-ricos capitalistas (Patronais Capitalistas Industriais) e a maioria dos Proletários Industriais, acrescidos dos Proletários Camponeses; continuaram crescendo, e com estas desigualdades, surge em paralelo, a migração de milhões de pessoas do campo para a cidade; criando mais crise social e moral. **Isto levou o Governo a demonstrar prudência no fechamento e / ou privatização de empresas estatais, consideradas pelo sistema capitalista, como não rentáveis; pois um forte aumento de desemprego tornaria ainda mais tensa, a já precária situação social.** Entre na pagina www.geocities.com/doutrinapositivista – em Artigos Diversos – em Agropecuária – e analisem o Artigo de minha autoria -“ A Pátria e a Reforma Agrária” ; como ponto de partida para uma Reforma Agrária Societocrática.

Um outro projeto que visava limitar os efeitos sociais das reformas econômicas foi adiado. O projeto introduzia uma indenização pelo desemprego dos proletários das empresas, que falissem ou fechassem suas portas; no entanto devido a inexistência de um sistema de seguridade social estatal, incluindo um seguro desemprego, levou o governo a retroceder, para não se lançar em reformas demasiado arrojadas.

Em 1995, Jiang Zemin consolidou mais ainda o seu poder, o que o deixou em condições insuperáveis de continuar na liderança do país após a era de Deng. As autoridades continuaram preocupadas com os problemas sociais das reformas; e por isso, mantiveram os importantes subsídios as Empresas Estatais. A inflação se limitou a 13 % e o plano quinquenal para 1996-2000, previu um crescimento econômico de “somente ” - 8 – 9 %.

Mas em 1996, havia uma corrente ocidental que torcia para que ocorresse uma tendência separatistas, devido a uma explosão social. Uma forma disciplinar fez com que os chineses, tomassem providencia, para abafar um movimento religiosos, que estava provocando anarquia no Estado Chinês, ao propagar na região do Tibete, com a exibição em público, o retrato de Dalai Lama, movimento Budista, desautorizando em locais públicos, as disciplinas traçadas pelo Estado. Interferindo com decisões Sacerdotais, nas políticas do Governo Temporal Chinês; provocando desordem pública.

O crescimento do produto interno bruto PBI, ficou entorno de 10%, enquanto a inflação caiu para 6%. A Eficiência Industrial e os Investimentos

Estrangeiros, considerados o motor do crescimento econômico, e não do desenvolvimento econômico, cresceram algo entorno de 20%.

Ocorreu, que as empresas estrangeiras que se instalaram na China, foram favorecidas à ficarem autorizadas a converter a moeda local em dólares ou yenes.

Como todo Governo, tem dificuldade de saber o preço real do produto à ser exportado, muitas das vezes, o preço unitário é posto, a um valor muito baixo, muitas vezes abaixo do custo, para pagar pouco imposto de exportação; e quando atinge o destino, pagará também, pouco imposto de importação nos USA (nos USA – possuem um maior controle) – Mas a subsidiária ou sócia da empresa chinesa importadora, nos USA, repassa para o preço real de venda interna, nos USA, à valores de mercado interno, elevadíssimo; e todo o lucro, fica por lá. E nada fica para o bem social, deste grande lucro, concentrado na mão de poucos, lá fora; nada ou quase nada, é transferido para a origem; muitas das vezes se transfere extra oficialmente para a origem, com objetivo, de sanar as dificuldades financeiras do parque industrial exportador, para que ele se mantenha em funcionamento, demonstrando prejuízos, para não pagamento de IR, na origem; desta forma, ocorre a luta dentro da China, entre os exportadores e o Governo Socialista Comunista Chinês, surgindo a corrupção; e principalmente o desemprego, pois a eficiência da competição, para baratear a mesma, faz com que a mecanização substitua o homem. É uma ilusão esta exportação sob o ponto de vista da globalização capitalista; principalmente para um país da magnitude dos problemas sociais – a população - da China. Para os Importadores Americanos ou para os Chineses lá do exterior é Magnífico. Mas Moralmente para o Povo Chinês, é lamentável; pois se para alguns é lucrativo; para a maioria, nada traz de benefício; pois nem o Governo, recebe nada representativo, para investir nas obras de infra estrutura, oriundas de impostos, destas transações comerciais, internacionais; na mão deste capital volúvel, do entra e sai das bolsas de valores.

A **morte de Deng Xiaoping**, em fevereiro de 1997, após longa patologia gerou inquietações entre diplomatas e investidores, no entanto, altas autoridades do governo, garantiram na época, que os rumos das reformas econômicas, não estavam em jogo.

O XV Congresso do Partido Político, em outubro de **1997**, confirmou **Jiang Zemin**, no primeiro posto do Governo, consolidou a política de reformas, em particular sua aplicação às empresas estatais, e retificou seu tradicional sistema político.

Em março de 1998, o Congresso Nacional do Povo, ratificou as mudanças definidas pelo PCCh, no ano anterior, incluindo a reeleição de

Jiang Zemin como Chefe de Estado e das Forças Armadas , com 98% dos votos. E o **Hu Jintao** mencionado como possível sucessor de Zemin, foi nomeado vice-presidente, enquanto Li Peng assumiu a Presidência do Congresso ou Parlamento.

Zhu Rongji, Ex-vice-primeiro-ministro, encarregado da economia, foi eleito primeiro ministro; com um novo gabinete integrado, em sua maioria por especialistas em economia, tendo por meta proceder a adaptação de 370 mil empresas estatais às regras de livre comércio; processo este que já levou mais de 30 Milhões de desempregados.

Dando as reformas econômicas empreendidas em 1978 por Deng Xiaoping, os planos de Zhu Rongji, voltaram-se ainda assim, para a reestruturação do sistema financeiro capitalista.

Em junho de 1998, o presidente Bill Clinton, fez uma viagem de 9 dias a China.

Em abril de 1999, foi a vez do Primeiro Ministro da China Zhu Rongji, visitar os USA. O assunto em questão foi sempre a entrada da China na Organização Mundial do Comércio (OMC). Ocorreu em nov. 1999 a Primeira Navegação Espacial Tripulada.

Em 2000, Durante o X Plano Qüinqüenal, (2001 à 2005) o setor espacial chinês vai ser intensificado

Em 2001 – Em dezembro de 2001 a China se converteu oficialmente em membro, da organização Mundial de Comércio

Em, outubro de 2002, Jiang Zemin se entrevistou com G.W. Bush, nos USA; e em, novembro de 2002, na Primeira Seção Plenária do XVI Comitê do Partido Comunista da China, o **Sr. Hu Jintao** foi eleito Secretário Geral do CC do PCCh.

E em março de 2003, na Primeira Seção da Assembléia Popular Nacional, foi eleito o Novo Presidente da República Popular da China, o Sr. **Hu Jintao**, que se entrevistou com o Presidente da Rússia, Putin, na China. E muitos outros contatos de Política Exterior; foram realizados neste ano de 2003.

Em 2004, espero que os Chineses complementem os fatos mais importantes.

1.2.2.5) Apreciação da Quinta Fase da Civilização Chinesa - como República Popular Federativa da China, utilizando no Mercado Internacional, as forças do Capitalismo Democrático; e no Mercado Interno, usando as forças do Trabalho Socialismo Societocrático.

Minimizando desta forma, internamente na China, o Comunismo de Mao Zedong e a Democracia Capitalista, dos Imperialistas Ocidentais; regimes danosos à Evolução Pacífica da Humanidade. UTOPIA I.

Para melhor entendimento, sobre a Pronunciadura Republicana, a ser proposta, há necessidade dos Senhores lerem dois artigos de minha autoria : O Protótipo da Constituição Republicana Societocrática Federativa do Brasil, em estado de elaboração, que deve ficar pronto no final do ano de 2005, que pode servir de roteiro para a China, e demais países do Mundo Contemporâneo; bem como o Artigo sobre o Conselho Moral das Organizações das Nações Unidas; onde podem ser encontrados os DEVERES, Individuais, Domésticos, Cívicos ou Patrióticos, do Ocidente, do Oriente e do Planeta Terra. E ao mesmo tempo, analisarem o site www.geocities.com/doutrinapositivista ; no local – Regimen – Bem como a - A Educação Positivista (A ser escrita em 2005).

1.2.2.6) Apreciação da Sexta Fase da Civilização Chinesa – Como República Societocrática Federativa da China – com uma Pronunciadura Republicana – de cunho Trabalhista; emanando para o Mundo, as diretrizes do estado Normal da Humanidade, por meio da Religião da Humanidade – no comando Moral, Espiritual e Prático do Mundo, tendo como base: O Amor por Princípio; a Ordem por Base e o Progresso por Objetivo : Tendo como Formula Moral : Viver para Outrém e Viver às Claras . Fazendo definitivamente ocorrer a queda do capitalismo democrático e do comunismo capitalista de Estado, ambos de cunho altamente egoísta; para atingirmos, o Bem Social e Moral Positivo da Humanidade – com o Trabalhismo Societocrático. UTOPIA II.

Esta parte do trabalho 1.2.2.6, proponho que deva ser desenvolvida juntamente com um grupo de trabalho da Academia de Ciências Sociais da China, para melhor discutirmos as diversas alternativas, de viabilidade desta fase evolutiva da sociedade Chinesa, com as atuais influências desta nossa época, neste transitório destino das diversas sociedades que habitam o Planeta Terra.

Assim, Senhores, acabamos de apresentar um resumo muito geral, mas suficiente para a finalidade que proponho, para mostrar o desenvolvimento concreto desta Grande Civilização.

Vamos agora, primeiramente analisar o período dos Impérios, referente aos fenômenos ocorridos nos itens, que representam tais períodos: **1.2.2.1) Apreciação Geral da Primeira Fase da Civilização Chinesa** (De 2850/2 anos a.C. até o ano 207 a.C.) , - sendo que a Dinastia Xia (Hsi) a mais antiga, que se iniciou em 2070 a .C.; passando pela Dinastia dos Shang – (1600 a .C. à 1046 a . C.) , passando, também pelas três dinastias dos Zhou (Chou); até o fim da Dinastia Ch'in.(Qin) (Thsin) - no ano 210/207 a . C. , isto é, tendo como o Primeiro

Imperador, Thsin-chi-hoang-ti (Yingzheng) : entre os anos 230 a . C. à 222/221 a .C. **.1.2.2.2)** Apreciação da Segunda Fase da Civilização Chinesa, do ano 206 a.C. passando por várias dinastias dos Han, dos Thang, dos Soung, dos Youens ou Mongoes, dos Ming, e dos Thai-Thsing ou Mandchús ou Qing (1911) . é neste período de 1644 a 1911, na dinastia dos Qing, onde inicia-se mais fortemente, a influencia dos “ Bárbaros”- Ocidentais, até a Primeira Revolução em 1911 –

Pelos fatos ocorridos nestes Impérios, ficou claro, que temos assistido à gradual evolução, de um duplo fenômeno; o desenvolvimento interior de uma sociedade industrial e pacífica, sob a dupla direção de um poder monocrático e de uma classe administrativa, recrutada por meio de exames regulares, em todas as classes de sua população; e de outro lado, no meio de lutas contínuas, extensão crescente desta sociedade, que consegue finalmente subordinar as populações perturbadoras do interior.

A longa, evolução deste período Imperial, cuja teoria abstrata e em seguida, a apreciação concreta, levou por construir na Ásia, até 1911, uma imensa sociedade Imperial, produto de uma longa elaboração contínua de aproximadamente 4700 anos. É esta resultante final, dentro do período Imperial, que é preciso apreciar sumariamente seu conjunto. Apreciando esta grande sociedade ao mesmo tempo estável e progressiva, tendo obtido melhor resultado, que qualquer outra civilização, até 1911; esta conciliação tão almejada entre a ordem e o progresso, nos faz compreender a superficialidade dos estúpidos prejuízos, que nasceram a este respeito, no Ocidente, desta época, sob um sentimento tão infame.

O Império Chinês naquela época compunha-se da China propriamente dita e de alguns países tributários: O Tibete, a pequena Boukharia, a Mongólia, a Manchúria e a Coréia; além de um grande número de ilhas, sobre a costa oriental da China, entre as quais, Formosa (Taiwan).

A submissão dos países tributários, no final do século XVIII, depois de lutas que remontam a própria origem da China, e constituem a história de sua atividade exterior, dando a esta civilização sua estabilidade essencial, além do serviço prestado à Humanidade, pela sua ação civilizadora, sobre as populações atrasadas, cuja as temíveis excursões (nos Séculos - XIV, XV, XVI), tão profundamente perturbaram outrora, até a Europa Ocidental.

No período Imperial, no meados do século XIX, a China propriamente dita estava compreendida entre 20° e 41° de latitude norte e 140° e 95° longitude, o que lhe dava uma extensão territorial de 3.475 Km de Norte a Sul, e de 3.900 Km de Leste à Oeste, ou cerca de 9.900.000 Km² de superfície – dados disponíveis da época.{ Hoje , em 2004 – o território judicial da China, começa a 53° 30', latitude norte, linha central do rio Heilongjiang, e termina a 4° de latitude norte, nos arrecifes de Zengmu; no extremo meridional do arquipélago Nansha. Seu extremo oriental se encontra a 135° 05' longitude este, confluência dos rios Heilongjiang e Wusulijiang e o ocidental, a 73° 40' longitude este. A distancia tanto norte ao sul,

como leste à oeste é de 5.000Km. E a sua superfície hoje está em 9.600.000 Km² }.

Nesta época, a China propriamente dita, se dividia em 18 províncias, segundo os recenseamentos oficiais de 1812 e 1852, totalizando respectivamente 360.279.597 e 536.909.300 habitantes. {Hoje, em 2004, a China possui 23 Províncias, 5 regiões autônomas, 4 municípios sob jurisdição central e 2 duas regiões administrativas especiais } [Interessante deixar aqui registrado, que durante 97 anos a população da China quase que não se alterou; porque em 1949, a população era de 541.670.000 habitantes; em 1969, elevou rapidamente para 806.710.000 Hab., estima-se para 2005, 1.333.000.000 Hab., e para 2010, 1.400.000.000 de Hab.] Já se podia dizer, naquela época, que esta grande população, tomando uma média de 400.000.000 de Hab., era submetida a um sistema regular de governo: o que constitui certamente, o resultado mais significativo, de uma evolução social, sem exemplo, por sua duração e pela continuidade do seu regimen.

Vejamos em primeiro lugar, qual foi a atividade geral desta imensa população.

Assistia-se um grande espetáculo: uma população com milhões de “*almas*”, entregues a uma atividade essencialmente pacífica e industrial; na qual, graças a submissão da Tartaria, pela dinastia dos Qing, o exército estava reduzido à função normal de simples polícia – para manter a disciplina, contra as perturbações interiores, individuais ou coletivas.

A propriedade privada era perfeitamente respeitada, em sua aquisição, no seu emprego e na sua transmissão; isto se aplicava as propriedades móveis como as possessões de terra. A este respeito, a segurança, base essencial da atividade como de toda a civilização, eram ali tão grande, quanto nos países, mais bem estruturados da Europa Ocidental.

“ A grande riqueza do Império Chinês, a Industria infatigável do povo e seu inviolável apego ao país, e tantas outras circunstancias, que provam que se o governo é cioso dos seus direitos, não negligencia em absoluto seus deveres. Mesmo eu não sendo um entusiasta admirador do sistema chinês, mas desejamos explicar, se possível, as causas que tendem a produção de bens inapreciáveis, e de que ninguém pensa em contestar a existência. Na prática, manifesta-se um grande numero de abusos; mas no geral, e se considerarmos os resultados definitivos, a maquina administrativa, funciona bem; e repetimos que se encontram notórios testemunhos na nação, a mais alegremente industrial, a mais pacífica e a mais opulenta da Ásia. Nós insistimos sobre esta qualificação de alegremente industriosa, porque ela é um dos principais traços, característicos, que impressionam os estrangeiros, que chegam a China; e que demonstra incontestavelmente, que cada cidadão, possui uma boa parte dos frutos de seu trabalho. (Da China – J.F. Davis, antigo Presidente da Companhia da Índias na China)

A terra se achava muito dividida; a pequena propriedade tomava um enorme desenvolvimento; a classe dos pequenos agricultores era a mais

respeitada de todas, depois dos Letrados. Mesmo existindo as propriedades de maior porte, quem dominavam eram as pequenas. A grande atividade agrícola era essencialmente moderna e de origem ocidental. Ela derivava do desenvolvimento abstrato das populações do extremo Ocidente. Já era dito nesta época que a agricultura extensiva de grande porte, seria adotada no futuro, muito mais que no presente, como a base da sistematização da indústria agrícola. Esta industrialização com mecanização, só fez começar a gerar desemprego. Desde então na China a atividade pastoril, não existia, principalmente no meio da China. A atividade agrícola, de plantios de cereais, sobretudo o arroz, era a principal meta da agricultura chinesa. A ausência da atividade pastoril, isto é, da pecuária, que gera adubos orgânicos, era a falta de adubos, apesar dos inauditos cuidados dos chineses, para tudo utilizar à este respeito; é uma causa inevitável do esgotamento do solo. Mas fora estes inconvenientes incontestáveis, de resto, à natureza desta inigualável civilização, foram infinitamente compensados, pela existência da imensa classe dos pequenos agricultores; classe livre, enérgica e independente; o que necessariamente resultou da vida laboriosa e sábia de uma população, cuja propriedade pessoal, era convenientemente respeitada.

A cultura das hortaliças, das flores, isto é, a jardinagem, tinha e tem na China um desenvolvimento espetacular e uma grande perfeição. A agricultura das árvores – o bambu, árvore do chá, etc.. era um dos grandes objetivos desta indústria agrícola. A base da nutrição da China era e ainda é vegetariana. Daí o imenso desenvolvimento da cultura do vegetais.

Quanto a nutrição animal, o suíno e as aves fazem os principais pratos chineses. Nas províncias do norte da China, a Tartaria, fornecia uma grande quantidade de bovinos, caprinos, corsos, etc. ,etc. .

Quanto a ferramenta agrícola, era sobretudo caracterizada por uma extrema simplicidade. A destreza e o trabalho ativo do agricultor, supriam a este respeito, a inevitável imperfeição, necessariamente resultante do retalhamento extremo da propriedade familiar. Em compensação a agricultura chinesa era favorecida por um vasto sistema de irrigação. Nota-se desde de então, a grande importância atribuída pelo povo chinês as perturbações atmosféricas, cujas consequências poderiam ser tão graves para a nutrição de um grandioso povo. Daí o imenso desenvolvimento dos celeiros públicos. Fora isso, a base fetichista, contribuiu também, a este respeito, para o grande estudo dos fenômenos meteorológicos. A Nação que depende de importação para garantir a sua alimentação, mesmo sendo potência nuclear, está vulnerável.

A agricultura foi e será sempre uma atividade essencial desta pacífica população. A opinião pública tem sempre consagrada na China, a preponderância desta base agrícola, como a sua primordial atividade industrial.

Neste meado do século XIX, a manufatura e o comércio, isto é, o trabalho de apropriação das matérias primas, e o estabelecimento dos meios de facilitar-lhes a troca;, mostrava que sua indústria, fora essencialmente empírica, e não

oferecia emprego de maquinarias, que tivessem suas origens em ações tecnológicas, com base nas ciências abstratas; mas os chineses desenvolveram nas suas indústrias uma atividade e uma sagacidade, notavelmente combinada, com uma extrema paciência e uma grande sobriedade. Deve-se a isso, o que de resto se concebe, que a indústria chinesa era sobretudo a pequena indústria; era uma consequência de uma insuficiente concentração de capitais, e de sua inferioridade, no emprego de grandes máquinas. Favorecendo desta forma o desemprego.

A Indústria da Seda tinha na China desta época, e desde a mais remota antiguidade, uma importância e uma extensão considerável. Só na cidade de Hantcheou, contavam-se com mais de 600.000 trabalhadores em seda, e mais de 100.000 nas aldeias circunvizinhas. A indústria de algodão tem na China, importância análoga, posto que é inferior a da seda; quanto a indústria da porcelana, sua perfeição, como a diversificação de seus produtos, são suficientemente conhecidos, até hoje como algo extraordinários. Mas para dar uma idéia da atividade industrial desta civilização, utilizando tudo com uma aplicação contínua, citarei as seguintes palavras de um missionário do Século XVII (Nova relação da China, composta pelo Padre Gabriel de Magalhães da Companhia de Jesus – Jesuítas)

“Como neste reino ou império, não haja um pé de terra inútil; também não há homem, nem mulher, moço, velho, cocho, maneta surdo ou cego, que não tenha meios de ganhar a sua vida e nem alguma arte ou algum emprego.. Os chineses dizem em comum o provérbio, [no reino da China, nada existe de abandono](#). Por mais inútil e vil que uma coisa apareça, tem o seu uso e tira dela proveito – até hoje - 2004. Por exemplo somente na cidade de Pequim, hoje Beijing, há mais de 1000 famílias , que não tem outro ofício, para subsistir, do que vender fósforos e mechas para acender o fogo; há pelo menos outras tantas, que não vivem de outra coisa, senão de apanharem, nas ruas e nas varreduras, trapos de panos, nas ruas e de papel, e de outras coisas semelhantes , que eles lavam e limpam e depois vendem a outros que o empregam , em diferentes usos, dos quais tiram lucro.”

Em fim, para dar-vos uma idéia da sagacidade industriosa da população chinesa, o serviço que eles tiravam e tiram da indústria do bambu. Os chineses chegaram por uma cultura sistemática, a produzir uma larga variedade de bambus; variedade na grossura, na altura, na distancia entre os nós, na cor da madeira, na superfície da haste, na substancia e na espessura da madeira, nos ramos, nas folhas, enfim, eles determinaram nos bambus variedades constantes e que se perpetuaram, como por exemplo, a produção de brotinhos ou excrescências carnosas, boas para comer. Este bambu assim aperfeiçoado por esta hábil cultura, é empregado em uma quantidade imensa de objetos.

“As novas vergôntes do bambu, quando começam a brotar na terra, são tão tenras e tão delicadas como os aspargos. Cortam-nas e tornam-se um alimento são e agradável. O consumo deste comestível é imenso e permite um comércio considerável.. O que não é comido, nos sítios é transportado nas proximidades e até as extremidades do Império. Para impedir que se destruam os pequenos brotos, cortam em quatro partes, e os expõem durante certo tempo ao vapor d’água e secam-no depois. Assim reparados,

conservam-se por muito tempo, e podem ser transportados para bem longe. Posto que os ocos dos bambus, são muito fortes, e podem sustentar os mais pesados fardos: fazendo algumas vezes substituir a madeira dos arcabouços. Os seus troncos duríssimo de serem cortados transversalmente, racham-se com a maior facilidade, na direção do seu comprimento; dividem-se em filetes desligados, com os quais fabricam, caixinhas com compartimentos, pentes e uma enormidade de lindas obras. Os bambus naturalmente furados, em tubos, empregam-se por baixo ou por cima da terra, para condução e distribuição das águas. Quebram-se as hastes, fazem-na macerar em água e a massa que dali resulta, fabricam diferentes qualidades de papel. A madeira do bambu, lisa, unida e susceptível de um belo polimento, recebe da escultura todos os ornamentos que procuram dar-lhe admite na mesma sorte, incrustações de ouro, de prata e marfim. Fervido na água de cal e posto sobre a prensa, pode ainda se coberta de sinais, que se conserva para sempre.; Segundo o Padre Cibot, não há exagero em se dizer que, que as minas deste vasto Império, valem menos que os seus bambus, e que depois do arroz e das sedas, nada possui que lhe dê tão grande rendimento. (Padre Grosier, Da China, Tomo II, pagina 381).

O verdadeiro comércio da China era o comércio interior que se desenvolveu na mais alta escala, o que se concebia facilmente, visto a extrema extensão do império e a sua excessiva população. Este comércio fazia principalmente por via pluvial. A China está sulcada de rios e canais; a navegação interior é imensa. O governo dá toda atenção, de forma cuidadosa pelas comunicações entre as províncias entre si. A China, nesta época do século (XVIII) já era vista pelos europeus, como um mundo que podia abastar-se a si mesmo.

“ Naveguei, diz o padre Magalhães, por ordem do imperador, no ano de 1656, sobre este grande canal, e outros dois rios desde Pequim, até Macau, por mais de 600 léguas – 3.960 Km -, sem fazer por terra, mais do que uma única jornada, para atravessar uma montanha, que divide a província de Kiam-si da Quam-tum. A 4 de maio de 1662, quando partir da cidade de Che-Kiam, capital da província de Che-Kiam, e a 28 de agosto, do mesmo ano, cheguei a cidade de Chim-tu, capital da província de Su-chuen. Durante estes quatro meses, foi sempre por água, a mais de 400 léguas – 2.640 Km – contando as sinuosidades dos rios; de sorte que naveguei durante um mês sobre dois diferentes rios, mas, durante os outros três, viajei sobre o grande rio Ki-am, que chamam filho do mar. Durante esta longa viagem encontrei um tão grande numero de jangadas, de todas as qualidades de madeira, caso ligasse-mos umas as outras, dariam uma ponte de muitas jornadas de comprimento. Eu viajei ao longo de algumas interligadas, durante mais de uma hora, e algumas vezes durante meia jornada” .

Na realidade, de a muito temos sido muito mais nocivos que úteis à China, a qual nada mais transmitimos que os nossos vícios, além dos perigos especiais dos contatos, com pessoas, que não reconhecem nenhuma sorte de deveres, para com as populações orientais. De outro lado, o comércio com o Ocidente, não era realmente para a China, salvo com a Rússia, uma troca de objetos úteis; saldava-se em relação a China em dinheiro. Há dois mil anos, já que um Imperador da China, apreciava a maneira mais judiciosa, um tal comércio, colocando-se dignamente no ponto de vista social :

“ O dinheiro que entra pelo comércio não enriquece um reino senão quando dele sai pelo comércio. Não há comércio que perdue vantajoso, senão os das trocas necessárias ou úteis. O comércio dos objetos de fausto, de delicadeza ou curiosidade, que se faça por troca ou por compra, supõe o luxo. Ora, o luxo que é a abundância do supérfluo, em certos indivíduos, supõe a falta do

necessário, em muitos outros. Quanto maior for o numero de cavalos que os ricos atrelam à seus carros, tanto maior será o número de pessoas, que irão caminhando; quanto mais as suas casas forem vastas e magníficas, tanto mais as dos pobres serão pequenas e miseráveis; quanto mais as suas mesas cobrirem de iguarias, tanto maior será o numero de pessoas, que se acharão reduzidas unicamente a comer arroz. O que os homens em sociedade podem fazer de melhor, ao bem da indústria do trabalho e da economia, é terem todos o necessário, e proporcionarem um bem estar cômodo à maioria ”

Com estes exemplos, pudemos mostrar a atividade geral desta industriosa população.

Vamos agora apreciar a constituição da sociedade Chinesa, da época dos Impérios, apreciando sucessivamente a Família e a Sociedade propriamente dita.

A base da Família Chinesa, era a piedade filial, o respeito pelo pai, pela mãe e pelos antepassados. A família assim constituída sobre esta base essencial, isto é, o respeito aos pais e o respeito ou veneração aos antepassados, foi objeto de constante preocupações dos legisladores e dos filósofos, deste período Imperial.

O culto aos antepassados e ao túmulo, consequência da formação da inteligência fetichica, foi sistematizado na China, de maneira a construir, um culto privado, que tem profundamente consolidado a Família, - as visitas regulares ao túmulo e sua cuidadosa manutenção, constituem deveres essenciais de todo chinês, quaisquer que sejam as doutrinas, teológicas, budistas ou outras, que tenham vindo sobrepor-se às bases fetichicas do seu estado mental. Há para cada Família, qualquer que seja muitas vezes a extrema multiplicidade de seus ramos de atividade, uma sala comum aos antepassados, onde se realizam cerimônias regulares, de comemorações; a presidência pertence a idade, independente da situação, intelectual ou material. Enfim, em cada Família, uma sala é consagrada à seus antepassados diretos, sala em que são colocados os escritos, que os recordam; e onde são lembrados suas decisões, para se ter alternativas de opiniões, com referência aos acontecimentos de uma certa importância, que esteja ocorrendo na Família.

Tal era a admirável constituição, da instituição ao culto aos antepassados, que se aproxima tanto quanto possível, do estado verdadeiramente normal da Família Humana, cujo caráter essencial é a continuidade.

Desenvolver sistematicamente um tal sentimento é pois assegurar o verdadeiro progresso da Família, desenvolvendo a sua constituição mais orgânica. — este respeito a continuidade, largamente desenvolvido na família, além de assegurar-lhes sua própria estabilidade, prepara para a sociedade, naturezas verdadeiramente orgânicas, nas quais, como no Ocidente, o desprezo pelo passado, não conduz a todas perturbações no presente. Assim podemos considerar como incontestável, o princípio chinês, de que um mau filho é sempre um mau cidadão. Enfim, esta bela constituição, da Família, recebeu um

aperfeiçoamento característico, pela admirável constituição social,, que faz remontar aos antepassados, a glória adquirida pelos descendentes, em vez de fazê-la chegar até aos sucessores, segundo o modo emanado, principalmente para inteligência teológica.

Uma santa instituição, sempre merecerá o respeito de todo verdadeiro filósofo; e a medida que sob o impulso da Religião da Humanidade, o Ocidente caminhar para o estado normal, ele incorporará convenientemente esta grande criação.

Em vez do uso Ocidental, que principalmente em nossos dias de hoje, não assegura ao sucessor de um homem eminente, senão a possibilidade de uma vida ociosa e inútil; a instituição chinesa apoiando-se na piedade filial, profundamente desenvolvida, oferece como principal recompensa, aos nobres esforços, a possibilidade de honrar seus antepassados, ao mesmo tempo, que incita a prepararem sucessores, dignos de glorificar um dia, o seu nome.

Quanto as relações fraternais, longe de serem abandonadas à anárquica igualdade do ocidente, elas são moralmente reguladas de acordo com a subordinação, segundo a idade; o que contribui necessariamente, não só para manter a disciplina e a estabilidade da Família; como também para o desenvolvimento das verdadeiras afeições fraternas.

Apesar dos prejuízos superficiais, causados ao estado emocional, e causado pelo não uso da inteligência revolucionária, é incontestável, que um certo grau de subordinação deve ser reconhecida, para criar deveres recíprocos; que contribui muito mais para a afeição real, do que uma igualdade anárquica, própria somente para fazer surgir o inevitável conflito, das pretensões egoístas.

Enfim, naquela época, o próprio desenvolvimento da civilização chinesa, tinha por uma ação, inteiramente despercebida, reagido para a consolidação e o aperfeiçoamento da Família. Essa reação é devido à necessária influencia sobre a Família do único fato, da existência de longa evolução social, cuja continuidade, nunca tinha sido verdadeiramente rompida. Um chinês qualquer, por mais longe que se remonte na série de seus antepassados, - na arvore genealógica - se acha sempre com eles, em simpatia natural de opinião; desde de então, o respeito pelos antepassados, recebe sempre da consideração do passado, uma real consolidação, em vez de experimentar um menosprezo.

No ocidente, pelo contrário, a continuidade normalmente é rompida. Como por exemplo : pode o respeito pelos antepassados, adquirir no cristão, uma profunda consistência; quando é suficientemente remontado sua arvore genealógica, que demonstra, em algum ponto, antepassados que deveriam ter amaldiçoado sua doutrina ?

Que doutrina é esta, que se mantém por amaldiçoar os predecessores, e que age de uma maneira penosa, sobre o respeito aos antepassados ?

É evidente que não pode adquirir nenhuma consistência.

O culto aos antepassados e ao túmulo, que o fetichismo legou ao politeísmo, tem sido desconhecido e negligenciado pelo monoteísmo. Na grande obra de Corneille, Paulina, pagã; respeita a ordem paterna; e se tornando cristã, torna-se segundo a sua expressão: “*Santamente rebelde às leis do nascimento*”.- *Como pode o homem vir do barro, e a mulher ser filha da costela de Adão?* Pierre Corneille, (1606-1684), dramaturgo francês, cujos dramas são obras-primas da literatura francesa clássica.

O movimento revolucionário propriamente dito, desenvolveu largamente, estes profundos inconvenientes morais, da ruptura da continuidade social, aqui pelo Ocidente. Qual pode ser o respeito filial, em uma sociedade, que cada geração, despreza e amaldiçoa, a que imediatamente à precedeu?

Assim no Ocidente, a inevitável reação do estado revolucionário, destrui e abala, esta base sagrada da Família, que a evolução contínua da civilização chinesa consolidava e fortificava, antes da revolução de 1911 e 1949.

Apesar das estúpidas arrogâncias dos revolucionários cristãos, deístas ou teístas e dos ateus, a Família estava na China, quanto as relações filiais e fraternas, muito mais perto do estado Normal, do que a estava a Família Ocidental; e ela era sob este aspecto digna de imitação e respeito.

A relativa inferioridade da Família chinesa, se manifestava, nas relações conjugais. O estado monogamico, não tinha sido atingido na China, senão de um modo imperfeito. A lei não permitia senão uma só mulher legítima, mas mencionava um concubinato regular. Todavia é preciso observar que este legal concubinato é exclusivamente restrito.

De fato, às classes ricas ou de uma real abundância e que, mesmo neste caso, estavam bem longe de ter a extensão, que a legislação permitia.

Não só, nas relações conjugais, de concubinato, mas também algo bastante deprimente, a forma com que as Mulheres estavam submetidas; e consideradas uma das camadas mais baixas da sociedade. Esqueciam eles, os do poder, que era a Mulher que educava Moralmente os Homens, em suas casas, para serem altruístas, e para fazer da China, daquela época, ser pacífica e harmoniosa pelo Fetichismo. No entanto, o sistema de clã patriarcal, pecava neste item muito importante, pois excluía totalmente a Mulher, da vida social e política. O que de necessário deve ser feito é disciplinar tanto o homem como a Mulher, para serem sexos complementares e não sexos opostos. Vide meu artigo, A Mulher e suas notas, no site www.geocities.com/doutrinapositivista , que esclarecem cientificamente a forma harmônica, de convivência social e moral entre os dois seres, mais complexos da Humanidade, fomentado pela Educação

Positivista dos Sentimentos. E não pondo-os em conflito e em disputa, como propõe o regimen capitalista democrático; pois se assim permanecer este estado de coisas, onde os diferentes, têm todos os mesmos direitos, sem conhecer os seus específicos DEVERES; faz com que o homem infelizmente, pela sua natureza, torne a Mulher, outra vez a sua escrava; para salvar sua natureza, que é no fundo guerreira; e da Mulher ser no fundo conselheira, e educadora da Moral Positiva, isto é, da Ciência da Construção, ou como Psicóloga Científica, para o bem das gerações futuras, com todo o apoio, moral, intelectual e material, necessários às estas suas nobres atividades; que são superiores, aquelas de somente nos ter gerado e parido.

Voltando ao concubinato da época, é bom lembrar que no Ocidente, quando na China era Império, sobretudo nos grandes centros, de grande atividade, via-se muitas das vezes, um concubinato irregular, e que não ficava restrito a qualquer dever, substituir o concubinato regulado, pela legislação chinesa. Todavia quando o regenerado Ocidente, puder ter com a China, outros contatos, que não os determinados por uma tendência sem freio para o roubo, é certo que é no aperfeiçoamento das relações conjugais, nas classes abastadas, que se farão sentir, a sua ação benéfica. Sob este aspecto, a Família Ocidental, do século XIX, sobretudo, podendo tornar-se regenerada pela fé demonstrável, indicada pela Doutrina Positivista, apresentava uma verdadeira superioridade; como é da incontestável inferioridade a teológica e metafísica; sobretudo, neste século XIX, quanto as relações filiais e fraternas, que iniciavam suas deteriorações.

Não há dúvida que os Chineses, daquela época, podiam muito mais colaborar para a Moral Positiva do Ocidente, pelo espetáculo que ofereciam, de uma sociedade regulada, que os ocidentais desta época, não podiam pelo seu progresso intelectual e moral, devidos aos equívocos benefícios, dos progressos industriais, que ocorriam no Ocidente (E que se repetem hoje com a Globalização Industrial), sobre tudo, quando estes progressos se desenvolvem : cada dia mais fora de toda a preocupação moral positiva; o que tende incontestavelmente a produzir, digam os que enfatizam declarações de um liberalismo absurdo, para o tipo de homem civilizado, como sendo uma espécie de animal materialmente poderosíssimo; não mais o Homo-sapiens e sim o Homo-economicus, que por um sopro virará Animalis-homo. Assim, hoje e ontem, nada mudou, pois a consequência deste descalabro industrial, principalmente para as classes trabalhadoras, onde este desenvolvimento se produz com mais intensidade, não era de modo algum próprio, para se arrastar à China, daquela época, e mesmo a de hoje (2004), a uma ativa imitação.

Vamos agora apreciar, a sociedade chinesa, da época da predominância Imperial, e primeiramente seu Culto.

A adoração fetichica, sistematizada pela astrolatria, como já foi dito, era e ainda é, o Culto Oficial da China. Mas este culto oficial era complementado, pelos

dos grandes Homens ou Vultos; ou antes, pelo culto sistemático de todos aqueles homens ou Mulheres, que prestaram à sociedade, quaisquer serviços, intelectuais, industriais ou morais a esta grande Nação. Este culto aos nobres naturais, era dominado pelo de Confúcio.

Confúcio era o objeto do Culto mais importante depois do Céu e da Terra; ele era para a China o filósofo por excelência; e quando abordarmos no tópico seguinte, a apreciação sistemática, sobre os filósofos, provará que tal culto, era muito bem merecido.

Assim o Culto aos Grandes e Nobres naturalistas complementado pelo culto fetichico astrolático; tal era o Culto Oficial da China, aquele que representava o verdadeiro espirito, desta Grande Civilização, e que por suas regulares manifestações, consolidava uma determinada inteligência.

É evidente que o Culto regular das Grandes Naturezas ou Vultos espontâneos, devia surgir de uma população em que a constituição da Família, tinha conduzido ao Culto regular dos antepassados. Estendia-se aos antepassados sociais, o culto prestado aos antepassados da Família. Este respeito sistemático ao passado, caráter de uma civilização verdadeiramente orgânica, conservou e desenvolveu o respeito à velhice, que instituiu o Fetichismo, e que a anarquia ocidental compromete cada vez mais, com as outras bases essenciais, de toda a sociabilidade.

O Culto oficial da China nos apresentava assim uma série homogênea, que liga a adoração e o culto dos Principais Seres – Céu, Terra e Rios, com a adoração ou culto aos principais representantes da Sociedade; desde os maiores filósofos, até aos antepassados diretos de cada Família.

Províncias Notáveis, por produções particulares, ainda possuem templos especiais. Assim a província de Ttché-kiang (Zhejiang), tendo como capital Hang-tcheou-fou (Hangzhou) que em 1852, tinha uma população de 37.809.765.000 hab. e em 2002, tinha 46.470.000.000 hab., tem um templo dedicado aos primeiros bichos da seda, para homenagear, devido em tempos imemoráveis esta província ter desenvolvido tal cultura.

Os mandarins eram os padres ou sacerdotes do culto oficial; quanto aos solenes sacrifícios ao Céu eram celebrados pelo próprio imperador.

Mas ao lado do culto oficial, e simultaneamente com ele, o chinês se servia de práticas religiosas, tomadas por empréstimo à religião Tao-sse, ou a dos Budistas, ou a outras crenças, mais ou menos supersticiosas. Mesmo em um grupo de mandarins, eles não pertenciam exclusivamente e fielmente ao Culto Oficial. E elas eram no fundo muitas vezes, desprezadas, por aqueles mesmos, que se serviam delas.. No entanto o respeito ao culto Budista, era necessário a um governo que tinha por entre seus tributários, imensas populações budistas. Mas os verdadeiros homens de Estado da China sabiam clara e judiciosamente

apreciar a superioridade do Culto Oficial, sobre os cultos teológicos que coexistiam ao seu lado. Vamos fornecer algumas citações decisivas; para esclarecer este ponto:

*“O Imperador Khang-hi, publicou sob o nome de Santa Instrução, um certo numero de máximas morais, que foram comentadas, pelo seu sucessor Young-tching. E um mandarim, superintendente das salinas de Chen-si, chamado Wang-yeou-po, fez dela, uma paráfrase, que tinha curso em todo o Império, e contem sobre o assunto, que nos ocupa explicações verdadeiramente características. Um dos pontos, que o príncipe comentarista insistia, com muita ênfase, era o afastamento, das “almas chinesas,” para as falsas seitas; e a de **Fo**, que era estranha à China, era sobretudo objeto de sua censura. Falava com desprezo dos dogmas, sobre os quais ela se apoiava; alertava sobre o ridículo de suas práticas. Os budistas como os outros partidários de seitas indianas, ligavam muito importância a certas palavras ou sílabas consagradas, que repetiam perpetuamente, crendo que se purificavam, de todos os seus pecados, por só devido a constante articulação, dessas santas sílabas; e ganhavam sua salvação, por meio desta cômoda devoção. Os Letrados debochavam ou zombavam muito espirituosamente este uso. E diziam: “Suponhas que violastes as leis, em qualquer ponto; e que sois conduzido ao tribunal do júri, para seres punido: se puseres à gritar, com toda tua força, muitas milhares de vezes : Vossa Excelência !; julgais que só por isso, o magistrado vos poupará ?” (Abel Rémusat, Miscelâneas Asiáticas)*

Os Letrados apreciavam com grande sagacidade e inferioridade todo o culto teológico.

*“ Se não queimares papel em honra de **Fo**, e não presenteares oferendas, em seus altares, ele se mostrará descontente e fará cair sobre vossas cabeças, o seu julgamento. O vosso deus, **Fo**, é um miserável; tomemos por exemplo, o magistrado do vosso distrito: se jamais fores cumprimentá-lo ou cortejá-lo, com tanto que sejas homem de bem, e cumpridores de vosso dever; ele nem por isso vos prestará, menos atenção; mas se transgredirdes a lei, se cometerdes violência, se usurpardes os direitos de outrém; poderás tomar mil caminhos para lisonjea-lo, no entanto; ele se mostrará sempre descontente convosco” .*

O mesmo letrado, desenvolvendo os pensamentos do Imperador Young-tchin, aprecia da seguinte maneira a Religião Católica e seu papel na China :

“A seita do próprio senhor do Céu (catolicismo), esta seita que fala incessantemente do Céu, da Terra e dos Seres, sem sombra e sem substancia; esta religião é também corrompida e pervertida. Mas não é porque os europeus, que nos ensinam a avançada astronomia e a matemática e o governo os emprega para corrigir o nosso calendário; isto não quer dizer, que a sua religião, seja boa, e de nenhuma sorte deveis crer naquilo que nos dizem”

Este é o ponto de vista sistemático, segundo o qual, os verdadeiros letrados, julgavam todas e quaisquer religiões teológicas.

Desta forma, após termos apreciado o culto, resta-nos agora rapidamente indicar a organização deste vasto Império.

O Governo estava concentrado, nas mãos do imperador; ele tinha o soberano poder; mas, posto que em última instância, toda a decisão emanava dele, como todo poder, este poder, estava limitado pelo conjunto das opiniões e regras estabelecidas, de tempos imemoriais, e cujo conjunto, não seria por muito tempo violado impunemente, por uma dinastia. De um lado, como já foi dito neste trabalho, sendo o tipo Imperial tomado por empréstimo à Família, o Imperador era concebido e concebia a si mesmo, como o pai de seus súditos, sujeito por consequência aos Deveres, de uma tal função, e não como uma espécie de divindade, executando segundo caprichos arbitrários, conforme o tipo teológico. Pois era sob o peso contínuo de uma tal concepção, que se exercia e era aceito o poder supremo. Além disso, um conjunto de práticas e de preceitos longamente criados, pela série dos antecedentes sociais, regulava o exercício deste poder.

O Imperador escolhia o seu sucessor, entre os seus filhos, afastando-se quanto possível da hereditariedade teocrática.

Não havia nesta época na China, a aristocracia hereditária. A classe do governante se recrutava, por exames convenientemente graduados, em todas as classes da população. Existiam três exames sucessivos, conferindo títulos **análogos** ao de bacharel, licenciado e doutor.

Todos podiam, após terem passado nos exames regularmente constituídos, obtinham o título de bacharel. Os licenciados por sua vez são escolhidos, depois de certos exames, dentre os bacharéis, e os doutores, sempre do mesmo modo, entre os licenciados. Os empregados, mesmo para as mais elevadas funções, são escolhidos entre os licenciados e os doutores. Era de tal sorte que a China era administrada e governada, por uma classe não hereditária, emanada da massa da população, por um sistema regular de provas, que aquinhoava, tanto quanto possível o **Mérito**.

É certo que na prática, numerosos abusos poderiam ser cometidos, na obtenção de títulos; mas tomada em seu conjunto, uma tal organização governava e administrava, uma população de mais de 400.000.000 de habitantes, de modo a assegurar a existência material e moral, do maior número de pessoas, como em nenhuma outra civilização do planeta.

Vamos apresentar, como era constituída e como era recrutada a Classe Governante, em todo o Império. Vamos ver como ela repartia em si, regularmente as diversas funções especiais:

No ponto mais elevado da hierarquia, estavam colocados dois conselheiros, o Conselho de Ministros, e o Conselho Privado cujas funções consistiam em zelar pelo conjunto da máquina governamental.

Depois destes dois grandes conselhos, vinham seis ministérios, ou antes, seis conselhos, cuja sede era Pequim, e que dividiam entre si, toda a especial direção do Império:

1º) O Ministério dos Funcionários Civis, ou conselho encarregado da escolha dos funcionários públicos, isto é, análogo ao nosso ministério do Interior.

2º) O Ministério das Finanças ou conselho encarregado de tudo que era relativo às rendas do Império.

3º) O Ministério dos Ritos, ou o conselho que inspecionava, tudo o que concerne aos ritos, o culto dos antepassados da dinastia reinante, às grandes solenidades civis e religiosas;

4º) O Ministério da Guerra;

5º) O Ministério da Justiça;

6º) O Ministério da Obras Públicas.

Somente estes ministérios eram dirigidos, por um conselho, cujo presidente, tinha mais autoridade, que os ministros europeus da época; pois eles consultavam os seus colegas.

Aproveitamos a oportunidade, para mostrar a decomposição geral do Império, no que diz respeito a estrutura do Império; o Império chinês propriamente dito, estava dividido em 18 províncias, sendo governadas por um governador, para cada uma destas províncias, ou algumas vezes, tendo duas províncias para um governador. Cada província estava dividida em prefeituras; e cada prefeitura, em distritos; e os distritos em cantões; e os cantões em aldeias ou comunas.

Um certo numero destes distritos, pertenciam diretamente a alçada de Pequim, em vez de depender hierarquicamente do governador da província.

Os governadores das províncias, além de prefeitos, tinham sob a sua direção geral, coletores gerais das finanças; grandes juizes criminais; engenheiros chefes e inspetores gerais, de pontes e de calçadas. Os prefeitos, tinham sob sua direção, subprefeitos e mandarins subordinados; e finalmente as comunas eram dirigidas por chefes de municipalidade, e conselheiros municipais, eleitos pela população.

Em resumo, o que podemos dizer do período do Império, a este respeito, é que, na Ásia, uma imensa população, essencialmente industrial e pacífica, governada sob a preponderância de um único chefe, por uma classe regularmente emanada da massa da população, por meio de um sistema bem organizado de exames; por consequência sem aristocracia hereditária. Esta classe dos Letrados,

tinha gradualmente estabelecido, um vasto sistema de administração, sobre a direção da qual viviam milhões de Homens.

Finalmente, esta sociedade, depois de longos esforços, conseguiu agregar as populações circunvizinhas, menos adiantadas, com referência aos sentimentos altruístas, que tinham sido até então, para ela, a causa contínua de perturbações, de modo a reduzir o exército, em sua função normal, isto é, de polícia.

Foi esta imensa sociedade, que os contatos anárquicos do Ocidente, perturbaram, oprimiram e destruíram, em parte, com a entrada entre 1840 e 1911, com a República da China, estendendo até hoje; provocando grandes revoluções.

Vamos agora analisar, Confúcio, o tipo mais sistemático desta grande civilização.

2) O Eminente Koung-Fou-Tzeu, isto é, CONFÚCIO, objeto da profunda Veneração dos Habitantes da GRANDE CIVILIZAÇÃO CHINESA - Apreciação Abstrata de Confúcio e de sua influência sobre o conjunto da Civilização Chinesa, durante o **Período Imperial**.

2.1) Considerações Gerais sobre a evolução Intelectual da China, e sobre a situação geral, no meio em que surgiu Confúcio, até 1911.

Nestas duas últimas sessões apreciamos sumariamente, em primeiro lugar a inteligência fundamental da civilização chinesa; em seguida a história geral de seu desenvolvimento concreto, de modo que a situação, anterior a 1911, que este grande Império, fosse determinado e esclarecido por esta dupla evolução. Tivemos condição de ver, que o Império Chinês, constituiu-se gradualmente, segundo uma evolução, cujas leis gerais expusemos. Nesta teoria filosófica da civilização chinesa, indicamos sumariamente, o especial papel, do seu mais eminente filósofo, aquele que estabeleceu, as essenciais bases, segundo as quais, constituiu-se o elemento modificador da civilização correspondente. Demonstramos com efeito, que dois elementos fundamentais se encontravam nesta evolução: a Família Imperial, de onde emana o governo monocrático, susceptível de ser substituído, quando o exigirem imperiosas necessidades; e uma classe esclarecida, letrada, que representava ao mesmo tempo um elemento modificador e regulador.

O homem que estabeleceu as bases da sistemática coordenação, desta classe dos letrados foi Confúcio. Pois era necessário consagrar uma especial apreciação a este filósofo; mas este trabalho será ainda útil, por outro valor, pois desenvolverá em nós, este justo sentimento de respeito, que nos permitirá concentrar, neste grande tipo, a representação concreta desta civilização. É por esta razão, que vamos consagrar, a primeira parte desta sessão, à especial apreciação da obra de Confúcio.

Devemos primeiramente determinar a situação geral, no meio da qual, surgiu Confúcio. Veremos assim, sob o grau dos antecedentes que ele agiu; e como foi o órgão das necessidades fundamentais, de uma situação criada pelo passado; compreenderemos melhor então enorme poder de sua ação, percebendo quanto ela era convenientemente adaptada à inteligência da civilização correspondente. Confúcio foi com efeito, um dos homens, que mais profundamente influiu sobre o seu meio social.

É preciso primeiramente explicar, como os esforços de Confúcio e de sua Escola, versaram essencialmente sobre a Moral, sobretudo a Moral Prática, isto é, a Educação dos Sentimentos, maximizando o Altruísmo e comprimindo o egoísmo; bem como as outras educações ou Instruções; e sobre trabalhos de erudição ou de sociologia concreta.

A civilização chinesa era e ainda é, como já deixamos estabelecido, essencialmente fetichica; e foi neste sentido que ela se desenvolveu. Resultou daí, que a China ficou por muitos anos privada, da instituição social da Abstração. A instituição da Abstração é uma das maiores criações da Humanidade, e é ela que domina a evolução mental das populações adiantas cientificamente. Todas as inteligências mais elevadas tinham realizados os seus trabalhos científicos no Ocidente; cuja influência experimentaram sem que todavia percebessem, pois somente com Augusto Comte, que devemos a descoberta, bem como a sistematização deste grande fenômeno sociológico, por uma distinção dogmática e histórica, entre o abstrato e o concreto.

Porque as influências sociais como as influências cosmológicas foram experimentadas, muito tempo antes, que as bem dotadas inteligências, tinham descobertas as leis que regem os fenômenos naturais.

O teologismo estabeleceu a Abstração pela especial representação dos diversos e distintos fenômenos, por meio dos correspondentes deuses. Por não ter a China o teologismo, que provoca espontaneamente o aparecimento da operação de abstração; fez por isso, não ser possível, este sistema operacional ser instituído de modo profundo e no seio da Família, de forma espontânea e natural. Ora, a Abstração, é a condição necessária, para ocorrer as grandes elaborações científicas, bem como de todo desenvolvimento estético, referente as artes do belo.

Com relação a ciência, é evidente. Não há verdadeira ciência senão a ciência abstrata. Não é senão, estudando os diversos e distintos fenômenos, que se pode chegar constatar as suas leis naturais, É assim que se tinha desenvolvido, no Ocidente, a matemática, a astronomia, a física, a química, a biologia, a sociologia positiva e a moral positiva. Estas duas últimas ciências, percebidas por Augusto Comte, complementaram a seqüência enciclopédica das ciências positivas. Isto é, ciências que possuem simultaneamente os seguintes sete atributos: reais, úteis, certas, precisas, orgânicas, relativas e sociais.

Desde de então, a China essencialmente fetichica, não podia apresentar, o grande movimento científico próprio ao Ocidente, e nem mesmo nada de análogo ao da Índia, naquela época.

O mesmo acontece com relação, às grandes criações estéticas. A idealização é a condição de uma eminente e verdadeira arte. A abstração idealiza de um lado pela eliminação de certas propriedades, e de outro lado, porque permitindo considerar separadamente, as propriedades ou atributos dos seres; é possível então conceber, os extremos limites de variação quer para mais, quer para menos. A China sendo fértil em criações estéticas secundárias, com representações exatíssimas da realidade, devia permanecer estranha às grandes criações estéticas, políticas ou plásticas.

A China ainda estranha ao teologismo, e por conseguinte, a instituição da operação de abstração, apresentou um meio social refratário às puras elaborações científicas, como as grandes criações estéticas.

Assim se explica o estranho fenômeno, muitas vezes evidenciado, de uma vasta população, tendo produzido imensos trabalhos morais e de erudição, e não tenha jamais, neste grandioso período Imperial, tido a oportunidade de ter criado uma ciência; bem como possa ter gerado uma arte verdadeiramente, de elevado nível.

Eis pois, uma situação geral, que afasta as grandes inteligências, as naturezas teóricas, das especulações propriamente abstratas ou das grandes elaborações estéticas, isto é, das belas artes.

É este o primeiro fator geral que dominou a evolução intelectual desta civilização. Mas a situação social propriamente dita, atua nesta civilização, no mesmo sentido, que a situação intelectual, impelindo para as especulações morais, e principalmente de moral prática ou educação dos sentimentos com quase nada de educação científica e educação das artes, fazendo com que as inteligências teóricas, se afastem dos trabalhos da ciência pura.

Já ficou estabelecido que um dos caracteres fundamentais da civilização chinesa, era ausência de castas, e por consequência, devido a ausência de casta sacerdotal, ou de classe puramente teórica, que não pode se formar pela ausência de uma sanção teológica. Resulta daí que a classe rica e mais esclarecida dedica a sua atividade na Administração, e ao governo propriamente dito na sociedade. Segundo esta situação as inteligências puramente teóricas, são impelidas a dirigir suas atividades mentais, para as especulações morais, diretamente ligadas, ao governo da sociedade - também sob esta dupla influencia, os pensadores se tem essencialmente ocupado da Moral Pública; pode-se notar que a própria natureza da Moral, é perfeitamente adaptada a isso. A Moral constitui para a classe teórica, a passagem da teoria à prática; é ao mesmo tempo arte e ciência. Pela sua base, ela atinge as mais elevadas teorias, porque ela repousa necessariamente sobre o

conhecimento da natureza humana, que finalmente repousa sobre todas as concepções científicas reais; pelo seu coroamento, tornando-se prática; porque institui o governo da natureza humana. A Moral é teórica quanto a sua base; prática quanto ao seu imediato destino. É claro, que sob todos os aspectos, as grandes inteligências, achavam meio de satisfazer em semelhante estudo, suas verdadeiras aptidões mentais, procurando realizar, um real destino prático, conforme a influencia do seu meio social.

Resulta pois daí, uma situação fundamental, que preparava e provocava a Grande Operação de Confúcio; operação que produziu admiráveis resultados, apesar das imensas perturbações dos Tao-sse, e dos budistas. Esta construção não foi grandemente eficaz, senão porque se achava, precisamente na verdadeira direção, da evolução da civilização, no meio da qual se produzia; porque a coordenação de Confúcio é uma coordenação moral e política; e era o gênero de teoria que impunha aos verdadeiros pensadores, uma tal atuação.

Assim, o especial estado da China em que apareceu Confúcio, dava um alto imediato destino à sua elaboração filosófica.

No momento que surgiu Confúcio, presenciamos uma civilização, cujos principais caracteres, já indicamos, existindo simultaneamente, em vários pequenos reinos, espalhados principalmente as margens do rio Amarelo, e em algumas localidades adjacentes, como Chan-toung.

A origem comum da civilização, própria à estes pequenos Estados se manifestavam pela admissão de uma espécie de subordinação, mais aparente do que real, à dinastia dos Zhou, que continuava em mudanças inevitáveis a Família; instaladora da civilização chinesa. As lutas militares extremamente ativas existiam entre estes diversos pequenos reinos. Percebe-se por ali, um duplo fato: uma real similaridade de civilização, combinada com uma decomposição política, ou em outros termos, um mesmo Estado de Sociedade, coexistindo em vários países vizinhos; mais ou menos independentes e continuamente em lutas. É claro que uma tal situação devia impelir as grandes naturezas, a tentarem fazer cessar, uma semelhante desordem, e implantar a unidade e a ordem entre populações; que tendo hábitos e idéias análogas; todavia se viam arrastados para contínuas perturbações. Semelhante organização poderia ser mais ou menos bem efetuada, pois isto dependia da natureza do órgão, que viesse aparecer para preencher a função; mas desde que houvesse uma situação que solicitasse semelhante esforço. Foi a esta grande missão, que se consagrou Confúcio. Ele procurava com efeito, agir sobre os chefes, os ministros destes diversos governos, em nome de uma doutrina moral, que não foi outra coisa, mais que a sistematização, mais ou menos abstrata do conjunto dos antecedentes da civilização chinesa. Foi este o grande problema, que Confúcio quis resolver e resolveu, enquanto durou o regimen Imperial. Ele procurou em seguida, por uma prédica ativa da sua doutrina moral e política, persuadir os chefes, a fazerem cessar a permanente anarquia, de suas lutas militares, e as desordens de suas insuficientes administrações

interiores; tendia assim fazer prevalecer cada vez mais, uma civilização pacífica e industrial, em relação aos antecedentes comuns, destas diversas populações.

Assim, após indicarmos a natureza destas grandes operações, como a situação às exigia, vamos ver como desempenhou o “órgão”, encarregado de tal função, pelo conjunto dos destinos sociais da China, daquela época.

2.2) APRECIÇÃO DA OBRA E DA VIDA DE CONFÚCIO

O sobrenome do Sábio era Krong ou Khoung, seus nomes eram Tchong-ni e Tse. Era conhecido normalmente como Krong Tse. O que significa o Sábio Krong (Khoung). Confúcio, foi uma latinização, dado no século XVIII, pelos jesuítas franceses que habitavam Pequim, o chamando de : Krong Fou Tse – “ O Maestro Krong”.

Nasceu em 551 antes de Cristo, e a história afirma que foi no dia de Keng-tse, na Lua Nascente, no entanto sua família celebrava seu aniversário, dia 27 da oitava lua.

O local, onde nasceu, foi no pequeno reino de Lou (Lu), que está situada na parte sudoeste da província de Chan-toung (Shandong). Sua aldeia natal se chamava “ Tsou-i (O Campo do Angulo), estava a três lis (~3 Km) ao sudoeste da capital, chamada Lu tchreng; hoje é Tsiue-li – Bairro dos Miradores; que formava parte da cidade de Ts’iu-feu . No entanto o local de sua casa está ao lado de seu túmulo, ao norte da cidade, junto ao riacho Tchu, que é afluente do rio Se.

Morreu com 73 anos, em 479 aC. , isto é, no 16º ano de Ngae Kong de Lu, 41º de Tsingouang dos Tcheu. Seu pai era governador de Tsou-i. Perdeu o pai muito cedo, e foi educado pela inteligente direção de sua devotada mãe. Educado com muito cuidado, mostrou desde a meninice esta combinação de inteligência, veneração e devotamento, que caracteriza esta sua nobre natureza. Na idade de 17 anos, aceitou por convite de sua mãe, um mandarinato subalterno que consistia em inspecionar a renda dos cereais e de diversos produtos alimentícios. Mostrou nestas modéstias e úteis funções, uma grande firmeza. E esta constante preocupação com o interesse público, foi que dirigiu toda a sua existência. Casou-se na idade de 19 anos, e ainda por convite de sua mãe, e teve num filho, com esta sua primeira esposa, e no ano seguinte uma filha, Tche-tchang; e logo depois, na idade de 21 anos, obteve na administração pública, uma elevada função; foi encarregado da inspeção geral dos campos e dos rebanhos, com os poderes necessários, para operar neste sentido, todas as reformas que julgasse

necessário. Na idade de 24 anos, no momento de pleno desenvolvimento de sua carreira administrativa, perdeu a mãe. Conforme aos antigos costumes, mui negligenciados, mas cuja influencia ela desejava restabelecer e desenvolver; abandonou todo o emprego público; e consagrou três anos a um retiro que soube nobremente utilizar. Foi então que concebeu definitivamente seu grande projeto de reforma. Neste fecundo retiro, ele traçou o plano e entregou-se a profundos estudos, sobre a antigüidade chinesa; e sobre diversas questões de moral filosófica e de praticas educacionais; bem como as meditações indispensáveis à lapidação de sua grande missão. Terminada esta grande dedicação de meditação, completa os seus longos estudos, por diversas viagens, em grande número de reinos chineses, situados na parte baixa do rio Amarelo; apreciou por uma atenta observação, os diversos reinos, que desejava converter à sua doutrina; que não era outra se não a sistematização filosófica das tradições e das tendências da civilização chinesa. A partir daí, durante 20 anos, percorre estes pequenos estados, formando discípulos; consultado pelos reis e ministros, e atuando continuamente sobre eles, para conduzi-los, a uma direção paternal moral e pacífica das populações que lhes eram submissas.

Pelas pesquisas existentes, pode-se constatar que a ação de Confúcio estendeu-se exclusivamente à porção da bacia do rio Amarelo, ao redor do qual constituiu-se, e propagou-se gradualmente em seguida para a população chinesa. “Do lado norte, não foi além da fronteira do Pe-tchi-li, não passou o rio Kiang, do lado do meio dia; a província de Chan-toung foi seu limite do lado do Oriente, e a província do Chen-si foi o que ele viu de mais longínquo, do lado do Ocidente”. (G. Pauthier – Da China).

De volta ao seu Estado ou reino, ou melhor, sua Pátria, e recebido aos gritos, com danças e risadas; aceitou o convite do rei de Lu, o Senhor Ngae Kong, que o recebeu em audiência no mesmo dia; retornando a atividade, entra para a administração; e foi com a idade de 50 anos promovido, as funções de chefe de magistratura civil e criminal; mostrando esta combinação de vida pública, e de estudos teóricos de moral e de história, que devia caracterizar a escola; e que não é no fundo, senão uma necessária sistematização do elemento modificador da civilização chinesa. Mostrou desde o começo, em suas elevadas funções, firme posição, que constitui sua constante forma de ser; isto é, forte caráter.

Assim, começava por exigir com efeito, a morte do principal funcionário público da precedente administração, de modo a precipitar sobre o principal culpado, um indispensável castigo; e provar ao mesmo tempo, sua irrevogável decisão de impedir, novas prevaricações; trouxe as estas elevadas funções, esta bondade ativa e devotada à causa pública, que nele se alinha à força, sem a qual ela abortava essencialmente.

Os historiadores chineses têm narrado cuidadosamente os detalhes desta administração. Vemos ao mesmo tempo muitos discípulos de Confúcio chegarem aos diversos reinos da China, às mais elevadas funções administrativas e políticas, enquanto outros continuavam a propaganda filosófica e moral de seu

mestre. Por ocasião da morte do rei de Lu, seu protetor. Ele abandonou os seus negócios públicos, e também imediatamente o seu país natal, e continuou acompanhado de um certo numero de discípulos, em suas peregrinações filosóficas e sociais, pelo outros diversos pequenos reinos da China. Depois de 14 anos, retornou ao seu país natal, consagrou inteiramente os últimos anos de sua vida, a elaboração definitiva de sua doutrina, e a formação de discípulos, que deveriam continuar a sua obra. Entre os primeiro discípulos foi seu neto Tse-se – Pensamento de Sábio” filho de Po-yo – “Pescado do Príncipe”; outros dizem que foi Tseng tse; podemos ainda citar entre os primeiros Tse-lu e Po-niu. Mas entre os grandes discípulos, o mais ilustre foi Ien Roe, Tse-tsien, Poniu e Jan long – Os que brilharam em eloquência nos discursos foram Tsae Yu e Tse-kong. Os talentos para governar distinguiram a Tse-ieu e Tse-lu; os que sobressaíram em estudo e memória foram, Tse-si e Tse-sai.

Beirando a idade dos 60 anos, perdeu a sua mulher, logo depois o seu filho, e por fim o seu mais amado discípulo, Yen-hoel, aquele em que ele depositava a sua predileção, pois via nele, a Humildade, a Virtude por excelência. Assim os últimos anos de vida, deste renovador social, foram amargurados. Algum tempo antes de sua morte, reuniu os seus principais discípulos, e fez-lhes as últimas recomendações, sobre o espírito de sua doutrina, e as condições de sua aplicação: “A erva sem suco, disse ele, está inteiramente seca, eu não tenho mais onde me assentar para repousar; a sã doutrina tinha inteiramente desaparecida; tratei de invocá-la e de restabelecer o seu império. Não consegui; encontrar-se-á alguém depois de minha morte, que queira tomar para si, tão penoso encargo?”

Seus funerais foram organizados pelos discípulos, com piedoso cuidado; eles instituíram o uso de uma peregrinação anual ao túmulo do grande renovador. Sua escola prosperou, a sua influencia aumentou e honras gradualmente crescentes foram concebidas à memória de uma das mais nobre figura intelectual da natureza humana, de que possa honrar a Humanidade; do homem que mais decisivamente influiu, e ainda influi, sobre a civilização chinesa; isto é, sobre o destino de centenas de milhões de Homens.

O verdadeiro culto à Confúcio, começou sobretudo, sob o fundador da dinastia dos Han, que foi uma dinastia reparadora e progressiva. Elevaram-se grandes templos em memória de Confúcio, nas principais cidades da China. Foi sobretudo com Tchen-Thsoug, terceiro imperador da dinastia Song, que o culto à Confúcio, constituiu-se definitivamente; “*sob a dinastia dos Han, nomearam-no Koung (Duque); a dinastia dos Tang o indicou como o primeiro Santo; ou homem puro; foi em seguida designado sob o título de pregador real; sua estátua, foi revestida de uma túnica, igualmente real, e uma coroa foi colocada em sua cabeça. Sob a dinastia Ming, foi nomeado o mais santo, o mais sábio e o mais virtuoso dos preceptores dos homens.*”

Por fim, os seus descendentes diretos, por uma exceção única, possuíam o título de nobres hereditários, que gozavam até 1911.

Infelizmente não posso me estender sobre a vida deste Vulto Universal, pois o objetivo é outro, mas não devemos nos esquecer de apreciar o conjunto de sua obra.

Não há propriamente falando, obras de Confúcio; além da compilação dos antigos monumentos da China; compilação que constitui os livros sagrados, propriamente ditos, que existem sob o nome de Confúcio; algumas obras redigidas pelos seus discípulos imediatos, que contem não somente suas teorias, mais ainda muitas vezes suas próprias palavras.

As quatro principais obras que trazem o nome de Confúcio são: Hiao-king – O Livro da Obediência Filial; Ta-hio – O Grande Estudo; O Tchoung-young – A Invariabilidade no Meio; e Lun-yu – Entretenimentos Filosóficos. As duas principais obras, o Hiao-king e o Ta-ki foram redigidas por um discípulo imediato de Confúcio, Tseng-tse. Tseng-tse tinha nascido em Lu, na cidade de Wou, e tinha 46 anos a menos que seu Mestre; nasceu por consequência em 506 a.C.

O Tchoung-young ou Invariabilidade do Meio, foi redigido por Tse-se, neto de Confúcio, que continuou a linha direta desta Grande Família. Tse-se tinha trinta e sete anos, quando perdeu o seu avô. Enfim o Lun-yu ou Entretenimentos Filosóficos foram recolhidos por alguns discípulos de Confúcio.

Vamos nesta parte do trabalho, fornecer citações destas diversas obras : O Ta-hio , O Tchoung-young e O Lun-yu, afim de melhor fazer ressaltar o espírito geral da sistematização filosófica e moral, do Grande Sábio da China – o Senhor Confúcio.

O Ta-hio, o Grande Estudo, se compõem de um argumento atribuído à Confúcio, e de uma explicação devida a Tseng-tse, discípulo deste filósofo. Esta curtíssima obra, tem sido por parte dos filósofos chineses, objeto de numerosos comentários, o mais notável, e que acompanha muitas vezes, é devido a Tchou-hi, que viveu pelos fins do século XII, da era cristã. Confúcio estabelece claramente em Ta-hio, o problema fundamental do aperfeiçoamento moral.

“A lei do grande estudo, ou da filosofia prática, consiste em desenvolver, e por em evidencia o princípio luminoso, da razão que recebemos do Céu (Do Firmamento, do Cosmos) em renovar os homens, e fazer consistir o seu destino definitivo, no aperfeiçoamento ou soberano bem”.

*“Desde o homem mais elevado em dignidade, até o mais humilde, e mais obscuro, deve haver **DEVER** igual para todos; corrigir e melhorar sua pessoa, ou o aperfeiçoamento de si mesmo; é a base fundamental de todo progresso e de todo o desenvolvimento”.*

Eis, claramente estabelecida, em termos precisos o problema supremo: o aperfeiçoamento moral de cada um, tal é o destino final. O objetivo da filosofia

moral é chegar a construir este aperfeiçoamento. Confúcio também concebeu, de uma maneira geral, as condições mentais da solução deste problema.

Os seres da natureza, têm causas e efeitos; as ações humanas têm um princípio e conseqüências: conhecer as causas e os efeitos, os princípios e as conseqüências, é aproximar-se muito de perto, do método racional, com o qual se chega à perfeição.

“É preciso conhecer primeiramente o objetivo que se deve atingir, ou seu destino definitivo, para depois tomar uma determinação; tomada a determinação, pode-se em seguida ter o espírito tranqüilo e calmo; tendo o espírito tranqüilo e calmo, pode-se depois gozar deste repouso inalterável, que nada pode perturbar; e pode-se em seguida, meditar e formar um juízo sobre a essência das coisas; tendo meditado e formado um juízo, sobre a essência das coisas, pode-se em seguida atingir o estado de aperfeiçoamento desejado.”

Assim, Confúcio estabelece, de um modo nítido e preciso, sem nenhuma espécie de preocupação com o sobrenatural teológico, o problema definitivo do destino do Ser humano: atingir pelo aperfeiçoamento moral o estado de plena unidade, empregando a inteligência, em descobrir as condições e os meios de solução. O comentário de seu discípulo Tseng-tse é destinado a desenvolver estas noções fundamentais, referindo-as a história primitiva, e as mais antigas tradições da China, de modo a manter e consolidar a continuidade social, em vez de rompe-la revolucionariamente, como fizeram até então, os outros renovadores.

“Quanto era vasta e profunda a virtude de Wou-wang; diz Tseng-tse, no seu comentário. Como príncipe, colocava o seu destino na prática da Humanidade, para com os homens; isto é, colocava o seu destino, nos devidos respeitos ao soberano.; como filho, colocava seu destino na prática da piedade filial; como pai, colocava o seu destino, na ternura paternal; e si entretinha nas relações, ou contraia obrigações, com os homens, e colocava o seu destino, na prática da sinceridade e da fidelidade” .

Desta forma acima, vê-se indicado, em que consiste este aperfeiçoamento moral, objetivo supremo da existência: fazer dominar as diversas relações naturais, pela Humanidade, a submissão, a piedade filial, a ternura paternal, a sinceridade e a fidelidade.

A concepção precisa do estado de perfeição, que concebe Confúcio, está exposta claramente e com precisão, principalmente no Tchoung-young ou Invariabilidade do Meio, devido como já foi dito, ao seu neto, Tse-se.

Nesta obra, a mais sistemática que por ventura tenha emanado diretamente de Confúcio, Tse-se desenvolveu as condições mentais; e expõe a coordenação moral, donde resulta o tipo de perfeição, cuja a realização, é preciso ter em mira,

em cada situação; mas que só pode ser atingido, por homens excepcionais, destinados ao governo moral ou político das sociedades.

Vejamos como Confúcio, concebe o tipo de filósofo, ou do homem que chegou a realizar o ideal da perfeição. Texto abaixo extraído do Tchoung-young.

“Somente os homens soberanamente perfeitos, podem neste mundo, conhecer profundamente a sua própria natureza; a lei natural do seu ser, e os deveres que dela decorrem; podendo conhecer a fundo, sua própria natureza e os DEVERES, que dela decorrem; podem por isso mesmo conhecer profundamente a natureza dos outros homens; a lei dos seus seres, e ensinar-lhes, todos os deveres, que eles têm a observar para cumprir o mandato do Céu; podendo conhecer a fundo, a natureza dos outros homens; a Lei dos ser deles, e ensinar-lhes os deveres que eles têm que observar, para cumprir o mandato do Céu; podem por isso mesmo conhecer, à fundo, a natureza dos outros seres vivos e vegetais e fazê-los cumprir a Lei da Vitalidade, segundo a sua própria natureza; podendo conhecer a fundo a natureza dos seres vivos e vegetais, e fazê-los cumprir a sua lei da vitalidade, segundo sua própria natureza; podem por isso mesmo, por meio de suas faculdades intelectuais superiores, ajudar o Céu e a Terra, na transformação e manutenção dos seres; podem por isso mesmo construir, um terceiro poder, entre a Céu e a Terra”.

“Os que vêm imediatamente depois destes homens, soberanamente perfeitos, por sua própria natureza, são aqueles que empregam todos os seus esforços, para retificar as suas inclinações desviadas do bem”

O homem perfeito é aquele que dominado pelas inclinações morais, chega pelo conhecimento das leis naturais dos corpos vivos e inorgânicos, a modificá-las regularmente, de modo a aperfeiçoar, por uma intervenção sistemática, a ordem natural. Confúcio constitui assim, o nobre tipo do poder modificador, que constitui, segundo a sua bela expressão, um terceiro poder intermediário entre o Céu e a Terra. Existe aí como um profundo pressentimento da ordem normal, caracterizada com efeito pelo ativo aperfeiçoamento da ordem natural, sob o impulso de uma sociabilidade preponderante. Confúcio conheceu as leis gerais da atividade do Céu e da Terra, como base de uma sábia modificabilidade da ordem espontânea.

Confúcio trouxe ao aperfeiçoamento para a civilização fetichica, pela astrolatria, de onde emana tomar emprestado, para sua sistematização política e moral as leis naturais do Céu e da Terra; um tipo de ordem e de regularidade, que ele procura realizar na vida humana, pela preponderância habitual, da sociabilidade sobre a personalidade; a única que pode realizar na ordem humana, o tipo de regularidade, fornecido pela observação do mundo exterior. Uma citação característica que nos mostra efetivamente, que é exatamente, sobre impulsos

fetichicos, da observação das leis naturais do Mundo, que Confúcio construiu o seu tipo de Ordem.

“O filósofo Confúcio, dizia Tseu-sse, recordava com veneração, os tempos dos antigos imperadores, Yao e Chun; mas se recordava principalmente pela conduta dos soberanos, mais recentes Wen e Wou. Tomando por norma, de suas ações, as leis naturais e imutáveis, que regem os corpos celestes, por cima de nossas cabeças; que fornecia a sucessão regular das estações, que se opera no Céu; a nossos pés; ele se conformava com as leis, da terra e da água, fixas ou móveis”.

“Pode-se comparar Confúcio ao Céu, como a Terra que contem alimentos e alimentam tudo, que cobrem e envolve tudo; pode-se compará-lo as quatro estações, que se sucedem continuamente, sem interrupção; e pode-se compará-lo também ao sol e a lua, que clareiam alternadamente o Mundo.”

“Todos os seres da natureza vivem juntos da vida universal e não se prejudicam uns aos outros; todas as leis que regulam as estações e os corpos celestes realizam-se ao mesmo tempo sem se contrariarem entre si. Uma das faculdades parciais da natureza é fazer correr esse riacho, mas as grandes energias, as grande e soberanas capacidades, produzem e transformam todos os seres. Eis com efeito o que torna grande o Céu e a Terra.”

A ordem exterior fornece ao mesmo tempo, o tipo de toda a regularidade e o ponto de partida, e condição necessária, de toda a modificabilidade. Mas esta reação não pode, nem deve ser operada, senão sob a direção de uma verdadeira sistematização moral.

Os caracteres gerais desta sistematização, cujo princípio fundamental, apenas foi indicado, como sendo a preponderância da sociabilidade sobre a personalidade.

“Os deveres mais universais, para espécie humana, são em numero de cinco ; e o homem possui três capacidades e competências naturais, para praticá-los. Os cinco deveres são : as relações que devem existir entre o príncipe e os ministros, o pai e os filhos, o marido e a mulher, os irmãos mais velhos e os irmãos mais moços; e a união dos amigos entre si; cujas cinco relações, constituem a lei natural do Dever, a mais universal dos homens. A consciência que é a luz da Inteligência, para distinguir o bem do mal; a Humanidade, que é a equidade do coração; a coragem moral, que é a força da alma; são as três grandes e universais faculdades morais do homem; mas aquilo de que nós devemos servir para praticar os cinco grandes deveres, se reduz a uma só e única condição.”

Segundo o crítico e comentador Tchou-hi (Século XII da era cristã), resulta do Tchoung-young, que a prudência esclarecida, a Humanidade ou a benevolência universal, para com os homens e a força da alma, são as três

virtudes universais ou capitais, ou a porta por onde se entra, no caminho direto, que devem seguir todos os homens. Segundo Confúcio, as faculdades essenciais para se atingir este estado de perfeição moral que permite nos devotarmos ao serviço de todos os homens são: a prudência, a Humanidade e a coragem. De acordo com tal concepção, Confúcio constituiu, o tipo de homem de Estado, estadista, votado ao serviço contínuo da sociedade:

“Todos aqueles que governam os Impérios e os reinos, têm nove regras invariáveis a seguir, a saber: regular-se ou aperfeiçoar-se a si mesmo; reverenciar os sábios; amar seus pais; honrar os primeiros funcionários do Estado, ou os Ministros; estar em perfeita harmonia com os outros funcionários e magistrados; tratar e querer ao povo, como a um filho; atrair para si todos os sábios e artistas; acolher com agrado os homens que vêm de longe, e tratar com amizade, todos os grandes vassalos”.

“Desde que o príncipe estivesse bem estruturado e tenha melhorado moralmente a sua pessoa, desde de logo os deveres universais serão cumpridos, para com ele mesmo, etc, etc. .“. (Tchoung-young)

Além de uma tal sistematização moral, Confúcio, em harmonia com este grande objetivo de sua existência, recolheu todos os antigos monumentos literários da civilização chinesa, donde resultaram como retoques literários, essencialmente aqueles, sob a dinastia dos Han (206 a . C.), os livros sagrados da China. Estes livros sagrados são: Y king (I Ching) ou Livro das Transformações ou das Transmutações, o Chou-king ou Livro dos Anais, o Chi-king ou Livro dos Versos e o Li-ki ou Livro dos Ritos.

O **Chi-king** ou Livro dos Versos é uma coleção das mais antigas poesia chinesas e que remontam às épocas mais afastadas desta civilização; **Li-ki** ou Livro dos Ritos é uma coleção de ritos, segundo os quais se regulam as diversas relações humanas. Este livro contém documentos antiquíssimos. O **Y-king** ou **I Ching** ou Livro das Transmutações, é um das mais antigas relíquias da civilização chinesas. Na Antiga China Fetichista, o oráculo I Ching ou Livro das Mudanças ou Transmutações, em 1123 aC, escrito por Wen Wang, na prisão; baseado no Livro das 64 Combinações - Hsiangs ou Trigramas, escrito por Fu Hsi (Fu Hi)em 2852 aC., este último livro corresponde também a uma belíssima tentativa de compreender o Mundo e o Homem, mediante a associação de casos concretos, ao aspecto mais geral das mutações universais, comuns a todos os Seres. E finalmente o livro sagrado e mais importante para Confúcio, que foi **Chou-king** ou Livros dos Anais, que contem noções históricas, do mais elevado interesse sobre as antigas dinastias da China. O período que esta obra abrange, se estende desde os Imperadores Yao e Chu (2357 a.C. até o ano 790 a.C) A história autentica da China, não remonta, segundo os críticos, muito além de 2357 a.C; depois disso entra-se em períodos nebulosos, ou semi nebulosos, com muitas fábulas.

Assim, Confúcio além da direta obra de sua sistematização moral colecionou as fundamentais tradições da civilização chinesa, da qual se apresentava como continuador, com toda razão; porque, com efeito, a sua obra continuava a aperfeiçoar a tradição, em vez de maldizê-la; como os cristãos em relação ao politeísmo teológico e ao fetichismo.

Com base nestas informações, podemos sumariamente resumir a obra de Confúcio, e a apreciação do seu caráter e do seu papel.

Não há dúvida que este grande filósofo, apoiou-se sobre o conjunto dos antecedentes e das tradições, para produzir uma imensa evolução moral e social, em seu povo. Não se trata aqui, destas hipóteses arbitrárias, pelas quais o cristianismo se construiu na tradição artificial, na impotência, de realmente representar uma teoria verdadeiramente científica, dos antecedentes de onde emanou. No entanto, Confúcio é um filósofo que se apoia, real e sinceramente, sobre uma série dos antecedentes da civilização chinesa, e que prossegue no desenvolvimento sistemático dessa civilização. É um tipo verdadeiramente normal, e intimamente relacionado ao verdadeiro espírito científico, que apoia sempre as suas construções atuais, sobre as construções anteriores. Sob o impulso cristão e revolucionário; os Ocidentais, pelo contrário, nas suas especulações morais e sociais, que desenvolveram uma disposição ao mesmo tempo irracional e universal, em desconhecer completamente a continuidade social.

Confúcio busca seu ponto de apoio no fetichismo astrolático, base da civilização chinesa. Aceitando inteiramente o fetichismo astrolático e respeitando profundamente o culto construído sobre estas bases, ele começa por operar no fetichismo uma transformação, que se realizará plenamente entre os mais distintos dos seus sucessores. Com efeito começa a operar a distinção entre a atividade e a vida. O fetichismo considera todos os seres não somente como ativos (o que é perfeitamente científico) mas ainda como vivos, o que não é verdadeiro senão, com relação a um certo número dentre eles.

Em Confúcio, já se vê claramente aparecer que se trata muito mais das Leis Naturais do Céu e da Terra, do que as vontades destes dois seres preponderantes, de tal sorte que, o comando seja concebido como um mandato do Céu; e este mandato tende a representar, em vez da vontade celeste, a fatalidade que resulta das leis naturais regulares; esta concepção de Confúcio, tem tanto maior importância, quanto dá-lhe mais generalidade, concebendo essencialmente todos os fenômenos sociais, como regulados pelas Leis dos fenômenos celestes; o que é verdadeiro até um certo grau. Os fenômenos astronômicos dominam os fenômenos sociológicos, mas não no grau de precisão, em que se lhe deixa supor em princípio. Assim os eminentes pensadores da Escola de Confúcio, tenderam espontaneamente para o estado científico, concebendo todos os corpos, como ativos, mas não como vivos; de modo a apresentar um estado mental superior, em racionalidade, ao estado teológico-metafísico.

Sobre a base construída sobre o regimen astrolático, Confúcio construiu sua sistematização moral, tomando emprestado ao fetichismo astrolático as noções de ordem e submissão, que resultam necessariamente do tipo dos fenômenos celestes. Sobre este ponto, ele coordenou a moral, com o pleno sentimento de um grande destino político e social. Trata-se aqui, de uma moral verdadeiramente prática, em que os deveres, próprios as diversas relações da vida humana, são claramente formulados, concebendo sempre, que o último objetivo é o estado de plena unidade caracterizada pela preponderância da sociabilidade sobre a personalidade. Como condição da solução em tal problema, ele sistematizou a preponderância da família, estabelecida ao mesmo tempo, sob a submissão filial e o devotamento paterno.

O conjunto desta construção moral é muito geral. Ele está como se vê, completamente despida de toda preocupação sobrenatural. Como já foi explicado neste artigo a construção moral dependia da ausência da inteligência teológica e da preponderância contínua do regimen fetichico-astrolático.

A propósito desta ausência completa de crenças sobrenaturais, faz registrar que na moral de Confúcio, falta a sanção. Mas é lógico; pois aqueles que são dominados pelos preconceitos teológicos-metafísicos, ao nível de não compreender que esta pretendida ausência de sanção constitui ao mesmo tempo, a realidade e a nobreza da moral de Confúcio. Porque a falta de sanção sobrenatural, que é sempre essencialmente pessoal, faz ressaltar em Confúcio a admissão formal da existência espontânea de sentimentos benévolos.

Confúcio reconhece a moralidade espontânea da natureza humana. A sanção consiste precisamente na felicidade, de fazer o bem pelo bem, neste estado de plena unidade, que visa como ideal o verdadeiro sábio, sob o impulso de uma ardente sociabilidade, esclarecida por uma ardente razão.

As concepções teológico-metafísicas têm tendido a degradar neste particular, a verdadeira noção da natureza, sobretudo depois que os inconvenientes da doutrina não são mais contrabalançados pela sabedoria do sacerdote.

Politicamente, o gradual desenvolvimento da reforma de Confúcio, teve como resultado, dar a classe modificadora da civilização chinesa, uma sólida constituição, que assegurou e aperfeiçoou sua ação, cuja influencia ainda perdura e tem sido continuamente crescente sobre a sociedade correspondente.

Tal é o conjunto desta grande existência sistemática e ativamente votada à realização de uma nobre reforma social.

Certamente a civilização ocidental, nos apresentava tipos superiores, no que tange a inteligência ou como atividade, ao filósofo chinês. Aristóteles e Arquimedes possuíam uma inteligência de ordem mais elevada. César foi um homem de Estado, de muito maior pujança. Mas podemos dizer com absoluta

certeza que o Ocidente não formou um tipo que realizou ou venha realizar, no mesmo grau que Confúcio, esta grande aliança do Bom Senso com a Moralidade; ao mesmo tempo uma longa atividade devotada ao melhoramento geral da correspondente sociedade. Eis um filósofo, sem apoiar sua renovação, sobre nenhuma superstição; proclamando o aperfeiçoamento moral, como objetivo supremo, e fazendo-o consistir, em um devotamento contínuo à Sociedade, cujas melhorias nas bases essenciais, não rompendo de modo algum, com as tradições da civilização, que deseja melhorar; e dá por sanção definitiva, a uma tal vida, o profundo sentimento de haver cumprido o seu dever. Certamente os Ocidentais podem se instruir na contemplação semelhante podendo aprender em contraposição à irracional gratidão cristã e revolucionária; que pode procurar realizar a evolução sem romper com os predecessores; e que se modifica tanto mais dignamente uma sociedade, quanto mais cientemente se procura apoio, sobre aqueles que nos precederam, fazendo inteira justiça à sua ação.

Assim, o Ocidente, se conseguir o nível de esclarecimento científico e for regenerado pelo fetichismo chinês, colocará cada vez mais entre os objetos de sua íntima veneração, o ilustre filósofo que um imenso império proclamou, como o mais eminente dos renovadores; depois que Augusto Comte, bem mais tarde, sistematizou cientificamente a Doutrina da Humanidade.

Neste ponto do trabalho podemos analisar a sistematização de Confúcio, em si mesma, e relativamente a coordenação definitiva da ciência humana.

A Teoria de Confúcio consiste em uma empírica coordenação moral, tendo por preciso destino, a direção efetiva da natureza humana. Ora a imensa lacuna de desta coordenação, é precisamente a própria lacuna da civilização chinesa; isto é, a ausência de um desenvolvimento conveniente da ciência abstrata; para fornecer uma base sistemática à moral, e que permitisse uma suficiente modificação, quer no mundo exterior, quer do mundo psíquico do homem. Porque a modificabilidade repousa inteiramente sobre o estabelecimento das Leis Abstratas Naturais. É o conhecimento das Leis Abstratas Naturais, dos fenômenos, que permite unicamente instituir uma modificabilidade, ao mesmo tempo poderosa e regular.

Para precisar uma apreciação desta ordem, vamos relacioná-la pela Série Enciclopédica, na qual Augusto Comte, condensou hierarquicamente o conjunto das ciências abstratas. A hierarquia enciclopédica oferece-nos, as ciências abstratas na seguinte ordem: matemática, astronomia, física, química, biologia, sociologia e moral. A moral que arremata, esta longa evolução mental, compõe-se de duas partes: a 1ª, a Moral Teórica instituindo o conhecimento da natureza humana, isto é, a Psicologia Científica ou Ciência da Construção; a 2ª é a Moral Prática, instituindo o governo da natureza humana; isto é, a Arte da Educação, não só de ensinar subordinar os Sentimentos do egoísmo aos do Altruísmo, como também alertar a subordinação do Progresso à Ordem; dos direitos aos Deveres; e da análise à Síntese; o que permitiu admitir-se que não há normalmente senão ações práticas, atuando umas sobre as coisas, e outras sobre os homens.

Mas, a natureza necessariamente sistemática, do segundo modo de ação, tem feito com que se dê à Classe, que dele se ocupa, o nome de *Classe Teórica*. Notamos depois destes esclarecimentos, que claramente, a existência de uma profunda lacuna, que a própria natureza da civilização chinesa, impôs à sistematização de Confúcio. Faltava-lhe a longa elaboração abstrata, que vai da matemática à moral, e sem a qual, não se pode estabelecer uma verdadeira teoria, suficientemente profunda, da natureza humana. Mas esta mesma lacuna teórica é para o governo da natureza humana, uma causa de grande insuficiência; porque o homem social, não pode ser assim insuficientemente dirigido, por falta de um profundo conhecimento das Leis Naturais Abstratas, dos diversos fenômenos que o dominam, desde os fenômenos matemáticos, até os fenômenos sociológicos e morais; ou ditos sociais. Ora, a evolução ulterior da China, não podia preencher tal lacuna, tendo a própria natureza da civilização chinesa, ser antipática a instituição da abstração; e por conseqüência, ela era imprópria às necessárias elaborações científicas.

O trabalho filosófico próprio da Escola de Confúcio reduzia-se essencialmente a alguns desenvolvimentos e comentários.

A análise, que acabamos de realizar, mostra que até 1840, início da Época Moderna da China (1840 a 1919), o povo chinês, carregava uma profunda insuficiência intelectual científica, devido a esta bela sistematização empírica de Confúcio; no entanto esta mesma análise mostra ao mesmo tempo, de que forma o Ocidente poderia ter atuado, pelos seus órgãos mais eminentes, sobre tal civilização, para ter respeitado o seu grande estado de comportamento Moral e para manter a sua cultura milenar, altamente saudável à evolução da Humanidade. Se a ciência Ocidental tivesse aceito como Confúcio, a supremacia da Moral, isto é, “ Viver para Outrém ”, chegaria então a fazer compreender aos intelectuais diretores desta civilização, da necessidade de dar-lhes uma base, que viesse à consolidá-la e a fortificá-la; e que lhe permitisse enfim, instituir um conveniente e pacífico governo, da natureza humana.

Perdeu-se esta grande oportunidade, pois em 1860 Pierre Laffitte, discípulo direto de Augusto Comte, indicava uma linha de conduta, para facilitar o entendimento com a China, mas o positivismo nesta época, como hoje em dia, ainda está em uma fase embrionária, com poucos humanos no poder, para poder fazer chegar tais proposições, de elevado nível político e moral, aos atuais governantes tanto do Ocidente como do Oriente.

Mas, penso que chegou o momento de reativar, alertando que os contatos atuais da China com o Mundo, inverte esta posição, de só uma mão visitar o território Chinês que farão compreender, os espíritos filosóficos que operavam no período anterior a 1911; bem como ainda operam na maioria da população chinesa, para criarmos a necessidade de uma ciência social, que saiba apreciar estados sociais tão diferentes, como os gerados pelos raciocínios fetichistas dos chineses e dos teológico-metafísicos do Ocidente; sem destruir a cultura milenar

chinesa, e que seja mantida, passado as mentes mais inteligentes, a operarem no campo científico; e as menos, ficariam no fetichismo astrolático confuciano, para o bem da China; e não para o bem dos capitalistas ocidentais, com seus teologismos bíblicos; que pregam: "façam o que eu digo, mas não façam o que eu faço", que só resolvem os conflitos, pela guerra. "O Vencedor da Guerra, está com Deus"

Caso os Positivistas tivessem tido oportunidade e meios de comunicação com os comunistas da época de Mao, provavelmente a Sociologia Positiva, de Augusto Comte, com conhecimento da Ciência Moral Positiva, pudesse ter tido sucesso para colaborar, no freio do caos capitalista democrático.; a necessidade desta sociologia teria tido efeito gradual, por uma série incontestável, a necessidade da biologia, da química, da física, da astronomia e da matemática, segundo as dependências, que ligam entre si, as diversas ordens irreduzíveis dos fenômenos; donde resultaria em resumo, a necessidade para que os pensadores chineses, da **Academia de Ciências Sociais da China**, efetuassem hoje, um estudo sistemático, da grande hierarquia abstrata, base essencial do estudo mental definitivo da espécie humana; bem como a proposta positivista de um Regimen Societocrático.

Pelo Positivismo, que respeitaria a evolução total da China, operaria a renovação total do seu estado mental, isto é, de um modo tanto quanto mais completo, incorporando o fetichismo astrolático, que desta forma adotaria o seu culto oficial; sem necessidade de passar pelo estado teológico e metafísico, tão retrógrado e prejudicial ao estado pacífico do Ser humano; e atingir o estado positivo ou científico, da evolução da inteligência humana; como está sendo feito de forma errônea hoje em dia, fazendo esquecer o Altruísmo, para entrarem no egoísmo tão maléfico a sociabilidade humana; com o capitalismo; que provoca o desemprego em massa; os conflitos internos de mercado, da disputa constante, a maximização dos direitos, com a minimização dos Deveres; enriquecendo alguns poucos, e empobrecendo a maioria, levando muitos ao estado de miserabilidade. Mais caos interno. O melhor era na época dos Impérios, onde os pobres não sabiam como os ricos se comportavam. Agora sabem, e vão desejar ser ricos, de qualquer forma, por roubo, por corrupção, e etc..

2.3) Considerações Gerais sobre a Escola de Confúcio ou Escola dos Letrados.

Indicaremos agora de modo sumário, os principais trabalhos criados pela Escola de Confúcio, ou melhor, o espírito geral que domina tais trabalhos. É evidente, que não se trata aqui de relatarmos uma história detalhada da filosofia e da ciência chinesa; isto levaria muito tempo e não terá no momento, um grande interesse; o importante para todos nós é conhecer seu essencial caráter. O estudo aprofundado dos historiadores chineses nos forneceria novos detalhes; vastos trabalhos têm sido feitos, sobre este assunto, e eles são mais que suficientes, para contribuir segundo as leis gerais da filosofia da história, uma sã teoria científica, desta evolução mental. Três ordens de trabalho emanam da Escola de

Confúcio e estão profundamente impregnados do próprio espírito da civilização chinesa, tal como nós a definimos: primeiramente obras morais de desenvolvendo das doutrinas de Confúcio; e em segundo lugar, uma filosofia natural que transforma o fetichismo astrolático, pela separação da idéia da vida, apoiando sobre as bases estabelecidas por Confúcio; enfim, imensos trabalhos de erudição de estatística, e etc. e etc., em uma palavra, trabalhos de sociologia concreta.

Por que os trabalhos de erudição são trabalhos de sociologia concreta?

Porque os trabalhos de erudição são no fundo, coleções de observações, que servem de ponto de partida, a verdadeiros trabalhos científicos em sociologia. Foi nestes trabalhos preparatórios, que parou a civilização chinesa, segundo o espírito concreto que a caracteriza.

Vejamos primeiramente os trabalhos de filosofia moral.

Estes trabalhos são imensos e com numerosos comentários de Confúcio; eles explicam e desenvolvem as formulas da sistematização empírica deste renovador, mas sem mudar coisa alguma, ao espírito fundamental da sua construção; baseando-se no sistema de exames e no estudo dos livros morais de Confúcio; desenvolveu naturalmente esta imensa literatura dos comentadores. O principal filósofo que marcou o caminho praticado por Confúcio, foi Mencio (Meng-tseu). Meng-tseu nasceu em 371 a.C. na província de Chan-toung e morreu no ano de 289 a . C., com idade de 82 anos; ocupava com justiça, na estima dos chineses, lugar imediato a de Confúcio. Prestavam-lhe honras públicas, análogas as prestadas ao próprio Confúcio, a quem estava sempre associado na veneração pública. Há em Meng-tseu, um caráter particular que constituiu um progresso real, na construção dos princípios de Confúcio. Muito mais que Confúcio, ele sistematizou as condições de eliminação da família Imperial ou do elemento central; eliminação necessária, quando este não mais o preenche, de um modo verdadeiramente suportável, as condições fundamentais de sua função. Estabeleceu claramente que quando o chefe de família imperial não mais preenchesse, os deveres morais e sociais ligados a sua função, deixa de ser chefe, isto é, deixa de ser filho do Céu; o **mandato** do Céu, em virtude do qual ele governa, isto é, devido ao descumprimento das leis naturais dos astros; **deve ser-lhe retirado**. Há em Meng-tseu, um caráter de mais clara oposição às invasões e as perturbações, que podia suscitar o poder imperial, que decresce como elemento da unidade de conservação e de extensão, da civilização chinesa.

Não há duvida que é necessário se modificar algumas vezes o órgão preponderante da sociedade. Foi esta necessidade que Meng-tseu sistematizou, determinando suas condições gerais. Um tal espírito, está como se vê, bem afastado do espírito de submissão absoluta, que emana do espírito puramente teológico.

Entre os numerosos comentaristas abordam Confúcio, podemos sobretudo citar Tchou-hi, que viveu pelos fins do século XII a . C., sob a dinastia dos Song.

Tchou-hi tornou-se por excelência o comentarista clássico; e seus comentários não são normalmente separados da obra de Confúcio e de Meng-tseu. Estes comentários são plenos de sabedoria e de bom senso, como os de todos os letrados chineses em geral; quando seus espíritos não são alterados, pelas extravagâncias teológicas dos budistas e dos Tao-sses. Estes trabalhos de filosofia moral, consistentes em comentários nos livros fundamentais da China têm sido referidos até em nossos dias de hoje; e muitos soberanos colaboraram para construir estes trabalhos.

Confúcio havia distinguido a atividade da vida. Foi o ponto capital de partida, onde resultou uma filosofia natural que constituiu um intermediário entre o fetichismo e a ciência propriamente dita, base dogmática do Positivismo. Assim podemos dizer que Tchou-hi fundou uma filosofia atomística, na qual estabeleceu definitivamente para os espíritos desenvolvidos pelo estudo, ou cultivados, a separação nos corpos, da noção de atividade, da noção de vida; esboçada por Confúcio. Os fenômenos não resultam mais, como no fetichismo primitivo propriamente dito; das vontades dos seres correspondentes, que as manifestavam; é simplesmente um resultado dos diversos modos de atividade desses seres; isto é, conhecer as leis naturais que os regem; isto é, que regem os seus fenômenos. Tchou-hi admite que a atividade especial de cada um desses Seres produz os diversos fenômenos: atividade especial cuja manifestação se acha regulada pela atividade preponderante do Céu; o que é uma transformação positiva do fetichismo astrológico da China; e esta concepção tem a vantagem de representar a preponderância normal dos fenômenos astronômicos sobre todos os outros. Esta preponderância é filosoficamente estendida, posto que de um modo exagerado, até os fenômenos sociais, cujas evoluções, estão ligadas às revoluções astronômicas. É incontestável que a vegetabilidade, a animalidade e a sociabilidade são efetivamente dominadas, pelas leis naturais mais gerais do mundo.

Desta forma, em uma filosofia, onde impere as noções de seres sobrenaturais, exteriores aos seres reais, e que produz neles os diversos fenômenos, segundo inexplicáveis caprichos, é completamente eliminado; tudo se explica pela atividade espontânea dos próprios seres. Uma concepção aproxima-se essencialmente da que serve de base à ciência propriamente dita; mas falta-lhe na sua maioria a instituição da abstração científica.

Mas, em que consiste, com efeito, a verdadeira sistematização científica?

Consiste em conhecer a atividade espontânea dos diversos seres, e em procurar as leis naturais abstratas, próprias aos seus diversos modos de atividade, ao mesmo tempo comuns a um grande numero de seres diferentes.

Os chineses também têm um considerável numero de obras de história natural, isto é, coleções de observações relativas, aos diversos seres; mas, estas noções muito numerosas e muito precisas são essencialmente concretas, com o sentimento, muito presente de um destino prático e não conduziram a nenhuma

verdadeira lei biológica. Constataram e colecionaram com precisão grandíssimos números de observações meteorológicas; sua astronomia tinha o mesmo caráter – as suas observações puramente concretas são numerosas e assaz precisas; mas as teorias, propriamente ditas, e no fundo eram muito pouco desenvolvidas, e emanavam dos astrônomos muçulmanos e cristãos da época.

Em resumo, imensos desenvolvimentos de precisos e numerosos trabalhos de observações concretas; no entanto, com ausência de ciência verdadeiramente abstrata, nos estudos cosmológicos e biológicos.

Este mesmo caráter, consequência inevitável da própria natureza da civilização chinesa, também se manifesta, nos estudos relativos aos fenômenos sociais. Deve-se aos chineses, admiráveis trabalhos de erudição, isto é, de sociologia concreta.

Confúcio ocupou-se de trabalhos históricos, ao ter feito uma compilação dos trabalhos intelectuais da China, registrando uma história do reino de Lu. No entanto o sentimento de continuidade, preponderante na China Imperial, e até hoje, explica suficientemente esta ativa preocupação dos estudos históricos, do mesmo modo que o espírito verdadeiramente positivo, e desligados de crenças sobrenaturais, dá perfeitamente conta do espírito de exatidão, de crítica minuciosa e paciente, que caracteriza as principais obras de erudição dos sábios chineses; as fábulas e as divagações, sempre emanam da influencia perturbadora dos budistas e dos Tao-sse.

Os sábios da escola de Confúcio, marcharam pacientes e exatos, por esta trilha de estudos históricos; e seus trabalhos versaram não somente sobre a China, propriamente dita; mas também sobre todas as populações circunvizinhas; em relação ao comércio e a política. É neste fecundo celeiro de historiadores chineses que se tem uma abundante fonte, onde podemos retirar noções positivas e sérias sobre a história e a geografia das populações tártaras. Foge ao escopo deste trabalho, se propor fazer um resumo dos trabalhos de erudição, devidos à China; mas devemos deixar registrado, um dos trabalhos mais eruditos da Velha China, como sendo de Ssema-thsian, conhecido como o Pai da História, o Heródoto da China. Nasceu em Loung-men, província de Chen-si, no ano de 165 a .C., sob a dinastias dos Han do Este; isto é, sob a grande dinastia reparadora, que se tendo aproveitado dos resultados do enérgico impulso de Thsin-chi-hoang-ti, retomou o desenvolvimento da civilização chinesa, seguindo o espírito de seus verdadeiros antecedentes.

O pai de Thsin-chi-hoang-ti, que foi historiógrafo da Corte da China, ensinou o seu filho a escrever a história do povo chinês, e o educou para que viesse tornar-se digno de uma distinção.

“Ele, Thsin-chi-hoang-ti, foi encarregado de dirigir uma expedição militar, que o conduziu às províncias de Yuan e de Sse-tchoun (hoje -----?) Foi durante desta viagem , que ele soube que Ssema-thsian, seu pai, estava muito enfermo.

Não perdeu tempo em retornar, para junto do pai, mas só chegou, para receber os seus últimos suspiros. Mesmo no leito da morte, **Ssema-thsian**, conservou os sentimentos dos deveres; e a viagem que seu filho acabara de fazer, ainda o interessava, como pai, e como historiador. Fez com que lhe relatasse detalhadamente a sua viagem, e depois de tê-lo ouvido, dirigiu-lhe um discurso, que de **Thsin-chi-hoang-ti**, registrou:

O grande historiador tomou minhas mãos entre as suas, disse ele, e com lágrimas nos olhos, falou-me assim: Os nossos antepassados, desde o tempo da terceira dinastia, constantemente ilustraram-se na academia da história. Seria a mim que estaria reservado ver acabar esta honrosa sucessão? Se me sucederes, meu filho, leve os escritos de nossos antepassados. O imperador cujo glorioso reinado se estende por toda China, me havia ordenado, que assistisse as solenes cerimônias, que ele praticara sobre a Montanha Sagrada, não posso por-me às suas ordens. Para cumprir estas ordens, serás sem dúvida chamado. Lembrai-vos então dos seus desejos. A piedade filial se mostra primeiramente nos deveres que se cumprem, para com os pais, nos serviços que se prestam ao príncipe; enfim no cuidado, que se toma na sua própria glória. É o cúmulo da piedade a seu pai e a sua mãe, pois deves incrementar gloriosamente, um nome tornado célebre”(Abel de Rémusat, Novas Miscelâneas Asiáticas, Vol. II)

Thsin-chi-hoang-ti executou o que o seu pai lhe havia indicado. Tornou-se historiador, historiógrafo titular e finalmente responsável pela censura, como censor. Teve a dupla função de narrar o passado e aconselhar o presente. Preencheu as suas funções de censor, em circunstâncias verdadeiramente difíceis e com um heroísmo que o honra. Os seus trabalhos históricos são imensos, precisos, conscienciosos e guiados por uma sábia e esclarecida crítica. A sua obra é um admirável monumento de erudição.

“A sua obra intitulada Memórias Históricas” dividi-se em 130 livros, subdivididos em 5 partes. A primeira parte abrangendo 12 livros, contém sob o nome de Crônica Imperial, tudo o que é relativo ao Império, considerado no seu conjunto. – A Segunda parte, composta de 10 livros é formada de quadros históricos e de quadros sinópticos. A terceira parte em 8 livros, é designada pelo título de Pa-chou, ou os oito ramos da ciência. O autor trata o conteúdo dos ritos, à música, aos tons considerados como tipos das medidas de comprimento, a divisão do tempo, as cerimônias religiosas, a astronomia, aos rios, aos canais, e aos pesos e medidas.

Ssema-thsian trata em outras tantas separadas dissertações de todas as variações, que tem experimentado estes diversos objetos, durante os 22 séculos, que é abrangência de sua obra. A Quarta parte formada de 30 livros, encerra a história genealógica de todas as famílias que possuíam algum território, desde os grandes vassallos da dinastia dos Zhou, até aos simples ministros da dinastia dos Han. – Enfim a Quinta e última parte, composta de 70 livros é consagrada a memória sobre a geografia estrangeira, e a artigos de biografia mais ou menos extensos, e sobre todos os homens que conquistaram, um nome nos diversos

ramos da ciência ou da administração. (Abel de Rémusat, Novas Miscelâneas Asiática Tomo II).

Os letrados da China, escreveram um grande numero de enciclopédias, umas gerais e outras especiais. Algumas são relativas as diversas profissões, ao trabalho da porcelana, aos dos bichos da seda, a agricultura, etc. e etc.. As relativas a diversas administrações, a vigilância dos seleiros públicos, aos trabalhos de direção dos rios, e etc.. Uma das mais eminentes enciclopédias chinesas é a de Ma-touan-lin. Ma-touan-lin nasceu na província de Kiang-si (Jiangxi ?) ou (Guangxi ?), no meado do século XIII d. C.; teve como mestre, o célebre comendador Tchou-hi, de quem já falamos. A queda da dinastia dos Song em 1279 d.C. e a conquista dos Mongoes; fez com que Tchou-hi, se dedicasse inteiramente aos seus trabalhos de erudição; renunciando a carreira administrativa. Consagrou 20 anos para terminar sua imensa obra, sob o nome de Pesquisa aprofundada dos Antigos Monumentos, que constitui o seu grande título de glória.

Assim fica registrado que estudos Concretos, Especiais, Precisos e Exatos, mas com ausência da Ciência propriamente dita, foram desenvolvidos, até o ano de 1840 d.C. / 1919 d.C., ou mais recente; que consiste sempre na descoberta das Leis Naturais Abstratas dos fenômenos; e este caráter essencial, que resulta do espírito ou inteligência fundamental da civilização chinesa; não pode ser sensivelmente modificado, nem pelas divagações abstratas e metafísicas de Tao-sse e dos budistas, nem tão pouco pela introdução dos diversos elementos da ciência abstrata, que vinham e vêm dos Hindus, dos Muçulmanos e dos Cristãos; e muito menos hoje pela Globalização Econômica. É que só a Doutrina Positivista, demonstra, baseada na coordenação dogmática das diversas ciências abstratas, desde a matemática até a moral, que poderá com certeza determinar uma transformação gradual, ao mesmo tempo profunda, regular e pacífica, nesta fetichista grandiosa civilização chinesa. Tratar a mudança somente pelo lado material, somente mercadológico, não dará resultado satisfatório; só ocorrerá mais conflito interno, pois o assunto tem que ser tratado, principalmente pelo enfoque científico da Operação de Abstração e mantendo o lado Moral propagado por Confúcio; pois foi da filosofia de Confúcio, que ocorreu a Unidade do povo Chinês.

3) As relações do Ocidente, com a China.

A) Meados do Século XIX

3.1A) Considerações Preliminares sobre a situação Geral do Ocidente, em si mesmo, e com o restante do Planeta, no início da Segunda metade do Século XIX (1860 d.C.).

3.2A) Exame sumário das Relações do Ocidente com a China e do estado destas relações, nos meados do Século XIX. (1860 d.C.).

3.3A) Dos princípios gerais, segundo os quais, deveriam ter sido reguladas as relações do Ocidente com a China, nos meados do Século XIX.(1860 d.C.)

Vamos aqui analisar os sub itens (3.1; 3.2 e 3.3), indicados acima, com relação ao Século XIX, no que tange ao item A; e para os itens B, C, D e E, ficarão para serem analisados, em conjunto com os Cientistas da **Academia de Ciências Sociais da China**, levando em conta, para cada um dos itens B, C, D e E, e os sub itens indicados em 3.1, 3.2 e 3.3, mudando as suas épocas ; isto ocorrerá, desde que seja do agrado desta Grandiosa Científica Academia de Sociologia e de Moral de Nossa Humanidade.

B) Dos Meados do Século XIX até 1919 (3.1B, 3.2B e 3.3B)

C) De 1919 até 1949 (3.1C, 3.2C e 3.3C)

D) de 1949 até 1979 (3.1D, 3.2D e 3.3D)

E) de 1979 até os dias de hoje, 2004 (3.1E, 3.2E e 3.3E)

A) Meados do Século XIX

3.1A) Considerações Preliminares sobre a situação Geral do Ocidente, em si mesmo, e com o restante do Planeta, no início da Segunda metade do Século XIX (1860 d.C.)

Aos termos apreciado a civilização chinesa, e ao considerarmos sucessivamente os seus elementos essenciais, em sua evolução; e finalmente os seus principais tipos filosóficos, há necessidade de se mostrar a importância teórica, da execução deste trabalho; porque a China, sempre demonstrou até o meado do século XIX, uma espécie de mistério histórico, diretamente inacessível as explicações de todas as teorias, teológico-metafísicas, que bailavam no século XIX, no Ocidente; e só depois da profunda concepção Positivista sobre o fetichismo, princípio espontâneo da inteligência humana, que forneceu o ponto de partida, de uma teoria verdadeiramente científica sobre este assunto. No entanto, existem inúmeros documentos, devidos a uma sagaz paciente erudição, e alguns interessantes e por vezes profundos, que foram produzidos, mas não demonstravam uma verdadeira teoria, do conjunto da Civilização Chinesa, para tal comportamento. E o mesmo se passava com os Chineses em relação aos *bárbaros* europeus.

É lamentável ver um homem, que pensou profundamente sobre este assunto, o Sr. Abel Rémusat, que com certeza, se imbuíu

da filosofia Hindu, pensando que eram tipos da civilização chinesa; enfim o Sr. Abel Rémusat, apesar das engenhosas criações mentais e algumas vezes elaborando profundas interpretações, para tentar explicar o comportamento intelectual do raciocínio fetichista chinês, desconhecia que a inteligência fundamental do povo chinês, predominante naquela época, e que ele tanto havia estudado; não o levava a crer e mesmo compreender, que era pela adoração real do Céu; ou melhor, pela compreensão das leis naturais emanadas pelos astros, que foi e é a base mental da sua longa evolução. - Lei da Evolução Intelectual ou Lei dos Três Estados Mentais – Augusto Comte.

Não há dúvida que este grande problema histórico só pôde ser resolvido, com o advento da Filosofia Positiva, de Augusto Comte, através principalmente da Lei dos Três Estados ou Lei da Evolução da Inteligência. Lei da Evolução Intelectual ou Lei dos Três Estados Mentais.

“Cada entendimento apresenta a sucessão dos três estados – Fictício (Fetichico e Teológico), Abstrato ou Metafísico e Positivo ou Científico - relativamente a quaisquer concepções, com velocidade proporcional à generalidade dos fenômenos correspondentes.” Augusto Comte

Mas não obstante a incontestável importância filosófica desta teoria, é mister que dela, se façam decorrer conseqüências, da mais elevada utilidade, fazendo-a servir de base à instituição de uma política sistemática, que venha dirigir as relações cada vez mais estreitas, do Ocidente com a China; de maneira que estas relações sejam úteis, ao mesmo tempo a estes dois grandes grupos sociais; em vez de serem tão profundamente perturbadoras, para um e para outro, como se tornava cada vez mais evidente, nesta época.

São os princípios de uma determinada política, deduzidas do duplo estudo da evolução da civilização Ocidental e da evolução da civilização Chinesa que iremos rapidamente desenvolver, para poder sugerir algo que já deveria ter sido feito a mais de 150 anos; pelo lado de uma estratégia pacífica; com vista a ser este o resultado prático preliminar de nosso estudo. Que seria complementado, caso a **Academia de Ciência Sociais da China** ache por bem, apoiar materialmente, a minha pessoa - **Paulo Augusto Antunes Lacaz** para fazer parte de um grupo de trabalho, com os cientistas chineses, por um determinado período; objetivando traçar as alternativas, da grandeza atual do desenvolvimento do Progresso e da Ordem hoje vigente; para o bem da China, do Brasil e das outras Nações do Planeta Terra. É utópico, mas não é quimérico.

Antes de empreender a exposição desta política, é preciso sumariamente considerar a situação como se encontrava o Ocidente,

nos meados do século XIX, com relação ao resto do Planeta e especialmente quanto a China.

O primeiro fato incontestável desta época é a situação profundamente revolucionária do Ocidente; isto é, que nele existia e ainda existe a ausência de uma doutrina diretora; negação dos antecedentes, projeção do futuro sem preocupação com o passado; e uma sempre crescente e plena anarquia intelectual. Faltava e ainda falta, a unidade de opinião, base de toda sociedade durável. O Ocidente desta época se colocava cada dia mais, em uma situação profundamente instável, pior ainda hoje. Para provar estas conclusões, é só verificarmos quantas guerras já surgiram na Europa após 1860.

O segundo fato de grande importância a esta situação foi o crescente desenvolvimento de uma atividade industrial, cada vez mais preponderante; caracterizada pelo espírito de iniciativa, que existia e muito mais ainda hoje existe, sem poder fazer regular, devido a ausência da unidade doutrinária, isto é, a unidade de opinião.

Há necessidade de apreciarmos a origem histórica destes dois fatos essenciais antes de prosseguir na análise das conseqüências quanto as relações do Ocidente do século XIX com relação às outras partes do Planeta.

A Idade Média a partir do século XIV

, no Ocidente, entregou à Era Moderna, que se deslumbrava, uma livre massa social, sem casta, e necessariamente pacífica e industrial. Resultou daí a mais profunda e favorável situação, para que ocorresse um desenvolvimento, sempre crescente sobre o impulso do seu próprio peso, causado pela atividade científica, estética e industrial.

A situação que Augusto Comte apontou como fonte da livre evolução, própria a civilização grega, que tornou-se, graças a libertação dos trabalhadores, realizada na Idade Média, comum as numerosas populações do Ocidente Europeu. A atividade necessariamente pacífica da massa social, o Bem Estar e a independência, que ela criara, em uma vasta escala a emancipação que proporcionou a ausência do espírito de casta, e a opressão mental da teocracia, tornaram-se desde logo, a fonte de uma atividade verdadeiramente fantástica; de um espírito de iniciativa inteiramente sem exemplo, que aumentava a cada dia os resultados obtidos; e que limitava cada vez menos a impotência da doutrina teológica, que havia prevalecido durante a Idade Média.

Este movimento exclusivamente próprio às populações ocidentais foi o resultado de toda uma série de acontecimentos, desde de os gregos e principalmente romanos, e finalmente católicos e feudais. Foi assim que se produziu a situação que definimos acima, neste trecho do trabalho; de uma imensa população entregue a uma atividade constantemente crescente e cada vez menos disciplinada – este grupo, composto de cinco grandes distintas populações, a França, no centro, a Itália e a Espanha ao meio, a Inglaterra e a Alemanha ao norte, era designado como o grupo da **cristandade**.

Houve oportunidade de se substituir pelas denominações de ocidentalidade, de povos ocidentais, as denominações evidentemente impróprias de cristandade e de povos cristãos. Em primeiro lugar estas designações anacrônicas são faltas de precisão, pois englobavam a Rússia e os Cristãos Orientais; evidentemente estranhos a tal grupo. De outro lado, indicavam como única influência, no estabelecimento da civilização ocidental, a cristã, que não foi própria e certamente, a influência preponderante; enfim elas tendem a manter um rancoroso dualismo entre as cinco avançadas populações e o resto do planeta. Já nesta época, havia urgência filosófica e de utilidade social, em substituir definitivamente cristandade por ocidentalidade, depois Europa Ocidental; e finalmente hoje englobando mais países já chegamos a União Européia, bem mais solidamente estruturada, mas infelizmente somente após dois grandes conflitos mundiais. Antes de novembro de 1993, a União Européia era chamada de Comunidade Européia. A CE foi formada a partir de três organizações independentes: a Comunidade Econômica do Carvão e do Aço (Ceca), criada em 1951, a Comunidade Econômica Européia (CEE, também chamada de Mercado Comum) e a Comissão Européia de Energia Atômica (Euratom), ambas fundadas em 1957. As três instituições foram unificadas em 1967, dando origem à CE, cuja sede era em Bruxelas, Bélgica. Mas esta proposição de Unificação da Europa foi proposta por Augusto Comte, como Republica Ocidental, nos meados do século XIX; propondo uma moeda única – com esfinge de Carlos Magno; e uma força militar única para policiar as ações ditatoriais tirânicas e pacificar os conflitos entre nações.

Estes espíritos turbilhonares, conhecidos hoje como empresários capitalistas, colocados em um tal meio, impeliram seus empreendimentos, em todas as direções. Surgiram daí enérgicas individualidades, desenvolvendo na indústria e no comércio, poderosa atividade, principalmente de competição, despertando e aguçando o egoísmo humano ao nível de luta e exploração. Este foco incandescente fez criar necessariamente, sob o combinado impulso, do espírito científico e das técnicas industriais - tecnologias - nos hábitos militares, e com apoio religioso das crenças teológicas, desenvolverem ativas relações com as demais Nações do Planeta Terra. O estabelecimento destas relações, na mais vasta escala, era ao mesmo tempo inevitável e indispensável.

Esta situação própria e favorável a iniciativa individual e ao desenvolvimento científico e tecnológico, explica porque as relações, cada vez maiores, e cada vez mais ativa, fizeram se desenvolver entre o Ocidente e as demais partes do Mundo; a partir do fim da Idade Média e principalmente depois do meado do século XV, com a descoberta de novos caminhos marítimos. Nesta época, apreciamos uma atividade de circulação verdadeiramente inaudita. O Planeta foi realmente descoberto e percorrido em todos os sentidos; a grande navegação aperfeiçoa-se; os conhecimentos geográficos já adquiridos concorrem para um novo desenvolvimento.

Apreciamos então um fato fundamental; é preciso aceitá-lo como um resultado inevitável dos antecedentes; fosse isto para um bem ou fosse para um mal; era impossível que ocorresse de outro modo. Mas se estas relações eram inevitáveis, eram também **fundamentalmente indispensáveis à preparação**, como ao estabelecimento de uma Doutrina Universal que o Ocidente regenerado devia finalmente construir.

O termo final da evolução, próprio a nata científica da Humanidade naquela época, seria criar ou fundar uma Doutrina Universal; para disciplinar **sem explorar** todas as civilizações terráqueas. Neste sentido foi feito no Ocidente uma grande tentativa com o Catolicismo; posto que tivesse ele totalmente abortado, quanto ao seu tempo final, nem por isso foi menos necessário, para estabelecer o problema e mesmo preparar a sua solução. A missão de fundar uma doutrina universal pertencia necessariamente ao Ocidente, porque para isso se fazia necessário uma civilização militar, no meio da qual, se pudesse desenvolver realmente a ciência abstrata. Somente a ciência abstrata descobrindo as leis gerais, e ao mesmo tempo reais e próprias às diversas ordens de fenômenos distintos, podia servir de base dogmática para a doutrina susceptível, de tornar-se verdadeiramente universal; porque uma ciência revela a ordem fundamental, que domina a existência humana, ao mesmo tempo individual e coletiva. Esse completo desenvolvimento da abstração é com efeito especialmente próprio, como estabeleceu Augusto Comte, às populações essencialmente militares do Ocidente, mas, de outro lado, esta atividade militar preponderante, era indispensável, para permitir o estabelecimento de uma Doutrina definitiva, como a única que pode dar hábitos de iniciativa e de independência pessoal. Assim podemos resumir, que a base de uma Doutrina Universal, não podia emanar se não do Ocidente, com a vanguarda da evolução da Humanidade; e realmente emanou do Ocidente, pela grande construção de Augusto Comte, que deu o remate final e essencial de toda a evolução anterior, com a Doutrina Positivista ou Doutrina da Humanidade; vide didaticamente resumida, no site www.geocities.com/doutrinapositivista. Ele escreveu mais de 15.000 páginas sem nenhum erro ou correção ou apagar, no manuscrito. Mostre-me outro cérebro, igual a este. O manuscrito encontra-se na Casa de Augusto Comte, em Paris. A França nada mais sabe profundamente sobre a obra no original, de seu filho. Os atuais livros didáticos franceses do século XX e XXI, só registram erros, tanto da vida, como da obra de Augusto Comte.

Nesta época, dos meados do século XIX, as relações do ocidente com as demais nações do Planeta Terra, eram indispensáveis; primeiro, para o estabelecimento das trocas visando a expansão comercial e da industrial futura; e finalmente para a conveniente difusão de uma Doutrina Universal, que já foi testada e não deu certo com o Comunismo; e agora com a sugestão caótica capitalista democrática; e futuramente com a sugestão da Societocracia.

O conhecimento do Planeta Terra, não somente teórico, como emana da astronomia – o fetichismo; mas também prático, tal como resulta de uma atividade de investigação – científica - era necessário para fundação da Fé definitiva, determinando a sede precisa, das diversas populações, que eram necessárias interligar. Por esse meio, pode-se conceber uma política verdadeiramente terrestre, de maneira a evitar a estreiteza do ponto de vista nacional, e o arbítrio indefinido das concepções teológicas. A Fé Científica tem desde de então, por objetivo preciso, e suficientemente geral, constituir uma unidade terrestre, finalmente eliminando toda preocupação sobrenatural, como também toda restrição empírica; e adquirido toda a extensão possível, sem sair dos limites da realidade sistemática. Assim, o conhecimento prático, do nosso Planeta, completando o conhecimento devido a astronomia, contribui para a formação da concepção da Doutrina Positivista, determinando o preciso objetivo, sobre o qual, exerce-se sua ação.

O conhecimento real e profundo das diversas populações com suas devidas etnias, espalhadas sobre o Planeta Terra, foi necessário de outro modo a fundação de uma Fé definitiva; isto é, uma Fé no Social, desembaraçando-a do ponto de vista absoluto, pelos espetáculos dessas múltiplas evoluções sociais, e fazendo definitivamente ressaltar a impotência manifestada pelo teologismo, para a fundação da Doutrina Universal ou Doutrina Positivista; porque os dois grandes monoteísmo, islâmico e católico, únicas que têm condição de poder serem aspirantes à Doutrina Universal, não puderam e não poderão mesmo quando atingirem nos seus períodos de pleno auge, atingir se não, a uma mínima porção da espécie humana intelectualmente científica.

Enfim, só o conhecimento destas diversas civilizações, poderia dar uma verificação decisiva das Leis Naturais Sociológicas, permitindo verificar com o passar do tempo, o comportamento dos diversos fenômenos, e suas variações no espaço; indicando a Lei que rege o comportamento desses fenômenos, pela consideração preponderante da série homogênea, das diversas fases da civilização Ocidental.

Desta forma por diversos títulos, as relações ativas do Ocidente, com as demais partes do Planeta, no século XIX eram indispensáveis a fundação da fé definitiva, que infelizmente ainda não está consolidada, por falta de meios de propagação, que só apareceu, agora em 2004, com a Internet.

Era necessário o prévio conhecimento das diversas populações do Planeta Terra para se conhecer o plano geral da propagação da Doutrina Emanada do Grupo Ocidental, como teve chance o comunismo, uma doutrina inadequada ao ser humano.

As relações que se desenvolveram durante os 5 séculos até o século XIX da era revolucionária, foram pois tão indispensáveis como inevitáveis. Mas estas relações sentiram o caráter anárquico da era em que as viu surgir e desenvolver-se. Um proselitismo, empiricamente cego, quis estender ao resto do Planeta, uma Fé, que se extinguiu gradualmente, no seu principal foco. Tais tentativas devido a muitas vezes a honrosos sentimentos, apesar da estreiteza intelectual, que lhes servia de base, coincidiam com uma opressão e uma crescente exploração; e esta opressão, sendo bastante favorecida pela crescente anarquia das populações ou impotência das antigas doutrinas; e ausência de uma Fé; deixavam o campo livre, aos impulsos pessoais, isto é, à maximização do egoísmo.

O primeiro dever da Fé Positiva, é evidente que será, daqui para frente, regular estas relações, que estão abandonadas até hoje estando mais desprezível, pela ambição desmedida de riqueza; isto é, de cobiça.

Antes de expor o princípio desta política, que poderia ter sido proposta e aceita nos meados do século XIX, sobre tudo ao que se concerne à China; devemos primeiramente lembrar como foram estas relações, que existiram antes e durante o meados do Século XIX.

3.2A) Exame sumário das Relações do Ocidente com a China e do estado destas relações, nos meados do Século XIX. (1860 d.C.).

Os gregos e os romanos da antiguidade não tiveram da China, senão um conhecimento muito confuso; suas relações com ela, não foram em todo caso, senão indiretas. O mesmo aconteceu no período da Idade Média, em que principalmente os Muçulmanos serviam de intermediários entre o Ocidente e a Ásia ou Extremo Oriente; e os intermediários tinham, em ambos os casos, interesse em ocultar, os seus meios de comunicação, com estes longínquos países.

Entretanto algumas comunicações diretas tiveram lugar, e dentre elas podemos citar, as celebres viagens de Marco Polo. Esta viagem foi efetuada em 1271 a 1295, no período do reinado de Hou-pi-lie. O que podemos registrar neste trabalho da viagem de Marco Polo, extremamente importante, do ponto de vista da geografia da Idade Média. Um grande número de traduções em latim, foram feitas com base nos originais escritos provavelmente em dialeto veneziano. Posto que a descrição feita por Marco Polo, do imenso império Chinês, fosse a princípio recheado de fábulas, dando lugar, a que se suspeitasse da veracidade, deste notável viajante – conhecido no Ocidente como Marco o Milhão; foi pelo menos de uma alta importância. A lembrança de um grande império no Extremo Oriente permaneceu, como um objetivo de atingir as ativas investigações do Ocidente.

A partir do século XVI, as relações do Ocidente com a China, tomaram um grande impulso desenvolvimentista, com uma extrema intensidade, devido primeiramente as atividades das empresas de Cristóvão Colombo e Vasco da Gama, que adquiriram em uma situação favorável a este respeito, uma atividade sempre crescente. Os Ocidentais apareceram então na China, de forma passageira e acidentalmente; mas apareceram muito mais como ousados aventureiros, ladrões e trapaceiros de elevado nível de ambição. Esta impressão ficou marcada por muitos séculos, e foram codificados como “bárbaros”; que só foi contrabalançada pela admirável missão dos jesuítas; glória real desta eminente sociedade, que constitui a tentativa moral, para a instituição, das relações entre o Ocidente e as demais partes do Planeta Terra.

Além desta missão jesuíta ter ocorrido devido a motivos sociais e não a impulsos puramente pessoais, como todas as outras empresas; a sua execução foi realizada com um espírito sabiamente relativo, minimizando o espírito absoluto do teologismo cristão. Os jesuítas pensavam, como pensavam muitos espíritos Europeus, que o cristianismo era a última expressão da civilização humana, que por consequência, era um dever fazer com que todas e quaisquer outras populações do Planeta partissem dele.

As diversas missões cristãs foram realizadas sob o impulso desse verdadeiro motivo honroso, em si mesmo, por mais ilusória, que fosse a esperança do bom êxito. Mas a missão dos jesuítas na China, foi realizada com uma sagacidade especial, e além disso, com um pleno devotamento, que sempre merecerá o respeito dos homens sensatos, e por isso vamos registrar sumariamente:

Esta grande missão foi instituída pelo padre Mattheus Ricci (Matteu Ricci), nascido em Macerata, na fronteira de Ancône, na Itália em 1552; e falecido em 11 de maio de 1610 na China. Missionário jesuíta italiano que proporcionou aos chineses uma primeira visão do Ocidente e aos europeus uma detalhada descrição da China. Em 1597, Ricci foi nomeado diretor das atividades dos Jesuítas na China, onde pregou o Evangelho e ensinou artes aos estudantes chineses. Traduziu obras cristãs para o chinês e escreveu livros nesse idioma.

Ricci compreendeu desde de logo, a necessidade de atuar principalmente sobre os chefes, e principalmente sobre o Imperador. Renunciou as vestimentas de bonzos, que primeiramente havia utilizado, e fez com que os jesuítas adorassem o costume dos Letrados. Tem-se censurado tal conduta, que era no fundo bastante ajuizada, pois que procurava aproximar os jesuítas, da corporação verdadeiramente diretora da China; rompendo tanto quanto possível, toda a solidariedade, com que os padres budistas, mais ou menos desprezados, pela nata intelectual da população. Esta conduta foi necessária, devido a grande semelhança dogmática entre o catolicismo e o budismo. Ricci instituiu um sábio sistema de tolerância, para com o culto dos antepassados e o Céu, do mesmo modo que para o culto de Confúcio, que constituíam a base fundamental da civilização chinesa, nesta época.

Ele recomendou na época, que a civilização ocidental deveria propagar e ensinar os conhecimentos científicos abstratos, cujo desenvolvimento na China, era fraco, e que existia a este respeito uma profunda lacuna, nesta civilização.

Esta missão foi espontaneamente estabelecida, tanto quanto o permitia ao curto estado mental do dogma cristão, com os caracteres, que convém a toda missão sabiamente instituir, respeitar e apreciar a civilização que é preciso modificar os serviços prestados; preenchendo por uma propaganda devotada e pacífica, as lacunas que lhe são próprias.

A missão instituída por Mattheus Ricci desenvolveu-se durante os séculos XVII e XVIII, com os caracteres próprios da sua fundação. A missão prestou serviços reais à civilização chinesa transmitindo conhecimentos geográficos e astronômicos, através dos missionários; no entanto sem poder determinar à este respeito uma modificação suficientemente profunda, cuja instituição definitiva, só poderia vir a pertencer futuramente à Doutrina Positivista.

Os jesuítas foram sempre apreciados na China, enquanto lhe trouxeram os conhecimentos científicos do Ocidente.

O Imperador Kan-hi, por uma experiência gnomônica engenhosamente instituída, fez ressaltar a superioridade da ciência ocidental sobre a ciência chinesa. Desta forma os jesuítas, foram postos à testa do tribunal matemático; pode-se ver assim, que a China, não era absolutamente refratária a uma verdadeira propaganda da ciência ocidental; desde que esta soubesse convenientemente apreciar e respeitar a civilização do império celeste.

A missão dos jesuítas dividiu-se em dois períodos sucessivos; o primeiro do Século XVII e o segundo no Século XVIII, a que se poderia sumariamente designar sobre o nome de período Italiano e Francês, respectivamente. O primeiro é caracterizado pela fundação da missão, sob o impulso de Mattheus Ricci; e o segundo foi sobre tudo honrado, por grandes trabalhos de erudição do Padre Gaubil, que foi o seu mais eminente representante.

Além dos serviços prestados à China, os jesuítas prestaram ao Ocidente o importante serviço de fazer conhecer a grande civilização chinesa, por imensos trabalhos de erudição, que serão sempre, a base sobre a qual, repousarão as novas investigações.

De um outro lado, os jesuítas tiveram, a este respeito, a inapreciável vantagem de passar toda sua vida no meio da população que eles estudavam. Assim, evitaram essas superficiais apreciações muitas vezes caluniosas e sempre ridículas, pelas quais, os viajantes pretendiam julgar às pressas, uma civilização; da qual não podiam apreciar desde logo, senão os inconvenientes.

Devemos ao Padre Gaubil, uma história da astronomia chinesa, que só ele por uma rara combinação de profundos conhecimentos astronômicos e de um íntimo conhecimento do chinês, poderia ter realizado. É devido à ele uma tradução do Chou-king, o mais antigo e mais preciso livro sagrado da China; cujo conhecimento está para os próprios chineses recheado de dificuldades.

“O estilo com que está escrito o Chou-king, diz o Sr. Abel Rémusat, ressoando-se do tempo, em que o livro foi composto; o seu laconismo excessivo, a escolha das palavras que nele são empregadas, a espécie de figura que nele se encontra, fazem com que nenhum outro livro chinês, lhe possa ser comparado em dificuldades, e que se possa estar, em estado de ler todos os outros, mesmo os de Confúcio, sem entender uma só palavra deste. É de alguma sorte, uma outra língua, que difere mais do chinês moderno, do que este de qualquer outro idioma”.

O Padre Gaubil compôs um grande numero de outras obras, todas distintas, por uma erudição ao mesmo tempo profunda e segura.

O Padre Gaubil foi enviado à China em 1723, e ali faleceu em 24 de junho de 1759. Além de seus trabalhos de erudição e suas funções especiais de missionário, o padre Gaubil, sucedeu o Padre Parenin, como diretor do colégio em que os jovens de Manchúria, vinham estudar latim, para serem empregados, em atividades comerciais em negócios com os russos. Foi além disso interprete para o latim e para o tártaro.

Muitos outros missionários jesuítas souberam combinar os deveres de sua missão especial, com grandes trabalhos de erudição e importantes funções públicas; utilmente preenchidas com grande proveito da população que queriam converter.

Assim se desenvolveu por dois séculos, uma útil missão ao mesmo tempo para China e para o Ocidente.

Por mais sábio e respeitável que tenha sido, o sistema de tolerância para com o culto Confúcio e de seus antepassados, era antipático contudo a estreiteza dogmática do catolicismo, que os jesuítas haviam sabido sobrepujar, por nobre instinto político. O Abade Boileau, exclamando a propósito deste sistema de missão, disse: *“Meu entendimento de cristão, ficou transtornado”*, traduz ingenuamente a incompatibilidade do espírito relativo e de sua sábia tolerância com o dogmatismo absoluto próprio ao monoteísmo cristão. Também o papado, sob a excitação continua dos padres dominicanos fiel ao espírito do seu dogma, finalmente condenou o sistema de tolerância, introduzidos pelos jesuítas, e que só poderia permitir, não a conversão quimérica da China ao catolicismo, mas ao menos a sua admissão junto ao Budismo.

Nem por isso, esta grande missão dos jesuítas, deixa de constituir a única tentativa honesta e séria, até hoje, para modificar a civilização chinesa, no campo intelectual, que os levasse para os raciocínios intelectuais científicas e tecnológicos.

Nesta época, dos meados do século XIX, poderia se afirmar que no Ocidente nenhuma outra missão ultrapassaria certamente, do ponto de vista mental, apoiado em uma doutrina relativa e mais real; sobrepujaria a probidade o devotamento e a estrita modéstia, destes respeitáveis religiosos jesuítas. Era dever de reconhecimento, dar testemunho tão merecido de respeito, a esta nobre missão verdadeiro título de glória, da célebre campanha que a instituiu.

A partir do século XVIII, as relações comerciais do Ocidente com a China adquiriram mais extensão e importância; mas ao mesmo tempo, as disposições dos Ocidentais, em considerar a China, como mina a ser explorada, sem outros limites que não fossem os resultados da necessidade insuperável, também elevaram-se. Chegava-se a não crer a nenhuma espécie de obrigação moral, para com esta população: a utilizar somente a preponderância da força bruta; e o Ocidente vangloriava-se sobre tudo, contra as populações que já haviam chegado aos estágios industrial e pacífico, usando a sua enorme superioridade de seus meios de destruição. Tais disposições sobre tudo, manifestaram-se na vergonhosa guerra do ópio de 1842.

Uma expedição que tomou parte nesta violência, onde uma população foi envenenada, por um governo Ocidental; não é apenas desonra para a aristocracia e a burguesia Inglesa, que a instituiu, mas também para todo o Ocidente, que comungou calado e não protestou o suficiente, nem reagiu contra o abuso tão imoral desta força bruta.

Apesar dos vagos princípios econômicos, sobre a liberdade industrial, era certo ser dever de todo governo, impedir uma cultura e um comércio como o do ópio. Era agindo assim, que o Ocidente poderia ter mostrado à Ásia a superioridade de sua civilização, em vez de apresentar um espetáculo da força pública ao serviço da ganância do dinheiro, totalmente desregrada e sem moderação.

Assim as relações comerciais do Ocidente com a China tomaram um caráter cada dia mais anárquico, sobretudo pela proteção da opinião pública. Estas relações poderiam ter tido melhoras se recebessem desses governos do exterior, um tratamento sem abuso em vez de deixarem levar os seus impulsos, com apoio de uma opinião pública, que infelizmente favorece em muito as alienações. Porque, sobre a preponderância sobre tudo da escola dita progressiva, chegou-se no Ocidente a sistematizar a opressão e a exploração das outras Nações do Planeta, sob o pretexto de enganar uma civilização.

Formou-se nesta época, do meado do século XIX, em relação a China, devido a intensificação das atividades comerciais do Ocidente com ela, um conjunto de opiniões, que é necessário aqui ser registrado. Estas opiniões resumiram-se, em um sentimento, orgulhoso da preponderância da civilização Ocidental, com um cego desprezo a todas as outras civilizações quaisquer. Daí resultou a disposição para fazer prevalecer, por toda parte, e sobre tudo pela força, sob o nome vago de progresso, a anarquia mental e o

industrialismo desregrado que prevalecia e ainda prevalece, cada vez mais no Ocidente. Vamos registrar a este respeito duas citações por que emanam de espíritos certos e honestos. Estas citações mostraram que grau de aberração pode conduzir esta vaga noção de agora por diante, tão perigosa de *progresso*; que no fundo, não é mais que senão a glorificação sistemática, de um industrialismo anárquico.

Em um interessante trabalho sobre Budismo, o Sr. Barthelemy Saint-Hilaire, resume a opinião de um peregrino chinês, sobre a Índia e fala em seguida, de algumas apreciações que lhe são pessoais:

“O peregrino chinês, Hiouen-Thsang, que viveu no século VII d.C., indica em algumas linhas, a distinção das castas, e não se detém como ordinariamente se faz, senão as quatro principais, porque seria muito longo fazer conhecer as outras em detalhe. Analisa profundamente as leis do casamento entre Hindus, e tem bastante cuidado de acentuar o horror, que eles têm com as segundas núpcias da mulher. Desde que a mulher já casou uma vez, é-lhe expressamente proibido, até o final da vida, ter segundo esposo. Sabe-se que esta lei sancionada por uso inflexível, perpetuou-se até este momento (século VII d.C.) ; e ainda recentemente (século XIX) os jornais ingleses da Índia, nos deram conhecimento, como fato desusado, e como grande vitória da civilização, sobre preconceitos inveterados, que jovem viúva hindu, acabara de casar-se, em segundas núpcias. Isto é um progresso fabuloso, que as autoridades inglesas obtiveram após grandes esforços, e que elas estão tão orgulhosas, da mesma forma que ficou por terem abolido o costumes atroz dos Suttios” (Barthelemy de Saint-Hilaire, O Buddha e sua Religião, pagina 257)

Eis um costume que todos os homens sensatos de todos os tempos haviam com prazer respeitar.

Honrou-se em todos os países o estado de viúves, como um estado mais perfeito, do que os de segundas núpcias; sempre se criou haver qualquer coisa de digno, nesta fidelidade à morte. Os ocidentais chegam na Índia e verificam por sua conta, que o maior de todos os progressos era conseguir destruir, um uso honroso que por vários aspectos deveria ser respeitado. É um exemplo verdadeiramente característico, desta singular petulância do espírito ocidental; preconizar como progresso a violação de uma regra moral, que era preciso expandir em vez de restringir, principalmente por ser esta regra ou norma ou lei que não estava conforme o estado anárquico em que se encontrava a civilização ocidental no século XIX, e mesmo hoje no Século XXI.

Um ministro protestante reverendo Guilherme C. Milne publicou em meados do século XIX, em 1858, um interessante trabalho sobre a China – “A Vida Real na China”, onde podemos encontrar (pagina 509) as mais benevolentes intenções, em relação a um povo, que ele estudou profundamente e de perto; resumiu em algumas palavras, a maneira por que concebe com que o Ocidente poderia instruir cientificamente a China. E porque não a China vir civilizar o resto do mundo, com a sua sabedoria - altruísmo e com sua absorção das ciências, incluindo as ciências sociologia e moral

positivas e suas respectivas tecnologias; sem guerra; mas sendo respeitada por muitos bárbaros, por ser modernamente armada.

“Caso se possa conceber alguma esperança, em mudanças felizes, ela não se deve basear sobre uma agitação, mais ou menos organizada, mas sobre o fato de que um pensamento começa a circular no povo – opinião pública. Novas idéias foram infiltradas no espírito popular. Desde o estabelecimento das livres relações com os estrangeiros em 1842, “o condutor de homens” mostrou-se à China. O espírito de confiança, em si mesmo, tão manifesto nas últimas insurreições, começou a tomar no povo, um tom mais elevado. Semelhantes agitações, como as tempestades e os furacões, purificam a atmosfera. Comoções tão graves da natureza excitam o pensamento e as tentações; ensinam ao povo agir por si mesmo, a destruir as migalhas fosseis dos preconceitos, da beatice e da superstição. Cada abalo na Nação, revela o trabalho deste vasto laboratório, onde se preparam os novos e inesperados resultados. Não podemos nos impedir de crer, que todas as ondulações morais do solo da China chegarão a produzir alguma coisa de bom. É assim, que todo o nosso globo, depois que as terríveis convulsões da natureza, tiverem varrido a superfície, acabando de mostrar uma forma que o próprio soberano Criador dignou-se achar satisfatória”.

Em primeiro lugar, notemos de passagem, como é singular, ouvir um ministro de uma religião cristã, falar de superstição e de beatice, em se tratando de uma civilização completamente desprendida de crenças sobrenaturais, como é até hoje a civilização.

Mas na realidade quais eram os objetivos que os Ocidentais desejavam transmitir e transportar para China, nesta época do Século XIX?

Era, a mesma que a de hoje, de forma mais bárbara; isto é, um estado de completa anarquia, de onde esperasse surgir uma regeneração, que não se fixa nem o espírito, nem as condições, nem a natureza. Isto foi tanto mais característico, que esta deplorável revolucionária linguagem, confusa e inteligível que emanava da ordem de um homem, que era ministro de uma religião pacífica, que não traduz melhor senão involuntariamente esta disposição, cada vez mais preponderante do Ocidente, a considerar toda esta vaga agitação, como sendo um progresso.

Assim em resumo, o Ocidente desenvolveu com a China indispensáveis relações comerciais, mas levou para ela uma disposição verdadeiramente anárquica e opressiva, pela chamada contínua da Opinião Pública, afim de favorecer em vez de restringir, os mais condenáveis excessos da avidez pela ganância do dinheiro e ou de bens materiais.

Quantos aqueles que realmente desejavam as melhorias científicas e tecnológicas da China, por seus contatos com o Ocidente, infelizmente só trouxeram preconceitos, os mais ridículos na apreciação de uma civilização, que desconheciam completamente; e não concebem no fundo, senão anarquia indeterminada, como condição de civilização do imenso império asiático; bem entendido, com honrosas exceção a uma tal apreciação geral, emanadas sobre tudo de hábeis sinólogos,

devotados ao estado desta grande civilização. Após as assinaladas considerações gerais de Abel Rémusat, podemos citar os interessantes trabalhos dos Srs. G. Pauthier e d'Hervey Saint-Denis; deve-se a este último uma apreciação muito judiciosa da questão chinesa, pelo enfoque de sua época. Consulte seu opúsculo, intitulado: *A China Perante a Europa*.

Aplicam até hoje a noção vaga de Progresso, doravante o mais comum sinônimo de anarquia, que cada vez mais se torna, uma espécie de formula banal, com a qual se justificavam e se justificam até hoje, por tentativas econômicas e psicológicas, o gerar das mais absurdas conturbações para a Ordem.

Nesta época, em 1860, Pierre Laffitte, discípulo direto de Augusto Comte, pregava que se estabelecesse os princípios mais racionais e morais para regular ou disciplinar as espontâneas relações surgidas das atividades desordenadas do Ocidente; não só para com a China, mas para com relação a qualquer Nação do Planeta Terra entre si; para desacelerar os ruídos ou evitar os futuros conflitos que delineavam surgir, se permanecesse estes tipos de comportamentos de progresso anárquico e ordem retrógrada; como vem ocorrendo hoje em dia, tendo como comando os USA, e não mais os países Europeus.

3.3A) Dos princípios gerais, segundo os quais, deveriam ter sido reguladas as relações do Ocidente com a China, nos meados do Século XIX.(1860 d.C.)

Já nesta época nos meados do Século XIX, surgiam as preocupações devido a estas aberrações sociais e morais, e apareciam intelectuais sociais, como Pierre Laffitte, indicando de forma sucinta quais eram os princípios fundamentais, segundo os quais, deviam ser reguladas as relações entre o Ocidente e o resto do Planeta; e a que segundo Pierre Laffitte, devia-se precisar a aplicação destas considerações ao caso especial da CHINA; naquela época. O Positivismo sempre esteve ao lado das Condições Morais do Povo Chinês.

O passado desenvolveu no ocidente, as forças humanas sob todos os seus diversos aspectos. Essa longa e laboriosa preparação estão de a muito terminada. O estado normal deve regular as forças que o passado desenvolveu. Era essa diretriz que institui a Doutrina Demonstrada, isto é, a Doutrina Positivista ou Doutrina da Humanidade. Para todos os verdadeiros regenerados, este regulamento devia imediatamente ter começado para todos os diversos aspectos da vida privada. Mas no ponto de vista social, as

mais gerais relações; isto é, de um povo para com o outro; tendo sido as primeiras que foram perturbadas, serem as inicialmente regradas, pelo menos, no seu conjunto. Estas relações gerais, perturbadas desde do início do século XIV, são aquelas que estão ligadas aos hábitos das relações extra - Ocidentais, e ao mesmo tempo, menos intensos e menos numerosos. Era na regulamentação, que o POSITIVISMO poderia e poderá mostrar, de início, sua superioridade; porque somente ele, pode as conceber ao abrigo concomitante, de uma difamação ou de uma sistemática admiração, e porque vem finalmente regulá-las moralmente fora de tudo que é arbitrário, segundo princípios fundamentados, sobre o próprio conjunto de nossos conhecimentos abstratos.

A Doutrina Positivista ou Doutrina da Humanidade ou Doutrina Universal, que apresenta a utópica solução final de fazer prevalecer a personalidade subordinada à Sociabilidade; isto é, o egoísmo subordinado ao Altruísmo, em todos os aspectos, quaisquer que sejam nossa existência, onde finalmente seja estabelecido os princípios deste regimen; conhecido como Regimen Sociocrático, para o estado normal; e **Societocrático** para uma fase intermediária entre o Democrático, que é metafísico e o Sociocrático, que é plenamente científico ou positivo.

Vamos primeiramente examinar quais foram no Ocidente, as “forças” sobre que já poderiam ter apoiado o Positivismo, para constituir uma opinião pública, que faria prevalecer os princípios gerais da **Moral Demonstrada**, contra as “forças” perturbadoras que favoreciam nesta época, do Século XIX o estado revolucionário.

As forças que o Positivismo deveria e poderia ter chamado, para apoiar, com sua livre opinião, com as prescrições da Moral Demonstrada, seriam e são essencialmente as Mulheres Altruístas, não feministas e os Proletários Sindicalizados, com Cultura Científica.

O Positivismo estabelece em princípio, que a Moral é uma; e que suas prescrições devem ser aplicadas a todas e quaisquer relações, mesmo as entre os homens e os animais, menos racionais, o que de resto, o instinto prático fez espontaneamente admitir no Ocidente. Duas classes são naturalmente dispostas, fora de toda convicção dogmática, em virtude de sua natureza e situação, a admitir e a sancionar esse grande princípio; são as Mulheres e os Proletários. Porque estas duas classes sofrem necessariamente do desregramento das forças humanas; desregramento que sempre deriva seja dos teóricos, seja dos práticos, que pela única razão de constituírem as “forças” dirigentes, tendem sempre necessariamente à abusar. Mesmo o caráter de toda verdadeira força é poder abusar.

As Mulheres tendem necessariamente a apoiar todo regulamento moral por uma disposição nobre e pura que pertence à sua superioridade Moral, natural; é pois em virtude de sua melhor natureza intrínseca Altruísta, bem mais do que de sua situação, que são naturalmente inclinadas a sancionar todas as prescrições morais. Assim na Inglaterra, no século XIX, onde as relações extra-Occidentais ou ditas Colônias, que receberam o mais anárquico desenvolvimento, onde as damas inglesas deram total apoio de sua opinião, na abolição da escravidão dos negros nas suas referidas colônias. Este admirável exemplo mostra o que pode adquirir de poderio, este nobre espontâneo sustentáculo de todo regulamento Moral. No entanto é bom lembrar que a Educação é feita por exemplos, que ela no capitalismo democrático, ao passarem competir com o homem, podem herdar muito dos erros e defeitos do homem.

Da parte do Proletariado, o apoio será menos espontâneo e mais sistemático, porque brota ou deriva principalmente da situação dos indivíduos, do que de suas próprias naturezas. Todas as perturbações devido a ação da ocorrência dos fenômenos sociais, reage necessariamente e sobre tudo sobre a imensa massa proletária, que constitui a própria base de nossas sociedades. Por isso, existe uma íntima solidariedade entre qualquer regulamento; e aqueles que solicitam o regulamento moral, das relações entre os patronais e os trabalhadores, não podendo sancionar o domínio anárquico das “forças” das relações do Ocidente, com as demais nações do planeta Terra; e reciprocamente aqueles que objetivam um lucro e os havidos por dinheiro ou por bens materiais, acrescidos de orgulho e vaidade, sancionam o domínio opressivo do Ocidente, e que serão pois capazes, de vir solicitar à seus chefes, uma manifestação administrativa, para melhorar as suas forças sociais, de forma de Poderio ou Riqueza, ou ambos.

Pois é sobre estas duas grandes Classes que o Positivismo vem solicitar, mesmo fora de toda a convicção dogmática para sancionar ativamente as prescrições da moral universal, em suas relações, as mais gerais da Humanidade.

São as Mulheres e os Proletários, guiados pelas mais irrecusáveis demonstrações da Doutrina Positivista, para formar no Ocidente uma opinião pública preponderante, que ponha um freio, às forças perturbadoras, que têm aproveitado o interregno revolucionário, para empregar a opinião pública ao serviço do egoísmo, de cobiça privado.

É desta forma que devemos continuar gradativamente a elaborar uma corrente de opinião, que deva modificar os elementos

perturbadores, essencialmente emanados da burguesia, que produzem com muita frequência a perturbação e a opressão, das outras populações planetárias. **E que agora em 2004, devido a esta globalização espalhou a burguesia como epidemia, para todos os cantos do mundo, gerando uma grande praga.**

Mas é certo, que esta opinião, deverá finalmente encontrar um eficaz ponto de apoio, nos governos onde venha operar a **Pronunciadura Republicana**, acompanhada de uma Constituição Política Republicana Societocrática Trabalhista/Capitalista e Federativa, sem a qual não será possível governar, para o Bem Social e Moral do Povo.

Devido a esta ação desordenada das ditas populações avançadas cientificamente, mas de alto grau de atraso no que se refere ao cumprimento das Leis Naturais da Ciência Moral Positiva, que se lançaram em direção à Ásia, tendiam e tendem a desenvolver no Ocidente, a noção anárquica de progresso, que serve de justificativa antecipada, à toda e qualquer perturbação.

A noção de progresso, não representa mais no Ocidente, se não um desenvolvimento sem freio e sem limites. Trata-se tanto hoje, quanto ontem, de produzir muito e consumir ainda mais; eis o essencial. Se aparecesse uma modificação qualquer; sobretudo material e profundamente perturbadora, encontra-se logo uma justificativa; é o progresso! E não o PROGRESSO.

A noção de progresso, sempre foi após o século XVIII, uma espécie de justificativa automática e estúpida, de todo o acontecimento, contanto que perturbe uma situação existente.

Se desejarmos conservar um estado de coisas existentes, na ciência, na indústria e na política, somos considerados retrógrados; mas se desejarmos perturbar uma determinada ordem, somos considerados progressistas. A preponderância crescente de uma tal situação torna-se cada vez mais perigosa. É em nome de tal princípio, que as tentativas das mais anárquicas, em ciência, em moral e em política, são continuamente tentadas, ou pelo menos concebidas.

Caso um espírito incompetente, sem preencher nenhuma análise de condição preliminar venha atacar os princípios mais incontestáveis da ciência, em vez do justo desprezo que merece tais esforços; emanados sempre de uma vaidade indisciplinada, aliada habitualmente a uma profunda debilidade mental; um público mais incompetente aplaude, em nome do progresso.

Essa palavra, Progresso, constitui ainda hoje, uma espécie de explicação mística, que dispensa toda a reflexão.

Passado, Presente e Futuro, tudo é explicado por essa maravilhosa palavra – Progresso.

Foi assim que se estabeleceu um dogmatismo banal e tão imoral quanto absurdo.

Há necessidade de se reagir a este estado de improbidade moral, que gera uma noção perigosa que tende a comprometer a existência de toda e qualquer Ordem. ***O Progresso não é mais do que o desenvolvimento da Ordem. O progresso Moral é mais importante que o Progresso material e Intelectual:*** tais são estes dois grandes princípios estabelecidos por Augusto Comte; e segundo os quais as inteligências ocidentais, já deveriam ter sido finalmente levadas à situação normal, de que tendem cada vez mais a se afastar. ***É necessário subordinar o progresso à ordem; e enfim proclamar a supremacia do progresso moral:*** tais são duas das conclusões essenciais, resultantes da imensa elaboração mental, que caracteriza o Positivismo; mas o bom senso universal sancionará, cada vez mais estes princípios, cujo estabelecimento sistemático exigirá as mais poderosas meditações. As Mulheres e os Proletários sentirão o profundo perigo do progresso concebido independentemente da ordem; os imensos inconvenientes da supremacia do progresso material, sobre todos os outros.

Também é possível se esperar, que os Governos Ocidentais que devem absorver a manutenção da Ordem Material, a mais difícil no meio da crescente anarquia mental e moral; e que compreenderão a solidariedade que liga a Ordem Material à Ordem Moral. Cedo compreenderão o perigo que há em desenvolver, por uma ação perturbadora sobre a Ásia; a noção perturbadora de progresso, próprio ao Ocidente. E mesmo que fosse verdadeiramente útil a intervenção exterior ao Oriente ou Ásia, a desmoralização que resultou e resultaria incontestavelmente, para os Ocidentais, fariam ocorrer o afastamento, limitando ambos os lados, a simples relações comerciais, livremente desejadas pelas duas partes.

Seria necessário que a opinião pública, fosse concebida como destinada a regular e muitas vezes a refrear, em vez de cegamente favorecer as relações do Ocidente com o Oriente ou Ásia, no século XIX. É neste sentido que deveriam ter sido alteradas as opiniões das populações e dos governos.

É preciso notar que é primordialmente da burguesia, que emanam estes elementos de perturbações; e principalmente dos governos parlamentaristas que sobre tudo favorecem e protegem, uma determinada política, defendendo órgãos de uma determinada classe. Também era na Inglaterra, no século XIX que esta política externa tem tido um completo desenvolvimento. Graças a este regimen parlamentar, uma grande parte da burguesia, fez e faz servir uma altiva aristocracia, à favorecer e dirigir expedições militares, com o objetivo de abrir, por todos os meios, corredores comerciais. Este sistema político, que ainda hoje (2004) é utilizado pelos ocidentais, principalmente pelos USA, no último caso, com a Guerra do Iraque, camuflada como guerra contra o terrorismo; mas na verdade é guerra de sustentação do Petróleo – escoamento da produção de petróleo para garantir as necessidades dos USA; provoca o desregramento das forças industriais, além de impelir a desmoralização do proletariado, procurando ligá-lo a uma frutífera explosão do resto do planeta. Esta política sempre teve o apoio do jornalismo, que nada mais é, do que complemento necessário, do regimen parlamentar. Já no século XIX, foi possível notar que os mais sérios órgãos do jornalismo inglês, incitavam ao sistemático massacre dos Hindus, ao inventar as mais monstruosas calúnias para atingir tal calamidade; o mesmo se passa agora, em 2003, com a mentira do Presidente George Bush dos USA e o Primeiro Ministro da Inglaterra Tony Blair, a respeito de que o regimen de Saddam Hussein, tinha arsenais de armas químicas e biológicas; bem como programas iraquianos para desenvolver armas nucleares etc. isto tudo para justificar as suas ações egoístas, e preparar a opinião publica mundial, para ficar aliado dos USA. A técnica é velha. No entanto não sou a favor da ditadura retrógrada e tirânica do Sr. Saddam Hussein, que deveria ser eliminada, mas de forma mais amena.

Contra as manifestações sanguinárias, que ocorreram devido a política externa da Inglaterra no século XIX, muitos admiráveis protestos ocorreram; mas o conjunto do jornalismo ocidental, na época, não protestou em absoluto, contra tão censuráveis excessos. No caso Iraque, em 2003, toda reconstrução será financiada pelo FMI, e o Iraque ficará responsável pelo pagamento da reconstrução; ditada e imposta pelo Império Americano.

Pois é, sobre a Opinião Pública, cujo governos sobretudo ditatoriais do ocidente, ou democráticos de fachada, que devemos encontrar um enérgico ponto de apoio, para reagir, por conhecimento e persuasão, contra a política externa destes governos, hoje representados pelo Grupo dos 8 e liderados pelo Imperialismo dos USA.

Com relação a China do século XIX, era primeiramente preciso que a opinião pública mudasse profundamente seu ponto de vista. Era necessário que houvesse, a pesar de estúpidos preconceitos, uma civilização respeitável cujas condições de existência era preciso conhecer antes de procurar modificá-la. Mas por que modificá-la? Ela desejava ser modificada? Foi feito algum plebiscito? Também era necessário enfim reconhecer, que nesta época o Ocidente devia tender, ele mesmo, a sair de uma situação revolucionária, para chegar a uma situação verdadeiramente normal, antes de procurar modificar outras civilizações; modificações que em virtude do seu caráter indeterminado, só poderiam e podem ser perturbadoras, para as populações em que agiam, e desmoralizadora, para quem age.

A civilização chinesa, no século XIX desenvolveu-se gradualmente, em determinada direção, durante mais de 4500 anos: presidia a metade da espécie humana, que fazia viver convenientemente, em uma situação de respeito, que ficava muito acima da vividas pelos proletários do ocidente. Esta civilização realmente organizada, solidamente assentada, sobre uma admirável constituição familiar, oferecia um espetáculo, onde o superficial orgulho, revolucionário do Ocidente, podia ter se alimentado de úteis lições. Colocados em ponto de vista normal, os chineses concebiam que todo o desenvolvimento social devia aceitar a continuidade; e que o presente, nascido do passado para preparar o futuro, deve primeiro respeitá-lo e honra-lo, em vez de amaldiçoá-lo e desconhecê-lo, de acordo com a sua ingratidão, tão imoral, quanto absurda.

Cabe aqui lembrar que o Grande Império Chinês, no século XVIII, subordinou as populações tártaras, as ligou a um núcleo civilizador; a China preencheu assim, uma função evolutiva, em melhores condições que as pretensões russas, da época.

Esta grande civilização chinesa fazia viver em um regimen pacífico, nesta época, onde mais da metade da espécie humana ali residia.

O Inglês, J.F. Davis, antigo Presidente da Companhia das Índias na China, no século XIX, deixou registrado seu testemunho, que durante a sua viagem na China, desta época, ele não viu exceto em Cantão; onde já havia influência de Ocidentais, os brutos portugueses, senão muitos poucos exemplos de uma miséria, entre as classes baixas; ou de um luxo extravagante entre as classes mais elevadas.

O Senhor J.F. Davis cita que, um determinado chinês, Tien-Ki-chi, manifestou seu orgulho, de ter nascido na China, e disse: “Seguramente, no país cujo os habitantes se exprimem assim, não poderá ter sido governado por péssimos estadistas. Um outro fato mais notório, é a máxima popular que os chineses citavam freqüentemente: “ O Imperador e o súditos, que violam a lei, são tão culpados, um como o outro” . Davis, assim complementou: “ A exceção é característica, e vê-se nitidamente os desastrosos efeitos, até aqui, dos contatos europeus.”

A civilização chinesa, desta época do século XIX, sem opor a uma ação renovadora, outra resistência verdadeira seria senão, a que resultasse de uma justa confiança, contra a forma, realmente anárquica, que apresentava e apresenta até hoje, a civilização Ocidental.

Apesar do Ocidente possuir em si, um desenvolvimento das forças sociais que lhe confere definitivamente a suprema iniciativa; não é menos verdade, que suas forças não regulamentadas, constituem um profundo estado anárquico, cuja ação sobre a China seria necessariamente funesta; como vão ser demonstradas as ações de hoje em dia, por esta Globalização, em que vivemos no século XXI.

A sugestão era e ainda deveria ser, que o Ocidente resolvesse primeiramente o problema de sua organização normal; até lá, os dirigentes da civilização chinesa, não poderiam senão contemplar, com mais repulsa, do que com simpatia, uma agitação cada vez mais convulsiva, e cuja reação não poderia ser senão perturbadora. O Senhor Davis, mantinha uma amizade com um chinês, que manifestou-se em conhecer Paris; quando lá chegou manifestou encantamento pelas descobertas científicas modernas, como a fotografia, a galvanoplastia, as maravilhas da eletricidade, e etc. . Mas não invejava em absoluto, senão o resultados positivos das atividades científicas, mas no entanto o lado Moral do conjunto social dos Europeus, estava longe de impressioná-lo favoravelmente. Reconhecia realmente a superioridade das iniciativas intelectuais ocidentais, no entanto dizia:

“Os olhos de vossa inteligência, são mais penetrantes, que os nossos, mas olhais para tão longe, que não vedes em redor”.

“Tens um espírito ousado., que deve fazer-vos vencer em muitas coisas, mas não tens bastante respeito, pelo que merece ser respeitado. Esta agitação perpétua, (do teu turbilhão capitalismo) na qual viveis; esta necessidade constante de distração, indicam claramente que não sois felizes”

“No meio dos seus, está-se sempre como se estivesse em viagem; no nosso meio, ama-se repousar. Quanto aos vossos governos, quero crer que eles têm lados bons; mas se eles nos conviessem tão bem, como nos convém os nossos, não mudariam tão freqüentemente. Estou bem certo, em encontrar em meu país, as instituições que lá deixei, e não vejo um dentre vós, que me garanta somente por dois anos, a solidez do seu governo de hoje” – A China perante a Europa, pelo marques d’Hervey Saint-Denis.

Mas o que ocorria, era que os ocidentais transferiam os seus desprêzos e falta de respeito, por todas as autoridades chinesas; levando a estrutura da família ocidental, que já estava em decomposição; onde o justo respeito, pelo pátrio poder, já tinha tornado uma exceção; conflitando com o cerne da civilização chinesa, que era fortemente assentada, sobre admirável constituição de organização de base Familiar. Concebeu-se assim, a justa repulsa, deste povo contra contatos mais íntimos com os Ocidentais; a análise científica mais profunda e a mais exata devia e deve sancionar ao mesmo tempo proclamar em nome de tanta razão, quanto da moral, a necessidade de restringir, em vez de expandir tais contatos.

Caso pudéssemos ter regenerado o Ocidente, no Século XIX, ele teria tido condição de exercer, mais tarde, provavelmente neste meados do Século XX, algo que viesse levar uma ação pacífica, tão salutar quanto profunda, sobre esta grande civilização, que é a chinesa, para fundar o estado normal, da espécie humana, sobre o Planeta Terra.

Mas devido a estas bruscas mudanças ocorridas nos séculos XX, tenho certeza que a ação vai partir da China, e não mais do Ocidente, para educar com base no altruísmo, o próprio ocidente e o resto mundo. Assim acho que devemos indicar as lacunas próprias a esta civilização que as revoluções por que passou a China, fez cessar em grande parte estas lacunas, bem como as lacunas e chagas que devem ser sanadas no espírito Ocidental, para constituir enfim uma evolução para a Humanidade, de forma pacífica e harmônica.

No caso da China, no século XIX, a lacuna principal era do ponto de vista mental ou intelectual, isto é, a ausência da instituição social de saber por em prática, isto é, operacionalizar a abstração científica. A observação concreta e a ciência concreta surgiram e largamente desenvolveram na China, mas não a observação e a ciência abstrata. Daí a ausência de suficiente generalidade e impossibilidade de uma verdadeira sistematização mental, neste

período. A generalidade como a sistematização, não podem resultar senão da Abstração Científica.

Mas a constituição mental da China fornecerá como já indicamos, um ponto de partida admirável, para fazer admitir pelas diretrizes inteligentes, a vasta construção abstrata, glória do Ocidente e base de sua supremacia científica final. E isto, só poderá acontecer porque a coordenação das ciências, na sua cadeia enciclopédica, encontra a sua meta final, na ciência Moral Positiva, ou Ciência da Construção ou Psicologia Científica, segundo a incomparável sistematização de Augusto Comte. Nós os positivistas, conhecedores desta doutrina criada por Augusto Comte, admitimos da mesma forma como os pensadores chineses, que a moral deve dominar ao mesmo tempo, a evolução teórica, como a evolução da atividade prática. Mas segundo este princípio, podemos rapidamente compreender, que no ponto de vista teórico, como no ponto de vista prático, uma eficaz constituição da moral; exige precisamente uma longa preparação abstrata que vá por escala sucessivas, da matemática à moral. (matemática, astronomia, física, biologia, Sociologia Positiva e Moral Positiva).

Porque as Leis Naturais da Ciência Moral são as que instituem o [governo](#) da natureza individual humana, que podem ter os seus parâmetros para expressarem o resultado de uma ação de forma pacífica (altruísta) ou guerreira (egoísta). Ora, o conhecimento da natureza humana repousa necessariamente, para ser verdadeiramente profunda, sobre o conhecimento das leis reais dos diversos fenômenos que influem sobre [ele](#). Como conhecer o Homem sem conhecer as leis estáticas e dinâmicas dos fenômenos sociais; e esses fenômenos como aprecia-los sem conhecer as leis da vida, pela biologia; que depende por sua vez dos fenômenos químicos; como esses dos fenômenos físicos, que se processam sob a influencia dos fenômenos astronômicos e finalmente matemáticos.

Mas se o conhecimento abstrato das leis dos diversos fenômenos distintos é indispensável a uma sã teoria da natureza humana, ela também é a instituição de seu governo. Porque a modificabilidade, depende tanto quanto da sistematização do conhecimento das Leis Abstratas.

Assim, a constituição intelectual da civilização chinesa, apesar de sua imensa lacuna intelectual científica, apresenta todavia um ponto de partida suficiente para que o [“Ocidente Regenerado” o que é uma difícil utopia, partir da própria alteração no Ocidente, a este respeito](#), possa na China determinar modificações tão salutares quanto profundas. Esta visão científica positivista era a solução indicada proposta por Pierre Laffitte, em 1860; no entanto o

panorama mudou tanto devido aos grandes conflitos mundiais e dentro da própria China, que esta China de hoje, devido estar aprendendo sanar esta lacuna da ciência, pela imposição ocidental, via indústria e comércio, pelo capitalismo, que é altamente egoísta, está ainda em condições de poder ensinar ao Anárquico Ocidente o caminho da subordinação da personalidade à sociabilidade, para que este Ocidente, venha acatar a subordinação do egoísmo pelo Altruísmo; pois estes sentimentos altruístas estão enraizados no povo chinês e chocam violentamente até hoje com esta globalização e este capitalismo democrático, imposto pelo Imperialismo Ocidental. Hoje na China menos de 20 % é capitalista. E os 80% ficam na pobreza ou na miséria ? Por onde anda o Social? Pelo Positivismo existe solução pacífica e científica. É utópica, mas não é quimérica.

No ponto de vista da Família, o Ocidente tem quanto as relações filiais e paternas, muito mais à aprender que ensinar. Mesmo com todo o esforço que o comunismo russo, provocou na China, com a tentativa de destruir as estruturas familiares chinesas. Aceitando sobre este aspecto, uma constituição verdadeiramente orgânica, os ocidentais não terão senão, que sistematizá-la. As relações conjugais, até a época do Século XIX, devido ao incompleto desenvolvimento militar, próprio da China, que as manteve em um mestrado imperfeito. Mas a este respeito, e em nome do aperfeiçoamento universal, admitido pela escola de Confúcio, como a meta final da existência humana, já se pensava em fazer existir uma plena monogamia; monogamia expandida até a viuvez eterna. Hoje a Mulher chinesa está com um grau de liberdade e responsabilidade ao nível de em certas classes sociais, vir a competir com o homem. Isto já é malévolos. Herança da anarquia ocidental. O respeito universal que havia para com a viuvez eterna, poderia ter facilitado tal transformação.

Do ponto de vista social, os chineses chegaram com maior plenitude que o Ocidente, ao estado verdadeiramente normal – isto ao analisarmos a sociedade chinesa, nos meados do século XIX, isto é, ao regime industrial e pacífico, onde podemos verificar que a ação militar ficou reduzida a função normal de polícia.

Mas a divisão entre Patronais e Proletários, base necessária a toda sistematização industrial, não se desenvolveu na China, senão de uma maneira radicalmente insuficiente, sobretudo para a agricultura, onde dominava ou domina o minifúndio; de sorte que a constituição normal do estado industrial e pacífico só pôde surgir no oriente.

Do outro lado, a ausência da ciência abstrata, não permitiu a China, o estabelecimento de grandes indústrias, durante o Século

XIX e parte do século XX; devido ao emprego das máquinas; de tal sorte que a lacuna mental científica da civilização chinesa, constituiu uma profunda lacuna tecnológica - material deste período, isto é, do século XIX.

Ainda sobre este aspecto da sistematização industrial, que necessariamente repousa sobre a divisão entre Patronais e Proletários; bem como o emprego conexo das máquinas, realmente só poderia ter surgido primeiramente no ocidente, sob o impulso da ciência regenerada ou abstrata, chegando enfim ao estado religioso. Mas esta sistematização, uma vez surgida poderia ser gradativamente admitida em outra civilização, que reconhece o princípio fundamental da vida industrial e pacífica. É o que está ocorrendo agora, nos séculos XX e XXI, de forma retrógrada e anárquica. É evidente que toda a tentativa prematura de transportar para China, os costumes ocidentais, de uma vasta concentração de capitais; e de um emprego desenvolvido pela máquinas, não teria outro efeito, senão produzir apavorantes perturbações.

Vejam a Atitude Altruísta dos Chineses; isto é, o que o Ocidente deveria ter aprendido a mais tempo. Não destruam as mini-atividades-familiares. Esta teoria da economia de escala, só vai trazer competição para os Patronais ricos e a desgraça com o desemprego para os pobres Proletários.

"Todas as medidas capazes de contribuir para a manutenção da ordem e da tranquilidade geral são tomadas, com uma solicitude verdadeiramente admirável. A verdade é que existe entre os chineses, uma atividade infatigável, que os assimila de uma maneira natural, às nações, as mais científicas intelectualmente falando, do ocidente; poder-se-á achar nossa asserção bastante estranha, mas não cremos absolutamente dizer, que para tudo quanto entra na comunicações das comunidades industriais e bem organizadas; há infinitamente menos diferença entre eles e os Ingleses, os franceses e os americanos; do que estes povos e os habitantes da Espanha e Portugal. Veremos com que arte e com que garbo os chineses souberam tirar partido das forças dos diversos elementos; ignoravam é verdade, o poder do vapor... a primeira idéia que impressiona um chinês inteligente, é a dos males que poderiam cair sobre seu país; caso determinado sistema, de que ele consideraria a importação, como verdadeiro flagelo, viesse a ser inopinadamente introduzido" (Da China, por J. F. Davis)

De resto, o espetáculo de nossa anarquia industrial, não pode seduzir os Estadistas da China, para impeli-los a uma introdução prematura e fatal.

Em resumo, já dizia Pierre Laffitte, em 1860, respeitemos esta grande e nobre civilização. Compreendamos enfim que se ela apresenta incontestáveis lacunas científicas, não se pode procurar preenche-las, senão, partindo de um aprofundado conhecimento da sociedade correspondente. Seu estado atual – Século XIX, resultado de todo o seu passado, deve ser tomado como um ponto de partida, de uma modificação sistemática e gradual.

Por sugestão do Positivista Pierre Laffitte, naquela época, indicando que o próprio ocidente, deveria sair do seu estado de anarquia, ficando assim regenerado, atingindo ao menos no conjunto, o estado normal, antes de tentar uma ação profunda sobre a China. Compreendamos enfim, dizia ele, caso nossos esforços para agir violentamente, sobre este grande povo, não poderem ser senão perturbadores para eles e desmoralizadores para nós, do ocidente.

Respeitemos a evolução espontânea desta grande civilização; e nos livres contatos emanados das relações comerciais, saibamos nos desembaraçar de preconceitos verdadeiramente pueril, e compreender os nobres aspectos de uma organização que rege, convenientemente a metade da nossa espécie. E trazendo assim às nossas apreciações, uma disposição moral e racional que as relações comerciais, atualmente constituídas poderão espontaneamente preparar, por uma livre e voluntária adesão, a ação que o Ocidente regenerado poderá ser digno de exercer.

Pierre Laffitte, sonhou de mais, fora das condições utópicas, pois o Ocidente ainda está numa fase altamente barbara, para que esta suas hipóteses possam ocorrer. O mais provável será agora, ao contrário, a China vir por persuasão e conhecimentos Morais, reduzir o Império Egoísta dos Ocidentais, e transformar o Ocidente, pelo Amor por Princípio; a Ordem por Base e o Progresso por objetivo – Vivendo para Outrém – e Vivendo às Claras; em um Regimen Científico, Industrial. Pacífico e Altruísta, uma reforma SOCIAL E MORAL, PARA TODO O PLANETA TERRA, liderada pela China, através da UNESCO, por meio da ONU. Pois que somente por uma Globalização de cunho Econômico, via FMI, jamais atingiremos um estágio de Fraternização Global.

4) Os Imigrantes Chineses, que Viveram na Cidade de Bananal, onde resido, Estado de São Paulo, no Século XIX, e que deixaram aqui seus descendentes.

- Para pesquisar em Bananal, devem procurar os Livros dos Senhores:
 1. Dr. Aires Araújo de Azevedo – Relatório Parcial dos Estudos Econométricos e Sociais em Bananal, Estado de São Paulo – Edição dos Serviços de Informações Agrícolas do Ministério da Cultura ; Editora José Olímpio.
 2. Dr. Embaixador L. A . Nogueira Porto – **Bananal no Império** - 1994.
 3. Prof. Agostinho Ramos – **Pequena História de Bananal** –1975 – Instituto Histórico geográfico do Estado de São Paulo.

4. **Bananal Cidade Histórica Berço do Café.** – Maria Aparecida Rezende Gouveia de Freitas – 1981 – Editora Massano Ohno Roswitha Kenpf – São Paulo.
5. **Um Centenário – Bananal 1849 à 1949** – Alcides Pereira Peixoto – 1949.
6. **O Caminha Novo** : Povoadores do Bananal – Píndaro de Carvalho Rodrigues – 1980 – Governo do Estado de São Paulo.
7. **Resgate Uma Janela para o Oitocentos** – Coletânea de Hebe Maria Mattos de Castro e Eduardo Schnoor – Editora TOPBOOKS – EDITORA e DISTRIBUIDORA de LIVROS LTDA. 1995
8. Procurar os descendentes, que pouco traços possuem; e uma família que saiu de Bananal em +- 1950, e foi parar em Guaratinguetá - SP, montando uma padaria. Agora além de estarem espalhados por todo o Território Nacional, encontramos mais pertos em Mogi das Cruzes criando cogumelos e na Capital principalmente no Comércio. Em Barra Mansa encontramos algumas famílias no comércio.
9. Almanaque Laemert para a Província de São Paulo

PS – Solicito aos interessados, que desejarem pesquisar exclusivamente sobre os imigrantes chineses em Bananal, que jamais procurem qualquer elemento que sejam político local. Pois os atuais políticos, aqui em Bananal, só sabem usufruir dos trabalhos dos outros, sem nenhum respeito; promovendo o seu nome e deixando para trás o autor, sem ter ajudado em nada, principalmente neste trabalho. Procurem estes senhores abaixo para poderem ajudá-los, caso venham conhecer Bananal – SP – São Paulo – Brasil. Estes senhores foram escolhidos pelos seus méritos e caráter. Eles nada têm com o Positivismo ou com o assunto tratado neste livro em causa. São dignos moradores de Bananal. Podendo neste caso, ter somente conhecimento sobre a História dos Chineses em Bananal, no século XIX e parte do XX, com os seus descendentes; entretanto, desconhecem tudo sobre a matéria deste longo artigo; no entanto podendo vir à ser simpáticos ao mesmo; e nada tendo a reclamar.

Plínio Graça – Proprietário da Farmácia Popular

Plínio Coelho – Oficial Militar da Reserva Remunerada do Exército Brasileiro.

João Batista Jesualdi Chaves (Comerciante e Técnico Agrícola) – Dorval

José Geral Ramos Nogueira – Técnico Agrícola

Dolívio Gomes de Oliveira – Estudioso Autônomo – Grande Cultura Geral

Ernani Graça – Técnico em Eletrônica.

Eginaldo Mendes Leal – Baiano – Técnico Eletricista Aposentado

Dra. Maria Lúcia Ferreira - Advogada

Jorge Osvaldo Godoy – Empresário de Hotelaria.

Término do Trabalho,

desejo à todos,

Saúde, com respeito e Fraternidade.

PAULO AUGUSTO ANTUNES LACAZ.

POSITIVISTA

Aristóteles 215/ março 2004

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

- 1) **Historia da Civilização** - Will Durant - Tomo II - Tradução de Gulnara de Moraes Lobato – Revista por Monteiro Lobato - Companhia Editora Nacional – 1944 – São Paulo
- 2) **Enciclopédia do Mundo Contemporâneo** – Editora Terceiro Milênio e Publufolha - Título Original - La guía del Mundo – 2000
- 3) **Considerações Gerais sobre o Conjunto da Civilização Chinesa e sobre as Relações do Ocidente com a China.** – Pierre Laffitte – 1861 – Parte do Cours Philosophique sur L’histoire Generale de L’Humanité – ministrado na casa de Dunod, livreiro, cais dos Augustinhos, 49, Paris – Tradução de Generino de Santos — Editado pela Tipografia do Jornal do Comércio - Rodrigues & CIA - 1938
- 4) **A China que Eu Vi** – Pearl S. Buck - Condensação - Editora Ypiranga – 1960 Seleções do Reader’s Digest Os Melhores Livros Condensados.
- 5) **Confúcio – Sua Vida e sua Obra** - G. Soulie de Morant – Editora Kier – Buenos Aires – 1947.
- 6) **The Chinese English Bilingual Series of Chinese Classics** - The Chinese / English Four Book - James Legge – Translation Division, Human Publishing House December - 1991.
- 7) **A Situaion de la Mujer en China** – Oficina de Información del Consejo de Estado de la República Popular China – Oficina de Información del Cosejo de Estado de la República Popular China – Junio de 1994, Beijing.
- 8) **China 2003** – Editorial Nueva Estrela – Beijing – Primeira Edición 2003 – Impreso en la República Popular da China.
- 9) **A Reforma Econômica** - Reis Carvalho – Jornal Correio da Manhã, de 8 de fevereiro de 1931

10) **Ásia Maior- O Planeta China** - Maria Martins – Editora Civilização Brasileira – 1958

11) **Quadras de Lu e Relação Auxiliar – Clássicos Chineses – 5 Volumes** - Padre Joaquim A. de Jesus Guerra, S.J., Jesuítas Portugueses, Macau - 1981

12) Obras de Augusto Comte.

Sistema de Filosofia, Positiva, em 6 volumes - 1830-1842, 5 edição, 1892-1894 Versão Inglesa, por Mis Matineau, 2 volumes, 1853; 3 edição 1893, versão francesa deste volume, por M. Avezac Lavigne, 1871. Nova edição 1895.

Sistema de Política Positiva, ou Tratado de Sociologia instituindo a Religião da Humanidade. 4 vol., Paris, 1851-1854; 2 edição, 1881-1884; 3 edição Tradução para o Inglês por Richarde Congreve e outros.

Catecismo Positivista, ou Sumaria Exposição da Religião Universal . 1 volume, Paris 1852; 2 edição , 1874 ; 3 edição 1890 . Nova edição 1891, com prefacio de J. Lagarrigue e notas de Miguel Lemos.

Apelo aos Conservadores; 1 volume, Paris 1855, 2 edição Tradução em Inglês e Português.

Síntese Subjetiva, ou Sistema Universal das Concepções próprios do Estado Normal da Humanidade. 1 volume, Paris, 1856, tomo 1 único publicado, contendo o Sistema de Lógica Positiva ou Tratado de Filosofia Matemática, 2 Edição

Testamento, Orações Quotidianas, Confissões anuais e Correspondências com Madame Clotilde de Vaux, 1 volume, Paris 1884 , 2 edição Tradução inglesa do Testamento.

Circulares Anuais (1850 - 1857) 1 volume 1866 - tradução inglesa.

Tratado Filosófico D' Astronomia Popular, 1 vol. , Paris ,1845 ; 2 edição , 1893.

Tratado elementar de Geometria Analítica. 1 volume , Paris , 1841 ; 2 edição , precedida da Geometria de Descartes , em 1895. Tradução para o português, por vários alunos da Escola Militar do Rio de Janeiro. - Esgotada.

Cartas `a M. Vallat (1815-1844), Paris 1870

Cartas à John Stuart Mill (1841-1844), 1 volume Paris 1877

Correspondências Inéditas de Augusto Comte. Paris elaborado pela Sociedade Positivista - 1903 (4 volumes).

Cartas de Augusto Comte à Diversos - Publicado pelos seus Executores Testamentários, Paris - 1902.- Três Volumes.

NOTA: Este trabalho foi redigido, como um livro, levando o Título – **“Ao Povo e ao Governo da República Popular da China”** – sendo Registrado, no Escritório de Direitos Autorais, da Fundação da Biblioteca Nacional, do Ministério da Cultura, Rio de Janeiro, no Brasil, que recebeu o Número de Registro 316.383 Livro 578, Folha 43. Proibida a Reprodução sem autorização por escrito do Autor.